3 1761 06974500 8

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/mudanadares00maia

Samuel Maia

Mudança d'ares

1916

Ofic. ILUSTRAÇÃO PORTUGUÊSA
Rua do Seculo, 43
LISBOA

PQ
9261
M35M8

Mudança d'ares

Samuel Maia

Mudança d'ares

1916

Ofic. ILUSTRAÇÃO PORTUGUÊSA
Rua do Seculo, 43
LISBOA

PQ
9261
M35M8

Il faut donc accepter le temps comme il vient, les hommes comme ils sont, les livres comme on les fait.

THEO. GAUTIER.

I

MANUEL MENDES, ao caír da tarde, ia atravessando o Rocio, a esgueirar-se por entre as arvores para se livrar de importunos, quando o conselheiro Gama, integerrimo juiz aposentado, com os seus oculos de ouro, a sua calva, as barbas apartadas no queixo e uma barriga correspondente á solenidade da situação, que de longe o viu, lhe foi ao encontro, muito feliz por o ter filado.

Queria saber noticias da viscondessa da Guimbra, a excelente senhora que lhe diziam passar menos regularmente da sua diabetes.

— Regularmente passa, porque a diabetes é pouco mais ou menos sempre aquilo.

— Uma doença traiçoeira — sentenceou o conselheiro. — O doutor sabe-o melhor do que eu...

— Sem duvida, é uma grande maçada tudo o que se refere á diabetes.

— Até á loucura pode conduzir. Nos meus tem-

pos de juiz de primeira instancia julguei um processo...

E o Mendes teve que assistir, ali junto d'uma arvore, ao pleito formidavel das duas partes, em que o juiz Gama lavrou uma sentença que, não era por se gabar, mas deu brado na magistratura.

S. ex.ª não tinha muito que fazer e como fosse achacado d'uma bronquite velha, gostava de conversar sobre higiene.

Depois da historia do glorioso processo, avançou opiniões sobre a arte de curar e aperfeiçoar a saude, com as quaes o Mendes concordou plenamente, fugindo-lhe para a politica, assunto em que o conselheiro se mostrava pouco expansivo. Sim, as coisas não iam bem, na sua opinião, mas que demonio, em todos os tempos a luta irrequieta fôra caracteristica dos portugueses.

Era sempre assim, benevolamente reservado, para não crear embaraços ao regimen que, dizia, precisavamos experimentar lealmente.

No fundo estava persuadido de que as paredes podem ter ouvidos e por isso, á cautela, falava na questão sempre baixinho, e não se alongava.

— Pois ha de fazer-me o favor de me recomendar á sr.ª viscondessa, quando por lá fôr.

O Mendes prometeu-lhe que sim e não estranhou o pedido, porque um medico deve procurar sempre horas felizes aos seus doentes, e elle bem sabia que á viscondessa nunca deixavam de ser gratas as noticias do conselheiro.

E avançou resoluto para um carro, mas com

tanta infelicidade que se sentiu preso pela aba do casaco.

Ao voltar-se deu com os olhos numa cara, sem duvida conhecida, e uns braços abertos . . .

Afinal era o Motta, ha bons dez annos desaparecido do Suisso, onde pontificava socialismo, ao tempo em moda nos intelectuaes que bebiam muitos cafés, com bastantes copos de genebra. Fôra um rapaz vivo, folgazão, predestinado a deputado, porque assistia ás sessões do parlamento, que á noite discutia por meudos emquanto se regalava com tres calices de «agua borica dos deuses», alcunha por elle dada á aguardente. Era tambem conquistador de largos vôos, gabarola de fantasticos sucessos, em que entravam fidalgas, muitas d'ellas perdidas pela sua corpulencia de macharrão, de faces bem coradas, denunciando claramente o animal feliz que se prezava de ser, embora um tanto aflito com a injustiça social, o crime burguês.

Pois estava outro, muito mudado, a ponto de o Mendes o não reconhecer. A expressão desbotada, a cabeça para a frente, mãos nos bolsos, o moreno da face tomando para a côr terrosa, apagada, sem brilho, o fato mal cortado, não era o mesmo.

— Mas o que é isso, ó Motta? Acho-te diferente.

— Se te parece, repara nesta desgraça...

E, tirando o chapéu, mostrou a cabeça calva, as fontes salpicadas de cabelos brancos.

— Para isto não teem vocês remedio...

— Para isso, o quê?

— Para a calvicie, para os cabelos brancos, para a velhice, homem. Este é o grande problema, a terrivel angustia, o inferno. Sentir que se vae envelhecer e não haver nada, nada que nos livre do horrivel, do interminavel suplicio! E és tu medico, diabo! Dize lá para que serve a tua medicina, se não me livras de envelhecer...

—Ora, ora, um filosofo como tu não se deixa vencer por banalidades d'essas.

— Que dizes tu?

— Isto mesmo. Já não és socialista, já não te preocupa a situação das vitimas do capital?

— Vae-te d'aqui. A vitima sou eu. Pode lá preocupar-me a infelicidade dos outros quando a minha é maior do que a d'eles.

— Porque estás calvo?

— Porque estou calvo e não tenho pernas. Sinto uma fraqueza horrivel, ando com medo de uma doença de espinha.

— Déste em medroso?

— Qual medroso? Sei bem o que sinto.

— Gastaste de mais a vela, e agora queimas os dedos. Bem vês, a «agua borica dos deuses», as conquistas e noites inteiras a trabalhar pelo bem social á mesa do café, são trabalhos fatigantes. O que tens feito nestes annos, depois que desapareceste?

— Nada.

— Não fazer nada é outro trabalho fatigante.

— Ainda por cima troças?

— Não. Olha, se queres conversar sobre a doença, aparece lá em casa. Adeus.

E despediram-se.

O Mendes deu alguns passos, resolvido a tomar o carro, mas a tarde era de encontros.

D'esta vez foi o Pinto, um colega seu, que o abordou a pedir conversa.

Será quando Deus quizer, disse lá consigo, e aceitou o sacrificio.

— Então já sabes a ultima do João Crisostomo?

— O que foi? — perguntou o Mendes.

— A condessa de Barbados, que elle tratava ha uns poucos de meses e a dava como perdida com uma ulcera do duodeno, foi á Suissa e veio de lá curada. Era tudo prisão de ventre.

— E que tem isso de extraordinario?

— Para mim ou para ti, nada; mas para um luminaria d'aquela força, achas pouco?

— E' homem, erra. E' o que sucede a todos.

— Mas para que anda ahi a impingir-se como divindade?

— Bem vês, um idolo tem que andar vestido com certa pompa, tem que representar...

— Então o talento é uma convenção?

— Muitas vezes é, e tambem acontece, quando o não é, ninguem o conhecer, como se dá contigo.

— Ora bolas!

— E' o que te digo. Um acaso podia ter-te colocado no logar do João Crisostomo e hoje revelarias tanto talento como elle, uma côrte a beber

as tuas palavras e a tal ponto que acabarias por te convencer de que eras um homem de genio. Em resumo, terias feito o que elle faz, porque de facto mesmo assim o vaes fazendo.

— Como?

— Elle vê doentes, tu vês doentes...

— Com uma diferença, é que os meus são do monte-pio e os d'elle pagam bem.

— Questão de numerario, pouco importante afinal...

— Mas a unica que distingue um pobre diabo de um homem de genio.

— Entre nós a regra é essa.

— Has de concordar que é estupido.

O Mendes viu o relogio.

— Bem, se queres, vamos seguindo a pé. Não tenho que fazer, vou de vagar até casa.

E foram seguindo.

— Tu não tens que fazer?

— Agora não, porque já trabalhei todo o dia.

— Ah! pensei que estavas a meter-me o dedo na bôca.

— Não vale a pena.

— Grande felizão. A ti a vida não te corre mal, és um homem de sorte.

— Sem duvida nenhuma. Não me queixo.

— Não precisas de aturar monte-pios...

— Se não estivesse satisfeito, o remedio era facil... O mundo é grande e ha mais profissões sem ser a de medico...

— Ora vem-me para cá com essas. Depois de se entrar nisto, de se pôr pé em Lisboa ..

— Sucede apetecer fugir, quando a conhecemos bem.

— Olha que musica.

O Mendes foi atacado por um pobre pae que não via meio de o pequeno tomar caminho. Sempre com olheiras, com fastio, um magrizela, metia dó.

— Sim, o rapaz não é um Herculés — concordava o Mendes.

— Não haver um remedio...

— Ha, mas não é facil de tomar...

— Estou pronto para todos os sacrificios.

— Pois apareça com elle.

Continuaram os dois pela Avenida acima. O Pinto achou que devia ser um bom cliente, pelo exterior.

— Bastante irregular, ouve muitas opiniões — respondeu o Mendes.

— Que os leve o diabo a esses. Olha, os meus é que se contentam todos só com a minha que é sempre a mesma: «dez dias de subsidio».

O Mendes achou-lhe graça.

— Então isso chegou a esse estado?

— E' uma pouca vergonha. Está tudo assim. Os que pagam, dizem que estão sãos e nós a reconhecermos que estão doentes; os que não pagam, dizem que estão doentes, quando nós os vêmos sãos como peros. Uns por quererem gastar em filaucias o que deviam gastar comnosco, para fingirem de ricos; os outros a fingirem de desgraçados, para viverem á custa alheia.

— Não deixa de ter graça.

— Olha que este mundo está bonito. Todos a mentirem uns aos outros com uma desfaçatez admiravel. Um sujeito chama a qualquer bonifrate homem de genio, estando lá no intimo convencido de que é uma besta. Vem d'ali um mariola e classifica de imbecil alguem que lhe faz sombra, mas na verdade sente que o sujeitinho tem o seu prestimo. Beijam-se com vontade de se morderem, e mordem-se com vontade de se beijarem.

O Mendes foi de novo atacado, d'esta vez por um marido a dar noticias da mulher. Aqueles nervos iam de mal a peor, não havia maneira...

— E então a ida para fóra? — perguntou o Mendes.

— Quer lá ouvir falar nisso. Tirá-la de Lisboa é matá-la.

— Veja lá se a convence...

E continuaram a marcha.

O Pinto admirava-se da gente boa que o Mendes tratava. Quem lhe dera a elle...

— E quem me dera a mim ceder-te o logar.

— Que dizes tu?

— Isto é cá uma mania. Bem vês, ninguem está contente com o que tem. E' humano. Quem sabe, se um dia deixasses os monte-pios, talvez não te faltassem saudades...

— Eu te digo. A coisa bem tratadinha não é tão má como a pintam. A mim o que me aborrece mais é a situação. E' o desdem com que suas fedorencias, que se sentem lá no alto, olham cá para os pobres diabos. Uns pedantes e no fundo

umas bestas, que me fazem nojo. Tambem o que me consola é ouvir o que dizem uns dos outros. São peores que os tendeiros a desfazerem no vezinho.

— E' tudo ruido de dentes. Mordem-se por causa do osso que todos querem roer.

— Mas, ó Mendes, has de concordar que é triste o que ás vezes por ahi se vê entre camaradas.

— Tens razão. E por isso me cresce a vontade de abandonar o campo, onde tantas vezes a luta é miseravel de mais.

— Bem reles, não ha duvida.

— Oh! diabo — disse o Mendes — deixa vêr se me livro d'aquelle insecto.

Era um esgrouviado, de costas em arco, as mãos nas algibeiras do casaco, a barba amarelada, em bico, numa face escaveirada e palida.

— E' o Trovisqueira? — disse o Pinto.

— Conhéce-lo?

— De vista.

O Mendes foi de novo filado.

— O doutor por aqui, — cumprimentava muito amavel—signal de que em Lisboa não ha um unico doente a esta hora.

— Ha mais quem trate d'elles.

— Então já viu a minha peça?

O Mendes ainda não tinha visto, mas já sabia que fizera sucesso.

— Espero que deve agradar-lhe. E' um estudo de psycologia feminina — informou, voltando os olhos ao Pinto que desviou a cara para o lado.

— O Trovisqueira sabe agradar ás platéas — elogiou o Mendes.

— Conheço-as menos mal—respondeu triunfante.

— Pois com todo o prazer, lá irei admirar o seu talento.

E separaram-se.

— E' «A Confissão da Culpa» — perguntou o Pinto — a peça do homem?

— Sei lá. Não me interesso pela cultura da obscenidade.

— Já vi a peça. E' o costume. Um adulterio e á roda d'isso um bando de canalhas qual d'elles mais cinico.

— Sim, sim. O autor finge que condena, mas no fundo o que pretende é servir a gula viciosa do seu publico. A lição moral perde-se, e o que fica é a movimentação do acto, a sensualidade porca procurada com furia por gente prevertida.

— Uma indecencia.

— O alcouce literario.

— Nem sei o que isto tudo está a pedir.

— Ora o que ha-de ser? E' um banho de metralha. Imaginas que vae d'outra maneira?

— Acredito bem, ao estado a que tudo chegou . . .

— O senso moral inverteu-se. Tanto o negaram que o fizeram desaparecer. Para esta canalha, quando pretendia ter espirito e vêr ao longe, não havia mulher honesta, nem homem digno. Os que mostravam sê-lo, eram-no só por fóra, não passavam na verdade de simples intru-

jões. Tanto o repetiram que o fizeram acreditar. E nada deixou de empulhecer. Ahi temos o resultado. Perdeu-se a fé por completo.

— E olha que é certo. Desacreditou-se tudo.

— E agora não temos nada. Somos um paiz sem uma idéa, sem uma figura, sem um homem.

— Mas é que os não ha.

— Como não os ha? Então comprehendes que entre seis milhões de cabeças não haja meia duzia aproveitaveis?

— Mas que é d'ellas?

— Pergunta-me pela fé, pelo respeito, pela disciplina, pela força moral, a coisa indispensavel para as manter em equilibrio. Isso sim. Essa é que se perdeu. Foi destruida por uma quadrilha de bandidos da força d'este que topamos agora.

— Talvez, talvez...

— Este figurão era um insignificante guarda-livros que andava ahi pelas tendas a equilibrar cifras. Topou com uma velha rica e pelo habito que tinha de mexer com a pena, julgou-se capaz de ser jornalista. Não lhe foi dificil entrar numa redacção e depois de ter traduzido obscenidades do francês, resolveu-se a escrevê-las por conta propria. A sua pratica do comercio fez-lhe vêr que o negocio era mais rendoso assim, e como o artigo obsceno tinha saída, cultivou-o. Agora ahi o tens. «Já viu a minha peça?» Não reparaste no ar atrevido com que me atirou a pergunta?

— Não lhe conhecia a historia. Julguei que fos-

se um estudante falido e que o tivesses conhecido em Coimbra.

— Essa é a regra, mas falha ás vezes.

— E' o caso do Mesquita que me lembro de o ver a engulir carradas de chumbos. Esse foi para a politica e agora é trunfo.

— Ora ahi tens. Que diabo ha a esperar de um paiz com uma elite d'esta força? Não se faz nada a serio, todos mentem uns aos outros, combinando tacitamente fingir que se acreditam, mas lá no fundo todos convencidos de que se enganam reciprocamente.

— Mas assim, um dia rebenta.

— Sei lá se rebenta, se não. Ninguem pode neste cahos fazer uma previsão, porque é preciso contar com o absurdo.

— Mas ha de ter limites o absurdo.

— O limite é o banho de metralha.

— Diabo, mas isso dóe.

— Pois ha de ser bem dificil evitá-lo.

O Pinto lembrou-se de um doente que ficava ali perto, a cincoenta e cinco degraus de altura. Aproveitava. O Mendes entrou num eletrico para o bairro Camões, direito a casa.

Na platafórma o condutor ia a discutir politica, muito cheio de opiniões «o que era preciso fazer» «o melhor jornal no seu entender» «se o operariado quizesse...» e tão absorvido estava com a solução d'esses problemas que o revisor ao entrar lhe deu com dois passageiros sem bilhete. Foi multado e quando voltou ao seu logar, depois de explodir contra a patifaria

de se tirar assim o pão ao pobre, continuou a exposição do seus planos de governo.

Dentro do carro ia uma menina de quatorze anos, olheirenta, a sorrir por detrás da cabeça da mamã, a um rapazote da mesma edade, e nos braços das amas duas crianças que pareciam blocos de neve. Entre dois homens levantou-se uma discussão, com troca de insultos, porque um pretendia abrir a janela que outro queria fechar.

Na platafórma um sujeito de chapéu alto tratou de bruto o condutor por lhe dizer que tinha de ir para a frente do carro.

O Mendes, ainda sob a impressão da conversa com o Pinto, notou esses pequenos detalhes e sentiu um grande tedio, um desejo impetuoso de fugir d'essa Lisboa que nos seus tempos de Coimbra idealizara como o tabernaculo da sabedoria, da arte, das raras virtudes sociaes, povoada de grandes homens, correcta, aprumada, um bom exemplar de civilização.

Afinal só lhe notava agora insuficiencia e grosseria, desmazelo e vaidade, farofia e miseria. Tanta ilusão desfeita! No que deu o sonho da cabeça louca dos vinte anos.

Muito gostaria de se reunir com os antigos camaradas, o Cristovam de Melo, o Chico Pedreira, o Brito, o Juncal, os mais intimos, para trocar impressões com elles a respeito da vida. Sobretudo o Melo, o Meloca, que diabo seria feito d'elle? Tão intimo, quasi um irmão, ha tantos anos sem saber onde parava. Um bom rapaz, alegre como um pardal e com muito geito

para fazer versos, que cheiravam a mato, lá da Beira, onde nascera.

Entrou em casa e pediu á Matilde, a velha criada, noticias do jantar. Não demorava nada. O sr. doutor tinha uma carta em cima da mesa do escritorio que o correio trouxera ha bocado.

O Mendes foi á secretaria, pegou na carta e, ao vêr o endereço, saiu-lhe uma exclamação:

—E' boa!

Reconheceu a letra do Cristovam de Melo e, emquanto a abria, foi pensando no estranho caso.

Ha quanto tempo se não lembrava d'elle. Nem se correspondiam e ha quantos annos se não viam. Era na verdade muito estranho. Sentou-se. A carta devia ser longa, pelo volume.

Recostado na cadeira começou a lêr cheio de surpreza:

Caro Mendes

Ha dez anos que não te vejo, ha cinco que não te escrevo, e não saberei dizer-te porque me resolvi agora a sujar papel para te mandar. Quasi nada conheces da minha vida neste tempo decorrido, de ninguem é conhecida, porque nem eu mesmo poderia traçar o zero que ella foi, tão safado de tinta e tão regular na linha, que dez annos dão-me a impressão de um instante. Não tiveram historia, nem sou capaz de distinguir o primeiro dia do ultimo, de tal maneira elles se sobrepõem. Cresce-me a vontade

de te afirmar que não vivi, apesar de notar em mim grandes diferenças, quando começo a analisar-me. Mas se entro a vasculhar na memoria, salta comigo este desalento profundo que me começa a riscar as faces, a amortecer os olhos, a comer os cabelos, e até com toda a crueldade a pratear as barbas.

Não pódes avaliar o frio que se sente quando os olhos deparam, num relance para trás, com uma pagina da vida em branco, sem uma nota, sem uma letra que nos conte o que fizemos dos vinte aos trinta annos, justamente na edade em que se dispõe de calor para fundir letras de bronze, se quizermos escrever, ou para aquecer a terra em dezembro e obrigar as roseiras a dar rosas, se as desejarmos para tapetar o caminho de uma deusa.

Pois eu, amigo, afundo-me nesta desolação e sóbe-me á garganta um fel que me envenena o pensamento, quando olho para a minha entrada triunfal na mocidade, num carro de primavera, todo verde de esperanças, em que me erguia a prumo, com uns braços de Hercules para combater os monstros, com uma cabeça de Apolo para conquistar a beleza.

De olhos altos e mão em pala contra a testa observei a imensidade dos destinos, e numa distancia sem limites, risquei para ser aberto o caminho com o meu esforço, ao longo do qual plantaria cedros eternos, ergueria torres, levantaria estatuas, faria jorrar fontes, saíndo tudo, como num sonho de fadas, da varinha magica do

meu miolo, onde sentia borbulhar energias vigorosas de creador.

Tantos que via seguindo a jornada da vida com a pressa de quem tem medo de não chegar ao fim, de braço estendido para deitar a mão ao sonho, á ambição, ao desejo que durante a mocidade germinou, á obra concebida, ao filho de alma mais querido, e eu á beira do caminho, a vê-los passar, ria-me do fero empenho, de uma porfia tanta que me parecia avareza, ou receio de que as forças não chegassem para o conseguir. Dentro de mim sentia energia tamanha que se me afigurava tudo dever sair do esforço d'um instante.

Mas fui-me deixando a olhar a luta dos outros, a guerra sem estética sequer, o tropel e a confusão que tudo baralhava, fazendo caír muitos ao longo da estrada, como ebrios á volta da romagem, ou soldados regressando da campanha, porque havia de tudo, na misturada que via de instinctos e tendencias, de caracteres e de pessoas. E quedei-me, sempre á espera de uma clareira para entrar na corrida, menos sujeito aos encontrões dos brutos, e disposto a chegar mais limpo da poeira e da imundicie dos caminhos.

Pois tanto esperei que adormeci, terminando por convencer-me, por comodidade de espirito, ou por doença da propria natureza, que tinha atingido a felicidade aguardando a velhice na sonolencia intelectual de um labrego que espera a morte debaixo da arvore que lhe deu sombra e bolota para satisfazer durante a vida todas as necessidades do corpo.

Enganei-me e agora sofro, do maior mal que se póde ter, quando observo a minha pequenez e vejo todo o meu esforço, toda a minha historia dentro d'um canudo de lata, onde tenho as cartas de bacharel, ou seja a mortalha do pensamento.

Escrevo-te, amigo, não para dares remedio ao mal que não tem cura, mas para te fornecer um caso patologico que deves apreciar, por seres um medico observador e um homem de espirito. A doença que me inverte todo o prazer intimo, me enferruja o amor proprio e me faz ter um grande desprezo pela minha personalidade, é muito vulgar, por serem numerosos os tibios de vontade que como eu se sentaram á beira da estrada da vida, a vêr a procissão dos crentes fervorosos que cheios de fé, caminham para o templo da beleza eterna. Mas, sendo vulgar a doença, não o serão os doentes que se queiram prestar á observação, porque todos olham o mal com certa repugnancia, como se fôra enfermidade secreta que se deve esconder, por envolver pecado original que a torna infame.

Ella, na verdade, aproxima-se de um desvario da mocidade e nasceu da falta de robustez olimpica que devem ter as almas moças, quando se sentem capazes de um destino fóra do vulgar.

Estes doentes, portanto, costumam ser hipocritas, mentindo sempre, com o fim de encobrirem o mal e chegando a fazer d'ele uma arma de combate e uma força. Déve-los ter encontrado ahi, pelos livrecos e pelas gazetas, chorando umas lagrimas de vencidos, sobre o estendal de seus padecimen-

tos, para encobrirem a raiva mal contida de combatentes desleaes, que não veem á liça por falta de vigor de pulso. Contam a miseria e inspiram piedade, mas não é piedade que procuram, é admiração e palmas de vitoria. São uns ladrões da gloria, uns charlatães da beleza, a exporem chagas saniosas, querendo inculcá-las como purpura de preço.

Repugnam-me esses traficantes e se eu tivesse ainda energia para trabalhar, desmascará-los-ia a um por um, conforme os fosse vendo na praça publica. Mas deixá-los, que não me interessam agora e só de mim te quero falar.

Aqui me tens cheio de sinceridade, observa-me como quizeres.

Não pude seguir mais longe, quedo-me por bicho de laboratorio, onde se estuda a interpretação dos misterios da vida.

Cheio como estou de espirito de verdade, tenho a certeza de ser para ti um animal raro, dentro da creação, pois não consta que nas gaiolas dos institutos haja animaes inteligentes que possam dizer o que sentem.

Terás os meus raciocinios patentes, como as visceras d'um autopsiado, onde palpas e vês a exquisita dureza que as paredes do corpo te cobriam, emquanto nellas girava o sangue.

Se supões que escrever-te me serve de desabafo, enganas-te. Não é a mim que eu quero servir, mas a ti sómente.

Do teu

Cristovam.

O Mendes releu a carta, fechou-a, abriu-a de novo, ficando a meditá-la, assombrado com o que via.

O Cristovam! Ora o Cristovam, o Meloca para que lhe havia de dar!

E não achava maneira de arrumar a carta, folheando-a, fixando-se em algumas frases, a estudar, a analisar detalhadamente, como se o tivessem chamado para um doente que via pela primeira vez.

A Matilde veiu dizer-lhe que a sopa estava na mesa.

Guardou então a carta no bolso e foi jantar.

II

DURANTE o jantar, que vinha a ser a unica refeição pelo Mendes tomada em casa, a Matilde costumava recitar-lhe o diario da vezinhança.

Estava sempre bem informada, não só porque lhe sobrava o tempo para beber em todas as fontes, mas ainda por ocupar uma situação que lhe garantia as maiores facilidades.

Sempre era a criada unica de um doutor de fama, que não tinha nada de sovina e lhe dava carta branca para governar a casa. Gozando da liberdade de comprar onde quizesse, pagava sem discutir muito. As tendas, as leitarias, os talhos requestavam-na, e ella aproveitava-se d'esse fraco, sondando a todos para satisfazer a sua maior paixão, a unica, a de saber o que se passava nos interiores da vezinhança.

E conseguia-o, não lhe faltando nada, quantas camisas tinha a filha do capitão que morava de-

fronte, no terceiro andar; em que rua o vezinho do rez-do-chão, dono de uma loja de modas na Baixa, pagava renda de outra casa, e quem por ali perto devia na tenda, ou quem ouvia descomposturas do leiteiro por atraso de pagamento.

A's vezes o Mendes aborrecia-se, mas não chegava a explodir, deixava-a falar, pensando que não valia a pena, só por esse motivo, zangar-se e expôr-se ao risco de a mandar embora, no fim de contas uma maçada, pois tinha de se habituar a outra cara. E depois, não lhe conhecia mais nenhum defeito. Se o roubava, era com tanta suavidade que nem dava por isso.

A Matilde assim se foi grudando e ha mais de sete anos ali a suportava, governando a casa modesta, o segundo andar pouco confortavel, um interior de solteirão que desejaria transformar, mas ia conservando para fugir á complicação de uma mudança.

Naquela tarde a Matilde andava a pular com novidade grossa.

—Então o sr. doutor ainda não sabe do que houve hoje cá na rua?

—Descarrilou algum eletrico? — perguntou o Mendes distraído.

—Foi um caso asseado. Eu já esperava por isto, não é coisa que me faça dizer ai, nem ui.

O Mendes não respondeu nada, sempre com o pensamento no Cristovam, aquele beirão soberbo de força, a gemer tristezas como qualquer idiota.

— Pois o homem — contou a Matilde — da

que mora no primeiro andar das cinco janelas, por cima da mercearia, fugiu, ninguem sabe para onde. Alcançou-se num rôr de contos de réis. Pudera, não; tanta seda, tanto automovel, uma montra de brilhantes nos dedos, d'alguma parte haviam de sair. Ella agora chora que se arrepela.

—Coitada!—disse o Mendes sem dar atenção.

—Coitada? Então aquilo é modo de vida? Que vá trabalhar, para saber o que custa. Pois... Lá em casa não havia quem a pudesse aturar. «De frango não gosto, perdiz enjoa-me», doces haviam de ser do Chiado, vinho só engarrafado, tudo á grande e á francesa.

O Mendes, com o pensamento longe da historia que a Matilde contava, disse-lhe:

—No fim de jantar vou vêr um doente, mas volto cedo para casa. Tenho de escrever e preciso estar socegado. Se alguem vier, diga que saí e só conta comigo alta noite. Olhe, que só estarei de manhã. Tive de ir fóra de Lisboa.

Muito desapontada por tamanha falta de interesse, respondeu que «sim, senhor doutor» e foi para a cozinha, não dando mais palavra todo o jantar.

De facto o Mendes antes das dez estava em casa, e no escritorio, de janela fechada, para que não vissem a luz, sentou-se para escrever.

O pobre do Cristovam por aquele andar neurastenizava-se. Era preciso levantar-lhe o espirito, chamá-lo á vida. Como? Nem o sabia bem.

Pensou muito tempo, arquitetando planos, antes de escrever uma letra, e nenhum lhe parecia

bem apropriado. Nisso gastou mais de uma hora sem ter achado a fórma de se apresentar.

Por fim resolveu-se:

—Vamos a vêr o que sae.

E pegando na pena foi escrevendo:

Cristovam amigo

Gastei imenso tempo a reconhecer-te na carta que me mandaste. Dás-me a impressão d'um fato coberto de poeira, ao fim de uma longa caminhada em dia de agosto. Emquanto a escova não põe a descoberto as riscas do tecido, desconhece-se de todo o que se veste, e mal se acredita que não seja outro, tão fóra do normal é o seu estado.

Assim me apareces, tão mudado de alma e geito de proceder que se me tirassem o nome do fundo da carta, nunca te imaginaria autor de semelhante prosa.

Quanto mais a leio, mais me foge da vista o Cristovam de Melo, de cabeça felpuda, lembrando a de um caniche de raça, de testa aprumada sobre os olhos fundos, sem queixo a mais, nem queixo a menos, de narinas animadas, como as de cavalo fogoso que se desfaz em mesuras, para comprimir a força e a agilidade.

Ora a desgraça! Assim a doença te transtorna o parecer e te domina os impetos de combatividade, vergando-te submisso, na atitude de um

selvagem prisioneiro, deante da condenação que a ti proprio te impuseste.

Que é feito d'aquela sêde insaciavel de verdade de que tanto te queixavas, mostrando-a ao pensamento, como unico mal da tua vida?

Grande tempo esse em que a imaginaste uma criatura do céu, vezinha das estrelas, na qual juraste roçar a tua carne, para lhe sentires o contacto. Havias de chegar até ella, e se os labios não pudessem subir tão alto, arrancarias o coração, e, n'um gesto decidido, atirá-lo-ias por esse espaço fóra, animado de tal energia e tal calor, que ao tocar na meta desejada, o faria com tanta força que um e outro ficassem misturados. Entrava o coração no seio da verdade, para ahi viver, ou repousar em sepultura condigna.

Que fizeste da vontade que tão bem deliberou sem nada executar?

Não posso acreditar que uma natureza ardente na volupia da acção, pois era assim a tua, se deixe caír numa atitude covarde, passiva, egual á de um boi capado. Tanto posso acreditar isso, como se me dissessem que a transmigração vinha a ser no fim de contas uma coisa irrefutavel e a prova era o Cristovam ter desaparecido, renascendo em molusco, embora com a primitiva fórma. Em molusco, ou qualquer fórma embrionaria, ou ser inclassificavel, fundamentalmente acéfalo e desprovido d'esse miolo que faz erguer os olhos para o céu, com aquela impertinencia que custou a Ajax sérios dissabores, e hoje em dia vae passando sem castigo. Estou falando d'esse miolo que faz os homens

eguaes aos deuses e até maiores, por ser mais fecundo, por os conceber e os crear, tirando-os da propria essencia, dando-lhes depois fórma mais bela.

E, posto isto, afirmo-te que és um doente vulgar, embora te custe, embora te roube o prazer de constituires raridade no mal que me apresentas. Vou-te ferir a vaidade, dizendo-te que pretendias, por seres intelectual nas horas vagas, sofrer com outros nervos, dando ao caso patologico fisionomia diferente da que apresentasse um estomago cephaloide, d'esses muitos que cobrem a terra, com o fim sómente de lhe comerem os deliciosos frutos.

Suponho que te enganas e assim ficará o teu amigo satisfeito, embora o medico deixe cair o beiço, o labio inferior, onde deve estar algum centro reflexo da cubiça, pronto a reagir, sempre que um desejo ardente espicaça a criatura.

O medico que está todo atento ás tuas queixas, desejaria o facto desusado, esse que tem a alcunha, na giria medica, de caso interessante, nome generico servindo para os cambiantes e disfarces da natureza que o entendimento lobriga, e mais ainda para os misterios em que as conjecturas sossobram. Não te quero vêr nesse estado de mal, em que começa a angustia para o observador, tolhido de avançar, quando tudo se obscurece, como em ocasião de tormenta que ao caminhante encobre a luz das estrelas.

E' dramatico esse momento para o orgulho ofendido, e sofre muito a vaidade humana, sem-

pre disposta a fazer leis, mas não deixa de ser interessante a serenidade com que a natureza derruba tanta fantasia, com honras de verdade, que os homens de boa marca impingem aos outros.

Ela tem muita graça ás vezes. E revela tambem caprichos, como femea que é, naturalmente só para causar atribulações a certos homens. Os imortaes são de todos os que mais lhe sofrem as gaiatices. Sobremodo me diverte o espectaculo que é muito correntio.

A germinação dos prodigios é quasi sempre a mesma. Como todos os mortaes elles nascem sem camisa e sujos de causar nojo. Até certa altura distinguiram-se dos outros animaes por terem menos pêlo, depois por usarem normalmente só dois pés.

E tudo assim foi até que um dia alguem se lembrou de dizer que, para além da pele da cabeça d'esse bipede glabro, se passam coisas extraordinarias. Quem vae andando, olha para trás, se a voz de quem anuncia o prodigio tem força para se fazer ouvir. Depois começa a curiosidade, encarregando-se do resto a ingenua parvoice.

E' nesta altura que a cabeça irradiante começa a distilar verdades para serem bebidas piedosamente pelos espiritos voluveis, sempre capazes de convencerem outros mais firmes. E assim se consegue ás vezes crear um ajuntamento.

O curioso fenomeno chega a lembrar a presa num regato, que uma palhinha começa. Essa palhinha afinal ia sem cuidados pela corrente remançosa, e poderia ter-se ficado esquecida ao

longo da margem, mas por acaso d'um movimento da agua atravessa-se no regato, e todas as mais, que depois chegarem, se lhe colam, dando começo ao pequeno açude que mais e mais irá crescendo, crescendo até formar o pequeno lago, onde a agua redemoinha, onde as folhas secas se prendem embaraçadas, onde o graveto pára tambem. Ora afinal a agua, a folha seca e o graveto são todos mais fortes que a tenue palhinha atravessada no regato. Porém, um acaso fez d'ella um nucleo de atração e ei-la tolhendo o livre curso da corrente, até que um borrego ao passar por ali desmancha tudo com a pata sem mesmo dar por isso.

Uma grande parte dos prodigiosos cerebros que a distancia te deslumbram, vivem á mercê d'esse pé de borrego, que distraídamente os faz desaparecer do foco iluminado.

Assim mesmo porém, de tão reduzida grandeza como em verdade são, causam-te inveja a ti, homem inteligente, que deixaste de ser filosofo, perdendo o unico meio de que dispunhas para triunfar da doença.

Sofres de abulia, o que é muito vulgar em homens portugueses, sobretudo em bachareis, a maior parte incapazes de serem iniciados no capitoso prazer da acção, por terem sido moldados, durante os annos de tirocinio, em praticas invertidas de educação.

Na escola em que passaste os annos da mocidade, a boa epoca da vida para dar tempera ao caracter, fizeram-te senhor, e, porque te revelaste

poeta, elevaram-te a principe, e, por seres inteligente, predestinaram-te á divindade. Julgaste-te imortal ás primeiras flores que te cobriram, e supuseste que bastaria teres revelado aos outros a existencia de um tesouro a explorar dentro do craneo, para nunca mais seres esquecido. Não pensaste, amigo, que célebres de nascença, imortaes e divinos, apenas os reis o podem ser, mas esses, repara bem, não os julgues homens, porque são superstições vivas, fóra das leis da natureza.

Iludiste-te, meu caro Cristovam, quando imaginaste que nunca mais se calariam os ecos da tua ultima trova, solta em Coimbra, diante dos teus companheiros da ilusão. Acreditaste decerto que os olhos ficariam presos á tua gruta da Beira, perdida nos montes recortados e cobertos das côres vigorosas que te sulcaram de contrastes os orgãos da percepção. E quando um pouco mais tarde, já dispersa a multidão que te cobriu de gloria, viste aplaudir os frivolos de sentimento que conheceste e os mediocres de inteligencia que desprezaste, ainda sorriste da cegueira das grandes multidões e tiveste um grande desdem pela sua mentalidade.

Os annos, porém, foram passando, os novos do teu tempo deixaram de o ser, e nesta altura viste com assombro que os frivolos e mediocres se faziam heroes, seguravam nas toscas mãos o pomo de ouro, e atingiam a realidade de um antigo sonho que tiveras.

A ti mal te sabiam da existencia os mais apai-

xonados idolatras, ninguem procurava ouvir-te, fazer-te a côrte, adorar-te.

E por esse motivo começaste a sofrer. O teu mal é a tua mediocridade, e o teu suplicio é empregares em medi-la todo o teu talento.

Esse zero que levaste dez annos a fazer, é um poço em que te afogas.

Sentes dentro de ti uma força creadora, uma alma capaz de arder como uma fornalha, de iluminar como o clarão d'um incendio, mas um torpôr invencivel quebra-te a energia, tens a sensação de um pesadelo a tolher-te os movimentos, estás convicto da nulidade do teu poder d'acção. Afinal acabas de vêr que és impotente para crear, falta-te uma obra, um filho do teu cerebro, a materialização da tua superioridade, a tua razão de existir.

Já não admiras a tua pessoa, sentes vergonha de ti mesmo. Comparas-te e sucumbes. A principio comprazias-te, olhando a obra dos outros, e reconhecendo-a inferior á que serias capaz de fazer. Mas por ahi te ficaste.

Se bem me recordo, um dia escreveste-me indignado contra um poeta por haver cometido a indignidade de encher um livro inteiro falando das suas dôres, depois de vadiar pela Beira a comer jantares homericos e a fazer sonos de doze horas a fio do mesmo lado. Não comprehendias que assim se mentisse ao sentimento.

Podia lá existir um sofrimento estetico, digno de ser traduzido em versos, n'um bruto

que comia os dois quartos trazeiros de um leitão!

Ias desafrontar a poesia, o sentimento imaculado, a alma intangivel, super-humana, conspurcada por uma bôca só feita para comer e nunca para cantar, revelando ao cenaculo dos devotos do ideal a suja mentira.

Foi assim que falaste, creio bem, e eu respondi-te de modo a calmar-te, a fim de impedir uma tolice, fazendo-te vêr que esses pecados de gula do poeta o deveriam ter envenenado. As dôres que o desgraçado localizava na alma, haviam de ter origem no ventre. Seria bom dar-lhe purgantes e fazê-lo jejuar uma novena, e mandar-lhe escrever outro livro depois. Podia ser que no segundo, elle aparecesse a cantar a alegria de viver, a força, o movimento, a luz de um sol de verão e a natureza fecunda.

Escandalizaste-te, porque a tua ignorancia não permitia que as visceras abjectas de tal modo podessem influir no sentimento.

Pois fica sabendo que todos os males precisam tratamento, todas as dôres, mesmo as que se escrevem com um grande D, todas as tristezas.

Sempre que baixa o nivel da energia, sempre que um cerebro vacila, que a tempera d'uma alma enfraquece, é conveniente ouvir a opinião de um medico.

Eis a razão, amigo, porque me detenho a escrever-te.

O teu caso é banal. Pouco tem de estranho, mas nem por isso me interessa menos, pois aci-

ma do meu sibaritismo clinico devo pôr os motivos de amizade.

Estou convencido da grande probabilidade da tua cura, se me ajudares com toda a confiança.

Porém, antes de começar o tratamento, preciso que me esclareças sobre algumas questões da maxima importancia.

Para começar, e antes de mais nada, vaes mandar-me um relatorio completo do que fizeres nas vinte e quatro horas que se seguirem á recepção da minha carta.

Não me mandarás um resumo. Quero um detalhe minucioso, hora a hora, passo a passo, ainda que tenhas de encher uma resma de papel.

Assim o ordeno.

Recipe.

Manuel Mendes.

Depois de terminar a carta, leu-a e ficou satisfeito.

O plano estava formado. Antes de mais nada era preciso saber minuciosamente como vivia o seu desalentado Cristovam.

Se não houvesse qualquer razão moral a deprimi-lo, a cura havia de ser facil.

Obrigá-lo a escrever, seria um remedio. Prendia-lhe o espirito, e forçado a entrar na descrição de detalhes, poderia ser levado a descobrir encantos ignorados na vida que o aborrecia.

O Mendes, pela sua parte, oferecer-lhe-ia contrastes, elementos de comparação, escrevendo-lhe

cartas longas de Lisboa a relatar episodios da sua vida. Postas assim as coisas, esperava chegar a persuadi-lo do seu erro de visão.

Depois obrigá-lo-ia a trabalhar numa obra de utilidade, mostrando-lhe o que deve entender-se por um homem, e a insignificancia da grandeza que geralmente se porfia conseguir.

Se fosse preciso, iria mesmo até lá, deitar uma vista d'olhos pela Beira e falar-lhe cara a cara, meio bastante mais seguro de influir no seu espirito.

Essa idéa entrou a sorrir-lhe. Ver de perto a Beira, seria tal qual ver Portugal em sua casa, o velho, o autentico Portugal da colonização do Brasil, a unica sequencia pratica e real da grande epopeia.

E na imaginação começou a desenhar os Caniços, a pequena aldeia onde o Melo tinha a sua casa, e arrebanhando memorias de descrições, fotografias e historias ouvidas, abriu ruas, levantou casas, pôs gente a falar, conversou com ella, achou-a encantadora, e foi deitar-se já a sonhar com um dia de descanço, longe da Matilde, dos doentes, de toda a Lisboa que ha tantos annos seguidos o prendia, enervado pela indolencia de se mover.

III

PASSARAM-SE muitos dias e o Mendes, distraído pela incessante labuta, quasi não se lembrava do Cristovam, o amigo doente da alma, numa aldeia beirôa, perdida no meio das serras.

Mas uma tarde, ao chegar a casa para o jantar, a Matilde anunciou-lhe que o carteiro tinha deixado uma carta registada, muito grande. Estava no escritório, em cima da secretária.

O Mendes reconheceu a letra do Cristovam. Abriu-a e folheou-a. Era realmente enorme e pelo meio havia dialogos. Que diabo diria elle?

Sentou-se e muito interessado pôs-se a lêr:

Querido Manuel

Deves ter razão. Abafo debaixo da minha pequenez.

Olho para dentro de mim e sinto um cruel

desespero por saber com exactidão avaliar o prestimo das energias que compõem a minha personalidade. Energias, personalidade? Nada tenho que tal nome possa merecer.

A idéa de lutar faz-me estremecer. Não posso ganhar os dez annos que perdi. Seria preciso duplicar o esforço, trabalhar em alta tensão. Mas como, se o esforço normal me apavora? E depois, o fogo do cerebro não arde quando se deseja. E' como os vulcões. Deitam lava em periodos irregulares, ás vezes extinguem-se. A minha cratera julgo-a obstruida. O fogo em que ardi, a lava candente que espalhei a jorros, os jactos que arremessei em colunas imensas pelo espaço, tudo se perdeu.

Tempo houve em que me senti na cumiada d'uma montanha altissima, dominando o mundo todo. Para mim era então acanhado o proprio mundo e os homens indignos de conhecerem a beleza e a harmonia que da natureza inteira chegava aos meus sentidos. Nada revelei, e cometi um crime.

Tenho a certeza de que possuí um dom de estima incalculavel e deixei-o perder. Estou sêco e esteril como a areia do deserto. Perdi a alma, perdi o coração, perdi a vida. Sou um trivial mastigador de bifes, capaz de ter admiração por um antigo conselheiro e de achar talento á perlenga d'um lente de direito.

Vaes vêr até onde desce a minha insignificancia.

Sentia-me capaz de aceitar um d'aqueles logares

de deputado, noutros tempos oferecidos pelo presidente do conselho aos jovens bachareis.

Que te parece? Aproxima esta confissão da alma do Cristovam de ha dez annos. Como seria belo o gesto que elle faria ao presidente do conselho, se tivesse a audacia de proferir a inconveniência d'uma tal oferta!

«A cadeira que o sr. presidente do conselho me oferece é uma vulgar tripeça. Utilize-a para os seus largos assentos, que os põe no logar que lhes é devido.»

E julgas tu que ainda podes regenerar esta planta que perdeu todos os caracteres, e virás a fazer alguma coisa d'uma vontade em completa desagregação, esterilizada por dez annos de preguiça?

Mas seja emfim conforme ordenas. Se não queres dissecar-me, como te ofereci, e preferes executar experiências diversas de vivissecção, aqui me tens.

A cobaia que te ofereci, ha de obedecer-te.

Vae ser dificil contar-te o meu dia.

Um dia para mim chega a ser menos do que uma noite, porque esta, embora a dormir, sempre é atravessada por um sonho, com sabor a imaginação, e emquanto estou acordado o cerebro fica parado, sem produzir uma idéa.

Tenho horror ás letras, não posso vêr diante de mim um livro, nada me excita a inteligência, nada consegue arrancar-me da vida animal a que desci.

Durante algum tempo ainda conservei uma

grande afeição pelas arvores do meu pomar e pelas roseiras do meu jardim. Fui eu que as plantei, vi-as crescer, tinha-lhes amor, como se fizessem parte de mim mesmo. Sentia-me quasi um pae e falava-lhes, tendo muitas vezes a ilusão de que me respondiam.

A pouco e pouco desafeiçoei-me d'ellas e hoje são-me indiferentes.

Aparecem-me tristes, magoadas no seu amor proprio, e talvez por isso deixam-se morrer. Já não se vestem com as mesmas folhas viçosas, andam sujas, teem ramos sêcos e deixam-se roer dos bichos.

E repara na minha crueldade, nada d'isso me comove.

A tia Leonarda vê-as desaparecer sem desgosto. Ella nunca teve pelas rosas grande entusiasmo. Gosta muito de flores nas arvores de fruto, mas acha que onde come uma roseira, pode comer um pé de vide.

Minha irmã não era do mesmo parecer, e carinhosamente ia notando os exemplares raros que apareciam, mas a verdade é que a fauna sempre a interessou muito mais do que as especies vegetaes.

A minha sensibilidade molestou-se a principio com esta falta de amor por uma das coisas lindas da creação, e ainda tentei prendê-las ao culto das rosas, como primeira revelação do ascetismo da beleza, mas cancei depressa. Por fim deixei-me contagiar pela indiferença, não sei se por ellas serem mais fortes de caracter, se por terem consigo a razão, ou se, por força do mimetismo

protector, a minha natureza descobriu ser o estado primitivo o mais cómodo para o animal.

Em qualquer hipótese, como vês, não fico bem colocado, tenho a alma perdida, e não creias numa regeneração impossivel.

Regressei ao tosco natural, insensivel, d'onde não saírei mais.

Não penses em curar-me da estupidez que me atacou; é lepra que a tua medicina desconhece.

Consinto que me observes, porque to prometi, mas arredemos o proposito de um tratamento.

Não sei para que possa então servir a descrição do meu dia. De resto já te disse que não tenho dias, não tenho vida inteligente, sou uma simples maquina de digerir. A gula persegue-me e não a contrarío.

Satisfaço as exigências da viscera e passo horas interminaveis ocupado com a digestão das deliciosas petisqueiras da Custodia, um Paganini de tacho e colher que trabalha na cosinha. O ventre cresce, o corpo torna-se pesado, estou disforme e a tudo me vou habituando.

Hoje perturbaram-me a digestão do almoço e fiquei enraivecido.

Imagina que tive de folhear um codigo e explicar leis a um animal que a tia Leonarda protege, por se ter lembrado de ser madrinha da Finita, que vem a ser a adoravel filha de um palerma.

Não posso compreender o capricho da natureza, ao lembrar-se de entregar a vida, por intermedio de um pae com ventas de rafeiro, e de

uma mãe que é feia como uma cabra sem chifres, á rapariga mais linda que de minha lembrança tem visto a luz nos Caniços.

Lembra-te de uma cereja para fazeres idéa do que esta carita revela em côr, em frescura e em brilho assetinado; lembra-te de uma romaria para avaliares as notas alegres em que vibra quando ri; supõe uma haste de linho em flor para compreenderes a correcção da sua linha de prumo e ao mesmo tempo a flexibilidade do seu corpo; põe na tua imaginação uma fonte a correr, em que está dando de chapa um sol de agosto, para ajuizares da vida d'aqueles olhos.

Meu filho, não ha morango mais apetitoso, não ha tentilhão mais alegre, não ha perdigoto mais vivo, não ha procissão mais vistosa que os 18 annos da Finita, o animalzinho mais belo que a tia Leonarda tem acarinhado.

Nem o João Rabiça, nem a arca velha da consorte mereciam uma filha d'estas. Mas a natureza assim o quis.

Elle na vida só tem conhecido uma verdadeira afeição, a da terra. Tem-lhe mais amor, deseja-a com mais ancia do que a raiz de um pinheiro. Por um palmo de torrão seria capaz de vender a filha.

D'uma vez foi para o tribunal fazer uma discussão de limites onde não caberiam tres aboboras; numa noite de temporal, para se apropriar de uma nesga de caminho, fez abater um muro, de reconstrução mais cara cem vezes que o valor da terra adquirida.

Agora está elle a braços com um desgosto que

o atira á sepultura, caso não se descubra o meio de o tornarmos possuidor d'uma terra que não lhe pertence.

Ha muitos annos, partiu para o Brasil um homem que tinha como unica propriedade umas tres cobertas de terra, o suficiente para meter uma duzia de pés de couves.

O João Rabiça ficou com ella de renda, e do proprietario nunca mais houvera noticia. Julgaram-no morto, perderam-no quasi de memoria e o rendeiro a pouco e pouco se foi habituando á idéa de ser dono de mais alguns palmos do planeta que habitamos.

Mas deu-se o caso de o proprietario não ter morrido, voltando agora um brasileiro, com uma fortuna de mais de dois contos de reis. Naturalmente quer possuir a terra que o Rabiça chamava sua, e portanto a considerava uma parte importante da sua vida, do seu corpo, assim como se fosse uma talhada do figado, unico orgão que respeita e de que se queixa ás vezes.

E aqui tens como se tornou forçoso lêr os codigos sobre o almoço, para satisfazer um desejo da Finita, da tia Leonarda e de minha irmã, os tres reis magos d'este menino que por muito ser adorado, se sente escravo.

O Rabiça quer que lhe arranje um direito, sem atender á patifaria de se apropriar de uma coisa que não lhe pertence.

Elle sucumbido, com as pernas a vergarem, a a voz a tremer-lhe, acha impossivel que não haja uma lei...

— O' João, pois não vês que a terra não te pertence?

— Mas eu estou pronto a pagá-la por dois tantos da sua valia.

—E se elle não quizer?

— Não ha-de ter querer, se no mundo houver justiças.

— Anda cá homem, reflete bem. Que te importam sete palmos de terra a mais, ou a menos?

— Olhe, senhor doutor, não sei o que é isto em mim cá por dentro, mas uma terra em que enterro os meus pés, onde deixo suor e a que chamo minha, é como se fosse uma pessoa de familia. Não sei se os livros que explicam tudo, dizem como se chama isto. E' uma comparação. Quando nasceu a minha Delfina, plantei na horta aquela laranjeira grande. O senhor quer crêr que ás vezes, sem dar por isso, começo a falar com ella e chega-me a parecer que as folhas se erguem, tal e qual como se estivessem a escutar? No inverno, por mais cuidados que haja, a geada cresta-me os rebentos. Pois acredite que sinto uma agonia, uma coisa que só se tem quando alguma pessoa a que se quer bem, está doente.

Não pódes imaginar como a cara do bruto se iluminou a dizer isto. Era outro; menos feio, menos sorna, de olhar mais vivo, quasi inteligente, havia nelle o quer que seja da Finita, sobretudo na modulação, ou permite-me o termo, na alma da voz; no que ella tem de imponderavel, o calor, a vibração, não sei dizer-te o que é, mas deves com-

preender-me, pois haverás sentido que duas vozes com egual timbre, egual volume, egual tudo o que quizeres, se distinguem uma da outra por alguma coisa semelhante a um perfume, a uma temperatura, a uma luz, tem paciencia, deixa-me dizer uma alma, porque não encontro nada mais apropriado.

A da Finita é em todos os momentos suavissima e fôfa, aquece os ouvidos quando fala, como as notas de um oboé. Pois a do Rabiça que é fanhosa, muito mastigada e fria, naquele momento mudou por completo. Pôs-lhe a alma inteira, o ladrão, porque decerto vibrava toda a sua natureza, defendendo o que acima de tudo lhe é caro.

Nesse momento penetrei um pouco a psicologia do apaixonado amor á terra, sentido por aqueles que a trabalham, a mourejam, a palpam com as mãos, a ensopam de suor.

Tambem sou proprietario, gosto de conservar a posse do que tenho, mas não me repugna vender, ou trocar uma parcela, quando nisso vejo conveniencia.

Ha porém criaturas como o João Rabiça que sentem d'outro modo. Na terra que possuem corre sangue das suas veias, é pessoa de familia, como elle diz, e faz parte da sua vida.

Ora, mais ou menos velado, o que este sente, é tambem sentido por todos os que a possuem, vendo-a e pisando-a.

Isto me leva a julgar o absurdo do tal comunismo que tem contra si uma tão profunda razão visceral.

Desapossar este homem da terra que elle por suas mãos cava, é amputar-lhe um membro, ou tirar-lhe a vida.

Para satisfação das senhoras, caídas em sério quebranto pela dôr do Rabiça, tive pois que decidir-me a procurar o sr. Manuel Inocencio, o brasileiro a quem a febre amarela poupou a vida, certamente de proposito para contrariar a digestão do meu almoço.

Fui encontrá-lo a soletrar o «Seculo», á porta da tenda, sentado num banco de pedra, com um panamá amarelecido, puxado á nuca, o colete e a camisa desabotoados, mostrando uma camisola, com ramagens de côres vivas.

Ao lado d'elle, o Chico-da-Venda, falho de compradores áquela hora, admirava-lhe as botas de coiro da Russia, ponteadas a amarelo e com lavrados nas gaspias, onduladas pelos joanetes.

A' minha saudação o Chico respondeu com as mesuras costumadas, informando-se da saude das senhoras e desculpando-se de não ter mandado o correio por falta de portador. O pequeno estava com um pé aberto e não podia dar passada. E ao ouvido, a pôr um certo misterio no caso, anunciou-me que havia carta de Lisboa, e grossa.

O brasileiro mirava-me hesitante, e quiz assegurar-se de quem eu era.

—E' capaz de ser o senhor doutor dos Lagares . . .

—Que deseja vêr em muito boa hora o sr. Inocencio pela nossa terra.

—Quando embarquei para o Rio deixei-o um menino assim . . .

Mediu a altura com a mão e continuou:

—Fiz muito serviço ao senhor seu pae na minha arte de mineiro. Nos Lagares ha muita soma de agua que ajudei a sangrar.

—E lá pelo Brasil bem?

—Aquilo desde que veio a republica está que se póde vêr. Deus queira que por cá suceda o mesmo.

O Chico-da-Venda piscou-me o olho e garantiu:

—Olha, o Zé Bucha diz que ainda ha-de ser melhor.

—Não me lembro d'esse nome. . .

—E' um tamanqueiro de Ribadela. Esteve no Porto dois anos e veio de lá com a descoberta. Agora é regedor cá da freguezia.

—Pois com o apelido de Bucha . . .

—Não é de admirar que o estranhes, pois quando foste para o Brazil ainda a mãe não sabia ao certo quem havia de ser o pae do rapaz . . . Só mais tarde veio a descobrir que não seria outro senão o almocreve das Fragas.

O Chico explicou ser a mãe uma Eufemia que em pequena corria atrás da diligencia a pedir dez réis, e depois andou por aqui a fazer recados. Ia á cidade por um tostão, e o Bucha ás vezes, quando a topava no caminho, trazia-a no carro.

O Inocencio lembrava-se da Eufemia, uma mocita baixa, com um nariz muito estreito que parecia uma apara de lata e umas canelas muito esburgadas . . .

—Era essa mesma. Tinha umas pernas que até fazia aflição—confirmou o Chico.

Nisto o Inocencio tira do bolso de dentro do colete uma cigarreira de cartão encarnado e oferece-me um charuto:

—E' fumo da Bahia.

Aceitei, e d'ahi por um minuto sufocava com tosse. O Chico, egualmente obsequiado, vertia lagrimas dos olhos. Comentou que era um tabaco muito triste, bom para a Semana Santa porque fazia chorar.

—O Inocencio agora fica-se por cá?

—Já não é sem tempo, senhor doutor. Estou farto de andar por baixo da terra. Antes que para lá me toque de vez, quero respirar um pouco cá por cima.

—Ouvi dizer que tenciona construir casa?

—Com essas tenções vinha eu, mas aqui o Chico tem-me metido susto com os gastos.

O tendeiro, muito escaldado, repetia que só numa escovadela, pôr vidraças e sobradar a sala, gastara mais de duzentos mil réis.

—Duzentos mil réis fortes!—repetia o Inocencio, a mesurar com a cabeça.

—Não te metas nisso. Olha aqui o nosso doutor, é que podia arrumar-te na casa pegada á do Rabiça.

—Oh! que vezinho danado!

O Inocencio explicou que o Rabiça não queria entregar-lhe a horta e negava as rendas.

Soceguei-o, disse-lhe que não fizesse caso. O

Rabiça tinha esses repentes mas era bom homem. Ficava por elle.

Combinou-se que viria de tarde aos Lagares, falariamos no negocio, e tambem porque as senhoras haviam de gostar de o vêr.

O Chico desenvolvia o reclame da casa. Arrumava-se ali muito bem, e não tinha de pagar a cera dos pedreiros e dos carpinteiros, que eram uma praga do Egypto.

—Umas casas grandes, todas sobradadas; basta pôres-lhe vidraças, e ficas um fidalgo em palacio.

Ao homem parecia agradar-lhe a idéa

Puxou de um enorme relogio de prata, cheio de lavrados na tampa, suspenso de uma grossa cadeiaôca, de ouro palido, com a medalha de vidro azul, tendo gravada uma inicial em letra gotica.

Eram duas horas. Antes das cinco estaria nos Lagares.

Quasi em seguida fui-me d'ali, satisfeito com o resultado do encontro.

Não tinha dado muitos passos, quando topei com o Bucha, que mal levou a mão ao chapéu, num cumprimento de favor, seguindo sem dizer palavra.

Está assim desde que o fizeram autoridade e que trata de politica com o administrador do concelho nos dias em que vae á cidade.

Vi que se dirigia para a tenda, e pouco adiante, voltando-me para trás, notei que já havia entrado em conversa com o brasileiro.

As senhoras ficaram num banho de rosas com as noticias que lhes trouxe. Era negocio arrumado com toda a certeza, lá nas suas opiniões.

A casa valia muito mais que a horta, mas pouco importava, havia de arranjar-se uma troca, fôsse como fôsse, para se atalhar a paixão do Rabiça.

A Finita pulando como um cabritinho, abraçou a tia Leonarda pelo pescoço, beijando-a:

—Ai, minha rica madrinha, cada vez lhe quero mais. Vou já apanhar um ramo para a Senhora das Dôres, do seu oratorio.

E a tia Leonarda sorrindo complacente:

—Deixa-me, demonico, que me desmanchas o pescoço. Mas, ó Cristovam, o mafarrico do homem não mudará de pensar? Isto de brazileiros...

—E' preciso vêr que não ficou nada assente... Elle não me deixou má impressão, embora tenha percebido que é republicano.

A Finita estremeceu:

—Ai, valha-me Deus!

Cá em casa julgam a republica a guarda avançada do Anti-Christo.

O Zé Bucha desde que o fizeram regedor não voltou á egreja, e nunca mais deu os bons dias ao abade, que lhe matou a fome em pequeno, o ensinou a lêr e a ajudar á missa.

Tive que as animar:

—Nem todos os republicanos se parecem com o Zé Bucha. Conheço alguns que são pessoas sérias. No entanto, Finita, põe as flôres, mas acende tambem uma vela.

Com o entusiasmo um pouco arrefecido entraram em casa, e eu fiquei-me a vadiar pela quinta.

Estava uma linda tarde de primavera e nestes dias ninguem me apanha debaixo de telha. A luz clara d'este sol atrae-me e nunca resisto á sua sedução. Não sei se te lembras que achei a lua sempre antipatica, triste na sua palidez de anemica, vivendo só de noite. Não posso olhar para ella porque me deprime. Recordo-me que a carta que te mandei ha tempos foi numa noite de lua cheia.

As senhoras tinham-se deitado e eu, depois de conversar com o Manuel Caseiro, sobre uma venda de milho e de vitelas, fiquei só e deu-me para pensar na vida a sério. Fiz um exame de consciencia e senti-me esmagado.

Que diabo! Uma mocidade fecunda em sonhos de lutas a empreender, com um ideal estetico e social a realizar, com o triunfo mais do que provavel, antegozando o capitoso prazer do sucesso incontestavel, tudo afogado em pipas de vinho, em alqueires de milho!

E' abominavel, menino, é uma degradação. Foi nesse estado d'alma que te escrevi. Metade d'aquilo era eu, soltando o grito de consciência, confessando a culpa da minha impotência, d'esta miseria intelectual, equivalente a um regresso ao troglodita; a outra metade era a lua, aquela tisana opiada que tanta baboseira tem inspirado.

Hoje, com um banho de sol, reconheço-me outro. Cá tenho a mesma amargura do nada, o tal suplicio do zero, desgosta-me a preguiça, tortura-

me a falta de energia para a acção. Mas como bom português que sou, conformo-me com este destino de imbecil.

Animado por uma luz d'estas, não posso estar deprimido, nem julgar-me infeliz.

Estendido sobre uma lagea li o «Primeiro de Janeiro» até ao folhetim e adormeci, vindo acordar-me, depois de uma estirada soneca, o Manuel Caseiro, que me repreendeu amoravelmente:

— O menino ainda apanha alguma com essa systema de se pôr como um lagarto á torreira do sol.

— Deixa-te d'isso, Manuel, o sol é que dá vida a tudo. Pois tu não vês que á sombra das laranjeiras, onde não chega uma réstia, nem as ortigas medram?

— O menino lá sabe o que leu nos livros, mas olhe que, de minha lembrança, vi morrer o pae do Bucha, que era almocreve, e foi por vir a dormir, no pino do verão, deitado de bruços em cima do carro desde a cidade até Ribadela.

— E por que não havia de ser das bebedeiras?

— Lá fiel á pinga era elle... muito capaz de virar uma quarta. Mas tenho conhecido muito odre que não morre d'aquela maneira. O menino já ouviu contar como isso aconteceu?

—Não estou bem certo . . .

—Pois a coisa passou-se assim. A justiça tomou conta d'elle. Vieram medicos e juizes; era um carro cheio de figurões. No cemiterio, antes de o enterrarem, abriram-no para o verem lá por dentro. Eu fui espreitar. Tiraram-lhe os bofes,

o figado e todas as entranhas. Estiveram lá a falar uns com os outros uma linguagem que parecia latim ou francês. Ora o que lhe sei dizer, é que o figado apareceu amarelo como cidra; via-se mesmo que estava recozido. Até se esfarelava. E era um fétido que dava volta ás tripas. Olhe mais de dois annos não pude comer figado de porco. Quando ia a alguma sarrabulhada, pedia sempre que mo escondessem, senão já não passava nada para baixo.

O Rabiça de hombros caídos, pensativo como um perdigueiro em dia de chuva, aproximou-se a falar sózinho, ruminando a sua magoa.

— E depois, sr. Cristóvinho, falou com aquele pedaço de maçonico?

— Falei sim, e olha que não tarda ahi para fazer um negocio. Vamos lá a ver o que se pode arranjar. Mas, ouve cá. Pois foste negar as rendas ao homem...

— Uma pessoa de cabeça perdida nem sabe o que diz. O meu amo ha de acreditar que isso não eram palavras do coração

— E' sempre a mesma lamuria. Vocês a fazerem as asneiras e eu a pagá-las.

O Manuel Caseiro deu-me razão:

— Lá nesse ponto é o menino bem causticado e mais as senhoras. Nem sei como aturam tanto. E ás vezes para receberem a paga que o Bucha deu ao sr. abade. Ai! que se não fossem ellas, não sei onde já estaria este unhas de fome.

— O que lhe vale é ter quem saiba pedir por elle.

— A minha comadre sempre foi uma mãe para a Delfina e para mim. E' uma santa.

O Manuel resmungou-lhe:

— Tambem é o que tu sabes dizer. Mas olha que lhe basta ser santa, não precisa ser martir.

Avançava ao longe o Inocencio em direcção á quinta. Mandei ao Rabiça que fôsse chamar as senhoras e que se deixasse ficar, sem aparecer ao brasileiro, emquanto não se fechasse o negocio.

Depois de ter cuidadosamente encostado o portão, caminhou num passo incerto de galucho, com o guarda-chuva de seda, primeiro servindo de bengala, em seguida debaixo do braço e por fim dependurado no pulso.

Vinha com o panamá enterrado na cabeça, fato de alpaca e colete branco, a gravata de setineta verde, com uma moeda de ouro por alfinete, e a camisa bordada a branco, com o engomado amarelecido.

As senhoras apareceram e juntamo-nos todos debaixo da camelia grande, ao pé do tanque, onde boiavam os patos.

O Inocencio cumprimentou-as, tratando-as por madamas.

Não conhecia a Finita e dissemos-lhe que era a filha do Rabiça. Achou-a uma bela mocinha; parecia uma fazendeira.

A tia Leonarda, lisonjeira, notou que o Manuel se tinha dado bem pelo Brasil, estava gordo, com poucas brancas. Tambem elle era ainda uma criança...

O Inocencio, desvanecido, emendou que não;

já tinha passado os cincoenta e o cabelo ainda preto vinha a ser de qualidade. Mas para dizer a verdade, aquelas terras eram boas, e havia muito progresso. O Rio estava uma cidade que se podia ver.

Acostumado a essas grandezas, a tia suspeitava que já não se desse por aqui.

— Este negocio de viagens tambem enfastia. E aquilo, por muito bonito que seja, não é a nossa terra. Nunca esquece a cabana em que se nasceu. E' a que se ama do coração.

O Manuel Caseiro que o tinha remirado da cabeça aos pés, palpando a seda do guarda-chuva e admirando a medalha com a inicial gótica, talhada em ouro, a bambolear a cabeça fez as suas exclamações:

— Ora o Manuel Inocencio, quem o houvera de dizer, quando aqui andou, em vida do fidalgo que Deus haja, a puxar ao engenho, no tempo em que se abriu a mina grande! E' elle este figurão com uns bigodes que nem os de um general. E então, dizem que vens pôdre de rico?

O brasileiro, muito capacitado da sua fortuna, pôs duvidas, não era tanto assim, rico a bem dizer não, o regular para não passar necessidades no resto dos seus dias. Tambem, era preciso ver que o tinha merecido. Mais de vinte annos debaixo do chão, trabalhando como um negro . . .

E contou que apanhara febres no sertão, sendo mordido por uma cobra e quem lhe valeu foi uma mulata.

A historia das doenças levou perto de meia

hora a desenvolver. No meio havia episodios de macacos e uma caça de papagaios. Esta interessou muito o Manuel que não conseguia meter na sua idéa como elles andavam á solta por cima das arvores.

Queria saber como aprendiam a falar. Para ser uns com os outros...

Mas a Finita é que já não podia conter a impaciencia. A tia Leonarda fazia-me signaes, e o Rabiça preso em casa, como lhe indicara, á espera da sentença, já tinha aparecido uma meia duzia de vezes a espreitar por um canto da janela.

O brasileiro saboreava com muita convicção os indiscutiveis encantos que a sua palestra devia produzir.

A curiosidade do Manuel Caseiro saciou-se tambem por fim, mas a historia continuava.

Depois de ter furado varias minas, assistiu á revolução do Custodio de Melo. O Floriano era um grande homem, e decidido até ali; se não fosse elle, a republica não teria vingado.

O sol havia-se sumido. As senhoras notaram que a tarde arrefecia. O Inocencio não estava acostumado ao frio, talvez fosse melhor entrar para casa.

Disse que não sentia a temperatura. O Manuel Caseiro admirou-se que com um fato de lustrina se pudesse andar por aquele tempo de inverno.

Ora essa! No Brasil encontravam-se terras muito frias. E quem se habituara a viver dentro das minas, estava pronto para tudo. Mas se as se-

nhoras queriam retirar-se, não fizessem cerimonia, que elle ia por ahi abaixo até aos Caniços.

A tia Leonarda, muito contrariada, encaminhou-se para casa e resolutamente foi direita ao assunto:

—Ouvi dizer que ia fazer um palacio...

—Isso não é para as minhas posses. Palacio aqui só o da madama. E olhe que lá pelo Brasil falei muito nelle. D'uma vez taes coisas disse a um patricio que por pouco não veio ahi para o comprar.

—Era preciso que nós vendessemos.

—Com dinheiro tudo se paga.

Para que não rompesse com outra historia segurei-o:

—Falei com as senhoras a respeito da nossa conversa de ha pouco e ellas não vão contra o meu desejo de lhe ser agradavel. Podemos ceder-lhe a casa.

—Pois eu estive a pensar nesse negocio e pareceu-me melhor erguer coisa de raiz, á minha vontade. Quando embarquei no Rio logo puz na idéa de construir. Se vier a casar e a ter filhos, quero que elles possam dizer que estão na casa feita por seu pae. Naquele bocadito de horta que herdei é que vou fazer a obra.

—Não faça isso. Ali não fica bem. Está fóra da povoação, sem vista nenhuma, é muito humido...

—Mas se não tenho outra...

—Arranja-se, ha ahi sitios melhores, cedo-lhe um bocado, podemos trocar...

— Assim como assim, decidi ficar com a horta.

A Finita tinha os olhos rasos de lagrimas. Durante a tarde não dera palavra, fitando-me alternadamente e ao brasileiro, na anciedade de ver fechado o negocio que desse ao pae o quizilento pedaço de terra.

O homem havia notado a fixidez e no relato das suas aventuras do sertão voltava-se continuamente para ella, a agradecer-lhe tamanho interesse.

As senhoras retiraram-se. O Inocencio podia vir, quando quizesse, espairecer pela quinta.

Agradeceu muito, não faltaria ocasião.

O Rabiça não pudera conter-se mais e apareceu.

O brasileiro formalizou-se:

—Olá, seu João. Aqui diante do senhor doutor é que quero vê-lo e ouvi-lo.

O Rabiça ficou mudo, de cabeça pendente, sucumbido.

—O que sucedeu então?—perguntei.

—Já notei ao senhor doutor que me negou as rendas e não quer entregar-me a belga.

—O Inocencio não o conhece. Elle quando trabalha uma terra afeiçoa-se-lhe e estima-a como se fosse sua. E' por isso que lhe saem essas coisas pela bôca, sem pensar no que diz.

O João garantiu que nunca ficou a dever nada a ninguem. Ali estava eu que não o deixaria mentir. Pagava-lhe as rendas e comprava-lhe a horta e acabava-se tudo.

— Venha d'ahi comigo e talvez se arranje, negocio.

Partiram os dois e eu fui contar ás senhoras este remate imprevisto.

Nessa noite a ceia foi triste. A tia, com a distracção, em vez de deitar vinho no copo, vasou-o no prato da sopa, esparrinhando a toalha.

Nós rimos e ella benzeu-se muito contrariada, comentando:

— Bem me parecia que isto de brasileiros são todos uma sucia.

— Não diga isso, tia. O que havia de ser de Portugal se não fôssem os brasileiros?

— Bem me fio eu nessa.

Seguiu-se um longo silencio, com pouco apetite.

A Finita estava murcha como um pardal em dia de inverneira.

Ella que sempre em festa, a palrar, se levanta dezenas de vezes para ir á cozinha, servir a todos e velar pelas nossas comodidades mais futeis, nessa tarde esqueceu-se de tudo e nem sequer me foi buscar o cigarro e o cinzeiro, acendendo o fosforo e esperando que lhe deitasse uma fumaça na cara, o que ás vezes lhe faz chorar os olhos, a engasga, divertindo a tia.

Terminada a ceia ficamos sentados á roda da mesa, eu queimando o meu cigarro, ella e minha irmã trabalhando de cór no croché, e a tia Leonarda a riscar a toalha com o palito.

Achei um absurdo tamanha tristeza, sómente

porque não se vira satisfeito um capricho desproposito do Rabiça, e pus-me a cogitar num meio de as distraír.

O meu recurso em casos de apuro é contar uma historia dos tempos de Coimbra, que faz sempre rir as tres até ás lagrimas e provoca uma torrente de perguntas da Finita. No episodio inventado entras tu geralmente, razão porque nesta casa tens feita uma solida reputação de pessoa de infinita graça, com a qual te haverás no dia em que cumprires a promessa de visitar o sitio dos Caniços.

Devo dizer-te que no momento me sentia abominavelmente estupido, custando-me bastante a espremer da imaginação a insipida chalaça que vaes vêr.

— Este fim de ceia está-me lembrando uma noite de Coimbra em que havia uma representação no theatro, feita por uma grande actriz que toda a gente queria ouvir.

Fiz uma pausa esperando que me perguntassem «como foi», «conte, conte . . .»; mas, contra o costume, seguiu-se um silencio pouco animador. Não houve remedio senão continuar:

—Nem eu, nem o Mendes, nem qualquer dos companheiros tinhamos dez réis para a ajuda de uma entrada. Os bilhetes compravam-se por todo o preço e nós morreriamos de desgosto se ficassemos em casa. Um, para se consolar, dizia que afinal essa mulher devia ser como as demais. Outro achava que até lhe faria transtorno ir ao teatro porque precisava estudar uma lição. O

Mendes, na sua qualidade de medico, declarou que nunca se devia ir ao teatro; era muita gente a respirar o mesmo ar, muito calor, e ás vezes representavam coisas que faziam mal ao coração; sucedia mesmo que quanto melhor fôssem os actores, peor para a saude. «Supunhamos, como hoje vae suceder, que se trata de uma peça em que uma mulher morre envenenada em scena com estricnina: é um horror, vale por um pontapé no peito.»

Nesta altura a Finita ter-me-ia perguntado o preço dos bilhetes, achando-o uma exorbitância louca, e sobre a estricnina obrigar-me-ia, antes de passar adiante, a uma prelecção, com grande contrariedade de minha irmã, que desejaria saber o fim, sem grandes demoras.

Pois sucedeu que a historia ia seguindo sem a mais leve interrupção. E fui continuando:

— Estavamos todos de acordo que não valia a pena ir ao teatro e os que gastavam tanto dinheiro valiam por um bando de tolos.

Nesta altura disse-lhes eu: «Tenho uma idéa que nos daria uma entrada segura.» Levantaram todos a cabeça a olharem para mim desconfiados. Um, caçoando, respondeu-me: «Pois vae vendê-la á porta do teatro, que devem pagar-ta por bom preço.» Os outros berraram: «Ponha para ahi a idéa!» Um pegou numa faca e gritou-me: «A idéa, ou a vida.» Então eu pedi-lhes tinta, papel e um instante de silencio.

Trouxeram-me tudo e pus-me a escrever.

Vamos a vêr se me lembro do que engendrei. Foi isto pouco mais ou menos:

Cinco anjos lá do céu
A correr, numa escapada,
Sem bengala e sem chapéu,
Fugiram.....
.....

Diabo! não me lembra o resto da versalhada . . . Dizia que um antigo anjo do céu se tinha feito actriz e representava naquele teatro essa noite. Resolveramos em segredo vir cumprimentá-lo, mas não traziamos dinheiro, porque lá no céu, como o antigo anjo devia saber, era proibido o vil metal. Como não conheciamos ninguem na terra, esperavamos do nosso camarada que nos arranjasse maneira de o irmos abraçar e aplaudir. Podiamos ficar escondidos em qualquer canto, mesmo até convinha, não fôsse o diabo dar connosco e mandasse a denuncia para o céu.

Era isto que diziam os versos pouco mais ou menos. Valeram-me um triunfo, quebrando-se dois pratos em signal de regozijo.

Mandaram-se á actriz que logo respondeu com as entradas para todos.

A Finita achou que se a actriz fôsse da raça do brasileiro, não nos haveria feito a vontade, e á tia Leonarda não pareceu bem que se arranjassem brincadeiras com coisas sagradas.

Minha irmã deu por um grande erro na malha do croché. A tia aconselhou-a a que não esti-

vesse a esmoucar a vista com semelhante trabalho.

Foi a primeira vez que uma historia dos tempos de Coimbra caiu diante d'aquela platéa.

Corrido pelo mau sucesso levantei-me e fui até á varanda.

A noite estava escura e toda a quinta parecia um bloco de carvão. A distancia, na treva densa de um céu forrado de nuvens, sem uma estrela, furavam a custo algumas luzes amareladas dos Caniços.

Os cães, respeitando a hora da ceia, conservavam-se calados. O silencio era tão perfeito como a escuridão, porque não mexia uma folha d'arvore. Da natureza nesse momento só tinha noticia pelo olfacto. Sentia o aroma da terra, vivo e penetrante, um perfume que entra nas veias e excita, coisa de que vocês, habitantes da cidade, nem sabem da existencia. E' só nestes instantes, de perfeito repouso dos sentidos, que a sensação se revela nitida, permitindo comunicar com a alma da terra, parecendo até que se lhe tateia o bater do coração.

Mal poderia descrever-te o prazer que me dá esta percepção e talvez não erre se te disser que nella reside a força maior que a isto me prende e me separou da vida da cidade.

O animal é muito forte em mim e não resisto á sedução d'esta caricia que ahi me faltaria. Positivamente sou governado pela força dos amiboides que se reuniram para constituir um

Cristovam, por completo submisso á sua vontade.

Vê se com a tua biologia podes entender este fenómeno singular, do regresso ao mais remoto atavismo, á menor diferenciação intelectual que possas imaginar.

Com uns instantes na varanda o espirito desanuviou-se, mandei ao diabo todos os aborrecimentos do dia criados pelo Rabiça, e desprezei até a fraqueza que te manifestei de julgar estes meus dez annos de vida um zero, como te disse.

Um zero por que? Imbecil que eu fui. Um zero porque não escrevi os poemas que tinha sonhado aos vinte annos, nem fiz uma reputação nas salas com os ditos, com as graçolas nos cafés, com as ironias nos conciliabulos, tudo para ser nomeado homem de espirito! E não via eu que isto não é ser homem, é ser bobo, e divertir os outros; não é viver a sua vida, é desprezar o seu sangue e a propria natureza.

Viver é sentir e sentir com arte, com a maxima perfeição possivel e saber por esse meio colher a felicidade, mas a boa, a verdadeira, a felicidade animal.

A grande filosofia consiste em torcer o pescoço ao lacrau da vaidade, a todo o instante a impelir-nos para uma luta absurda em que o prazer fermenta e azeda.

Aqui tens o que o meu animal descobriu passeando sozinho na varanda que dá para o pomar, queimando cigarros e digerindo a ceia. E', como vês, a autentica filosofia da preguiça, a inteli-

gencia dando apoio ao bruto que não quer mover-se.

Senti bater o portão da quinta e distraí-me, ficando-me naquele ponto interrompido o sistema filosofico, original como vês, e que podia abrir-me a porta da celebridade, depois de desenvolvido e fundamentado na biologia, a bondosa sciencia que tão bem sabe acolher as asneiras de todos os maniacos e os desconchavos dos melhores tolos.

Voltei á sala de jantar onde as senhoras curtiam o seu aborrecimento.

A tia Leonarda de rosario na mão e uma conta de padre-nosso entalada entre os dedos, religiosamente dormia. Minha irmã estava lendo a «Nação» e a Finita dedilhava o croché.

Alguem entrara o portão, quem poderia ser assim tão tarde?

A Finita ia saber. Porém, mal se tinha levantado, por entre a porta meio aberta a cabeça do Rabiça perguntou:

—A minha comadre dá licença?

A tia abriu os olhos, a Madalena poisou o jornal e a Finita estacou.

—Entra, João.

E todos quizemos saber imediatamente o que o trazia ali áquela hora.

O Rabiça embaraçado e engulindo entre cada palavra pedia desculpa de vir incomodar, mas não queria dormir uma noite sem inteirar os senhores da passagem que sucedera com o brasileiro. «Sim, porque é como o outro que diz,

o homem lá tem as suas idéas»; mas não queria resolver nada sem ouvir quem sabia mais do que elle.

— A minha Delfina, a falar a verdade, foi sempre aqui estimada como uma fidalga, e oxalá que ella sempre saiba dar a paga . . . ora agora os senhores é que hão de dizer, porque eu cá por mim estou por tudo.

Como o exordio se embrulhasse, precisei de o sacudir:

— Mas, ó João, vamos ao que importa e deixa-te de mais preambulos. O homem vende o bocado, troca-o, ou que quer elle?

— Vende e não vende, o ponto está em que os senhores decidam. Eu cá por mim não me oponho.

— Não te opões a quê? Estás para ahi a mastigar palavras e ninguem te entende.

— E' que eu nem sei explicar a passagem . . . da maneira como . . .

A Madalena impacientada gritou-lhe:

— Fazes o favor de não nos moer mais a paciencia. Já é tempo de acabarmos com isto. Vê lá se queres que todos percamos o juizo a decifrar a embrulhada que estás para ahi a fazer. Deve ser bonita a empreitada que esse bruto te encomendou.

— Queira perdoar a menina, mas olhe que bruto não é elle. Bruto sou eu, que nunca saí d'estas aldeias. Mas elle viu terras e sabe muito bem dar o seu recado. Sempre lhe ouvi apresentar coisas que parecia mesmo um letrado. Ali á noitinha no

Chico-da-Venda juntou-se lá um rôr d'homens que sabem lêr e mais o professor. . .

— Deixa lá isso e vamos ao que importa. Que propõe o homem?

— Elle lá na sua quer-se casar. Está rico, tem para cima de dois contos de réis e anda á procura de fôrma para o seu pé. Diz que não faz questão de legitima, mas que só receberá uma mulher de estimação.

Iamos compreendendo o enrêdo e a Madalena, já mal humorada, foi comentando:

— Sente-se então com fastio s. ex.ª? Pois olha que ainda se não acabou o vinagre cá em casa . . .

— Ora a menina sempre tem cada uma . . .

— Vamos então a saber, quem é a noiva que o ricaço escolheu?

— Pelos modos agradou-se da minha Delfina.

A Finita empalideceu, e de mãos postas implorou:

— Ai, valha-me Nossa Senhora!

A Madalena levantou-se numa atitude de defesa, de testa enrugada, e segurou as mãos da pequena entre as suas.

A tia Leonarda deixou caír o rosario e eu desatei a rir-me.

O Rabiça de bóca aberta, com o chapéu muito agarrado nas mãos, esgazeava os olhos, sem perceber o efeito que a noticia produzira. E voltado para mim confirmou:

— E' o que lhes digo. Foi assim mesmo.

— Deixa que o homem vem com paladar para boa fruta. Mas não te parece que esta será um pouco verde de mais para elle?

Não era tanto assim, o Inocencio andava pelos cincoenta annos.

— Ora faça-lhe o senhor doutor as contas..,

— Não faço contas nenhumas. Digo-te que na bôca d'elle não pode entrar este doce. Tem os dentes muitos sujos para o trincar.

A Finita chorava copiosamente. Minha irmã desesperada amimava-a:

— Não chores. O Inocencio endoideceu e o teu pae hoje, apoquentado com a perda da horta, não anda bom de cabeça. Olha, João, vae dormir antes que eu perca de todo a paciencia. A'manhã borrifa a testa com água fria e avisa o homem de que nos falta gaiola para macacos do tamanho d'elle.

A tia Leonarda interveio:

—Madalena, tem mais proposito. O homem não nos ofendeu em pretender a pequena. Eu não digo que se vá fazer o casamento, se não fôr do agrado d'ella, mas vê bem que pode ser um homem serio, temente a Deus e com alguns meios para a terra em que vivemos. A afilhada não é nenhuma princeza. Criámo-la e estimâmo-la, mas ella bem sabe que um dia pode ter de se sujeitar . . .

— Emquanto nós vivermos nada lhe ha de faltar, não é assim, tia?

— Com certeza.

— Pois se ella um dia quizer seguir um des-

tino de geito, ninguem se ha de opôr, mas só então deixará a nossa companhia.

O Rabiça meneava a cabeça, dava voltas com o chapéu e mastigava:

— Sim, é como o outro que diz, um pae sempre é pae. Os meus amos sabem formular a propria da coisa como ella é, e querem bem á rapariga . . . Mas um pae sempre é pae, e tem obrigação de olhar pelo futuro dos filhos.

A Madalena, muito aborrecida, pediu-lhe que se fosse deitar. Não queria mais ouvir falar em tal maluqueira.

— Se a minha ama o manda, vou-me embora, com sua licença . . .

Recomendei-lhe então que esperasse e pedi ás senhoras para se recolherem.

Queria ficar só com elle para cortar á nascença a asneira que lhe fervilhava na cabeça.

Apenas ellas saíram perguntei-lhe:

— Vamos então a saber por miudos o que te propôs o asno do brasileiro?

— O senhor não esteja arrenegado comigo porque eu ainda lhe não dei nenhuma palavra. Quando elle me apresentou aquilo, logo lhe respondi que os meus amos é que mandavam. Cá por mim não seria a duvida e, mais p'ra aqui mais p'ra acolá... Vae elle então disse-me: «A sua palavra é que eu quero.»

— E á pequena não se perguntava nada?

— A pequena é como o outro que diz, com um homem de respeito, rico, bem trajado...

— E não gostando d'elle?

— Cá por estas terras não se podia arranjar melhor. Ora agora eu, sem me aconselhar com os meus amos, não decidia nada.

— Mas como se entende que tendo-a visto só uma vez e sem lhe ouvir uma palavra se lembrasse de casar com ella?

— Ora, sabe muito bem a estimação que aqui lhe deram e que está muito prendada, tudo devido ás senhoras que teem sido umas mães. Quem a vê não põe na sua que é filha d'um pobre como eu. Aquilo parece mesmo uma fidalga perfeita. Em vistas de não nos ouvir, isto pode-se dizer: Fez-se um pedaço de rapariga bonita e aqui pelos arredores nenhuma se podia despicar com ella.

— Bom, mas vamos a saber como o homem te apresentou a coisa?

— Foi logo ali á saída do portão que se voltou para mim d'esta maneira: «A sua filha está uma linda moça.» Eu expliquei-lhe que não estava de moça, porque comia com os senhores á mesa. Elle então pôs-se a contar que lá no Brasil se chamava moças ás raparigas novas, mesmo que fôssem de chapéu e tivessem dom. E depois começou a formular um recado muito comprido, mais assim e mais assado, que a minha Delfina precisava estimação e não se devia casar com o filho d'um lavrador, que já não era mulher para pegar na sachola, ou carregar á cabeça, estava acostumada a viver em palacios, a não lhe faltar nada e que tal e que sim senhor. E no fim saiu-se com esta: «Você tem uma filha de que eu gosto;

eu tenho a belga que você quer. Tudo se pode arranjar em boa sociedade...»

— E vaes tu, aceitas o negocio, tratando de fazer a troca. Cedes a tua filha como se fôsse um carneiro.

— Oh! senhor doutor, não me diga isso!

— E' assim mesmo, João. Mete a mão no fundo da tua consciencia e vê lá se ella me não dá razão. Desde que te falaram em deixar a horta, andas de cabeça perdida e serias capaz de vender a alma para satisfazeres a tua ambição de ficar com a terra

— Abrenuncia! Até é um pecado dizer-me uma coisa d'essas.

— Ora anda cá: Se não fôsse a tua mania de apanhares a belga, não te benzerias tres vezes quando o brasileiro, que tem 50 anos já feitos, viesse falar-te em casar com a Finita, que pouco passa dos 18?

— Ha muitos casamentos d'esses. E um pae o que olha é ao futuro dos filhos. Sempre é um homem com mais de dois contos de réis. Ora a não serem os meus amos, que nem sabem o que teem de seu, quem se gaba ahi de fruir bens d'essa valia? Não ha nenhum filho de lavrador por estes sitios que venha a herdar uma legitima egual. O preciso é uma mesa farta e a minha Delfina nunca soube o que é fome; viveu sempre á grande, em casa envidraçada e tudo.

— Tu não fazes idéa nenhuma do que sejam dois contos de réis. Se a pequena tivesse sido criada

comtigo, afeita á lavoura, ao trabalho e á vida que levas com tua mulher, talvez que esse dinheiro fôsse uma grande fortuna. Mas como ella está, não passaria de uma negra miseria. Nem com tres vezes dois contos de réis ella poderia viver como aqui vive. Mais de tres contos se gastam nesta casa, só num anno, sabias?

O Rabiça esbugalhou os olhos e suspendeu a respiração. A cifra caiu-lhe na cabeça como um terramoto.

— Tres contos de réis! Louvado seja Deus! São trinta centos de mil réis!...

— Tu geraste a Finita, és pae d'ella, mas agora fica sabendo que mal a conheces; não a sabes entender, é como se ella falasse uma lingua diferente da tua. Não a avalies por ti, porque subiu a uma altura onde já a não podes vêr. Ella é inteligente...

— Lá esperta é ella. Com menos de um anno...

— Tem gostos que não compreendes, é uma natureza muito diversa da que seria se fôsse criada em tua casa. Ora diz-me uma coisa: Que pensarias tu se o brasileiro se lembrasse de querer casar com minha irmã?

— Lá isso, com sua licença, até a minha bacora se havia de rir.

— Pois o caso é o mesmo. Não julgues a Finita inferior á Madalena.

— Ai, com Deus! Em que grandeza o senhor a pôe! Inda bem que ella o não ouve.

— Não fazem diferença nenhuma.

— A minha ama é rica e a Delfina é pobre.

— Não se trata de riquezas, homem, isso pouco importa. O ponto está na educação. A Madalena ensinou-lhe quanto sabia, fê-la egual a si. A pequena é tão senhora como ella. A tua filha só pode servir um homem á altura da Madalena.

— Mas isso é uma desgraça.

— Conforme. Se tu pensares em dar-lhe um marido como o brasileiro, decerto a desgraças. Mas se quizeres que nós continuemos a conduzi-la, já assim não será.

— Pois então eu podia lá pensar... Ora só por mangação...

— Bem vês agora que trocar a Finita pela horta seria muito mau negocio...

O Rabiça córando ao ouvir-me estas palavras, gaguejou:

— Não se deixar aquelle dianho ficar lá pelos quintos por onde andou...

E coçava a cabeça.

— Conforma-te com a idéa de entregares ao homem o bocado e as pensões que lhe deves. Terras ha muitas.

— Isso é bom de dizer.

— Não ha remedio senão varreres isso da cabeça. E' preciso que nesta casa se socegue, e já não foi pouco o que hoje aqui houve de tristezas por tua causa. A'manhã vaes acabar com isso por uma vez. Se não tens com que pagar eu cá estou.

— Mas com que cara hei de eu ir...

O Rabiça abanava a cabeça e bufava muito embaraçado.

Afinal o brasileiro, dadas as boas disposições com que a proposta fôra escutada, supôs o casamento coisa decidida e tanto assim que mandára um presente de esponsaes para a Finita.

O João, atrapalhado, a gaguejar, não atinando bem como aquilo fôra, puxou do bolso de dentro da jaqueta um embrulho feito em papel almaço azul, atado com um nastro de lã côr de rosa.

Dentro vinha uma lata de goiabada e uma estampa de celuloide com o busto da republica pintado a côres chibantes e ouro.

O Rabiça pôs-se a admirar por cima do meu hombro, achando que não era feia a rapariga e estava bem retratada.

— Sabes quem ella é?

— Dá assim a modo uns ares da minha ama. Uma parecença já se vê...

— Pois é a figura da Republica.

— Ai o excomungado! Mas isso diz que é uma croia de Lisboa a que anda para ahi pintada. Olha! e é verdade, lá representa com a barretina na cabeça. Isto só por caçoada! E pintam-na elles como se fosse um santo para pôr na parede. Aos tempos a que nós chegámos.

— O homem mandou-a por coisa boa, coitado. Deixa lá. Vamos a embrulhar tudo como vinha e ámanhã tornas a entregar-lho.

— Ora o que diriam as senhoras se vissem um preparo d'estes?

E a resmungar lá desceu as escadas, voltando atrás a pedir que não relatasse nada d'aquela passagem, que até era uma vergonha.

Dando assim por terminado o meu dia, sentei-me para escrever esta carta, e poucas palavras havia no papel, quando minha irmã apareceu com olhos de chorar. Ao vê-la impacientei-me:

— O que é isso, mulher? Não será tempo ainda de acabarmos com atribulações por causa de uma ninharia? Quem nos visse diria que sucedeu uma desgraça cá em casa, afinal porque dois patetas se lembraram cada um de sua asneira. Vamos, é preciso voltarmos á razão.

— O caso não é tão simples como o apresentas, Cristovam. A pequena é um rio de lagrimas...

— Com medo de casar com aquele perú sem rabo?

— Com tudo o que hoje sucedeu. Mas a mim não me preocupam nem ella, nem o pae.

O receio de minha irmã deriva do Inocencio. Não simpatizou com elle. E é um inimigo que vamos ter num homem sem ocupação. Todo o seu tempo vae empregá-lo em nos incomodar. Fiz-lhe ver que não passava de um idiota sem consequencias, convencido de uma riqueza que não possue. Seria capaz, como tantos outros, de disperdiçar o peculio em disparates e dentro em pouco estaria de novo a caminho do Brasil.

Minha irmã vê sobretudo no brasileiro um correligionario do Bucha. Os dois, juntos com o borrachão do filho da Carriça e o caixeiro do Vilar, vão desasocegar o nosso cantinho.

Os tres constituiam a força republicana do sitio e foram elles que no celebre dia do feliz

advento compozeram a multidão que saudou a era nova, percorrendo os Caniços a dar o grito redentor, ao som de um harmonium, bebendo em seguida na taberna do Vilar, sendo depois deslombados nunca se soube por quem e ficando o instrumento incapaz de solenizar outros regozijos.

A Madalena está cheia de maus presagios. No seu entender o brasileiro vem dar força ao partido.

A tia Leonarda, que havia terminado as suas orações, veio tambem saber se o Rabiça saíra mais animado.

Decerto. Ouvira um sermão que o deixara como novo: nem belga, nem casamento, nem mais conselhos sobre um almoço com arroz de polvo temperado pela tia Leonarda; tudo prontinho.

— E's bem filho do teu pae nos gostos. Assim o sejas sempre no resto.

Suspirou fundo e depois d'um silencio rapido continuou:

— Ahi sentado nessa cadeira... Deus lhe perdõe, estou mesmo a vê-lo, quando nós iamos á cidade, eu e tua mãe, elle a dizer, «ora, vamos lá, senhoras donas, contem para ahi o que viram e o que não viram.» E é que se havia de relatar quantos pardaes estavam poisados nas torres da sé.

Distraidamente mais uma vez se entreteve a analisar umas antiguidades que tenho em cima da mesa, um pequeno busto romano, um peso de bronze, algumas moedas, uma candeia de barro vermelho e uma lança prehistorica.

—Ora dizeres-me tu que estes cacos valem mais dinheiro do que se fossem novos e prestassem para alguma coisa!

A Madalena acha-lhe sempre muita graça quando ella entra á descompostura ao museu, onde um pequeno modelo da Venus de Milo que está sobre a mesa lhe merece as criticas mais severas.

A tia não leva á paciencia que pessoas de juizo deem contos e contos de réis por uma aventesma d'aquelas, maneta e corcunda, um assucareiro sem azas, uma coisa sem proposito.

E como riamos em franca gargalhada a Finita apareceu com um duvidoso sorriso a desanuviar-lhe a face.

Trazia os olhos moidos de chorar.

A tia não gostou de a ver assim.

—Reparem como ella vem com estes olhos! Parecem duas botijas. Ora, se não é um desproposito chorar d'esta maneira, só porque lhe falaram em casamento...

—Se dissessem á minha madrinha que ia ser desterrada por toda a vida para um sertão de pretos e macacos, sempre queria ver os olhos com que ficava...

—Mas o homem não te levava para fóra dos Caniços, nem é preto...

—Só não é preto na cara. Por dentro é um verdadeiro tição. Viver com um homem assim ha-de ser uma noite escura. Um caixão forradinho de branco é muito mais bonito.

Fez um gesto de agoniada, afastando com os

dedos a repugnante visão. Deu-me para a arreliar:

—Ora, talvez te arrependas. Quem sabe a maravilha que ali perdes? E depois não é feio, com aqueles bigodes retorcidos e uns olhos de gato em cima do telhado. Alto, ainda desempenado, não devias fazer má figura pelo braço d'elle...

— Pelo amor de Deus, senhor doutor, não diga mais, que vomito a ceia. Esta noite nem durmo a lembrar-me da porcaria do homem.

Em contracções de nojo, tapando os olhos, explicava:

— E' como se tivesse posto as mãos numa cobra, ou metido na boca uma lesma.

Todos riamos com as carêtas da pequena, graciosas como as de uma criança a chupar laranja azeda.

— Ainda tu não sabes as joias que elle te mandava para te seduzir.

Contei-lhes a historia do presente e a cara desconsolada do Rabiça.

A tia Leonarda quiz saber se a goiabada era aquele doce que sabe a resina e parece feito com barro e rematou que d'aquella terra nunca vinha coisa de geito. Nem o que é doce se pode comer e quanto ao mais só papagaios e mafarricos desengonçados como o Inocencio.

A tia não gosta nada do Brasil, que para ella é uma terra de perdição, onde todos os homens se fazem maçonicos. Trato de a convencer de que se não fôra o Brasil, já não haveria Portugal, porque de lá vem a riqueza que nos falta

e ali se empregam os braços que temos de sobra.

Mas na sua os homens vão para lá humildes e tementes a Deus e voltam cheios de basofia e uns judeus que só sabem mofar da religião. Quanto aos braços acha que leva muitos dos que são cá precisos, porque não ha ninguem para trabalhar as terras.

A Madalena ficou impressionada com a estampa da republica. Tudo lhe fazia crer nas futuras arrelias que o Inocencio nos havia de causar.

A Finita só lamentava que elle não fôsse um brasileiro como os outros. «O quizilento do homem... Trouxe o chapéu de palha, o fato de alpaca e a corrente do relogio, por que não havia de trazer tambem o papagaio e a mulata?»

Todos rimos com a chalaça e ficamos de acôrdo no desejo de que lá voltasse a buscar o resto.

A pequena desanuviada de todo ria agora perdidamente, chilreando como um passaro fugido da gaiola.

— Ora aqui está para que a minha madrinha me criou como se fôsse uma senhora, para ir fazer um papel de mulata e dar nozes a um macaco vestido de homem! Sempre o meu pae arranja cada idéa!...

E, a proposito, lembrou-se de imitar a unica mulata que conhecera e lhe servira de modelo para o quadro, a mulher de um outro brasileiro de uma aldeia proxima, que por aqui andou uns

mezes a alardear com uns centos de mil réis de pouca dura.

A tia Leonarda deliciou-se a vê-la reproduzir o que se passára uma tarde debaixo das mesmas camelias onde estivera o Inocencio.

A mulata cantou modinhas do Brasil, dançando algumas.

A Finita repetiu, imitando os termos, uma receita para fazer café, por ella ensinada. A tia Leonarda quasi sufocou de riso, quando em certa altura a Finita começou uma phrase por «carcule a sinhá».

— Era assim mesmo. Como ella se lembra. Estavas boa para pelotiqueira. Só te falta dançar no arame.

O relogio do tempo dos franceses bateu pausadamente as dez horas que a tia Leonarda contou meneando a cabeça, e nós acompanhámos silenciosos, ouvindo uma a uma as suas notas vibrantes de um timbre muito agudo.

Resolveu-se que eram horas de dormir e assim terminou o meu dia.

Diz-me agora se podes conceber que em terras portuguesas exista um animal formado em direito mais proximo da amiba do que eu?

Repara bem e avalia o peso das locubrações do meu cerebro nestas vinte e quatro horas e por ellas avaliarás como tenho empregado os melhores annos da minha vida.

E' horrendo o meu estado d'alma, porque ainda conservo inteligencia bastante para compreender a miseria a que desci. Se regressasse á

fórma labrega, integra, com os respiradoiros da alma bem fechados, existindo só do nariz para baixo, não haveria na terra felicidade maior do que a minha.

Sendo apenas chamados a depôr os meus cinco sentidos, garanto-te que por unanimidade elles afirmariam que a vida é qualquer coisa de muito agradavel. Não lhes teem faltado os prazeres e nunca se sentiram fatigados. Disponho de um sistema nervoso solido, respondendo bem ás excitações e confesso-te que o aproveito, certo no entanto de que o faço com muito mais regra e decencia que a maioria d'esses mistificadores, tidos por filosofos, prégando abstinencias e sacrificios, e praticamente revelando-se uns crapulas como por exemplo o traste do Schopenhauer e o doido do Rousseau.

Mas a verdade é faltar-me alguma coisa, se é que pelo contrario a não tenho a mais.

Foi o diabo aquela volta por Coimbra. Sadio como me vejo, a grande fortuna haveria sido ter-me quedado pelas primeiras letras, a gozar os frutos da terra e os animaes que a povoam.

Porém o mal está feito. Trinquei a maçã e d'esse pecado se gerou o sexto sentido que neste momento me serve para estragar o prazer dos outros cinco.

Limitando-me a beber o leite da sebenta, a estas horas, depois de dez annos de descanço, deveria estar hibernando na paz da mais doce inconsciencia. Mas o diabo pôs-me diante dos

olhos os livros dos poetas e dos filosofos, e a eles devo a desgraça de não possuir uma alma como a do administrador do concelho.

Não posso escrever mais e muito me admiro do que fiz, porque é a primeira obra que não me fica no meio.

Valeu-me para isto convencer-me de que estava tomando um remedio que me havias receitado. Pódes acreditar que preferia bebèr um litro de oleo de ricinos, ou peor ainda, lêr dois capitulos da Sciencia da Logica do filosofo Hegel.

Estou para vêr o efeito que o remedio me vae produzir.

Do teu

Cristovam de Mello.

A Matilde já o havia chamado por duas vezes. O Mendes terminava a leitura, quando ella muito contrariada lhe veio dizer que o jantar se estragava de todo.

— Por melhor que seja esse jantar, respondeu-lhe o Mendes, não me saberá tão bem como ter lido esta carta.

A Matilde com os olhos a chispar curiosidade, aproveitando-se da confiança de que gosava, foi dizendo a experimentar:

— Carta que dê tanto gosto não é de nenhum doente barbado. . .

— Pois engana-se. E' mesmo de um doente que usa barbas.

— Bem me fio eu nessa...

— Vamos ao jantar.

A Matilde, sem se dar por convencida, foi pelo caminho ministrando conselhos ao Mendes: Que não havia nada que pagasse a liberdade de solteiro. «Ora, demais a mais um homem!... Tem tudo quanto quer. Da maneira como as mulheres estão, uma pessoa no logar do senhor doutor... só se fosse tolo.»

IV

O Mendes resolvido a cumprir o programa traçado, conforme o tempo lho permitia, foi escrevendo uma longa carta para o Cristovam. Obrigá-lo-ia a responder do mesmo modo, e por esse meio havia de conseguir um grande resultado, uma cura magnifica, ensaiando um processo ainda não experimentado.

A atitude do enfermo dava-lhe grandes esperanças. Notava já uma sensivel diferença. Via-se bem que tinha escrito com prazer, interessado, e, no desejo de reproduzir fielmente um quadro de sua natureza alegre, fôra contagiado por essa alegria. Sem duvida nenhuma a saude era uma grande força e, quando ella existe, nunca a tristeza consegue prevalecer.

Começava a interessá-lo a doença que alguma coisa revelava de original. Pelo menos lucraria o

passatempo agradavel que a experiencia em execução lhe proporcionava.

O Mendes dizia na sua carta:

Querido Meloca

Pelo visto, dez annos seguidos de vida rustica não te curaram dos vicios da cidade.

Admiras a natureza, sentes-lhe o halito e aprecia-lo, mas a afeição que a ella te prende vale por um amor platonico. E' uma adoração esteril, uma vã poesia. Nada fecundas, nada crias.

A tua inteligencia em contacto com a terra, a ponto de lhe ouvires o palpitar do coração, deu-te apenas o tedio dos almudes de vinho e dos moios de pão que ella rende. Dizes amá-la, porém vejo que não a compreendeste, nem a apreciaste; és quasi um estranho ao seu intimo convivio.

Curiosa insensibilidade a tua, e singular a perversão que te leva a procurar fóra d'esse ambiente aquilo que te falta.

Bem te vejo ferido na vaidade, anciando pela obra que ainda não iniciaste. Queres ser criador, dar corpo a um sonho vago, indeciso, e forma tangivel a qualquer coisa saída da tua inteligencia, do teu esforço, onde possas admirar-te. Precisas o monumento, a memoria plastica, documentada da tua passagem pela vida. Reconheces que até ao presente ainda não foste mais do que uma boa máquina animada, um solido apa-

relho registador de sensações, o que não vae além de um objecto passivo.

Sentes-te inferior e ambicionas a situação mais nobre de orgão activo.

Acho muito bem esse desejo, é um magnifico sintoma, a esclarecer o caso, e tanto assim que por elle chego a concluir, bastante confiado, que a tua existencia não hade liquidar em estrume.

Mas em boa verdade confesso que esperava um pouco mais da tua inteligencia. Sei que a instrução que recebeste e os meios empregados na modelação do teu caracter não te deram a posse de ti mesmo, nem te proporcionaram recursos para formares uma individualidade propria, independente e livre, apesar de muito ouvires falar em liberdade.

Não te ensinaram a observar, e não sabes pelo teu esforço produzir obra pessoal. Em pequeno meteram-te nas mãos um livro e d'elle fizeram o teu guarda e despota inflexivel. Havias de pensar como elle, mover-te á sua ordem, obedecer-lhe em tudo, e mais tarde apenas te seria permitido imitá-lo.

Declaras-me que já não lês e finges desprezar os poetas e filosofos, supondo que te libertaste do livro.

Como és ingenuo, amigo, como estás iludido!

Ao pensares na obra, ao sentires o desejo de criar, é ainda o livro que te enche a imaginação.

O fogo da mocidade ardido em vão, sem nada aquecer, a nebulosa ardente que havias de condensar em beleza inedita, modelar em forma

adoravel, ficou esteril, e o desgosto de veres a ambição desfeita, o grande sonho escavacado, resume-se afinal em bem pouco, provêm de algumas centenas de paginas que deixaste em branco.

Essa é a enormidade, a tremenda desgraça que te esmaga.

A insuficiencia que te aniquila, a coisa que te falta, para te sentires homem potente, elemento activo, força criadora, é um livro.

Eras poeta, eras filosofo, admiraram-te e recebeste homenagens quando assim te revelaste. E depois de tão prometedora mocidade, senhor de taes auspicios, recolheste á quinta dos Lagares e nada mais fizeste senão gozar os frutos e os seres que povoam as terras dos Caniços, esquecendo-te de escrever o livro, a grande obra.

Não é outra a causa da lamuria.

Começo por te afirmar que aprecio enlevado as paginas que deixaste em branco. Acho-as lindas, assim alvas, purissimas de toda a macula de tinta.

Não despejaste nellas a imundicie romantica que trazias na alma, não as sujaste com obscenidades galantes, não mentiste falsos amores, não imitaste esgares de nevrose, não cantaste os fracos sempre despreziveis, não foste um instrumento de perversão moral, nem um rufia de casaca, ou uma rascôa entafulada de rendas caras.

E assim acho adoravel a obra que não realizaste muito apreciavel o serviço prestado assim á

tua raça, ao teu paiz, á tua geração, não a poluindo com a tua poesia e os teus conceitos filosoficos.

Foi grandioso o teu silencio e adoravel o teu sacrificio presente.

A grande lastima consiste apenas em o contacto prolongado com a sugestão da natureza não haver chegado a inspirar-te a obra que deverás produzir.

Um livro ainda? Não! Primeiro, a obra que devia ser criada pela tua inteligencia e manipulada com os teus dedos. Depois, se te agradasse, farias o relatorio no papel que tens vontade de cobrir de tinta.

Estás sofrendo ainda do horrivel contagio literario; pesam sobre ti carradas de volumes e o mal da imitação, tolhendo-te o alcance da vista, apenas deixa, no horizonte em que vagueiam os teus sonhos de gloria, as tiras de papel em branco, para nellas amontoares letras, com as quaes mostrarias que és um homem.

Compreensivel o teu erro se habitasses uma grande cidade em que a vida toma o aspecto de um trabalho feito á maquina, um produto industrial, qualquer coisa de grosseiro artificio, ou de mecanismo imperfeito, mal acabado como um relogio americano. Aqui admite-se que se façam livros, que se acredite em livros, que se meçam homens pelos livros, pelas fantasias, pelas monstruosidades, pelos absurdos que nelles aparecem relatados.

Na cidade o horizonte é curto, sofre-se de miopia,

só ha vista para lêr palavras, ouvidos para ouvir palavras e não admira que se passe o tempo a dizer palavras e a escrever palavras.

Mas em Caniços, meu filho, diante d'esses montes, d'essas varzeas onde se vêem e ouvem tão poucas palavras, como é que tu, homem inteligente, ainda revelas seduções pela infima protervia literaria, a peste ignobil que tanto tem corrompido a humanidade?

Compreendo a tua ancia em produzires uma obra, e estou certo de que a produzirás, pois basta-me conhecer o desgosto que sentes pela tua inutilidade, para saber que o estimulo não ha de faltar-te quando a iniciares. Mas, ouve-me bem, tens de fazer coisa digna de um homem, um acto vivo, consequente, e portanto belo, da material beleza.

E no meio que te cerca has de concebê-la, edificá-la e perpetuá-la para que as gerações futuras saibam que exististe e fôste homem, isto é, um criador.

Não me compreendes, e não me admira, porque estou falando uma linguagem desusada, com um sentido diverso do que a rotina te gravou no entendimento.

Vamos ao detalhe para me entenderes melhor.

Sirvo-me do teu caso, da tua ambição, supondo que não mudou ainda o plasma e as tendencias que manifestaste.

E's ainda poeta e filosofo?

Pois essa ancia de beleza e de perfeição social

vaes aplicá-la concretamente, apresentando poesia viva e filosofia em acção.

São as flôres, as arvores, o contorno das coisas que te encantam? Pois cria flôres novas, cultiva as arvores, descobre-lhe os segredos, exigindo da terra modelos diversos dos que conheces, mais belos, mais vigorosos.

Se dando preferencia á filosofia, achas imperfeito o que te cerca, abre uma escola. Ahi tens homens, executa com elles as idéas que conceberes. Manipula a doutrina, pôe-na em movimento, e só depois de bem a haveres experimentado, reduzindo-a a uma equação viva, contarás com uma obra tua.

Podes então descrevê-la por meio de palavras alinhadas num livro.

Procedendo d'outro modo amontoarias os erros, e mal de quem te acreditasse!

A maioria dos filosofos e dos literatos são canalhas, ou mesmo autenticos bandidos, porque não experimentam a minima parcela dos actos que aconselham, e a humanidade insensata que os ouve tem chegado ás ultimas violencias quando tenta executá-los.

Repara que até Camões pretendeu ver com os seus olhos os perigos e as guerras esforçadas, para nos descrever feitos superiores ao que prometia a força humana, e nos aconselhar a que imitassemos, na constancia do esforço, os heroes que apresentou.

Não te parece conveniente procurar um remedio contra o vicio ruim que te descrevo?

Tanto se tem feito para combater a escrofula, arejando e insulando os corpos atacados, e nada para entravar a difusão da corêa literaria que provoca na mocidade esgares burlescos, a leva a imitar loucos, ou dementados,— refletidos no papel sujo pelos caracteres da imprensa.

A libertação do contagio literario provocará o descredito da gloria pedante e fátua, adquirida á custa de um esforço minimo, por todo o mocinho verboso, polvilhado de leituras, e tornará mais facil a exaltação do merito, fundado no trabalho produtivo, representando simplesmente um valor material.

Bem sabes que a filaucia dos intelectuaes, na sua maioria ingenuos fabricantes de palavras e construtores de absurdos inadaptaveis á acção, amesquinha e abandalha o esforço utilitario.

O que vale um tendeiro para um cerzidor de frases e conceitos ? O que vale o criador de uma pequena industria, de uma exploração agricola, ou coisa semelhante?

Vale apenas o seu altivo desdem. Se o tendeiro não faz versos detestaveis, se o industrial não inventa confusos disparates filosoficos, merecem apenas a atenção que fôr necessaria para descobrir os seus ridiculos.

Pois, amigo, o tendeiro, o pequeno industrial, ou o modesto agricultor revelaram mais talento, um mais real valor, ao darem vida á sua obra, que o palavreador, entendido em formulas literarias. Dispuseram de engenho, de um certo poder de invenção, revelaram método, disciplina, se-

guiram em ordem, foram videntes, sentiram o futuro e depois mostraram de todas as melhores virtudes que aos homens é dado possuir, a constancia no esforço, o espirito de sacrificio e resistencia á adversidade, pois no desenvolver da acção que os ocupou de tudo isso careceram.

Supõe os milhares de Inocencios que abalam de Portugal, como esse ahi de Caniços, e vão para o Brasil, menos preparados para a luta que noutros tempos os navegadores partidos á descoberta da India, e quando voltam ricos, pesa bem a colossal energia que houveram de dispender, para levarem a termo a ardua tarefa de fazer saír do nada aquilo que trazem comsigo.

Compara esse esforço, esse genio criador, esse heroismo de vontade com a placida quietação do gabinete, em que o literato sujou as suas tiras de papel, e diz-me depois se é ao ultimo que deves engrandecer como um real valor humano, olhando com desdem o merito do primeiro.

Anda tudo errado, prevertido, completamente fóra do senso commum, tido como bom o que não presta, e malquistado, sem prestigio, o que de facto representa alguma coisa.

Não deve então surpreender-nos a confusão que nos perturba, a desordem na nossa vida social e a de muitos que, como nós, prestam um demasiado culto á verbosidade literaria.

Tem paciencia, Cristovam, modera a tua impulsão, deixa em socego as tiras de papel e aproveita o desejo de acção que ultimamente me re-

velaste, para iniciares uma obra digna de um homem.

E será ahi, nesse cantinho de terra portuguesa, que ha dez annos tens debaixo dos sentidos, que ella nascerá.

Por muito distraído que julgues ter passado esses annos, muito aprendeste. Pelos teus olhos, pelos teus ouvidos, por toda a superficie da pele recebeste conhecimentos que aproveitarás.

Estou resolvido a cumprir a minha antiga promessa de te visitar. Conto demorar-me, porque desejo tomar um grande banho que me refresque o miolo e limpe o caracter.

Sabes que dez annos consecutivos de cidade enpulhecem a gente. Preciso conviver com Portugal, senti-lo em todo o meu corpo, esfregar nelle a minha alma, o que neste exgoto de Lisboa me não é permitido.

Espero encontrá-lo ahi com o Rabiça, o Manuel Caseiro, o Inocencio e os outros em que me falas e vou estimando como velhos conhecidos.

Durante os dias que ahi passar ajudar-te-hei a procurar assunto para a tua obra e estou seguro de que havemos de encontrá-lo.

N'essas horas de calma pensarei tambem na minha, que me preocupa ha muito e desejo em breve pôr em começo de execução.

E' certo que já tenho cumprido um grande trabalho preparatorio, durante estes dez annos de labuta, adquirindo meios e conhecimentos que me permitem entrar em acção; mas por emquan-

to ainda não fiz nada que aos meus proprios olhos valha alguma coisa.

O que ha pouco te disse deve ter sido bastante para comprehenderes o sentido d'estas minhas ultimas palavras.

E' preciso viver o que se escreve, senti-lo com os olhos, os ouvidos e o tacto, para não se cometer a infamia de mentir.

Começar a escrever só porque se leu, porque se atafulhou a cabeça de representações verbaes de sentimentos, atitudes e conceitos que não podemos sujeitar á prova experimental, é uma abjeção equivalente a meter no pé uma grilheta, ou no pescoço uma coleira.

Tu não farás isso e has de convencer-te de que fechando o tinteiro, ao menos por emquanto, praticas um acto digno, e acabarás por compreender quanto é miseravel a condição moral de grande numero de autores de livros, e de quanto é ridicula a sua atitude ao pretenderem fazer-se passar por um valor de selecção.

Conheces bem como é avultado o numero das pobres vitimas da febre literaria, sarampo que ataca os jovens a partir dos quinze annos, o qual te contagiou a ti e continúa alastrando com insubmissa violencia. Lembra-te como são orgulhosos todos os sujadores de tiras de papel, pois sabes que elles dividem a humanidade em duas classes, a dos que sujam e a dos que não sujam papel de imprensa, a estes sendo permitido apenas adorarem os outros.

Queixas-te da monotona simplicidade em que

passaste os ultimos dez anos, e pareces enfastiado da perpetua calma.

Não sabes, porém, como é dolorosa a continua excitação, e fatigante representar a alta comedia social, passando a vida a mentir.

*

Ha dias, quando ao saltar da cama abri o jornal, topei com a noticia da morte da menina Fernanda, «a dilecta filha do nosso amigo e distincto correligionario dr. Lopes Buzzi. Acompanhamos na sua pungente dôr, dizia o jornal, os seus desolados paes, pela perda irreparavel da adorada filha.»

Ora a menina Fernanda conheci-a eu desde a primeira hora de vida e logo aos seis mezes suspeitei que não seria por ella que a dinastia dos Buzzi viria a ter sucessão.

O dr. Buzzi, contaram-me que é descendente de um Lopes da Buzina, ahi de qualquer terra da Beira. Não se sabe bem como, o certo é que ao chegar a Lisboa com a sua carta de bacharel, esse senhor apareceu de nome afidalgado por um corte á italiana.

Pois ha uma semana chamaram-me, logo de manhã, para casa de M.me Buzzi, assim a tratam em sociedade, para ver a menina, sem demora, porque estava muito mal.

Relataram-me que depois de uma noite agitada, quasi sem pregar olho, sempre inquieta, a rabujar, vomitara pela madrugada, começando aos gritos e a levar as mãos á cabeça, a dizer constantemente «doe, doe»

A Fernandinha andava triste, mas por ser nervosa não fizeram grande caso. Tomara sempre o remedio.

— Não é verdade, Luisa, que tem dado sempre o remedio á menina?

— Ora essa, minha senhora.

A criança de cabeça hirta, cravada no travesseiro, com a respiração entrecortada de suspiros fundos, agitava as pernas e os bracitos, procurando a dobra do lençol, de palpebras meio cerradas e mordendo os labios.

A mãe, de cara embaciada, o cabelo descomposto, mal acordada ainda, explicava que ao entrar ás quatro da manhã nada percebera.

A's 7 horas a Luisa fôra avisar que a pequena estava exquisita. «Por isso incomodamos o doutor para ver, não seja de cuidado . . .»

O marido com a bigodeira caída para a bôca, empastada a um dos cantos, mal abria os olhos e não dizia palavra.

Com as mãos nos bolsos do roupão, estava de pé, encostado á borda da cama, fazendo com o seu religioso silencio todo o possivel por que o fim da minha observação o autorizasse a mergulhar na cama, tranquilamente persuadido de que não valera a pena cortar o seu rico sono.

No entanto o meu exame foi-se prolongando e a mãe ia sendo tomada de receios.

— Então, doutor, acha alguma coisa grave?

O marido permanecia calmo.

— Não te ponhas já com nervos. Então porque

a pequena não dormiu bem de noite, logo ha de estar em perigo?

Pedi um termometro. A mãe foi procurá-lo, mas não o encontrava. O Lopes muito aborrecido correu a auxiliá-la e fiquei só com a criada que teve pressa em saber se a doença seria de cuidado.

—Sem duvida nenhuma.

—O que será?

—Não me parece coisa boa.

—Então vae-se?

—Se a minha suspeita se confirma está o diabo.

—E' a boa altura de saír.

—Para onde?

—Não fico nesta casa nem mais uma hora. O senhor doutor ponha-se no meu logar: rara é a noite que não me deito depois das quatro da manhã. Elles parece que lhes falta aqui o ar. Andam sempre no alevante. E' só o tempo de comer e de dormir. Estou até aqui. Nada! que um d'estes dias fui á consulta e o doutor descobriu-me um grande esfalfamento no corpo e uma anemia muito forte no sangue; até me disse que precisava d'umas picadas. E ficar eu agora a aguentar o trabalho d'uma doença d'estas? O que me faz pena é a menina, coitadinha! comigo é que se encontrava. Mas assim como assim ella sempre é capaz de morrer; a mãe que sofra agora o resto, que muito já eu padeci por causa d'ella.

Fez uma pausa e a seguir perguntou:

—As picadas são boas para o esfalfamento?

A mãe entrou muito contrariada porque não

dera com o termometro. Estava naquela gaveta do toucador. A Luisa não lhe teria mexido?

—Não me faltava mais nada! A mim nunca ninguem me viu meter o nariz nas gavetas dos patrões. Andei por muita casa e nunca sujei as minhas mãos.

—Mas ó creatura...

—Eu cá não sou d'essas. Ora não querem lá vêr...

E raivosa partiu a resmungar.

O Lopes ia explodir, mas a esposa conteve-o.

Rematei que não valia a pena desinquietar por tão pouco. Passava-se sem o termometro. A febre não devia ser muito elevada.

A menina ia tomar um banho e em seguida uma poção.

—Mas não será coisa de cuidado?

A criança deu um grito estridulo, agitou os braços e suspirando fundo quedou-se imovel, de olhos fechados.

A mãe estremeceu, fitou-me com anciedade e eu mostrei-lhe uma cara de pedra, inexpressiva.

O Lopes a morder a bigodeira, trejeiteava com a cabeça, de sobrolho carregado.

—Não ha animal mais estupido que uma criada!—barafustou.

—Mas, doutor, que lhe parece?—perguntou ella.

—Volto d'aqui a bocado. E' necessario fazer uma picada ao fundo da espinha para retirar um liquido que tem de se analisar.

—Socegue-me por quem é! A minha filha está muito mal?

A criança deu outro grito, penetrante como um golpe de bisturi. Quiz levantar-se, agitou-se, voltando depois á mesma posição.

—O doutor receia alguma coisa má?

—Nada posso dizer, por emquanto.

Caiu aos pés da cama a soluçar.

O Lopes tentou serená-la. Que diabo! O doutor ainda não tinha dito nada, para estar naquelle arrebatamento. O caso não havia de ser de morte.

Tive que ajudar. Sem duvida, era cedo de mais para ficar de cabeça perdida. Fui escrever a receita e o Lopes, acompanhando-me até á porta, quiz saber de que se tratava.

—Meu amigo, vou muito mal impressionado, e nada lhe respondo por emquanto. Deixe-me formar um juizo seguro. E' possivel ainda que os meus receios sejam infundados e portanto não quero desassocegá-lo. Volto d'aqui a pouco.

Parti convencido de ter pela frente a meningite, visita nada de surpreender na pobre criança que nunca me pareceu fadada para largo destino.

O Lopes e a Alice Fernandes não se casaram no proposito de terem filhos.

Elle viera de Coimbra com um papel concedido na Universidade, a que chamava uma carta de apresentação nas salas guarnecidas de boas poltronas para exposição de sogras, em condições de um bacharel escolher bem á vontade e sem pressa nenhuma.

Chegara com fama de espirituoso, um tanto ou

quanto poeta, e por ser intimo dos mocinhos indigenas de Lisboa, não lhe foi dificil recitar um soneto em casa de madame Fraguas, onde em certos dias se fornece, com chá e bolos, uma boa escolha de artes acusticas ás sogras que o Lopes desejava conhecer.

M.elle Fernandes garganteava e tinha ideaes. Versada em literatura, admirava muito a divindade do sr. Bourget, a ponto de me querer convencer, numa ocasião em que a tratei de perturbações das regras, da incontestavel soberania mental d'esse escritor.

Devo afirmar-te que não o conseguiu.

Recomendei-lhe que lesse Molière de preferencia; não a emocionaria tanto. Foi de parecer que os modernos autores conheciam melhor as almas e sabiam ferir os pontos sensiveis, com mais precisão. Arte que não fizesse vibrar, e não provocasse o espasmo dos sentidos, não podia ter o nome de arte.

A menina Alice não passava, como vês, de uma bacorinha, bem preparada para comer na gamela cheia pela caldivana mental do Lopes.

Casaram e pouco depois no decorrer de uma conversa declarou-me elle um dia que os filhos eram uma fifia no concerto do amor.

No entanto a Fernandita, que agora vae a enterrar, apareceu.

O homem tinha razão. A pequena foi uma desagradavel fifia da natureza, que melhor procederia esterilizando as mulheres sujeitas a espasmos diante das paginas dos livros.

O Lopes depois de casado não deixou de recitar o soneto, nas noites de arte, muito repetidas, em que a Alice garganteava passagens da *Manon* de Massenet e algumas canções francesas.

A's tardes, ella tomava chá através de Lisboa, e elle pelas portas do Chiado fumava charutos, expondo diante de uma academia de mocinhos os seus conceitos sociaes.

Pertence-lhe a opinião de que os homens superiores se dividem em duas categorias distintas. Uma, a dos que trabalham em coisas utilitarias, outra, a dos que as gozam. Os primeiros só teem prazer na actividade, e são felizes em produzi-las. Os segundos constituem o publico inteligente para as apreciar. Completam-se uma á outra e ambas são necessarias.

O Adriano Rodrigues, pae da Alice, grande industrial, estava naturalmente na primeira categoria.

A pequenita foi logo á nascença entregue à uma ama que não a deixou robusta, e depois d'isso viveu com as criadas, porque a mãe precisava dormir até ao meio-dia, tomar guloseimas á tarde, e á noite cantar a *Manon*, jogar o bridge, ou relatar as impressões colhidas nos livros. Nunca pude conseguir para a criança um tratamento regular, bem cadenciado. Todo o seu viver se fazia sem ritmo.

A avó, frequentes vezes, ia buscá-la de automovel e passeava-a pelas casas onde tomava chá. O avô divertia-a pelos animatografos.

Mas a criadora era de facto a Luisa, ao serviço da casa desde que a pequena fôra desmamada. Dotada de uma serena estupidez, andava constantemente preocupada com a sua febre interior que se manifestava com pontadas no peito e uma fraqueza que as gemadas não faziam passar, nem mesmo o vinho quinado. Nesses periodos criticos era mal humorada e a criança tinha de se entristecer e chorar, porque se não fosse a menina, não estaria ella naquelle estado. Andar sempre a limpar e a arrumar despedaçava-lhe as cruzes. Não estava para mais, ia-se embora. «Quem os tem que os ature.»

A criança moía os olhos a chorar, criava olheiras e perdia o apetite.

Estás vendo como se preparou o episodio de aquela madrugada.

Proximo do meio dia voltei como prometera e logo á entrada notei o alvoroço.

Veio ao meu encontro a Berta Casaes, intima d'esta casa e de todas as casas onde pode vender bilhetes para recitas em beneficio d'uma familia pobre. Com ella entrei para a sala.

Não estava em si com a noticia de tamanha fatalidade. Coitada da Alice, tão boazinha, e tão sensivel, que horror! E a criança, que pena, tão bonitinha, mesmo um amorsinho... Uma coisa assim, de repente, era de perder a cabeça. Ultimamente a pequena parecera-lhe triste, mas como o doutor a achava forte...

— Eu nunca achei tal coisa...

— Pois a Alice...

— Mas não percamos tempo.

Encaminhei-me para o quarto seguido pela Casaes e quando iamos no corredor sentiu-se o grito da criança, maguando como o silvo agudo d'uma locomotiva, rente do ouvido. Apesar de curto parecia ecoar nas paredes e atravessar o craneo. Enchia a casa toda, fazendo parar as respirações.

A Casaes estacou, declarando:

— E' horrivel este grito! Pobre anjinho, muito deve sofrer.

De dentro do quarto saiu o avô apressado tapando os ouvidos:

— Não posso, não posso, é superior ás minhas forças. Faz-me perder a cabeça.

Apertou-me a mão e desculpando-se contou-me que achando a criança naquelle estado, e porque eu me demorava fora buscar o João Crisostomo ao hospital. Tinha acabado de dar lição aos rapazes e estava ali. Era para conferenciarmos. Quatro olhos sempre viam mais do que dois. Que eu não devia levar a mal, nas aflições recorre-se a tudo.

— Ao menos façam-me cessar estes gritos.

A Casaes achava que sim. O João Crisostomo havia de encontrar um remedio.

Entrei no quarto silenciosamente. Perto da cabeceira, sentado numa cadeira, tendo sobre o joelho uma pasta cheia de papeis, um rapaz de barba preta e oculos de ouro tateava o pulso da criança. O João Crisostomo, de pé, estava de costas para a porta, e a Alice de joelhos, meio estendida junto da cama, a cabeça desgre-

nhada, ao lado da mãe, que ainda de chapéu, lhe segurava uma das mãos. O Lopes, ao fundo, no vão da janela tinha os olhos cravados no chão.

O sujeito de barba preta acabara de tatear o pulso, tomando em seguida nota num papel, carregado já de rabiscos.

— Quantas?—perguntou João Crisostomo.

— Apenas 70.

— A temperatura é 39 e...

— E quatro.

— Então, se a regra não falha...

O Lopes notou a minha presença.

— Ah! o dr. Mendes.

João Crisostomo voltou-se com solenidade e apertou-me a mão.

— Esperavamos o colega. Ali o Soares, não sei se conhece, o meu assistente, está colhendo algumas notas e temos tudo preparado para fazer uma punção lombar. Como é muito pratico nisso mandei-o chamar.

— Ha pouco saí por a julgar necessaria e venho prevenido.

A criança silvou outro grito. O Soares viu o relogio, tomou nota no papel, tateou o pulso, escreveu de novo e em seguida cumprimentou-me, de olhos no chão, com ar grave, e a cabeça pendente.

— Podemos então ir conversar um instante? —perguntou o professor Crisostomo.

O Lopes conduziu-nos ao escritorio e pediu para ficar, se não achassem inconveniente.

Pois não, seria até vantajoso para qualquer informação.

Contei que vira nascer a criança e mais ou menos havia seguido o seu desenvolvimento.

Tivera uma criação regular, os dentes sairam em regra, não sofrera convulsões, nem doenças febris. Comtudo mostrou-se sempre franzina, um tanto palida, de carnes moles e sem grande vivacidade.

João Crisostomo meneava a cabeça, com ar muito grave, o mais catedratico possivel. O Soares com a pasta sobre os joelhos fitava respeitosamente o mestre.

Relatei depois que a pequena padecia de insonias frequentes e perturbações do estado geral, acompanhadas de febre, que sempre atribui a ligeiras infecções no intestino.

Aqui João Crisostomo esboçou um sorriso e levantou o dedo indicador para o Soares, que logo entendeu a anotação, porque disse que sim com a cabeça.

Nada porém, continuei informando, nestes tempos mais proximos me fizera prever o que de subito aparecera, cuja significação não oferecia duvidas.

O diagnostico, conclui, só pode ser um e tratamento eficaz não vejo nenhum.

O professor Crisostomo propôs então que o Soares lêsse as notas que tinha tomado.

Era uma questão de metodo. Havia toda a vantagem em redigir as observações. Conseguia-se

por esse modo uma grande documentação scientifica.

E perorou lamentando o pessimo habito dos clinicos não escreverem as historias das doenças que tratavam.

Quiz saber se eu concordava.

Ora, se não havia de concordar. Poderia ser um belo habito quando viesse a existir.

O Soares principiou a lêr as suas notas em que dizia ser a doente uma criança de 4 anos, de constituição fraca, oriunda de paes robustos.

O Lopes contestou que sua mulher não era tal robusta. Muito nervosa, sofria de prisão de ventre e ás vezes de mau halito.

O Soares um momento perplexo, a um signal do mestre continuou:

— Foi amamentada por uma ama que bebia vinho ás escondidas, deitou o primeiro dente aos 7 mezes e caminhou aos 13. Aos 2 anos caiu de uma cadeira, ficando com uma nodoa negra no quadril direito, face externa, que desappareceu rapidamente. Aos 3 anos sofreu um grande susto, porque indo ao colo da criada, esta escorregou pela escada abaixo; chorou muito, custou a adormecer, manifestando-se um pesadelo nessa noite.

A seguir contou ainda muitos episodios interessantes como estes, que João Crisostomo escutara de olhos fechados, parecendo em extase. Gastou 10 minutos com o prologo e quando chegou á descrição do que tinha visto e observado, notou-lhe tres pontos rosados na testa do tamanho de cabeças de alfinete, a lingua revelava cambiantes

diversos de complicada topografia, notada com apreciavel matematica. A respiração era irregular, de tipo não definido, lembrando, muito ao de leve, um Cheyne-Stokes atenuado. As pernas dobravam em «cão de fusil».

Nesta altura o Lopes esbugalhou os olhos atonito. João Crisostomo aprovou.

Pelo relatorio via-se que a criança fôra sujeita a muitas experiencias com os pés, as pernas, os olhos e a cabeça.

Os gritos ouviam-se de 10 em 10 minutos aproximadamente. Com os gritos não coincidia nenhuma alteração do pulso.

Depois de tanto trabalho o Soares discutia, citando autores alemães e franceses, se devia classificar-se a doença de encefalite, ou de meningite. Mas nesta altura já não lia, falava, de olhos fitos no soalho, em tom de reza, com uma voz sêca e fria, talqualmente a voz da sciencia. O Soares despejou erudição ás golfadas, que João Crisostomo sorridente aplaudia com a cabeça.

Por fim, depois d'uma terrivel controversia estabelecida no seu torturado espirito, apelava para o veredictum da punção lombar.

— E' a *ultima ratio*, concordou João Crisostomo. Bem haja Quincke, por ter-nos apresentado em mão esse luminoso meio de diagnostico.

Era certo que João Crisostomo estava contente com a sua obra, um discipulo feito á sua imagem, a materialização do seu metodo de ensino, o seu continuador.

O Soares meteu cautelosamente na pasta os papeis lidos e silencioso esperou.

João Crisostomo, feita uma curta pausa contemplativa, sentenciou:

— Após a minuciosa observação e lucidas deduções que acabamos de ouvir, não hesito em concordar plenamente com o procedimento a haver com a doente. O colega Mendes dirá.

Devo confessar-te que me sentia bastante aborrecido com a farfalhuda exposição da joven luminaria e não pude reprimir-me de o manifestar.

— Não teria sido necessario tanto trabalho para chegarmos á conclusão de que já estavamos de acordo antes de termos entrado para aqui.

João Crisostomo retrucou olimpicamente:

— A mim nunca me fatiga estudar bem um doente.

— Perfeitamente! Vamos á punção.

Os dois saíram do escritorio e eu senti-me agarrado pela aba do casaco.

Era o Lopes muito contrariado a perguntar-me:

— Mas, doutor, depois de tanta e tão detestavel literatura, fiquei sem saber o nome da doença. A pequena salva-se ou não?

— Por emquanto tratou-se de salvar a honra da sciencia, quanto ao mais vae-se começar agora. Tenha coragem, meu amigo, e prepare-se para todas as hipoteses.

No Lopes acordou então o sentimento de pae e caiu numa cadeira a chorar.

Confortei-o como pude e fui direito ao quarto da criança onde o Soares, tendo pedido a todos que se retirassem, estava fazendo preparos para a operação.

A pequena de palpebras meio cerradas, atirava descompassadamente com os braços e esboçava contracções na face. Fóra da porta cochichava-se e ouviam-se suspiros abafados.

O Soares tendo sentado a criança de costas para a janela, segurando entre os dedos a agulha ofereceu-a ao mestre que declarou estar na melhor mão.

Cravou-a então a fundo entre as vertebras; a pequena debateu-se, gritou e o liquido transparente como um cristal, gota a gota foi saindo.

Finda a operação João Crisostomo pôs-se a mirar o tubo contra a luz da janela

— Cá estão. Você vê, Soares?

Perfeitamente, o Soares via muito bem. Fui tambem espreitar e nada descobri.

— O colega Mendes não vê?

— O que é preciso vêr?

— Uns grãos tenuissimos, como a poeira num raio do sol.

— Vejo apenas o sol, sem poeira.

João Crisostomo explicou paternalmente:

— Na meningite tuberculosa o liquido contém particulas em suspensão. Aqui são rarissimas. E' preciso estar acostumado a vêr estas coisas...

O Soares confirmava:

— Não ha duvida que tem. Os autores são concordes nesse ponto.

— Se os autores assim o afirmam, não tenho remedio senão vêr—declarei.

O Soares carregou a viseira e o João Crisostomo sorriu piedosamente da minha insuficiencia.

Quando saímos do quarto a Alice correu a soluçar para junto da filha. Vinha desgrenhada, com as faces ensopadas em lagrimas, o roupão desabotoado no peito, mostrando o colo e a camisa, de seios quasi á vela, inteiramente alheia ao pudor e ao aparato. Aparecia a mãe ao natural, de alma lacerada pela catastrofe iminente, esquecendo-se de que era mulher com encantos bem qualificados. Toda a arte meditada, a atitude decorativa, feita espontanea pelo habito, se havia sumido ficando apenas o animal femea, que ao reconhecer em perigo o fruto do seu ventre, regressara ao instinto sendo apenas mãe como todas as outras da criação.

A Berta Casaes e o Rodrigues vieram ao encontro do João Crisostomo para saber se a operação tinha corrido bem, se poderia haver esperanças.

Não chegara ainda o momento dos desesperos. A sciencia ia exaurir todos os meios, porém a situação não era agradavel. O vento soprava rijo, anunciando tempestade.

O Rodrigues ficou sucumbido com a resposta e a Casaes pôs-se a dizer muito animosa:

— Ora, o doutor tem feito verdadeiros milagres e vae operar mais um nesta casa. Ha-de salvar-nos este anjinho.

E elle, muito modestamente:

— V. ex.ª exagera os meus meritos. A natureza adota decisões que o meu empenho não demove e diante das quaes todos os mestres teem de se curvar. Emfim, o caso está muito bem entregue ao colega Mendes, que esgotará os mais soberanos recursos.

O Rodrigues atalhou que lhe havia de fazer o favor de continuar a vir. Eu desculparia, não tomasse por falta de confiança, mas naquelas ocasiões dois não eram demais.

João Crisostomo concordava n'uma visita de vez em quando, sempre que eu reclamasse.

De modo nenhum, tinha de vir todos os dias, exigia o Rodrigues.

O Lopes entre a meia porta aberta do escritorio assistia quasi indiferente á discussão.

A Casaes foi falar-lhe a meia voz e percebi que estava exaltando a vantagem de que João Crisostomo continuasse. O Lopes como resposta encolheu os hombros.

Ficou combinado fazer-se a vontade ao Rodrigues e entramos no escritorio para assentar no tratamento.

A criança tinha cessado com os gritos. A Casaes veio annunciar que depois da operação ficara mais socegadinha. Talvez fôsse já uma melhora. Ella, não sabia bem porquê, confiava no milagre. E desapareceu.

João Crisostomo antes de entrar no assunto quedou-se a olhar as telas suspensas da parede. Ao centro, na composição maior aparecia um

velho de cabeça branca e pescoço vincado de rugas, sentado a lêr um livro, apoiado em um dos braços da cadeira.

O autor havia detalhado o estudo da mão que João Crisostomo reprovou. Um velho d'aquela edade, um burguês sedentario não podia ter a mão assim. A pele era fina de mais sem o tom caracteristico. Os dedos estavam muito direitos. Com nodosidades de Heberden ficaria um velho burguês mais natural.

O Soares concordou imediatamente.

— Mas se o homem não sofria de gota—observei-lhe. E, quem sabe, talvez se tivesse tratado pelo metodo de Guelpa.

— O metodo de Guelpa, bem o conheço!

O Soares devia estar lembrado d'aquelle sujeito que tinha ido lá fóra tratar-se com o homem. Cada falange cada rosario de bolotas. Uma bella mão para museu. O metodo de Guelpa! Uma fantasia de João Semana. Aquilo nunca fôra sciencia. O Soares aprovou com um sorriso desdenhoso.

Chamado a depôr, não me apresentei muito discordante.

Na verdade as doutrinas de Guelpa eram claras de mais. Se fôssem bastante confusas, talvez lhe pegassem melhor. Toda a gente as entendia, o que constituia um defeito grave. Para ser boa, a sciencia devia entrar um pouco na metafisica. Um misterio possuia sempre encantos porque todos gostam de fingir que o percebem.

— Não é verdade, colega Soares?

Olhou-me por cima dos oculos e mastigou:

— Tambem ha quem chame nomes a tudo o que não entende. Nem todas as inteligencias são eguaes, mas d'isso não são culpados os que vêem mais alguma coisa.

— Ora, nem mais — rematou João Crisostomo.

Discutiu-se o tratamento a seguir. Não havia grande escolha a fazer; empregariamos paliativos, cada um recorrendo ao que julgasse mais util de ocasião.

A Casaes abriu a porta, pedindo muita desculpa de vir interromper, mas M.me Rodrigues sentia-se mal disposta. Se iamos vê-la . . .

Estava na sala de jantar, sentada junto da mesa, de cabeça apoiada na mão. Queixava-se de ter a cabeça tonta e uma agonia, palpitações, um grande mal estar, muito exquisita.

Seria melhor encostar-se, pôr-se á vontade.

Amparada pela Casaes foi deitar-se sobre uma cama. Desapertou-se-lhe o colete e as banhas trasbordaram, espalhando-se na colcha em oscilações.

Respirou fundo. A posição era melhor, mas continuava mal . . . aquela agonia e um ardor no estomago . . .

João Crisostomo voltando-se para o Soares, explicou:

— E' o pneumogastrico respondendo á excitação cerebral.

O Soares aprovou meneando a cabeça.

— O trauma psiquico raro deixa de agredir o simpatico — proseguiu João Crisostomo.

M.me Rodrigues em ancias queria vomitar, afligiam-na eructações continuadas e sentia um nó ali, na garganta.

João Crisostomo preleccionava:

— Vê, Soares, lá está a constricção coincidindo com as eructações insipidas. Lembra-se de que no meu entender ella procede de causa aerofagica?

O Soares aprovou bebendo-lhe as palavras em silencio.

E voltando-se para mim:

— A bola histerica, ha muito assim o creio...

— Não acha que fariamos bem em dar uma bebida quente?

— Sim, qualquer coisa, acho bem.

— Estou muito mal, doutor!—gemeu a Rodrigues. Sinto-me tão agoniada . . .

— Não é nada, minha senhora. O colega Mendes vae tentar aliviá-la e eu retiro-me.

Despediu-se e que voltaria á noite.

Saiu com o Soares e parando entre a porta em atitude magistral:

—Veja como a criança socegou. E' uma grande coisa a punção lombar.

E seguiu. A voz do Soares ainda rumorejou a distancia num tom de humildade: «Os autores alemães...»

No dia seguinte a doença havia chegado ao extremo do periodo de excitação. Os gritos lancinantes, agudos, fortissimos percebiam-se na escada.

Logo á entrada o guarda-portão torceu o nariz. Na sua, a menina estava perdida. A senhora

do quarto andar, que é irmã d'um droguista da Baixa, garantia que de tal molestia ninguem escapava.

Todos no predio estavam com muita pena, tinham ido saber. A inquilina do 2.º andar dissera que o sobrinho d'ella sofrera um ameaço que fôra atalhado com bichas no pescoço. O do rés-do-chão, que é major, tambem contara que ao filho d'um camarada, com a mesma doença, o trataram com banhos e morrera. O guarda-portão, d'essa historia de banhos não era muito de opinião.

Viera o poder do mundo perguntar pela menina. O sr. dr. Buzio tinha muitas relações. E eram trens, automoveis, tudo gente fina.

Acompanhou-me até ao 2.º esquerdo, sempre tagarelando, e á porta ofereceu-se, se fôsse preciso alguma coisa, ir á botica, ou levar as urinas. Agora todos os doutores que vinham ao predio queriam experimentar as urinas. Antigamente para descobrir a doença, diziam que era um purgante, mas agora parece que é mandar a urina.

Entrei e elle da porta pediu informações á criada por um aceno, que lhe respondeu encolhendo os hombros.

Dentro andava-se nos bicos dos pés. Ao meu encontro veio a Casaes.

— Ai, muito mal, muito mal, foi uma noite horrivel. Pouco depois de o doutor sair, começou aos gritos de instante a instante, a labutar com os bracinhos, fazia uns trejeitos com a cara e agora manifestou-se não sei o quê na vista. Mas estes

gritos, estes gritos é que são de cortar o coração.

O Lopes aproximou-se, de cabeça baixa e apertou-me a mão sem dizer palavra.

— A Alice, continuou a Casaes, é preciso que o doutor olhe por ella. Não comeu, não dormiu, não arredou pé da cabeceira.

Fomos caminhando direito ao quarto.

A mãe debruçada para o rosto da criança, bebia-lhe o halito, segurando-lhe uma das mãos, de olhos esgazeados. Chamava-a pelo nome e ella ficava inexpressiva.

Reparou em mim e de voz amargurada, trémula de anciedade:

— A minha filha não ouve...

A pequena contraiu a face em movimentos rapidos e convulsos, abriu os olhos que então vi tomados de estrabismo, soltou um grito e trejeiteou com os dedos.

— Veja, tem os bracinhos sempre a tremer e uma respiração tão desigual. Vomita tudo até a agua. Quando se lhe toca geme, parece que lhe doe. Oh! doutor, a minha filha está muito mal, para que me engana?

Sabes que chega um momento em que a emoção alheia se nos transmite e as palavras de consolação prendem-se na garganta. Nesta profissão é preciso adquirir uma mascara de comediante, que nos obedeça a ponto de conseguir-se representar o que convem. Mas ás vezes a alma pode mais que o treino adquirido e em vez da expressão adequada, aparece a verdadeira, traduzindo a magua que nos contagia.

A pobre mãe leu-me a verdade nos olhos e rompeu num choro aflitivo.

— A minha filha não se salva! Vae morrer este anjinho!

A Casaes foi ampará-la, confortando-a: que não havia de ser assim. Ainda estava viva e «emquanto ha vida, ha esperança. Acontece tanta coisa . . .»

Soluçava, agarrando os cabelos em movimentos de desespero. O Lopes acercou-se tambem:

— Vamos, filha, é preciso cobrar animo . . .

Aconselhei que seria melhor retirá-la d'ali, deitá-la sobre a cama.

Deixou-se conduzir docilmente amparada pelos dois.

A Luisa acudiu com a cabeça embrulhada num lenço e um chale pelas costas, meio adormecida, mal humorada.

Perdera toda a noite, não podia com o serviço. Nem sabia como estava de pé, parecia-lhe que tinha uma faca espetada no coração. Aquella fraqueza no peito matava-a. Decididamente ia-se embora.

— Mas é uma crueldade abandonar a casa numa situação d'estas.

— Pois sim, mas a pobre no fim de tudo tem de malhar com os ossos no hospital.

Ouvia-se lá dentro a voz da Alice clamar: «E não posso eu dar-lhe a minha vida, salvá-la com todo o meu sangue, é horrivel, é horrivel.»

A Luisa não se comovia com o lamento:

—Agora desanda-lhe o nervoso para a paixão.

Emquanto a julgou com saude, quiz lá saber da infeliz. A Luisa é que fez de mãe. O senhor disse-lhe para ficar todo o anno no Estoril. Veja se ella ficou. Quando os outros se vieram embora, começou a faltar-lhe o ar. E olhe que a inocentinha dava-se lá muito bem. Se eu tivesse uma filha até me parece...

Não encontrando expressão adequada, arrancou um suspiro do peito asexual, mirrado como um cesto de vime. Os olhos lampejaram-lhe gulosos de caricias e um sorriso amargo sublinhou a sua esterilidade.

Voltou a falar da sua doença, nas picadas e na resolução de deixar a casa.

A criança contraiu a face de novo em esgares convulsos.

Luisa condoeu-se e tocada de afeição aproximou-se da cama, falou-lhe com ternura, de olhos rasos de lagrimas e perguntou-me:

— Então não ha remedio para isto?

— Nenhum.

O Lopes entrou e reparando na pequena tapou os olhos com as mãos.

— Outra vez o espectaculo atroz. Mas que abominavel suplicio.

Deixou-se cair numa cadeira amarfanhado.

Fui para elle, animando-o:

— Já passou. Estas crises não duram. A fase mais desagradavel é esta.

Levantou a cabeça e vendo-a mais tranquila:

— Mas é estupida a natureza, é grosseira, bestial, fazendo representar a uma criança estas sce-

nas horriveis, pondo-lhe na cara mascaras hediondas, com expressões diabolicas...

— E' verdade, e agrada-lhe o capricho de zombar das nossas criticas e da nossa impotencia.

— Não ha então nada a fazer?

— Está tudo feito, meu amigo.

— Mais nada a tentar?

— De util nada vejo.

— Mas alguem para ahi... Olhe desculpe-me, entra tanta gente e cada um diz o que lhe lembra. Uma feira de opiniões, um horror! Adivinho lá se são elles os imbecis, ou se sou eu. Um inferno, um naufragio, o diabo...

— Bem sei. Vamos, com franqueza, falaram-lhe, decerto, na homeopatia, em outros medicos, em curandeiros, em remedios secretos...

— Pois é tudo isso. Mas eu creio lá...

— Não crê, mas duvida e é o bastante. Sou eu agora que lho peço, experimente. D'ahi lhe virá pelo menos um socego de espirito. No seu caso, quem sabe se eu proprio não seria capaz de experimentar? Não ha sceptico nenhum que não acredite em milagres. Pela minha parte não posso iludi-lo com esperanças porque não me resta nenhuma.

Despedi-me. Dei umas sumarias instruções á Casaes e prometi voltar á noite.

Ao descer a escada os vezinhos apareceram á porta a saber, para matar a curiosidade, ficando a cochichar comentarios.

O guarda-portão arrastando uma perna, por causa do maldito reumatico que resistira a tres

annos seguidos de Caldas, tambem quiz informar-se. Respondi que não ia bem. Deu-me logo a sua opinião:

— Essas taes doenças de cabeça só vão com terra por cima. Mal empregadinha! Era uma criança que fazia gosto.

Nesse dia muita gente me falou na pequenita. A Casaes havia badalado a noticia por toda a Lisboa que toma chá ás cinco horas.

Lamentava-se muito a Alice e todos achavam que ella dizia com imensa graça cançonetas francesas.

Ao atravessar no automovel a rua do Ouro a Teresa Pinheiro com uns grandes acenos fez-me parar. Apeei-me e ella aproximou-se, desfeita em exclamações, em gestos, em perguntas; nem pudera almoçar, estava com dores de cabeça, uma fatalidade, uma catastrofe, como se apanhava uma meningite, se fôra pegado, tem-se inventado tanto remedio, parecia impossivel... qual a opinião do João Crisostomo, tambem isso de chamar o João Crisostomo para tudo era mania, para sua dôr de cabeça não descobrira nada.

A Pinheiro revelou por fim que a Alice entrava nuns coros gregos, vestidos á epoca e ia fazer muita falta. «Coitada, já tinha encomendado o vestido . . .»

A' tarde o sr. Machado, guarda-livros da casa Rodrigues Lim.^{da}, apanhou-me ao sair de uma porta e de cara muito bem ageitada a uma atenciosa emoção, tambem quiz receber noticias de fonte limpa. E contou que o sr. Rodigues ha dois

dias nem assignava o expediente. Nunca o vira assim. Que era muito bom patrão o Rodrigues, «uma joia á altura da firma». Quando estivera doente, desenganado, com um tifo, o Rodrigues chegou a levar-lhe lá a casa o Sousa Martins, que era o Sousa Martins. E não passava então de um simples empregado de carteira. O que elle não faria agora pela neta se fosse coisa que se pagasse com dinheiro.

— E logo uma meningite! — concluiu. Dizem que é uma raridade escapar um.

— Escapam ás vezes os que a não tinham.

— Ora vejam lá que embrulho de negocio.

A' noite o guarda-portão do Lopes ao abrir-me a porta do automovel informou-me que subira lá para cima o dr. Rincão, havia mais de uma hora. Mandara buscar um remedio á botica e uma coisa assim como uma tripa. A Luisa contara que o doutor ia meter aquilo no nariz da menina. Lá para quê não sabia.

Quando entrei veio o Lopes ao meu encontro; que desculpasse, uma amiga intima por força quisera trazer aquele medico que lá estava a fazer qualquer coisa, fosse eu vêr.

Não conhecia o Rincão.

E' um homem de pernas curtas, estroncadas, macisso de peito, quasi sem pescoço, a testa baixa, olhos sumidos e a venta larga. De cabelo ruivo, usa barba toda, eriçada, cobrindo o grande carão redondo até aos malares salientes e fortes de côr.

Fui dar com elle no quarto, segurando em

uma das mãos uma algalia introduzida no nariz da criança e ligada na extremidade a um funil de vidro; na outra empunhava um copo com gema d'ovo batida.

As duas manapulas felpudas de dedos grossos e curtos, com unhas em meia lua, tapavam por completo o rosto da criança de que se ouvia a respiração curta, entremeada de suspiros e de pausas.

Terminada a operação, retirou a algalia e depois de saber quem eu era, veio dar-me explicações. Chamado de urgencia, encontrara a criança muito fraca e como se encontava sem alimento ha dois dias, lhe introduzira vinho do Porto e gemas d'ovo, depois de uma injecção de oleo canforado e outra de quinino por causa da febre de 39 graus.

Nada lhe respondi. O auditorio ouvia-lhe o discurso, bebendo as palavras e devolvendo-mas como setas, em olhares incisivos. Animado pelo sucesso continuou:

—A febre baixou a 37 graus e meio, como o colega pode verificar.

Sem duvida interessava-me verificá-lo. Trouxeram-me o termometro.

—E' certo, marca 37 e meio. Ha que tempo foi tomada a temperatura?

—Meia hora—respondeu.

Havia meia hora, todos confirmaram.

—Nesse caso vamos vêr quanto marcará agora.

A criança sem esforço, quasi como se estives-

se cuspindo, vomitou. A mãe correu para ella a enxugá-la e desolada, de mãos tremulas, ia comentando:

—Mas que aflição. Não segura nada. Assim esvae-se em fraqueza.

O Rincão procurou abrandar-lhe o pessimismo. Que demonio, sempre se conservara alguns minutos no estomago, qualquer coisa havia de ficar. E pedia-me a confirmação.

—Decerto, pelo menos a memoria de terem por lá passado os ovos e a algalia — conclui, retirando o termometro.

Que marcava 39 e sete, anunciei, seguindo-se o espanto geral. O Rincão verificou, aproximando-se a Casaes para vêr tambem. Era verdade marcava 39 e sete.

—Foi talvez do esforço do vomito—ponderou elle. Podemos aplicar nova injecção. A outra deu resultado.

—Não julgo necessario magoar a criança. E' muito possivel que antes de meia hora a temperatura desça para 36. São vulgares na doença estas bruscas alternativas.

O Lopes assistia sem um gesto á scena que estava decorrendo.

O Rincão perplexo um momento, a pentear as barbas com os dedos, abriu esta saída:

—Eu cá tenho por costume empregar todos os meios.

—Isso não o impedirá de escolher apenas os que o bom senso manda.

—Mas parece-me...

—Neste momento deve parecer-lhe sensato esperar se a hipotese que aponto se verifica, ou não.

—Não vejo que mal possa fazer a injecção?

—Trata-se então de escolher tudo o que não faça mal, ou apenas o que faça bem?

A Palmira Nunes, uma amiga de infancia da mãe de Alice, muito entendida em medicos, que serviçalmente fôra buscar o Rincão por saber que tinha feito curas impossiveis, estava assistindo á discussão, mas pelos gestos mostrava bem qual o seu partido. Foi a primeira a manifestá-lo:

—Eu cá não entendo nada de medicina. Mas se a injecção não faz mal, porque não hão de dá-la? E depois quem sabe...

Dizia isto voltada para a Alice que desalentada, de mãos cruzadas sobre os joelhos, encolhia os hombros.

A Casaes tambem votou pela injecção. Num caso d'aqueles tentava-se tudo.

O Lopes torcendo nervosamente o bigode meditava.

Cruzei os braços á espera da continuação.

A criança de olhos cerrados, imovel, parecia dormir profundamente, sem uma contracção de face, apenas dilatando a narina na respiração breve e quasi imperceptivel.

Seguiu-se um completo silencio.

O Rincão de cabeça pendida sobre o peito e mãos nos bolsos do casaco, não se decidia.

A Nunes impaciente queria medicinas, e que se fizesse alguma coisa. Estavam ali dois medicos

para decidir. E com um gesto de cabeça incitava o Rincão a proceder. Este limitou-se a afirmar que já dera a sua opinião, o collega resolvesse.

Puxei o Lopes por um braço, levei-o até ao escritorio e pedi-lhe:

—Traga-me aqui esse homem para nos entendermos. Diante d'aquelle auditorio nada mais tenho a dizer.

—Mas doutor...

—Não percamos tempo. Traga-mo aqui.

O Rincão apareceu de testa franzida, e sem me fitar, esperou.

—Agora podemos falar, comecei, porque não temos o sufragio popular intrometido na votação. Não concordo com o tratamento que pretende executar porque o julgo inteiramente inutil. A criança entrou no estado comatoso, nada lhe aproveita, nada impedirá a marcha da doença e nestas condições costumo empregar apenas o que possa atenuar um sofrimento.

O Rincão desenvolveu a sua opinião sobre o dever do medico, um sacerdocio, terminando por afirmar que em casos extremos algumas vezes registara surpresas.

Voltei-me então para o Lopes e apertando-lhe a mão rematei:

— Como acaba de notar, dos dois medicos aqui presentes, um não lhe dá a menor esperança e declara inutil qualquer esforço, e outro ainda põe duvidas e admite um prodigio. Não pode mais hesitar. Quem fica tratando de sua filha é o meu colega.

—Perdão, mas eu...— ia a atalhar o Rincão.

—A nossa discussão terminou. O seu dever é ficar e o meu é saír.

E sem mais demora parti.

Dois dias depois li no jornal aquella noticia em que os desolados paes veem á scena com a sua pungente dôr.

Era inevitavel, mas apesar de seguro do que havia de suceder, magoou-me bastante a morte da Fernandita.

Sabes que um medico sente não lhe serem extranhas as crianças que vae acompanhando desde o berço. Constituem um rebanho confiado á sua guarda e quando perde alguma não fica indiferente.

Ha um afecto especial que nos liga a ellas e tanto que a minha sensibilidade, no caso da Fernandita, não me permitiria assistir ás inuteis brutalidades do Rincão, cravando-lhe a agulha para que da vida não abalasse antes de padecer os extremos recursos da sua medicina.

Como vês, nestes momentos de panico ha medicos dispostos a alentarem a supersticiosa esperança de que um prodigio pode suspender o irremediavel.

Ia passada quasi uma semana sem receber a menor noticia do Lopes nem da familia, quando por acaso topei com a Casaes saindo de uma pastelaria.

Vinha de lanchar bolos secos, só bolos secos porque o seu estomago não se entendia com pasteis de nata, nem doce de ovos. Invejava muito

os que podiam gosar esse regalo. Era o verdadeiro doce, o resto chamava-se dieta. Achou muita graça ao dito e pretendeu que lhe apoiasse o parecer de que o doce não fazia mal á saude, ao sangue. Mas, que fizesse, não importava. Seria um vicio, deixá-lo. Não se permitia outro ás mulheres... Para os homens todos, á vontadinha, emquanto as desgraçadas...

— Só lhes consentem virtudes — rematei.

— E assim é, continuou ella. Veja agora, quem tem salvo a situação?

— As mulheres, não ha duvida. Desde que se meteram na politica, gozamos de uma paz encantadora. E' uma vida celestial, e não admira, auxiliados por anjos...

— Vá troçando. Pois ha de vêr, e sem tardar muito...

— Então, sempre de esperanças?

— Esperanças não, certezas certissimas.

— Bravo! Já mandou fazer vestido para as festas, sem duvida. Coisa em que entrem senhoras não termina sem conta de modista.

— O doutor não quer tomar o caso a sério, mas garanto-lhe que d'esta vez é que é. Se houvesse licença de falar...

— Não se cance, D. Berta, porque ia dizer-me em segredo o que toda a gente já sabe, pelo menos a Lopes, a Rodrigues, a Nunes...

— A Nunes da minha bôca não ouve nada.

— O quê, estão mal?

— Nunca estivemos bem. E' uma criatura que parece crear veneno nos olhos. Onde entra, fica

sempre lembrada. Veja o que ella arranjou agora em casa da Alice, com a doença da pequena.

— Ora essa! Revelou-lhes o admiravel Rincão, uma boceta de esperanças. . .

— Um selvagem é que me saiu essa descoberta da Nunes. Pobre criança! o que ella sofreu. Imagine que a todo instante a espicaçou com injecções, banhos a escaldar, banhos frios, um caustico no pescoço, sei lá dizer os martirios por que a inocentinha passou.

— Então? Empregou todos os meios. . . Era esse o seu programa.

— O programa foi meter-se em casa dois dias e duas noites para... prestar homenagem á firma Rodrigues & C.ª

— Olhe que não deixam de ser uteis esses homens, D. Berta. Sabe que muita gente só conhece uma medida para tudo. Mesmo as dedicações e os afectos são avaliados pelo dinheiro que custam.

— Mas a criança é que não tinha necessidade de padecer. Aquilo causava-me horror. Acabei por me vir embora. Não podia mais.

— Pobre Fernandita.

— E note que o sujeitinho é mau. Quer ouvir o que elle fez, quando se apanhou só em campo? Ajudado pela Nunes, tratou de convencer aquela gente de que se o chamassem mais cedo, talvez a salvasse. «Vim muito tarde» dizia elle todas as vezes, depois de praticar uma das taes judiarias na pequena. E chegou a convencê-los de que a morte. . .

— Foi culpa minha.

— Eu sei lá. Acredite que a Nunes inventa estes enredos só por maldade. E' feitio.

— Quem sabe, talvez seja uma admiradora do Rincão. . .

— Capaz d'isso é elle. O bruto com aquela figura de porco em pé pode muito bem aguentar-se com o cheiro a latrina que ella deita da bôca.

— Safa! Não digo tanto. . .

E aqui tens, meu amigo, o que é a vida entre civilizados, com mulheres que leem e comentam os misterios do coração feminino, revelados pelo sr. Bourget, e homens que, depois de passarem em Coimbra cinco annos a cantar o fado, tresnoitados por tascas e alcoices a repetir pilherias, veem para aqui frutificar.

A frivola criatura que dizia com tanta graça facecias rimadas em francês, escolheu para pae da Fernandita o doutor que recitava um soneto de sua lavra e conseguira popularizar alguns ditos na região compreendida entre o largo das Duas Egrejas e a rua do Carmo, lado oriental.

Filha de mãe nervosa, sentimental e fatigada pelo estouvamento, «o alevante» em que a Luisa falou, e de um pae madraço, bom coleccionador de vicios, que a si mesmo se considera uma iluminura a côres e oiro para livro de contas correntes, era de esperar que chegasse ao mundo maculada por grave pecado original.

Com uma higiene severa, o tratamento de amor materno, executando sobre ella uma obra de alta dedicação, escrupulizada ao maximo, no

detalhe, haveria sido realizavel o prodigio de um revigoramento. A criança podia viver, crescer, vir a ser forte a ponto de se maçar com os livros do sr. Bourget e detestar o soneto do pae, onde ha uns olhos luarentos, com espasmos luminosos e semilhantes.

Viste como a trataram e como foi inutil a minha prevenção.

Pois agora quem a matou fui eu.

Não suponhas que isto me causa surpresa. Já estou habituado ao raciocinio dos intelectuaes e conheço-lhes a maneira de lavarem d'ahi as suas mãos.

Aos outros pertence invariavelmente a culpa de todos os males que proveem dos seus defeitos, ou dos seus erros.

E tu a censurares os raciocinios do admiravel Rabiça, um mestre na arte de raciocinar!

Por este ligeiro esboço e outros que espero enviar-te, farás uma idéa do que tem sido a minha vida no espaço de dez annos, desde que entrei na lucta, no meio dos civilisados. Em troca me mandarás d'ahi noticias da tua no meio dos rusticos.

Cada um de nós pintará como poder, o que se lhe fôr deparando e veremos, dentro de alguns mezes, quando ahi nos juntarmos á sombra das carvalhas, qual de nós é mais digno de lastima.

Havemos de comparar e só depois te darei licença para te arrependeres do grande zero que dizes ser o resumo dos ultimos dez annos.

Quero vêr se optarias por elles passados

num cano de esgoto, como me sucedeu a mim. Vamos desabafar um com o outro. Fará bem a ambos. Não imaginas como as noites que passo a escrever-te, me cortam o tedio.

Do teu
Manuel Mendes.

V

Meu Caro Manuel

VISTO a discussão ficar para mais tarde, abstenho-me de responder a algumas passagens da tua carta que merecem discussão. Guardo-a á espera de outras que oxalá sejam muitas, e longas como esta, para gastar bastante tempo a soletrá-las, praticando um pouco o exercicio da leitura, coisa de que estou deshabituado.

Apesar do que me dizes dos livros, teria um certo desgosto se deixasse de juntar as letras.

Fizeste-me lembrar o teu colega, dr. Figueiredo, medico da tia Leonarda, que justamente aqui esteve hoje a visital-a.

Dizia-me elle, annos atrás quando fui leitor insaciavel, e por acaso me surpreendia a devorar paginas:

— Tem cautela com esses diabos, rapaz. Não

leias de mais, e quando leres, desconfia sempre que te querem enganar.

Já passa dos 60 o dr. Figueiredo. E' de um sitio proximo d'aqui. A tia Leonarda conhece-o de pequeno e ainda o trata por menino. Elle chama-lhe D. Leonardinha, exactamente como no tempo em que tinha 10 annos e ella mais de vinte.

A fama de que goza n'estas redondezas vale por uma crença. «Abaixo de Deus, ouço dizer a toda a gente, só o dr. Figueiredo.» Recebe pouco dinheiro. Tem a sua fortunazita e vive com modestia. Enchem-lhe a casa dos frutos da terra, de criação, de quanto julgam melhor.

E' alegre, conta anecdotas com infinita habilidade, diz chalaças ás raparigas, faz rir as velhas, dá rebuçados aos pequenos, uma especialidade da Maria Rita, muito afamada, de que sempre trás provisão nas algibeiras.

A' tia Leonarda basta-lhe vê-lo para se curar.

Quando elle chega, pegam-se na conversa, conta-lhe as novidades de todo o concelho, dos primos de Além-do-rio, dos Machadinhas de Marmeleiros, falam de outros tempos e a doença afinal «nem valia a pena, são coisas do Cristovam, que o fez cá vir sem necessidade.»

Depois tomam chá, preparado no bule de barro de Molelos, com agua de certa fonte dos Caniços, acompanhado a bolos amassados pelas mãos divinas da Madalena.

Hoje muito regalado, aos estalinhos com a lingua, lamentava assim a tia:

— A D. Leonardinha quando morrer ha de

estranhar muito lá no ceu, com a falta d'estes bolos.

E ella benzendo-se «ora o menino sempre descobre cada uma; as almas sustentam-se com padre-nossos, não precisam de bolos.»

— Diga-lhe d'essas. Mas o sacristão vai-nos pedindo os dez réis para as bemditas almas.

— Sempre judeu!

—Judeu é o sacristão. Quer a D. Leonardinha saber uma d'elle? Olhe, ha tempos foi pedir a esmola a casa dos Menezes, e veio á porta uma criada bonita como esses marotos costumam tel-as. Pois o mariola, sem mais cerimonias deu-lhe um beijo. Ella respondeu-lhe com uma estalada na bochecha.

O sacristão, embuchado, resmunga-lhe:

— Lá entregarei essa esmola ás bemditas almas, ellas hão de agradecer.

A rapariga retrucou:

— E pode lá dizer que, quando me mandarem beijos de burro lhos pagarei nessa moeda.

— Boa resposta, sim, senhor.

E depois de se rir ás palmadas nos joelhos e a lagrima no canto do olho:

— Ora este mangadôr-mór que ha de sempre trazer uma para inventar...

O Figueiredo nunca aparece triste e sabe como ninguem comunicar a alegria. Tem essa arte e elle mesmo diz que faz todo o possivel por a cultivar. Um dia declarou-me que a considerava o melhor remedio do seu formulario, para si e para os outros.

— Pessoa que entristeça, concluiu, está nas mãos do diabo. A tristeza é como a ferrugem, que deve limpar-se apenas se descobre, quando não lá perde o ferro a lisura. E fica sabendo que não custa ser alegre. A gente habitua-se e depois vai pelo geito que se tomou.

A seguir prelecionou-me:

—Todas as coisas podem apresentar feitio de tristeza, ou de alegria conforme a côr que se lhes dá. Olha, de uma vez fui ouvir um sermão de semana santa, em sexta feira, e o prégador pintava as coisas de maneira que toda a gente chorava como beiraes de telhado. Ao meu lado um labrego de olhos arregalados, a bôca meio aberta, assistia sem se comover com a sua expressão de finorio, quasi risonho. Quando o padre terminou não me contive que não lhe perguntasse: «Então vocemecê em vez de chorar como toda a gente, esteve-me todo o sermão com ares de riso, a modo de quem não tinha pena das judiarias que fizeram a Cristo?» Repara no que elle me respondeu: «Ora, pois os judeus com todo aquelle trabalho para matarem o Senhor, e eu a lembrar-me dos focinhos que elles hão de fazer depois de ámanhã quando o virem resuscitar.» E' preciso ser como este labrego para gosar boa saude.

Assim o entende e assim o pratica por higiene e como dever de oficio.

D'este modo o Figueiredo trás sempre uma cara de festa e quando entra no quarto de um doente parece que nasce ahi o sol.

Acredita na medicina, mas entendida a seu

modo, com as velhas tisanas. Detesta os remedios novos, em oposição com outro medico do concelho, ainda moderno no oficio, que descrê das virtudes da arte e só receita novidades.

Toda a gente vae pelo que diz o Figueiredo e desconfia do outro que padece de ciumes, mal podendo reprimi-los.

Quando vem aos Lagares, a Madalena tem sempre uma caridade a pedir-lhe.

Ella guarda o seu fraco pela medicina, conhece bem os cozimentos em que a tia Leonarda é mestra. Acuso-a ao Figueiredo de curandeira e elle promove-a a sua assistente, ensina-lhe certas regras, faz-lhe preleções. A gente pobre recorre a ella em primeira instancia e devo dizer-te que pela minha parte, não desgosto do peitoral de figos que sabe preparar contra a catarreira.

Hoje o Figueiredo lá teve de ir a casa da viuva do Caetano, uma velha de oitenta annos, que amuou na cama ha mais de 15 dias e não se decide a melhorar com o vinho do Porto que a Madalena lhe aplicou.

Fomos os tres visitar a pobre velha, que encontrámos na enxerga esburacada, e negra como a lareira, as paredes, o banco e a arca desconjuntada. No recinto branquejavam apenas os lençoes que a tia Leonarda lhe enviára. De olhos cerrados mal se via respirar, parecia morta.

A Madalena chamou-a, e ella mexeu a cabeça, rouquejando uns sons confusos e apagados. O Figueiredo tateou-lhe o pulso, palpou-a sobre o coração, nos pés e nas orelhas. Levantou-lhe um

braço, que caiu inerte. Tentou dar-lhe uma colher de vinho que não enguliu.

Encolhendo os hombros sentenceou:

— Já não quer nada comnosco. O abade que tome conta d'ella.

A mulher do Rabiça que a Madalena tinha nomeado enfermeira, entrou com um pucaro a fumegar explicando:

— E' um caldito de frango, mas desconfio que já o não mete para baixo. Está mesmo na ultima desde pela manhã. Foi-se chamar o senhor abade para a Santa Uncção.

Por entre duas telhas passou um raio de sol que foi bater na testa livida da moribunda. Na penumbra do recinto luzia como uma estrela o ponto iluminado, d'onde subiam os grãos de poeira a bailar, direitos ao telhado.

Saímos a um e um baixando a cabeça para não bater na verga da porta.

Cá fóra, emquanto se acomodava na almofada do carro, o Figueiredo ia dizendo que era assim mesmo, sem darem por isso, que todos deviam morrer. «Gastou-se o azeite da candeia e apaga-se. Não ha dôr, não ha agonia, não ha luta.»

E voltando-se para a Madalena:

— Ainda levo aqui debaixo da lingua uma migalhinha d'aqueles bolos.

— Quer a receita?

— Qual receita! Queria sim as mãos que os fizeram. D'ahi é que vem o sabor.

— Se não estivesse tão acostumada a trazê-las presas aos braços, dava-lh'as.

— O pior é encontrar-me tão velho, senão contentava-me com uma.

E, soltando uma risada sonora, lá do fundo, largou a redea ao cavalo, que partiu num trote pachorrento.

Nós acenavamos-lhe com a mão e elle voltando-se para trás ainda gritou:

— Mas ouça lá, visto que não é para mim, guarde-a para quem saiba dar-lhe o valor.

Desapareceu na volta da estrada e abalámos para os Lagares, recordando coisas antigas, que se prendiam com a velha moribunda e com o marido, o Caetano velho, um diabo do tempo dos franceses, pouco falador, com uma vida de aventuras, impermeavel á curiosidade e por isso exposta a lendas pouco favoraveis.

Remexendo na memoria, lembramos o passado, o tempo da infancia, cheio de pesadelos, de sustos mal refeitos, colhidos nos relatos do tropel napoleonico através das Beiras.

Recordo-me bem do que sentia quando muito criança ainda ouvia contar aos velhos mais velhos que se lembravam do tempo dos francezes, coisas de arripiar, historias tetricas, de sustar a respiração.

Se a tia Leonarda, nas noites de inverno, depois da ceia, entrava a desfiar o que lhe tinham dito d'aquela horda de rotos esfaimados, feios como ladrões, que roubavam, matavam e incendiavam, partiam cruzes e profanavam igrejas; uma sucia de pedreiros livres sem Deus, nem religião, ficava a tremer, colado á brazeira, com medo de

ir para a cama, não fôsse entrar-me pela janela um d'esses soldados que na imaginação se me gravaram com umas grandes barbas, uns dentes pretos, uma espada cheia de sangue e um capacete muito alto com a figura do diabo a luzir a meio da copa.

A's vezes com outros pequenos palestrava ácerca dos franceses e todos sentiamos o mesmo terror, falando baixo uns aos outros, contando o que ouviramos, não fosse ás vezes ser pecado, e chamar um castigo do ceu, recordar os transes amargos sofridos pelos nossos avós.

Os franceses eram o anticristo, ou um flagelo mandado por Deus, como aviso aos pecadores para que se penitenciassem, segundo o parecer da senhora Don'Anna, irmã do padre Pascoal, de quem tinha herdado a opinião, os livros, a casa e as terras.

Quando de alguem se fazia um conceito vil, por vida sem moral e dissoluta, depois da resenha completa em que podiam entrar crimes de morte, roubos e violações, dizia-se:

— Não se confessa, nem vae á missa, é um verdadeiro francês.

Nesta altura as velhas benziam-se.

Um dia apareceu em Ribadela um homem chegado do Brasil, onde consumira perto de quarenta annos. Já ninguem o supunha vivo porque d'elle não houvera mais memoria. Depressa se espalhou que vinha podre de rico, trazia uma arca cheia de oiro e que era muito generoso.

A' unica irmã que lhe restava deu um cordão

de oiro que a podia medir da cabeça aos pés, e junto delle não havia ninguem pobre. Ia comprar terras e fazer uma casa.

Os sobrinhos receberam todos uma corrente de prata e uma junta de bois, e a melhor egua que apareceu na feira franca comprou-a elle para que um fosse tres vezes na semana á cidade buscar assucar e café.

A povoação andava louca em adoração ao brasileiro, ouvindo-o, consultando-o, respeitando-lhe o parecer, sem fazer caso nenhum do sr. Custodio Bento, o sr. Custodinho, como era de uso chamar-lhe, oraculo da terra, com fama de ricaço, trazendo dinheiro a juros, senhor de numerosos votos nas eleições, e sabendo tanto de latim como o abade, porque estudara para padre, chegando a tomar ordens menores.

Mas um dia começou a dizer-se á bôca pequena que o brasileiro era maçonico, tinha conversas com o diabo e até falava francês.

A principio murmurou-se ao ouvido, muito em segredo...

— Podia lá ser, um homem tão dado, que ia á missa e oferecera uma casula nova de damasco para a igreja...

— Seria para fingir...

Mas a pouco e pouco o falatorio cresceu e as pessoas mais tementes a Deus começaram a escandalizar-se com a sua convivencia.

O brasileiro teve conhecimento da intriga e para cortar o mal pela raiz falou em casamento á sobrinha do abade, apesar de ser muito doente,

pois toda a gente sabia que passava a vida a tomar chá, por causa de um flato resistente á sabedoria dos medicos, ás drogas da botica, aos banhos do mar e ás aguas de todas as termas conhecidas n'estas redondezas.

O abade quis ceder á proposta, de olhos fitos na arca cheia de libras, mas o sr. Custodinho informado d'essas boas disposições, foi tomar satisfações, perguntando se a sr.ª D. Eufrasinha era mulher que se désse a um francês d'aquella força.

O abade ficou perplexo e chamou a sobrinha para a inteirar do que se passava.

A D. Eufrasinha que não queria perder a occasião de se vêr livre da sua antiga e importuna virgindade, declarou terminantemente que aceitava a proposta do brasileiro.

O sr. Custodinho, furioso despediu-lhe esta:

— Mas a D. Eufrasinha já sabe que elle lê por livros franceses todas as tratantadas da maçonaria?

Ella que por muito menos, em outra occasião teria flato com erutações para mais de duas horas, achou artes de responder:

— Mas se o sr. Custodinho não sabe lêr em francês como descobriu que os livros são de maçonaria?

— Pois de que hão-de ser? Olhe de orações não são elles.

Mas a Eufrasinha casou, curando-se do flato e o brasileiro fez uma grande casa, muito melhor e mais farta que a do sr. Custodinho. A taxa dos juros baixou na freguesia e passou a haver dois

partidos politicos, conhecendo os eleitores a partir d'essa época, quanto representava em dinheiro o valor de um voto.

O brasileiro ficou progressista, o partido dos franceses, como o sr. Custodinho lhe fez chamar, em desforço das continuas derrotas que passou a sofrer.

A alcunha concorreu para que o odio ao francês se atenuasse, perdendo o horror supersticioso que lá por fóra permanecia, em memoria da sua passagem vandalica, através do povoado.

Mas o Caetano velho, emquanto andou por este mundo é que não esmoreceu na sua funda aversão pelo inimigo que combatera com alma, com o feroz rancor, ainda inflamado setenta annos depois, quando lhe ouvi contar a montaria de que fizera parte numa manhã, em data muito afastada.

— Façam idéa, dizia elle, nem os vossos avós eram nascidos quando isso aconteceu.

O Caetano velho gostava de falar sózinho, mas conversas raro lh'as conseguiam.

Sobre a sua vida corriam muitas lendas, sem que ninguem soubesse ao certo como teria empregado os cem annos, ou mais, que lhe pesavam em cima das costas, dobradas como um arco de pipa.

Estou a vê-lo torto da cabeça até aos pés, irregular de feições, cego de um olho, as pernas vergadas no joelho, as mãos sêcas, os dedos recurvados, o queixo batendo-lhe quasi no nariz, a pele escura muito sulcada de rugas, lembrando papel amarrotado. Nunca tirava da cabeça o lenço taba-

queiro, em xadrez, atado á nuca. A caminhar todo desengonçado, os braços pendentes mexiam-se sem ritmo, estranhos ao corpo, como se ao esqueleto andassem presos por arames.

Por que falava pouco e ninguem conhecia ao certo a qualidade das suas façanhas durante mais de quarenta annos que andara por fora, não faltava quem lhe atribuisse crimes extraordinarios.

Os rapazes pequenos olhavam-no com desconfiança, passando de largo, mas sentindo tambem uma grande atração pelo misterio d'aquele olho vasado acerca do qual se contavam historias pouco lisongeiras.

Sabia-se que andara muitos annos na tropa, batalhando nas guerras civis, onde ganhara umas divisas de que recebia uma tença, nome dado á sua reforma no posto de furriel.

Frequentava pouco a igreja e por isso as velhas o suspeitavam de pedreiro livre, havendo quem lhe atribuisse conversas com o diabo.

E tambem se rosnava do seu tesouro, uma cana furada cheia de libras, roubadas na guerra.

Uma vez, teria eu então pouco mais de dez annos, junto da Pedra Furada, onde correra numa escapada da escola, a vêr um ninho de melro, dei de cara com elle.

Ali sózinho, frente a frente do homem lendario, senti as pernas tremer, sem entender bem porquê. Empalideci e o Caetano ao encarar comigo notou-o:

— Que foi, apanhou algum susto?

Titubeei que avistara uma cobra.

— Mas por aqui fugido, ah! que se o paezinho o soubesse...

Criando animo confessei-lhe a verdade.

Ralhou-me que taes brincadeiras não eram para um menino como eu; podia cair de alguma arvore e rebentar, tal e qual o que lhe ia sucedendo a elle com a mesma edade. Tombara d'um carvalho abaixo a fugir d'um lagarto. Nunca mais lhe esquecera. Levaram-no em braços a meu bisavô que foi cirurgião.

— Ao tempo que isso lá vae! Ainda por cá não tinham passado os bacoros dos franceses.

Ao ouvir-lhe dizer isto, senti uma atracção pelas historias que aterravam e atrevi-me a perguntar-lhe:

— O ti Caetano viu-os passar?

— Se os vi passar! Eram aos bandos por estes caminhos fora.

Pela Pedra Furada seguia uma antiga estrada romana, a via de comunicação mais praticavel nesses tempos, por aquela região. Percorriam-na as seges, as liteiras e as tropas em marcha. Existe nesse logar um outeiro que domina os Caniços e a estrada, numa grande extensão, ficando sobranceiro, em dura encosta, n'um cotovelo apertado em que ali se encurva.

O Caetano apontou-me com o dedo uma pequena mata proxima:

— Olhe, no meio d'aqueles carvalhos havia um poço nesse tempo. Agora está entupido e poucos se lembram já onde elle era. Pois se cavarem nesse ponto hão de encontrar por força ossos e caveiras.

E encostando ao peito o cabo da sachola foi contando:

—Uma tarde, seriam horas de merenda, chegaram aos Caniços a correr umas poucas de raparigas que andavam nestes sitios com o gado. Foram dizer que vinham lá os franceses. Aquilo em menos de tres padrenossos não ficou ninguem em casa; deixaram-se portas abertas e tudo ao Deus dará. Os homens agarraram em podoas e machadas, alguns nas espingardas e abalou-se para a serra. Levaram-se os entrevados em padiolas, abriu-se a porta do curral aos gados, parecia mesmo um dia de juizo.

Os mais destemidos correram para aquele pinhal que se vê por trás do outeiro e alaparam-se escondidos no mato. Eu tambem fui d'esses. Tinha então dezoito annos. Quando elles passaram aqui neste logar, até o sangue me fervia nas veias, com raiva de não se fazer uma montaria áquela quadrilha de ladrões.

Aguentamos ali toda a noite, sem dizer palavra e sem pregar olho até de manhãzinha. Parece que até se ouvia o latejar das veias.

Mal se enxergava ainda, quando uns seis descemos o outeiro e pé ante pé, de rastos, encobertos com os arrêtos das videiras fomos aos Caniços para observar.

Não se ouvia uma aza de mosca. As casas estavam todas de portas escancaradas. Espreitou-se para dentro d'uma e não vimos ninguem, mas parecia remexida por uma manada de toiros.

E assim encontramos as outras.

As adegas apareceram de par em par com as pipas arrombadas. O vinho correu pelas calçadas como um enxurro, tingiu as pedras de negro e ficou em poças nos regos. A capela tinha as portas despedaçadas, os santos tombados no chão e as vestimentas espalhadas.

Esquadrinhou-se toda a povoação e não adregamos avistar nem raça de um. Voltamos esbaforidos chamar o povo e contar a desgraça; tudo chorava de raiva, e já nos iamos pondo a caminho, quando descobrimos ao longe, no fim da estrada outro bando d'esses tratantes.

Estacamos todos sem pinga de sangue.

Mas reparou-se que não seriam muitos. «Eh! rapazes, disse o Antonio Pisco, aquelles hão de beijar o chão que pisam.» Alguns cheios de medo apelavam que era um perigo.

Ora o Pisco, que parecia mesmo um alferes, vira-se para elles e berra-lhes: «Vocês são portugueses ou não são? Os franceses talvez não cheguem a uma duzia e nós passamos de vinte.» Todos se animaram e descemos.

Uns foram esconder-se no meio d'aqueles carvalhos e os outros alaparam-se aqui no ribeiro. O Pisco é que comandava. Havia umas dez espingardas. Formulou-se a coisa assim: elles veem desprevenidos e aqui na volta caimos-lhe em cima de repente, sem os deixarmos pestanejar.

Primeiro atira-se uma descarga e depois vae á machadinha. E assim foi. Nem se lhes deu tempo de tomar folego.

Contamos onze. Um, de joelhos, pedia perdão:

«Prender sim, matar não, mim tambem ser christão», clamava elle, lá na sua linguagem; mas o Pisco não se doeu de compaixão e arrumou-lhe com o olho da machadinha na testa com tal força, que o virou logo no chão a deitar um rio de sangue pelo nariz e a tremer que parecia uma vitela quando se lhe dá com o malho.

Despejaram-se todos ali dentro do poço, de cabeça para baixo, e depois levaram pedras por cima, como verdadeiros cães que eram.

—Isso é que se chamavam tempos ruins—concluiu o Caetano. Deus livre o menino de ver na sua casa dos Lagares o estrago que então lá houve.

Desde esse momento fiquei tendo um verdadeiro terror do Caetano e imaginava-o sempre de machadinha em punho a britar cabeças de franceses.

Só muito mais tarde contei á tia Leonarda a historia que então lhe ouvira. Ella confirmou que fôra verdade, e não perdoava a morte do desgraçado que se confessara christão. Em memoria d'esse, puzeram uma cruz de pedra na volta do caminho e toda a gente reza um padre nosso ao passar por ali.

A' moita dos carvalhos, durante muitos annos, faltou-me animo para a calcar. Ainda hoje, quando avisto essa cruz, me acode ao ouvido a voz rouca do Caetano a dizer «prender sim, matar não», repetindo num eco o grito do invasor, e sinto uma piedade, no fundo estupida, pois esse mesmo, embora vencido, pisou a minha terra

como inimigo, devastando-a, pilhando-a e cobrindo-a de afrontas.

O tempo diluiu esses odios, mas é certo que o Caetano me inoculou na alma um sentimento que ainda não esmoreceu de todo.

Do teu

Cristovam

VI

Cristovam amigo

UM dia d'estes, ao fim da tarde, apeei-me no Rocio para comprar um jornal e livre a essa hora da minha faina, atravessei devagar por entre a multidão que por ali segue remançosa.

Sente-se nesse logar bater o pulso de Lisboa, tateia-se com facilidade, e por elle se adivinham os pensamentos.

Nos olhares, nos rostos, nos gestos e no ritmo das passadas, na constituição dos grupos que deslisam, aparece bem definida a calma, ou a intranquilidade, a confiança na paz, ou os preparativos de guerra, e até a côr da politica que nos governa.

E' mais do que um espelho das almas, o Rocio; é um coração vivo, a falar com toda a claresa. Se o legitimo português atravessa uma quadra feliz, veste uma farda, lustra as

botas, ergue os bigodes, e parte para ali inteiramente dedicado ao amor, o seu forte, a sua primaria vocação.

Nessa maré, atraídas dos confins da cidade, as primaveras de carne e osso picam ao de leve, quasi voando, o mosaico do passeio, e batem as azas diante dos olhos ramalhudos, dependurados como pingos de tocha, mais penetrantes do que setas, da fila cerrada dos mocinhos, todos lindos, e muito adorados, já se vê.

Mas se a quadra segue tormentosa e é preciso salvar a patria, o que sucede regularmente de tres em tres mezes, some-se a Lisboa amoruda e os passeios são vigorosamente batidos pelos calcanhares dos patriotas, de barba crescida e olhares de fornalha, assustando as abelhas que em dias calmos nesse colmeal se desfazem em mel.

No Rocio tambem se consegue tatear a pressão arterial dos negocios, da literatura, da sciencia, ou coisas parecidas que as representam.

Como sabes, estas ultimas não pesam na vida nacional. Interessam a muito poucos, a quasi nenhuns, não contam, nem fazem volume.

Não ignoras decerto que ao português, o moderno lusiada, só duas coisas o preocupam a valer, conquistar mulheres e deitar abaixo o governo.

São as unicas ocupações que deveras o prendem, capazes de obrigá-lo a uma noite de vigilia, e que não reputa maçada digna de pretos. Por isso, quando se encontra um homem apres-

sado, com o olhar indeciso de quem leva uma idéa na cabeça, já se sabe que vae para o amor, ou para a conspiração.

Os poucos não abrangidos pela regra são mal vistos, escandalizam.

— Aquella é de derreter um santo de pau. E riu-se para você, quando a cumprimentou. . .

— Pudera, se me conhece e é bem educada, cumprimenta-me. Assim o manda a cortezia.

— Ah! seu maroto.

Ou então:

— Eu cá só descubro uma solução...

Apresenta-se um programa detalhado e depois a pergunta:

— Que politica segue?

— Eu nenhuma.

— Ora essa! Então. . . a patria em perigo, numa situação d'estas, fica indiferente? Isso chega a ser um crime.

— A patria está em perigo por haver muitos assim, cada um com seu programa infalivel.

Chegados a este ponto as coisas não acabam bem e o menos que o patriota póde fazer ao abstencionista é considerá-lo traidor e denunciá-lo para que o metam na cadeia.

No entanto ainda se nos deparam alguns degenerados, por certo casos de atavismo, que fogem á regra, pensando noutras coisas alêm da politica e das mulheres, e capazes de dialogarem com satisfação outros assuntos. Um d'elles é o Roseira, tambem frequentador do Rocio, com quem ás vezes me pégo a conversar.

Nessa tarde, como estamos em temporada de calmaria, pois o governo ainda não tem um mez de existencia, lá o encontrei, num pequeno grupo, gesticulando com a mão direita e o polegar esquerdo enganchado no bolso do colete.

O Roseira cultiva com certo afecto as opiniões paradoxaes, por serem ellas que lhe sustentam a côrte de apreciadores da sua cavaqueira. E' um homem que todos conhecem do Rocio; os raros intimos foi nesse logar que o descobriram e os outros que lhe falam é tambem apenas ali. Para muitos, elle será «aquelle tipo que deita chalaça no Rocio». Ha até quem o conheça e o cumprimente só naquele seu poiso, intervalo da 4.ª porta, porque fóra, noutra rua, noutro sitio estranham-no, parece-lhes uma coisa tirada do seu logar.

Uma pessoa nestas condições já adivinhaste que é empregado publico, encasulado em obrigações pouco exigentes, que lhe permitem riscar á vontade o seu regimen de trabalho.

Certo é que o Roseira nunca pôde tolerar a atmosfera de uma repartição.

Adora a rua. Chama a isso o fanatismo do ar livre. Um dia explicou-me:

— Sabe? Existe dentro de mim o microbio da liberdade. Isto é doença com certeza. As paredes abafam-me. Se tivesse dinheiro para fazer uma casa havia de ser assim. . .

Com a mão espalmada queria cobrir o Rocio todo:

«Um terreno d'este tamanho e depois vidro por

cima, vidro aos lados, as paredes de vidro, tudo vidro e eu lá dentro para respirar á minha vontade.»

— Sofre d'asma?

— Qual! O que me aflige é ver o ar talhado em bocadinhos por muros e tabiques. Na rua, em liberdade é que sou peixe dentro de agua. Ora a casa de vidro dar-me-ia a ilusão da rua e mesmo na cama suporia andar vadiando.

O Roseira é um lisboeta de convicção, póde mesmo dizer-se sectario, porque detesta o campo. Dentro de Lisboa é que encontra a natureza, da legitima; o resto é natureza morta, e causa-lhe tristeza, ábafa-o.

As casas alinhadas, a multidão a passar, as lojas, muita luz eletrica, isso é que é vida, bem viva, a mexer. No campo tudo está parado, ou é ronceiro, uma nora a gemer.

— Imagine você, frisou-me elle, uma abobora, a coisa mais estupida da criação, leva uns poucos de mezes a acabar. E' de perder a paciencia. O simbolo do campo é o boi. Uma maçada o tal boi.

Naquella tarde estava mal humorado e por isso em oposição com toda a gente.

Um dos do grupo chamou a atenção para uma mulher que ia passando leve sobre os pés, bem talhada, flexivel, bonita sem duvida nenhuma, a saia colada á anca, exhibindo a fórma, cabelo loiro frisado por baixo do chapeu negro, redondo, com uma flôr escarlate adeante na testa.

— Hein, meninos! Então isto caminha, ou não

caminha? Onde iriamos nós parar se ella mandasse?

Um ofereceu-se para chegar ao fim do mundo, outro ao inferno.

— Caramba! Lisboa está um veneno, com tanta mulher bonita — comentou alguem ainda.

— E você, Roseira, que diz a isto? — perguntaram-lhe.

— Que Lisboa devia ser arrazada!

Foi um clamor geral. Um torrão abençoado, que tão bons frutos produzia!

Aquilo era volta de mau sucesso de conquistador encoberto, opinaram.

— Sim, senhores, arrazada — confirmava elle, muito seguro da sua opinião. E' o que merecia uma terra onde só se pensa em mandriar, começando por mim, e em femeas, começando por vocês.

Todos riam, emquanto elle nos apresentou o bom lisboeta a exultar com duas vaidades, a de enganar o patrão que lhe paga, trabalhando o menos possivel, e a de ser recebido intimamente por muitas mulheres, ser amado á bruta, eficazmente. Quando não o consegue, deseja-o, absorve-lhe o pensamento e a pensá-lo, ou a realisá-lo exgota o miolo.

— Ora isto, concluiu, o doutor que diga o melhor conceito a aplicar-lhe. Se não acham degenerescencia, ou crapula, a pedir terramoto, ignoro o juizo a fazer do vosso equilibrio mental.

Concordou-se que o Roseira estava magnifico

naquella tarde. Valera a pena aquelle bocado, para se descobrir um português que não gosta de mulheres.

— Alto lá!—protestou. Gosto porque não me falta nenhuma peça, mas gosto nos devidos termos. Ahi é que está a diferença. Não passo o dia a tratar de um unico orgão do meu corpo. A vida não pode ser só isso.

Reclamaram a atenção para outra que ia passando.

— Viram? E' a noiva do João Carlos.

Houve quem não estivesse bem certo do João Carlos.

— Ora! E' um diabo alto, sempre a roer o bigode, que anda muito por ahi a guiar um automovel encarnado.

O Roseira logo quiz mostrar conhecê-lo bem:

— Já sei, é um bebedo!

— Um bebedo o João Carlos! — clamou o que dera a novidade. Que monstruosidade!

— Que queres então chamar a quem, depois do café, bebe tres calices de qualquer coisa, e pelo menos uma vez por semana acaba de cear ás quatro da manhã?

— Se isso é ser bebedo, onde se encontrará quem o não seja?

— Encontro muita gente! E muita ou pouca, só essa deve julgar-se em termos de casar. Casar... propagar a especie.

— Hein? Que tal acham o moralão? A prégar doutrina para uso dos outros...

— Que é d'elles esses outros, se ninguem a se-

gue? Certamente achas o João Carlos uma boa acquisição de procriador?

Para matar a curiosidade, alguem propoz:

— Bom, acabem lá com isso e vamos a saber quem é a noiva.

Interessou a todos a novidade, fez-se silencio.

—E' a filha d'aquelle sujeito muito alto que mora ali para a Avenida. Ora como se chama elle... E' um diabo magro, com pouca barba, de venta larga e olhos pequenos...

— Bem sei! uma figura de satiro maluco. Conheço muito bem, é um devasso — sentenciou o Roseira.

— Será o que determinares, mas a filha é linda e não perdeu nada com os vicios do pae... O nome delle... Ah!... Tristão.

— Pois muito bem, a menina traz nas veias sangue de Tristão, partindo do principio que a certidão de baptismo não mente.

— Vê lá por isso se queres misturar o sangue da pequena com as frescatas do homemzinho, que no fim de contas parece inofensivo.

— Quero sim e, embora te escandalize, na apetitosa carne cantada pelas tuas asneiras anda alguma coisa das orgias do pae e dos avós e de toda a geração que lhe deu origem. Nessa carinha palida, de carne amanteigada, lê-se claramente a noticia de muita porcaria.

— Não blasfemes da beleza! Uma mulher d'aquellas, os olhos mais lindos de Lisboa e um corpinho de sorvete! O' meninos, vocês repararam bem?

Todos haviam reparado e aplaudiram a defeza.

— Isto é de faltar a respiração, ouvir obscenidades d'este quilate. Vamos para a Avenida.

— Vamos lá! E póde ser que com o fresco a dar-te na cabeça, possas perceber melhor o que tenho dito.

A discussão acalmou um pouco e as opiniões sucederam-se em mais serenos termos.

— E' uma linda mulher em todos os meredianos.

— Eu antes queria estar conversando com ella do que com qualquer de vocês, e passava muito melhor a tarde.

O Roseira ia calado, de venta erguida e a testa enrugada por alguma idéa das bôas. Chegaram ao talhão dos ulmeiros que nessa tarde de abril já cobertos de folhas enchiam de frescura o ar perfumado pelas acacias.

Estacando então, de braços cruzados, perguntou muito decidido:

— E's portanto capaz de chamar auspicioso, como qualquer folha de dez reis, o casamento do João Carlos?

— Achaste o termo! Auspicioso, nem mais nem menos. Ambos com uma figura que se póde ver, gostam um do outro, são ricos... Não sei que mais queres para agoirar bem um casamento.

— E o facto d'elle ter bebido de mais durante dez annos dos vinte e cinco que conta, afóra o que se gastou em tantas noites devassas, gozando sobreposse á custa de miolos tocados de

alcool, é coisa despresivel? E ella, sendo filha de um mariolão toda a vida ocupado em repetir os vicios herdados, continuando a crapula dos venerandos avós que o geraram, não é chamada a responder,— porque lhe descobriste uma linda cara?

— E' enorme a originalidade da teoria. Ouve, se ainda não a baptisaste, põe-lhe como rotulo «teoria da acumulação da orgia», cae menos mal e sôa bem.

O auditorio gostou da chalaça e riu em plenas bochechas do Roseira. Alguem firme no seu posto propoz em seguida o titulo de «degenerados por quotas minimas.»

Tambem produziu efeito. Galhofavam em troça branda das idéas que ninguem duvidou rebentarem de imprevisto.

— Olha que brincadeira! Vae-se tomar um café, pede-se um venenozinho qualquer que faça mexer a fibra, e, antes de beber, matuta-se um pouco nas varias hipoteses suscetiveis de engancharem com a nossa condição de força fecundante!

— Oiçam lá! E depois de termos imitado o proprio S. João Baptista, aparecia-nos diante a mulher que nos enchesse os olhos e, antes de mais nada, iamos pedir-lhe com solenidade: «O' menina, deixe cá ver o cadastro da familia.» E se a pequena fosse incapaz de provar que o pae era virgem e mais os avós até á quinta geração... «Boas noites, coraçãozinho toma por outro caminho, que andas errado.»

O alarido da galhofa não perturbou a serenidade do Roseira que cofiava a negra barba em bico, absolvendo com um sorriso de martir o insulto da sua idéa.

Meninos de cabelos magros, sem brilho, as faces brancas e as pernitas esguias, cobertas de uma penugem mole, circulavam pela mão das criadas de avental branco, que as conduziam a passos lentos. Um soldado, fazendo festas á espada luzidia, punha em braza uma ama de compridos laços de fita escarlate, que despejava o ubere para o ventre de uma criança côr de cal. Um rapaz imberbe seguia com os olhos ramalhudos, caíndo como dois pingos de azeite a ferver, as nadegas bem traçadas d'uma menina de mãe obesa ao lado, que despreveni-da esbarrou na cadeira rolante de um paralitico, de cara alegre diante da felicidade alheia.

O Roseira, observando a miseria humana que ao pé d'elle se expunha num insignificante pedaço do mundo, em meia duzia de palmos da Avenida, serenada a risota, como quem muda de assunto, perguntou:

— Vocês lembram-se do João Teixeira?

Lembravam-se; mas tinham-no perdido de vista. Apresentaram opiniões. Um bom rapaz e muito inteligente; trabalhador a valer, devia ter futuro. Era da Beira, rijo e desembaraçado, fez o curso de engenharia e depois casou com uma filha...

O Roseira informou:

— Do Conde de Vinhaes, ha oito annos, um casamento de amor.

E calou-se. Esperava-se uma historia e porque demorasse, alguem o estimulou:

— Está muito bem! Foi um casamento de amor, todos deram os parabens aos noivos, e depois?

A proposito disseram-se chalaças obscenas e por fim o Roseira desfiou o caso do João Teixeira.

*

Não sei se conheceste algum dia este rapaz que é das bandas da Serra da Estrella, uma d'estas almas fortes de beirão que, quando segue por um lado é um penedo a rebolar por uma ribanceira abaixo. Idéa que lhe entrasse na cabeça enraizava como carvalho em terra funda.

A noiva, uma nervosa impulsiva, ardia com trinta e nove graus de febre, quando a modista falhava com um vestido.

O Teixeira grudou-se-lhe na cabeça, bebia lume para o vêr e dia em que elle não aparecesse tinha convulsões.

O pae, o velho conde, a principio não aprovou a inclinação da filha. Sempre era uma *mésalliance*, uma mistura do muito plebeu nome do João, com um dos melhores brazões de Portugal. Mas a rapariga á primeira objeção esteve quinze dias com prisão de ventre, a rebolar-se, em colicas. Não pensou mais em a contrariar.

Casaram e foi uma grande festa.

O conde de Vinhaes, que pretendia unir a filha e seu unico rebento a um fidalgo de sangue, cabou por tomar o João em simpatia. Fez uma

escandalozinho entre a casta de sangue de marca registada, esse casamento da Isabel Vinhaes com o moreno burguez da Serra. Mas todos acharam lindo o par quando saiu da egreja. Elle espaduado, bem esculturado um animal de raça, esguichando força por toda a pele que o cobria, de olhos escuros refletindo os penedos dos montes que o viram nascer; e ella de carnes brancas, criadas á sombra, com um perfil muito recortado, de labios finos, com pouca tinta, o olhar inquieto, cheio de lume, e o mento um pouco alongado, arrastando atrás de si o labio inferior.

Foi um casamento de meio kilometro de carruagens e duas colunas de presentes a começar por um do rei.

Quando um mez depois de casarem o Roseira os visitou pareceram-lhe felizes. Ella, dando idéa de uma gatinha deliciosa sempre enroscada nelle, bebia o seu homem com os olhos. Fôra recebido como um intimo, pozeram-no á vontade e falaram de tudo. Em musica declarou que preferia Chopin. Sei que o tocava de tal maneira, que acabava por se interromper, chorando a soluçar.

Quando visitava exposições de pintura, queria comprar todas as pasteladas que visse cobertas de roxo, e quando saía de junto das telas, via todas as coisas sombreadas d'essa côr. Até nos olhos do marido chegava a descobri-la. Era uma côr que a comovia e a punha nervosa, como se tomasse um litro de café. Um ramo de violetas hypnotizava-a; cravava-lhe os olhos e fixava-as até que lh'as tirassem de diante. As violetas adora-

va-as tanto que, depois de as beijar, as mastigava.

Quando via crianças tinha de fugir d'ellas, porque, se começasse a beijá-las, anceava mordê-las depois.

«Quando gosto d'alguma coisa, tenho logo vontade de a encorporar em mim, ou de me meter dentro d'ella, preciso de me confundir com tudo o que adoro», explicava.

O João ás vezes encobria muito mal com o colarinho as manchas roxas que trazia no pescoço.

— Quando os visitei,— contava o Roseira, o João tinha emagrecido bastante e pareceu-me cançado. Faça idéa, um Hercules invencivel por cinco noites d'orgia!

No Porto, quando lá foi com a tuna, não repousara um instante. Pois quando regressou, ás 5 da manhã, lavou-se, sentou-se a estudar, e ás 11 lá estava na escola, espirrando vida pelos olhos que nunca amorteciam.

Comtudo a mulher executava á risca o programa ditado pelos nervos. O João desaparecia pouco a pouco sorvido por ella.

A sensualidade que vertia d'aqueles dois olhos negros chegava para reduzir a esqueleto o homem que elles aquecessem. Quando os fitava despediam relampagos.

O João saía muito pouco e quando a acompanhava seguia ruas desertas, para não encontrar mulheres que olhassem para elle, que o desejassem, porque isso seria roubarem-lhe a ella alguma coisa. Em ciumes era isto.

No fim de dois annos de casados tiveram uma filha e só então cessou aquele noivado.

Izabel apaixonou-se por ella e o João bastante mais liberto resuscitou para as velhas amizades. A partir d'essa epoca o Roseira frequentou-lhe mais a casa, vindo a ser um intimo de todas as horas.

A criança reproduzia aos seis mezes uma porcelana rara, uma obra d'arte, nas feições, no olhar de fogo, no riso, na vivacidade.

A mãe passava o dia em extase adorando-a. Deitava-a a dormir no berço e ficava-se de joelhos a gozá-la, de respiração suspensa para não a acordar.

O João minava-se de receios, porque a mulher se deixava sorver por aquella exaltada paixão. A's vezes a pequena durante o sono estremecia contraindo ligeiramente a face. E logo aterrada ia para o João a fantasiar doenças tragicas, forçando-o e mais ao Roseira a jurar que sucedia o mesmo a todas.

Aos nove mezes entraram a persegui-la as insonias, passando noites inteiras sem dormir em choro lamuriento. Izabel ficava a pé e o João acompanhava-a, em ancias pelas duas vidas, a da mãe consumindo-se em pavores, com os nervos em labaredas, a da filha exposta a duvidas que ninguem esclarecia.

Os medicos desfilaram uns atrás dos outros, dizendo, desdizendo, ora firmes, ora hesitantes, recomendando banhos, drogas, regimens, tudo falindo miseravelmente.

O avô, abalado pela continua emoção, viu romper a sua diabetes.

Foram para Cintra, instalando-se numa casa a meio da serra, longe de todos os ruidos, lavada de ar, batida de sol e, semanas depois, a calma restabelecia-se. A criança mudou de aspecto, de novo as faces tomaram côr e os olhos de fulgurantes passaram ao brilho amortecido.

Os medicos deram-se por satisfeitos, o avô ficou com menos assucar, o João sentiu o peito mais leve. No entanto Izabel continuava com a sua expressão de gazela espavorida, estremecendo ao menor ruido, empalidecendo ao menor movimento da pequena, sempre insatisfeita, em permanente observação, palpando-a, tateando-lhe o peito, mirando, remexendo, preocupada se a via chorar, receosa se a via socegada e sem saber explicar como desejaria que estivesse.

O João, procurando desviá-la da obsessão cruel, apenas conseguia excitá-la, e desastradamente provocava torrentes de lagrimas e choros convulsos.

Esboçava-se-lhe assim um drama, e, amargurado, ia para os amigos contar os seus receios, coitado, na esperança de que o desanuviassem.

Todos lhe mentiam dedicadamente.

No fim do verão regressaram a Lisboa e por conselho do Roseira, chamaram-me para ver a pequena.

Andava nessa epoca pelos quinze mezes e a impressão que me deixou não foi muito agradavel.

Acheia-a palida, com uns olhos negros mor-

tiços, pouco abundante de formas, as carnitas moles, de pele baça, muito despolida, e as costas cheias de pêlos brancos. Os dentes muito alvos pareciam blocos de cal, bem talhados, em destaque entre os labios côr de rosa diluida.

Observei-a demoradamente, estando presentes o avô, o Roseira e os paes.

O velho conde sentado numa cadeira, de mãos cruzadas entre os joelhos e a cabeça pendida para o peito, silencioso, esperava resignadamente a opinião que levava tempo a formular.

A mãe seguindo-me todos os movimentos, sempre de olhos fitos na minha cara, espreitava-me o pensamento. Tapei-me com uma mascara de pedra, muda, indecifravel.

No fim animei-os. .A criança era o que vulgarmente se encontrava nas cidades. Com vida regrada e boa higiene poderia desenvolver-se e mais tarde ser forte.

Foi uma grande alegria para o avô que pretendeu abraçar-me. Elle achou pouco, queria ouvir-me declarar uma robustez solida.

— A robustez não é exagerada por emquanto, disse-lhe, mas com a edade e tratamento modifica-se.

Todos a animaram. Decerto, para que havia de moer-se com receios, não se lhe encontrava nenhum orgão doente...

Conformou-se um pouco e agradeceu-me com muitas palavras.

Cá fóra ao Roseira revelei mais claramente a minha opinião. A criança não era boa. Podia

dar um desastre. A impressão geral não me satisfazia.

— Mas se a pequena morre desaba um cataclismo naquela casa

— Meu caro, é uma raça de fidalgo que quer desaparecer e contra esse destino o sangue bem temperado do beirão pouco deu.

— Caramba, mas não será um exagero da epoca, o que se diz do sangue fidalgo?

Respondi-lhe que não existia sobre o assunto uma opinião de seita. Ainda havia fidalgos com bom sangue. Tratava-se apenas de gerações caídas na indolencia e nos perigos da vida sem necessidades materiaes, ressentindo-se da falta de guerras depuradoras que obrigavam a abstinencias, a rudes trabalhos que disciplinavam os costumes e eliminavam os ramos enfraquecidos.

—A longa paz, conclui, gera vicios que preparam a degenerescencia. Com as familias da burguesia sucede o mesmo. Os bisnetos dos brasileiros ricos chegaram ao mesmo estado.

— Diabo! Pobre João, tão bom rapaz, tão inteligente, com um grande futuro diante de si, incontestavel, se não fosse o casamento.

— Haveria um meio a tentar...

— Diga lá, sendo possivel...

— Esta criança precisava saír definitivamente de Lisboa. Deviam levá-la para uma serra impondo-lhe uma vida de labrego, ao sol, á chuva, a rebolar-se na terra, a alimentar-se como um filho de cavador, e mais tarde a trepar ás arvo-

res, a correr pelas encostas, regressando em suma á natureza, ao estado primitivo.

— Não digo que não. Mas o avô, a mãe, os preconceitos...

— Sim, meu amigo, ahi tem a dificuldade e por isso mesmo é que guardei para si esta opinião.

— No entanto é preciso tentar.

O Roseira encarregou-se de falar ao João.

Foi bastante facil convencê-lo, mas ficou assustado receando pela mulher. Ia aterrar-se, perder a cabeça. Tentaria, inventando um pretexto, executar o programa.

Elle possuia para os lados do Zezere uma casa e algumas propriedades.

Simulou-se uma neurastenia, indicando ser necessario para tratamento, uma cura de repouso na serra. E fui dizendo, «calhava bem, porque uma mudança d'ares seria de grande vantagem para a criança.» Iriam pois todos.

Assim se combinou. O conde ficava porque não se ageitaria a viver fóra de Lisboa.

A pouco e pouco o João trataria de a habituar áquela vida e diante das melhoras da filha, se combinaria mais tarde a continuação.

Partiram, elle radiante de alegria para junto dos seus penhascos e ella maguada por se separar do pae já velho e exposto ás surpresas da diabetes.

Passado um mez o Roseira leu-me uma carta do João em que apresentava a mulher num melindroso estado de nervos.

Não dormia, a serra causava-lhe pavores, uma excitação permanente. Chorava sem razão, perdera o apetite. Impossivel habituá-la á monotonia do campo, nada a interessava, á natureza não descobria o menor encanto. Aborrecia-lhe a simplicidade dos costumes, faltava-lhe a atmosfera da civilização.

A pequena vivia inteiramente fóra do programa. Sempre carregada de abafos, sequestrada do ar livre, alimentada como em Lisboa. A mãe não se convencia a proceder d'outro modo.

Combinei com o Roseira escrever uma longa carta para ser lida por ella, detalhando a reforma a executar e mostrando as razões.

Nada se conseguiu, e o João vendo inutilizada a tentativa e reconhecendo o agravamento no estado da pobre Izabel antes de dois mezes voltava a Lisboa de regresso.

Apesar de tudo a criança trazia melhor aspecto. Mais viva, a pele menos transparente e o apetite mais firme.

Decorreram seis mezes. Uma tarde chamaram-me para a ver encontrando-a febril, de olhar muito brilhante e com uma tosse branda, espaçada á maneira de um pigarro.

A mãe suspeitando ao vê-la murcha, meteralhe o termometro verificando trinta e oito graus. Deu o alarme, pedindo-me que fosse imediatamente. O sobresalto esmoreceu com algumas palavras que lhe disse.

No dia seguinte achei a febre aumentada, a respiração breve, e o pigarro insistindo mais fre-

quente. A criança não aceitava alimentos, nem bebidas, nada. Estabeleceu-se o terror.

Auscultando-a nada lhe encontrei. Palpei-a, vi-lhe a garganta, a bôca e sempre indeciso desvieilhes a atenção para o intestino, refugio de todas as incertezas.

Porêm ao Roseira, que nessa tarde me procurou, abri os meus receios.

No dia seguinte o estado permanecia invariavel.

Izabel com o olhar desvairado de fera perseguida, lembrava-se das doenças mais disparatadas. Não seria peste? Ouvira contar que andava essa doença em Lisboa. Ou seriam dentes? E apendicite, não poderia ser? Ou talvez bichas. Havia tempos deitara umas coisas exquisitas. A cozinheira lembrou-se de uma queda uns mezes atrás, no meio do corredor. E por que não algum resfriamento colhido na serra e que só agora se manifestasse?

Falava de olhar suspenso, como uma sonambula, quasi delirante.

O João mais aterrado ao vê-la que diante da filha, não a perdia de vista, notando-lhe todos os gestos, escutando-a a tremer.

—Isto não me parece grave. No entanto se querem chama-se alguem para uma conferencia.

Ao ouvir a proposta soltou um grito e caíu sobre uma cadeira arrepelando os cabelos.

—Vamos, minha senhora, não disse nada que valha essa exaltação.

O João aflito, de joelhos, segurando-lhe a cara entre as duas mãos, rogava-lhe:

—Isabel, meu amor, não te martirizes assim. O doutor falou em vir outro medico para te socegar. Não é verdade?

—Sem duvida nenhuma.

Conformou-se um pouco. Que viesse o medico. Quem havia de ser?

Dissesse eu, dissessem elles... O conde pediu o inevitavel João Crisostomo.

Fez-se a conferencia.

O conhecido mestre depois de observar a pequena prelecionou-os a todos abundantemente, citando opiniões modernissimas, e o seu ultimo artigo aparecido na *Actualidade Scientifica*, que vem a ser o jornal onde aparecem as suas enciclicas. Exortou a mãe a que levantasse o espirito porque a sciencia medica, de que me nomeou ornamento, havia de restabelecer a felicidade nesse lar encantador.

O seu espirito inclinava-se, terminou por dizer, a admitir um processo toxi-alimentar e repetiu algumas vezes a palavra: estercorhemia.

Saímos juntos e cá fóra expuz-lhe os meus receios. Que a linha materna era suspeita e a criança nada robusta. Nunca lhe apanhara um ganglio, não merecendo por isso confiança os orgãos de defesa. E aquela tosse impertinente sem razão palpavel...

—Auscultei-a bem, respondeu, e nada consegui apanhar. O intestino infecto póde ferir a tecla bronchica, ou pulmonar. No entanto os desfechos imprevistos surpreendem apenas os falhos de preparação. O colega pensa numa granulia?

— E' o meu grande receio.

— Mera hipotese, por emquanto.

E mudamos de conversa. João Crisostomo faz tambem critica literaria, e presume bastante do seu metodo que consiste em encarar as obras no ponto de vista medico-social. Foi poeta nos seus tempos e como tal deu motivos a que se suspeitasse do seu talento. Adquiriram-no para professor e talvez por gratidão pela arte, honra-a mediante um pseudonimo. Assigna-se «Lysis» e prefere que lhe admirem o talento literario a ser admirado como sabio, dois atributos que é de uso não se lhe negar.

A palestra resvalou portanto para as letras que achou decadentes e, porque não me custava nada, classifiquei admiravel o ultimo artigo de «Lysis» estudando o Eça, em que analisou a sua psico-reação originada num processo irritativo e toxico, tendo como sede o simpatico do abdomen, concluindo por definir a neuropatologia dos heroes do *Primo Bazilio*.

Na tarde seguinte a criança, pelo dizer da familia permanecia na mesma. O tratamento não dera o menor resultado.

Encontrei-a peor. A respiração mais curta, o pigarro mais frequente; auscultando-a notei do lado direito fervores quasi imperceptiveis. A febre depois de baixar a 37, voltara para 39.

A mãe esgotada por completo a sensibilidade aparecia agora numa atitude apatica, vagueando pela casa, indo e voltando sem dar bem acordo do que fazia.

Fiquei apreensivo, o João notou-o, mas não insistiu em penetrar no meu pensamento.

Um dia depois encontrei lá em casa o Roseira que por sua conta e risco foi torcendo o nariz.

A respiração cada vez mais acelerada, ofegante, os labios e a venta roxos, parecia asfixiada, moendo-a a tosse seca, brusca quasi permanente. A auscultação pouco deixava perceber e a febre crescera mais.

Não compreendes porque desço a estes pormenores, agora e quando te contei a historia da Fernandita. Saberás que desejei gravar no teu espirito a representação de duas abominaveis doenças sem remedio, bastante vulgares nas familias constituidas á vontade dos sentidos.

Pretendo mostrar-te em alguns episodios o que a vida dos civilizados tem de ruim, para a confrontares com a do teu meio labrego.

Medita a sequencia de um casamento de amor, segundo as melhores normas convencionadas pela rotina, unindo uma mulher divina de beleza, espirituosa, sentindo a arte, a sublime, até ao espasmo, dotada de um cerebro ardente, de uma abrazadora medula, com um homem forte assim como tu.

Quando me apanhei a sós com o Roseira declarei-lhe a minha convicção de que a pequena estava perdida.

— Mas qual é a doença d'ella afinal?

— A granulia.

— O que vem a ser isso em termos humanos?

— A tuberculose aguda do pulmão.

— A galopante?

— Sim, pode chamar-lhe por esse nome, se o entende melhor.

— Ahi chega o terramoto! Pobre João. Raio de idéa de se casar com uma fidalga. Nunca me deu para agoirar bem d'isto.

E começou a formular doutrinas:

— Que diabo, essa gente considera-se de uma raça superior á dos plebeus. Que se juntem uns com os outros é muito bem entendido. Lá se arrangem. Estragar a vida de um homem do valor do Teixeira é uma barbaridade. E não ha que ver. O elemento bom não salva o elemento ruim. Este só serve para estragar o outro.

— Não seja tão categorico, amigo Roseira. A experiencia não está d'acordo consigo. Por um caso não se ponha a fazer uma regra.

Convenci-o então de que não devia rasoirar toda a nobreza pelo mesmo criterio. Entre os homens como nas outras especies ha elementos selecionados e elementos inferiores. Os nobres nas raças humanas são os que mostram qualidades melhores, caracteres de superioridade, que convem fixar, pelo mesmo processo empregado com os restantes seres vivos da criação, e depois tratar de impedir que degenerem. Se cultivando scientificamente as flores, as arvores de fruto e os animaes conseguimos fixar caracteres especiaes, o mesmo deve ser possivel conseguir com os homens.

— Pois sim, mas se essas raças por suas mãos procuram a degenerescencia, isolem-se.

— Não é bem assim. As familias pódem dege-

nerar por má conduta, mas tambem pódem regenerar, se empregarem meios adequados. Sei lá o que teriamos conseguido, se o programa que apresentei, chegasse á inteira execução?

— Certo é que nada agora nos livra d'esta enorme espiga. Onde iremos nós arranjar palavras que sirvam para mostrar ao João a verdade toda?

Combinámos um encontro lá em casa para esse dia á tarde e separamo-nos.

Recordarás agora as tuas dificuldades em dissuadir o Rabiça da posse da horta do Inocencio, brasileiro.

Compara bem, meu querido Cristovam, o teu embaraço com o meu.

Quando voltei á tarde o Roseira e o João estavam fechados no escritorio. Reunidos os tres, o João anciado pediu-me que lhe falasse com franqueza, lhe dissesse tudo. Calei-me.

— A minha filha está perdida?

Nada respondi.

O desgraçado caíu numa poltrona chorando, e o Roseira confortou-o com as usuaes mentiras. «Quem sabe, podia ser ainda... não se conhecia ao certo...»

— Que horror! Vou perdê-las ambas. Perco tudo, não me fica nada.

— Que disparate estás para ahi a dizer, João?

— Eu conheço-a bem. Sei que não resiste, que fico sem ella.

E soluçando, batia com os punhos fechados na testa, sem conter o desespero.

— Cala-te homem, que ella pode ouvir.

Abriu-se á porta e o conde de Vinhaes deparando comnosco, procurava decifrar o que se teria passado. Livido, tocando no hombro do genro, perguntou-lhe:

— Você está transtornado. Que sucedeu?

— Não foi nada, respondi-lhe. Uma crise de enternecimento, anda impressionado com a doença, tem dormido mal e comoveu-se; restos da neurastenia.

O Vinhaes desconfiado, apertando-me a mão, com os olhos a furar os meus, perguntou:

— E' só isso? Não ha outra razão mais grave?

— Vamos, senhor conde, não queira fazer como elle.

Pela porta que ficara meia aberta Izabel entrou e ouvindo as ultimas palavras deu um grito caindo no chão hirta.

Tratei de serenar a confusão, «um ataque histerico, não valia nada».

Fomos deita-la na cama, po-la á vontade. Voltou a si, rompendo em disparates, chorando, rindo, inconsciente.

O João abraçado ao Roseira chorava copiosamente e o Vinhaes espapaçado n'uma cadeira, sentia-se aniquilado, não podia mais.

Decidi que viessem duas enfermeiras, uma para a filha, outra para a mãe.

A' força de hipnoticos Izabel dormiu dez horas seguidas, acordando muito prostrada e sem memoria do ataque da vespera.

A criança piorando sempre, regeitava com de-

sespero todo o alimento, a face cada vez mais roxa, da asfixia a progredir.

Para respirar, em movimentos incessantes, estendia o pescoço levava as mãositas ao nariz, supondo desviar um obstaculo e abrir passagem ao ar.

A tosse repetia-se continuada, como uma pinga d'agua, monotona, cadenciada, enervante. A febre subia a 40 graus, descia, voltava, n'uma confusão desordenada.

A situação expunha-se bem nitida, o avô acabara tambem por compreende-la, e a mãe, agora na iminencia da catastrofe, parecia mais calma, talvez melhorada do nervosismo pelo sono, ou ainda mal saída do torpor causado pelas drogas.

A' tarde, reunidos em volta da cama da criança, ao terminar a auscultação, ficando pensativo a roer o desespero da minha impotencia, da inutilidade do meu esforço, o João cedeu á emoção, vencido de animo, aniquilado rompendo desesperadamente a chorar. E a mulher transfigurada, n'um sorriso divino, amimando-o, n'um arrulho de sons velados, sem palavras, e uma ternura que era uma indiscrição, agarrou-o cruzando as mãos atraz do pescoço e tapou-lhe a boca com um beijo.

Elle serenou imediatamente.

— Não foi nada, já estou melhor.

O Roseira fitou-me com os olhos esbugalhados. Compreendi bem o que elle me não disse.

O Vinhaes n'uma resolução subita voltou-se para mim:

— Doutor, perdôe-me, vou lembrar uma coisa. Tenho ouvido dizer que a homeopatia consegue milagres em crianças, e se não levasse a mal...

O João ainda protestou, «ora que idéa...», mas atalhei:

— Pois não, faça-se a experiencia.

Tratou-se de ver quem havia de chamar-se; mas nenhum de nós conhecia... O Roseira lembrou-se do Cipriano. «Muito bem, que viesse o Cipriano.»

Elle mesmo o foi buscar num automovel, trazendo um homem baixo, de bigode pintado, nariz côr de vermelhão e oculos pretos.

Posto ao corrente da situação, ajuizando pelo que lhe relatei, apenas enscenou um exame, escrevendo em seguida receitas.

No dia seguinte a respiração da criança apenas se notava por um movimento breve nos musculos do pescoço, a tosse havia diminuido de frequencia, e o roxo dos labios cobria-se de azul.

O avô satisfeito acreditava em melhoras.

Volvida mais uma noite, quando entrei pela manhã, a testa e o nariz apareceram-me orvalhados de suor viscoso. Meia hora depois suavemente, sem uma contracção, sem um gemido, o coração deixou de bater.

O resto vae em duas palavras.

O Vinhaes ainda teve tempo de se lamentar ao Roseira «quem sabe se intervindo com a homeopatia mais cedo...» Decorridas poucas semanas a diabetes matou-o.

O João está na Allemanha, acompanhando a

mulher, que se encontra louca, numa casa de saude.

E aqui tens a historia contada ao grupo que na Avenida, no talhão dos ulmeiros, em uma tarde de abril, palestrava brutalmente sobre questões de amôr.

Manuel Mendes.

VII

Manuel

E' hoje domingo de Pascoa. Tive conhecimento d'isso pelo calendario e não porque o sentisse no ambiente.

Nunca viveste numa aldeia da Beira e não podes por isso avaliar a amargura que sinto neste momento. Não experimentaste a alegria que de todas as coisas emanava neste dia: das casas, dos rostos, dos vestidos, do chão dos caminhos, dos animaes até.

Estou com tentações de te afirmar que mesmo o ar e o sol adquiriam vibrações festivas, cambiantes vivos e animados.

Na simplicidade mais casta, na mais ingenua decoração, colhia-se um grande prazer que penetrava fundo, aligeirando o corpo, desanuviando a alma, cadenciando pausadamente o coração, metendo mais ar no peito, um ar mais vivo, com ineditos perfumes que pareciam chegar até á ponta dos dedos.

Os sinos cantavam neste dia, cantavam os pratos sobre a mesa, os copos e as toalhas brancas riam; por toda a parte o rosmaninho bailava e o alecrim em todas as portas se movia para nos dar abraços.

As mimosas, os goivos e os primeiros cravos saíam á rua a beijar-nos a face e toda a gente os beijava tambem e lhes sorria com um amôr expansivo, uma satisfação decidida, a saudar amigos que de longe viessem.

Era um esplendor o dia de pascoa.

O sr. abade dizia a missa muito cedo e entoava a aleluia na sua voz pigarrenta, com o cirio grande aceso. Fazia-se a procissão em redor da egreja, acompanhada pelas raparigas com o «Senhor resuscitou», num côro volumoso, em vozes de aço, mais fresquinhas que morangos.

Dada a volta, desparamentava-se á pressa, distribuia palmadinhas nas caras dos pequenos, e despedia-se dos grandes «até logo, essas bôcas bem limpas para beijarem o Senhor», e a meu pae «não me deixes estragar o leitão».

— E' o Zé Claro que toma conta do espêto.

— Basta, basta! Tem mão de freira. Cá fica uma gavetinha reservada para o meu bocado.

E lá partia de sobrepelis, com o tricorne lustroso de cebo, puxado á nuca, seguido pelo sacristão, de opa encarnada, levando a cruz de prata, com uma grinalda de cravos e goivos, deitada no braço, sobre um lenço bordado.

A' frente ia o rapazito, que sempre acompanhava o sr. abade para segurar nas redeas da egua,

a badalar com a campainha especial, reservada para aquelle serviço, através de toda a freguezia e a cada porta.

Todos os homens vestiam camisa lavada e as raparigas calçavam meias, algumas estreavam lenços de seda, que tinham de durar annos sem fim, e mesmo uma vida inteira, valendo por um sucesso: «este lenço de seda estreei-o no domingo de Pascoa do anno em que se casou a Guida».

Era um dia propicio ao ajuste de casamentos e ao começo dos namoros; faziam-se pazes entre inimigos, terminavam contendas.

Em todas as aldeias se repetia em descante «O Senhor resuscitou, aleluia» e as notas perdidas no ar pareciam ahi ficar suspensas, caindo a todo o momento no ouvido, como um orvalho, a festiva melodia.

Ao descobrir-se ao longe o sr. abade caminhando para a aldeia, tocava o sino da capela e todos corriam para suas casas, esperando que de porta em porta chegasse a cada um a vez de receber a agua benta.

Ajoelhavam-se em fila, por edades, do mais velho ao mais novo. O sacristão dava o Senhor a beijar e dizia «aleluia». O sr. abade aspergia com o hissope e todos queriam receber um pingo na testa.

Beijava-se-lhe depois a mão e elle abençoava «Deus te faça um santo...»

As casas terreas apareciam tapetadas de rosmaninho e com alecrim nos buracos das paredes.

Em cima das arcas ou das mesas cobertas com a toalha havia sempre a laranja com uma moeda espetada, e doces tambem, que o sr. abade provava, dizendo chalaças, e depois toda a familia ficava comendo.

A nossa casa era a ultima. O sr. abade ia lá fazer as honras ao leitão, demorando-se depois até tarde a jogar a bisca.

O sacristão jantava na cozinha com os criados e os caseiros mais as familias que vinham naquelle dia, com uma gula ciclopica, devorar uma boda, cozinhada pela mulher do Rabiça, sendo de obrigação a carne de padela, todo o anno relembrada.

No fim dançavam á viola, tocada pelo sacristão que, sem dar por isso, acabava por bater só com os dedos na madeira do tampo, altura em que o sr. abade o mandava recolher á cama.

Quando o destino me entregou a sucessão da casa não alterei o menor detalhe nestes habitos. Continuou a haver leitão e carne de padela, e o rapazio a ter por folar um bolo com um ovo encarnado no meio. Eram mais de uma centena, distribuidos pela tia Leonarda, pela Madalena e pela Finita.

Pois d'esta vez, amigo, parece ter-se metido na roda do anno um prego que tolheu a chegada d'esse dia.

O abade cantou uma aleluia funebre, com a voz cheia de tristeza, as raparigas não entoaram o «Senhor ressuscitou» e no fim da missa, depois de uns longos suspiros, o velho gemeu «que não

se fazia a visita, todos sabiam porquê». Elle chorou e todos choraram.

Durante o dia pareceu haver um luto geral na freguezia, um contraste vivo de tristeza bem funda, sentida por todos, menos talvez pelo Bucha e pelo Inocencio brasileiro, que são livres pensadores.

Sabes da existencia de uma lei que, se não proíbe, arranjou as coisas de maneira que impediu a festa usual, turvando a sua limpidez, modificando o scenario, alterando os detalhes, estragando-a em suma.

Tu, ahi em Lisboa, não podes compreender o meu estado de espirito, nem podes medir o valor da magua que sinto. Para ti o que acaba de passar-se é um facto minimo, uma contrariedade infantil, indigna de emocionar um homem inteligente.

Pois acredita que uma estranha amargura me oprime, como se estivesse fóra da minha casa, do meu paiz, no meio de gente que não conhecço. Parece-me que morri e ressuscitei muitos annos depois, tendo em roda de mim o desconhecido.

Todo o dia levei a pensar na vida nova que alguns reformadores nos estão preparando, ignoro se loucos, se homens de genio, e por mais que labute não consigo entender-lhes os designios.

Que diabo! Eu não sou mistico e os dogmas da religião nunca atraíram a minha curiosidade de filosofo amador. Saberás tambem que sempre me poupei ao trabalho de descobrir se sou, ou não um crente. Pratíco a religião por ha-

bito, da mesma fórma que visto calças e falo português. Faço isto desde pequeno, sem embaraço e sem ter notado que d'ahi me adviesse mal algum.

Poderia empregar os lumes do meu entendimento a discutir se é racional ou não o uso das calças e se o português é o idioma mais conveniente para ser falado por homens brancos. Mas talvez porque as calças nunca me impediram de correr e o português sempre me bastou para traduzir o que penso e sinto, não me dei ao trabalho de resolver esse grave problema.

O mesmo me sucedeu com a religião.

A tia Leonarda, minha irmã e todos os que me cercam, nos momentos angustiosos rezavam e fazia-lhes bem. Quando algum estranho sofria, em nome de Deus iam socorrê-lo. Os grandes sucessos da vida, marcados por dôr irreparavel, ou alegria inexprimivel, obtinham da religião o remate de uma nota festiva, ou de um lamento funebre. Por tal modo a vida se entrelaçava na religião que se confundia com ella e tanto que os ritos, a egreja, os santos, o abade, as cruzes do caminho valem por uma viscera, ou orgão do corpo de que não posso separar-me.

Pode viver-se sem religião? Sim... tambem pode viver-se sem um braço, ou sem um olho. Mas porque desde pequeno me habituei a usar mão direita e esquerda, se hoje me visse amputado, calculo a estranheza que me faria.

Um dia um senhor filosofo, acordando de mau humor, pôs-se a pensar nos dogmas e embir-

rou com elles. Que eram um absurdo, uma infantilidade indigna de sabios, de espiritos desempenados, de grandes homens, e sem mais cerimonias principiou a barafustar. Ora sabes, não ha cretino algum que, posto na rua a dizer desconchavos, não reuna em volta uma multidão de curiosos. Estes podem rir-se do que ouvem, mas surgir-lhes depois um incidente, qualquer dificuldade, salta-lhes da bôca o remate: «Afinal o doido é que tem razão».

Assim se forma o que vulgarmente se chamam correntes de opinião, as quaes depois de engrossarem á maneira dos rios, devastam quanto lhes aparece diante. Maquinismos sociaes, em cujas peças trabalharam as gerações de muitos seculos, inundados pela corrente, deixam de funcionar e por conselho do tal filosofo põem-se de parte, ou inutilizam-se, como um ferro velho, sem se pensar no custo e nas dificuldades em obter outros novos.

Poucos se lembram de que elles são indispensaveis para marcarem o ritmo das almas, lhes coordenarem os movimentos e estabelecerem a harmonia e as atrações simpaticas que as devem unir.

Não ha outros instrumentos para reconhecer semelhanças moraes, definir um tipo. São elles que dão a forma, a côr, o aspecto sensivel aos agrupamentos humanos, sinteticamente designados pelo nome de patrias.

O que faz distinguir esses agrupamentos uns dos outros é o conjunto dos actos e pensamentos especiaes de cada um.

Não basta falar a mesma lingua para pertencer á mesma patria.

Um filho de alemão que nasce em Portugal, fala e pensa em português, será tão alemão como os nascidos em Berlim, se tiver sempre vivido com os usos, os costumes, os pensamentos, as aspirações e crenças dos alemães.

Esses usos e costumes, a alma imortal do passado, a tradição é que nos diz quem somos, d'onde vimos e para onde vamos. Faltando esses sinaes não nos conhecemos a nós mesmos, ficamos incolores, e desamparados como um edificio sem alicerce.

Para mim nada representa, e pode dizer-se que não vivo do que faço hoje, e menos ainda do que farei ámanhã. Apenas vivo do que fiz, do meu passado, da minha historia, da minha tradição. O que os meus olhos já viram, as minhas mãos tocaram, as impressões que os meus sentidos receberam, é que constituem a minha existencia. E para continuar a viver é necessario que o meu acto de hoje tenha ligação com o de hontem e com o do dia seguinte. Se assim não fôr, perderei a consciencia das coisas.

Não o quer porém entender do mesmo modo o tal senhor filosofo, agora empenhado em destruir os pontos de referencia, que me dão a conhecer o logar onde me encontro.

Ora elle que não é português, nem francês, não tem patria, nem historia, nem consciencia, desconhece o valor d'estes pormenores. Existe mas não vive, porque não quer saber onde se encon-

tra. Destroe sem saber o quê, nem lhe importar conhecer o prestimo das coisas destruidas.

Bastou-lhe não perceber os dogmas, elle que percebe tudo, para os julgar uma inutilidade, os envolver no seu odio.

Elles continham a fera submissa, e dominavam o instinto bestial, a modo de uma espessa camada de cinza que no centro contêm um brazeiro. Porém o senhor filosofo, que acima de tudo prefere o socego da sua razão escandalizada por uma hipotese absurda, levanta uma tempestade de vento, espalha a cinza e põe a descoberto o fogo que sem demora crepita, deita chamas, queima, estabelece a confusão e espalha ruinas.

Sofre-se, geme-se, ha devastações? Tudo porém o senhor filosofo julga preferivel ao erro que ofendia a dignidade da sua razão.

Sempre achei desagradavel o pedantismo d'esse cavalheiro que se esconde a matutar no seu gabinete, em regra uma pelintra mansarda, onde se não vive conforme a natureza manda e se apodrece na imundicie, pois a boa filosofia no dizer de um d'esses senhores, de nome Schopenhauer, o mais doido e mau de todos elles, só se dá com a pobresa.

Não posso acreditar na sua modestia porque no fundo só vejo o sibarita do pensamento, com impotencia para acção. Pretende talhar destinos e orientar as multidões sem conhecer a vida, governar o mundo que nunca percorreu, estabelecer a harmonia entre os homens com quem nunca poude conviver.

Dentro das bibliotecas, ou isolado na trapeira, sempre estranho á luta normal, longe dos homens, longe das coisas, desconhecendo o interesse, alheio á natureza do seu semelhante bem integro de faculdades, sózinho com as suas representações mentaes, criadas fóra da vida real, da autentica, da que se vive, é que pretende ditar leis, reformar, crear justiça, e descobrir para todos a felicidade.

O homem, segundo o seu pensar, não é mais feliz por ter multiplicado os meios de produção da riqueza material, criado processos de evitar a dôr e prolongar a vida, desenvolvido o culto da beleza; só é feliz quando se apaixona por uma formula seca e arida, um conceito literario, garantido por verdade pura.

Foi elle que deitou os cristãos ás féras, e acendeu os autos da fé, que armou a guilhotina e agora me impede de receber a visita do abade. Como? Atirando palavras contra palavras, dogmas contra dogmas, sempre fazendo crer que vem substituir um erro por uma verdade.

Por este processo o senhor filosofo consegue tornar todos os deuses antipaticos, quando no fundo todos são interessantes, todos são bons, estão de acordo e desejam pouco mais ou menos a mesma coisa.

O desordeiro do senhor filosofo é que os põe em conflito, estabelecendo intrigas, semeando odios por meio de um astucioso artificio de palavras.

Diz-me se os actuaes dogmas da egualdade, da

fraternidade, da liberdade são novos no mundo e se por elles, depois de se ter visto que a natureza os repele, valia a pena fazer correr o sangue, na epoca actual, com a violencia de sempre, desde Prometeu a Comte.

Louca humanidade tão infantil nas suas ambições, que não chega a compreender a vacuidade do seu sonho.

Pois, amigo, ao senhor filosofo dou agora para ter pensamentos e conceitos a respeito da egreja e do abade, atribuindo-lhe intenções com que o pobre homem nunca sonhou.

O meu abade é como todos os outros uma ingenua criatura, apreciando simploriamente as coisas materiaes, que trabalha a vinha do Senhor sem teorias, imitando o bom cavador a cuidar da sua geira. Desafeiçoado das letras, vae moendo o latim, guarda o maximo respeito pela vida eterna que ha de ser muito boa, mas acha não ser má a vida presente.

De politica sabia que meu pae, e depois eu, gostavamos que se deitassem na urna certas listas e mais nada.

Juntou peculio bastante para ordenar o sobrinho, ou formá-lo em Coimbra, mas porque saíu bronco pagou-lhe a viagem para o Brasil, onde se encontra a caminho da fortuna, segundo me dizem.

O padre português na sua generalidade parece-se com este.

Não sabia fanatizar. A sua religião terra a terra, alegre, sem exigencias, condescendente, permitindo fazer umas economias, conformava-

se com a vida material, transigia com habitos pagãos.

O padre muitas vezes marcava nas familias o inicio de um trabalho de selecção, sendo o primeiro termo da série, um ponto de partida actuando como fermento de cultura no meio em que vivia.

O abade conhece bem a gente da sua freguezia, as posses, as forças de que dispõe, e acompanha todas as crianças desde o berço, experimenta-lhes a atenção, a memoria, a decisão, e pelo tino pratico, sem estudos de psicologia experimental, com cuja existencia nem sonha, sabe conhecer as melhores, as mais inteligentes e prometedoras. A's vezes sucede-lhe deparar com uma que o surpreende pela rapidez com que aprendeu a ajudar á missa, a facilidade com que entende um recado, ou guarda na memoria a doutrina do catecismo, e ainda pelo geito na pronuncia do latim, não estropiando as palavras, nem lhe esquecendo nenhuma. Experimentado nas letras, revelava a mesma coisa?

Nesta altura o abade começaria a dizer ao pae que achava o rapaz mal empregado para a sachola. «D'acordo, mas os meios eram poucos e que remedio.» No entanto o rustico, tomado pela vaidade, ia contando que o filho saíra fino como azougue. O sr. abade teimava que se mandasse ensinar para o exame das primeiras letras. E uma vez feito este, porque seria uma pena e o pequeno não se dar com a enxada, lá se faziam sacrificios, metia-se no seminario e ordenava-se o ra-

paz. Celebrada a missa nova com uma festa nunca vista, o padre ficava sendo o patrono da familia. Tomava um sobrinho á sua conta para ser padre tambem, ou doutor em Coimbra. Seguia carreira, ou estabelecia-se no comercio com os capitaes do tio.

Outras vezes o sr. abade limitava-se a formar um peculio. Economico, reunindo um capital migalha a migalha, constituia uma pequena fortuna, cultivando a terra, administrando-a bem, arroteando, melhorando, erguendo uma casa, abrindo uma mina, criando no fim de contas uma riqueza.

Materialão, o nosso padre das aldeias não espiritualizava a doutrina pelo exemplo, mas servia de modelo no meio em que se encontrava, feito á sua imagem e portanto bem compreensivel, trabalhador, jovial, dedicado ao amor á terra, sentindo o que a natureza manda sentir aqui entre os montes. Com toda a sua ingenua rudeza, dispondo de sumaria cultura, conseguia civilisar.

Não compreendo o odio que lhe votaram, nem o explico senão pelo fanatismo do tal senhor filosofo.

O que estou vendo causa-me um grande tedio, uma infinita tristeza.

Tu, habitante de Lisboa, não podes compreender bem o meu estado d'alma. Não sei se a minha carta bastará para o estudares.

E' hoje dia de Pascoa, segundo me diz o calendario, mas, em vez da alegria habitual, sinto-me como se tivesse perdido uma pessoa de familia.

A muitos sucederá o mesmo. Creio porém que o meu tedio e tristeza noutros aparecerá mudado em odio e revolta. A diferença reside na tempera do caracter. O meu está amolecido por dez annos de paz estagnada e inutil. O d'elles mais afeito á luta, por diverso modo tem de reagir.

Devem ser curiosas as razões d'esse senhor filosofo para justificar tudo isto, e mostrar o proveito que d'ahi nos resultará.

Do teu

Cristovam de Melo.

VIII

Cristovam

Fez-te bem a quietação. A cura de repouso foi um grande remedio para o desequilibrio resultante de seis ou sete annos de cultura literaria. A vida da serra criou-te um salutar fastio pelos livros, e a pouco e pouco foste perdendo o vicio da excitação mental. Podes agora pensar com a tua cabeça, mantendo uma atitude que seja a tua, sem rubrica de escola, nem pedantismo de sapiente letrado.

Serás pois um homem natural, izento de monoculo, ditos popularizados, côrte, e obras do mesmo autor.

Se vivesses em Lisboa, roçando-te por todas as miserias humanas que a vaidade produz, não serias capaz, tolhido pela vergonha, de chorar o golpe dado nos usos e costumes da tua aldeia. Que demonio de interesse a tua cerebração lucida, pairando nas culminancias da visão artistica,

encontraria no facto de um abade percorrer ou não as casas de Caniços a aspergi-las com agua benta, latim e ingenuas chalaças? O que te pareceu calamidade, e originou uma grande tristeza, observado a distancia fica banal, parece na verdade um desgosto infantil.

E foi ainda por esse motivo que os senhores reformadores não hesitaram diante da situação. Não a sentiram como a descreves, e isso bastou para cometerem o erro. E' o que sucede geralmente a quem raciocina de dentro para fóra, sendo levado a querer subordinar os factos ás suas conclusões.

Seria muito mais pratico e mais scientifico proceder ao invez, mas essa virtude não a possuem os filosofos que estudam sentados, aprendendo de ouvido, pelo que lhes dizem e não conhecem a vida por terem observado seres vivos, em pleno movimento, exteriorizando as suas aptidões e necessidades pois lhes basta abrir um livro e olharem para dentro de si.

Dá-se então um fenomeno singular. Esses senhores que, por terem lido, se julgam sabios, consideram-se superiores aos que leem menos, afirmando assim a deseguldade; mas quando pretendem impôr aos outros a sua vontade, consideram-nos eguaes a si mesmos. «O que ofende a minha razão soberana e infalivel, afecta de modo identico os que me cercam. Se as religiões repugnam ao meu espirito, não teem prestimo para ninguem. Suprimem-se pois.»

Assim o entendem e querem executá-lo.

Não tratam de saber o que praticamente vale uma religião que, sendo no fundo um sistema de moral, ou metodo de disciplina, constitue um importante orgão social, dificil de eliminar. E se admitem a sua substituição por outro mais perfeito, accionado por melhor força, deviam experimental-o primeiro, mas a pouco e pouco, suavemente, para não se dar a catastrofe de chegar um momento em que, faltando o antigo e o moderno, se ficasse parado no meio da confusão.

Inutil discutir se os fundamentos da religião podem ser demonstrados por equações de rigor matematico; absurdo para o julgamento final medir os abusos que á sombra d'ella se praticam. Apenas ha que atender ao seu codigo de principios, quando executado em regra, e ver os efeitos nestas condições colhidos na pratica.

Importa-me a natureza do metal empregado na maquina do meu relogio, se noto que regula bem? E se deixa de regular por estar sujo, não o deito fóra, mando-o limpar, continuando a servir-me d'elle.

Assim o determina o comezinho espirito scientifico, mas o peor é serem os pedantes e não os sabios quem governa o mundo. Ora o pedante satisfaz-se com palavras e procede segundo as paixões, por isso estragou o teu domingo de Pascoa, sem pedir venia ao homem de sciencia.

Comtudo verás que não pulou num salto brusco, sem razões precedentes, até esse extremo. O conflito agora traduzido em violencias começou longe. As tuas queixas são justas, mas

o sucedido é logico. Lamentemos o corte brusco do bridão religioso que, domando a fera humana, constituia uma força disciplinadora entre as classes rudes, mas se averiguarmos quem lhe deu o golpe, toparemos justamente com a mão do letrado.

Lembras-te do tempo em que os bachareis como nós, os oficiaes militares, os homens de sociedade e até as mulheres faziam chalaças com as doutrinas religiosas e afectavam, por distinção, um claro desdem por toda a crença?

Se um fidalgo ou outro aparentava respeito, procedia mais em honra da tradição que por necessidade de consciencia. No fundo sentia o mesmo desapego, e era condescendente com o espirito ironico dominante na sua sociedade.

O modesto burguês, o pequeno funcionario, a classe média ouvia, notava e imitava, para inculcar sabedoria e razão esclarecida, aproximar-se, subir.

Por outro lado a memoria da tirania, que em nome da religião se exerceu em tempos já remotos, não estava ainda perdida; os abusos praticados pelos industriaes da crença não deixaram nunca de existir. A evolução logica tinha de ser o que estamos observando. O povo rude gosta sempre de partir os freios que o seguram, sejam de que natureza forem.

Os literatos açularam-no, exaltando a violencia com inflamada retorica, assoalhando abusos, recordando velhos crimes, e a fera humana posta á solta cumpriu a sua missão de flagelar, devastar,

castigar a defecção moral das classes responsaveis.

As passadas tiranias sofreram agora expiação, como no futuro a terão aquelas a que estamos assistindo.

Os autos da fé, podes estar certo que muito concorreram para estragar o teu domingo de Pascoa.

Nenhum crime fica sem expiação, nenhuma violencia deixa de produzir outra violencia.

As seitas que no presente estão fazendo correr o sangue e as lagrimas, receberão em troca nas pessoas dos seus representantes futuros valores equivalentes em tristezas e lutos. E assim pela eternidade dos tempos fóra, visto que não ha loucura nenhuma de que a humanidade se sacie.

Como vês, o grande conflito resulta de as sociedades não serem governadas com espirito scientifico e de se moverem apenas ao sabor das paixões ateadas pelas teorias dos pedantes que em todos os campos aparecem.

D'este modo se viu sempre e ver-se-ha perpetuamente n'um ritmo inalteravel, o perseguido mudar-se em perseguidor, e feita a rotação, voltar á primeira fórma. E, porque o mundo nunca será povoado de sabios, nem deixará de existir uma fera sanguinaria dentro de cada homem, a paz continuará sendo para os fortes uma coisa de gozar, e para os fracos uma coisa de sofrer.

A esta lei não fugiremos e não vale a pena cançarmo-nos em procurar invertá-la. E' assim, é inevitavel, e por isso havemos de aceita-la com

serenidade, sem covardia e ainda sem tristeza. Não é digno caír em abatimento; a tristeza quer dizer fraqueza. Levanta pois o animo. O momento é de provação. Assola-nos um terramoto que está sujeitando a uma dura prova os fundamentos sociaes. E' desagradavel a situação, mas verás que, desfeitas as nuvens de poeira, os antigos edificios tornarão a erguer-se, mais limpos e renovados. Não morrem as tradições, porque ellas são o espirito, a alma dos povos, por sua natureza imortal. Quando se lhes toca, ellas revigoram, adquirem mais brilho, tornam-se luminosas. O mesmo sucede quando se revolve a sepultura dos mortos; parece que revivem, se levantam e regressam á nossa convivencia.

Animo pois e confiança! Portugal não morre porque ninguem mata Nun'Alvares, nem o Gama, nem Camões e emquanto esses viverem, suceda o que suceder á face da terra que adoramos, não desaparecerão os usos e costumes que elles nos deixaram. Substituam-se os simbolos, a indumentaria e o nome exterior das coisas, que no fundo tudo se quedará imutavel.

A essencia, a alma ficará a mesma, porque não é com palavras que se consegue alterar a constituição elementar dos corpos.

Sei bem o que te falta e já o lembrei por mais d'uma vez. Precisas de iniciar uma obra, e de prender a ella as mais fortes energias, para considerares mesquinho quanto lhe fôr extranho.

Ao seres animado pelo divino fluido do impulso criador, quando os teus musculos, nervos

e cerebro, a tua natureza inteira, se empenharem no esforço, nada conseguirá perturbar a tua consciencia robustecida e avaliarás então o que é um homem merecedor de respeito, o que deve entender-se por um facto digno de atenção.

Do teu

Mendes.

IX

Querido Manuel

O Inocencio mandou-me ante hontem o troco da recusa da Finita. O homem achou digna de uma reparação vistosa a macula posta nos seus brios e fortuna pela categorica nega do Rabiça, no momento em que lhe devolveu os presentes de esponsaes.

—Seu João, você me nega a mão de sua filha?

—Ella não quer, os meus amos tambem não, que havia eu de fazer?

—Mas que homem de palavra é você?

—Eu não dei palavra nenhuma.

Enfureceu-se, insultou, prometeu vingar-se embora tivesse de gastar quanto tinha, e insinuou uma infamia que o Rabiça não compreendeu, mas soube contar-me, assustado ainda com as furias do canalha.

D'ahi em diante fez-se inseparavel do Bucha e não tardou que se associassem, abrindo uma tenda para afrontarem o Chico-da-venda, que é afeiçoado cá da nossa casa.

O Bucha está ao balcão e dirige o negocio. Vae á cidade fazer compras, á terça-feira, em um carro adquirido pela firma, jantando na hospedaria das Camillas e estando de volta nos Caniços ás oito horas, com uma loquaz bebedeira, invariavelmente seguida de uma contenda com o primeiro que se atreva a divergir das suas opiniões politicas, estampadas numa oleografia suspensa na parede, por cima da pipa.

Numa ocasião d'essas, depois de anunciar o dia de juizo para todos os talassas, pronunciou o meu nome, que o administrador já tinha apontado, por havermos recebido nos Lagares a visita do Padre Rebelo, tido como intrepido conspirador, um antigo subsidiado da casa ao tempo dos seus estudos, e sempre reconhecido á tia Leonarda, sua madrinha.

Depois das ameaças, em termos precisos depôz a infamia contra a Finita, inventada pelo socio.

A mulher do Rabiça no dia seguite foi avisada do sucedido e vendo o Inocencio pela rua abaixo, com o seu ar afidalgado, de guarda sol aberto, saíu-lhe ao encontro com uma podôa afiada e sem mais afronta-o nestes termos:

—Agora aqui, seu macaco sem rabo, é que você vae prantar o que tem a dizer de minha filha.

E de podôa erguida, em frente do homem que se sumia atrás da sombrinha repetia-lhe:

—Fale, seu carneiro capado, que só sabe marrar á falsa fé.

Elle aflito desculpava-se:

—Mas senhora Maria, isso não são propositos...

Ao ouvirem a gritaria outras mulheres acudiram, segurando a Maria e dando-lhe razão.

—Merecia bem que lhe cortassem a lingua— berrava o mulherio. Julga que isto aqui são as porcas que elle conheceu lá por onde andou?

Apuparam-no emquanto o viram, até desaparecer ao fundo da rua, livido, a limpar a testa com o lenço.

Passou-se isto ha um mez.

Ante hontem de manhã recebi nos Lagares a comitiva do sr. administrador, as autoridades que vinham passar uma busca, por haver constado que o Padre Rebelo, conspirador sobre quem pesa ordem de prisão, se refugiava cá em casa.

Apresentaram-se quatro policias, dois patriotas e o administrador, saindo-lhes á frente o Manuel Caseiro, poucos passos adiante, depois de terem entrado o portão da quinta, a perguntar-lhes quem eram e o que queriam.

—Siga lá para diante, que já vae saber quem somos.

—Mas isto aqui não é dos senhores.

—Siga, já lhe disse.

O Manuel batendo furiosamente no chão com a enxada berrou-lhes:

—Mas, com seiscentos diabos, digam quem são primeiro, senão chamo áqui-del-rei contra os ladrões.

—Pode gritar, contanto que vá direitinho diante de nós.

O Manuel Caseiro ia erguer a enxada e logo um d'elles sacou de uma pistola, intimando:

—Está quietinho, bruto, se tens algum amor á pele.

Longe de socegar enfureceu-se, rompendo a gritar «aqui-del-rei» com a enxada erguida. Seguraram-no e eu acudi, mais as senhoras, as criadas e os homens que trabalhavam na quinta. Num momento o borborinho estabeleceu-se começando a gritaria, os choros, uma discussão confusa. Conseguido o silencio, perguntei ao que vinham. O administrador avançou:

—Não sei se me conhece—perguntou.

- Não conheço—respondi.

—Sou o administrador do concelho.

—Que pretende d'esta casa o sr. administrador do concelho?

—Está aqui escondido um tal Padre Rebelo que tem ordem de prisão.

—Não está.

—Temos de passar um busca a toda a casa.

—Preciso vêr a ordem que o autoriza a fazê-lo.

—A ordem sou eu.

—Não a sei lêr.

—Se não sabe aprenda. A busca vae passar-se.

— Perdão! O senhor não tem o direito de fa-

zer o que diz. Não se lembrou talvez de que o dono d'esta casa conhece um pouco as leis.

O homem enfurecido, a tremer-lhe a barba ruiva do queixo, gritou-me:

— O senhor conhece-me bem e sabe quem eu sou, não lhe serve de nada estar com evasivas.

Muito calmo respondi-lhe:

— Não o conheço, nem desejo conhecê-lo. Pretendo apenas que me prove a autoridade que se arroga para invadir a minha propriedade. Por emquanto cabe-me o direito de duvidar se estou ou não em presença de um salteador.

—O senhor insulta-me e eu prendo-o.

Nisto levantou a mão e eu recuei. O Manuel e os trabalhadores começaram a gritar:

—Alto lá, fale mais de vagar!

—Olhem o atrevido! — pespegou-lhe uma das criadas.

O administrador e dois do grupo puxaram de pistolas. A Finita deu um grito, assustada. A Madalena resoluta veio pôr-se a meu lado, com sobrecenho, a fitar o administrador, que recuou baixando os olhos. Voltei-me para trás e vi a tia Leonarda, palida, a tremer agarrada aos braços da Finita.

Segue-se um momento de hesitação.

Eu sentia-me calmo, inteiramente senhor de mim, e pude admirar a bela atitude da Madalena, varonil, dominando a scena, heroica diante da ameaça que decerto julgou terrivel. Foi pena perder-se ali no meio de uma situação tão ridicula a admiravel figura que me revelou. Paciencia! Fi-

quei sabendo que um bruto investido de autoridade e cercado de força vale menos que uma mulher.

O administrador pareceu-me ter caído em si e olhava para a sua gente embaraçado.

Satisfeito já com o triunfo conseguido, deu-me então a malicia para o conduzir:

— Mas vamos a vêr, na terra existe uma autoridade, o regedor, que tenho obrigação de conhecer. Por que não se fizeram acompanhar por elle?

O administrador contrariado entrou a cochichar com os seus homens, ordenando-lhes por fim muito sacudido:

— Pois tragam-no assim mesmo.

D'entre elles, partiram dois na direção dos Caniços.

O administrador, a morder os pelos da barba, afastou-se para a sombra de uma arvore.

Fui conversar com as senhoras, socegá-las, que nada temessem; o resto havia de ser apenas ridiculo, egual ao começo.

Os policias comunicando por olhares de revez, esboçando sorrisos e depois falando a meia voz aos trabalhadores, foram contando em segredo que o Bucha não os acompanhara por estar a contas com a bebedeira. O administrador envergonhara-se de o trazer.

A noticia circulou e uns riam, outros encolhiam os hombros. O Manuel Caseiro comentou de filosofo:

— A mãe acertou quando o julgou filho do almocreve.

Passou-se uma boa meia hora á espera do Bucha. O administrador batia o pé, puxava do relogio, estendia o pescoço, explorando o caminho. O Manuel piscava o olho, apontando-o, e os policias de cara abrejeirada não perdiam de vista o chefe, de costas para nós. A autoridade dos Caniços, por fim, apareceu a gesticular entre os dois enviados vergando ligeiramente as pernas, o chapeu no alto da cabeça, o cigarro ao canto da bôca e a camisa desabotoada, deixando vêr a camisola de riscas.

Chegado junto do administrador apertou-lhe a mão familiarmente, tocou-lhe no hombro e, aos berros, de lingua entaramelada, balouçando uma das mãos, barafustou:

— Sim senhor! E' aqui que está esse traidor á patria. Hade aparecer, e mete-se já ahi de cabeça para baixo numa cova. Esses talassas teem-no escondido . . .

O administrador quiz falar para interromper a scena, mas o Bucha excitado não o atendia. Estupidamente agarrado ao desejo de aumentar o vexame, para o castigar da má criação, deixei-a prolongar-se.

O bandido então, inconsciente, de cabeça perdida pelo alcool, gritou a infamia que todos ouviram.

A tia Leonarda livida, a tremer, sentou-se num banco, de olhos esgaseados, ofegante. A Finita varada pela afronta tapou a cara com as mãos caindo de joelhos a soluçar no regaço da madrinha.

Perdi a cabeça e avancei de punhos cerrados:

—O senhor manda-me calar este canalha, ou eu estrangulo-o.

A minha gente enfurecida gritava que se arrancasse a lingua ao patife, a vergonha da freguesia. O Manuel Caseiro apopletico uivava que nunca se tinha visto numa coisa assim. Se alguem podia pôr na sua idéa que se fizesse d'aquilo regedor. «O maior bebedo que a rosa do ceu cobre». Estabeleceu-se borborinho. Os meus homens avançavam dispostos a tosar o Bucha. O administrador sentindo-se desmoralizado, com o auxilio da sua gente, tratou de serenar a tormenta. Os policias, cordatos, pediam que não se fizesse caso, o homem estava fóra de seu juizo, sem saber o que dizia.

O administrador em voz quasi submissa, anciando por terminar, perguntou se já lhe reconhecia autoridade para proceder á busca.

—Faça o que julgar de seu dever — respondi-lhe.

Casa por casa, movel por movel, os recantos, as lojas, o sotão, debaixo das camas, tudo foi minuciosamente esquadrinhado.

Arrisquei-me a lamentar a absurda faina em que andavam e o chefe, tomado de zelo, não gostou:

—O serviço tem de se fazer—sentenciou elle.

—Pois faça, se lhe dá prazer.

O ultimo compartimento rebuscado foi o escritorio e a observação ahi parecia dirigida por

esse Soares, assistente do João Crisostomo. Palparam o estofo de um grande canapé, bastante velho, forrado de couro e largo como uma cama, onde ás vezes se amontoam livros, jornaes, cartas, papelada que ali vou descarregando, até que a Madalena um dia, depois de me ralhar, «uma vergonha se entrasse alguem por ali dentro» pôe tudo no seu logar.

Com grande arrelia para ella o administrador topou o sofá num periodo de desordem maxima. Pois analisou os jornais, os livros, os papeis, abrindo, folheando e pondo de lado as cartas que encontrava. Fez-me abrir as gavetas, esvasiá-las e numa, ao ver saír as tuas cartas, volumosas, de proporções tão fóra do comum, arregalou os olhos, sorriu satisfeito da descoberta e ordenou a um dos seus homens que tomasse conta d'ellas.

—Mas veja que são cartas intimas, de um amigo, onde não existe uma unica palavra sobre politica.

—Isso lá se verá.

Estava terminada a busca. Avalias decerto o meu furôr e a ancia com que desejei esbofetear o bruto. Compreendi o disparate que seria tentar ali qualquer protesto e só pensei então em lhe traduzir o meu desprezo.

Saíram do escritorio, entraram no corredor, e eu, para uma criada que estava lá ao fim, partilhando do alvoroço que a ninguem poupara, disse em voz bem alta:

—Eufemia, pergunta a esses homens se que-

rem um copo de vinho e serve-lho, a todos, na cozinha, se aceitarem.

O administrador voltou-me uns olhos furiosos e seguiu. A Eufemia adiantou-se a fazer o oferecimento. Insisti ainda:

—Dá-lhes tambem azeitonas e borôa. O vinho trá-lo na cabaça grande por onde bebem os trabalhadores.

Os policias á pergunta da criada, hesitantes, olharam para o administrador que lhes bradou raivoso:

—Sigam para diante!

Avançaram, elles de cabeça baixa, confusos, sem perceberem nada, e o administrador a roer os pelos da barba.

Fóra na quinta, o Bucha guardado por um «cidadão», ainda barafustava, meio rouco, palavras que ninguem entendia.

Da varanda assisti á partida dos conquistadores d'esta fortaleza dos Lagares. Levavam aspecto de vencidos, menos o administrador, que cheio de polvora, explodia com a sua gente.

O Bucha foi conduzido aos encontrões. Os trabalhadores, a distancia, de mãos nos bolsos, assistiram ao desfile, rindo com o Manuel Caseiro, já socegado das suas furias de sentinela desarmada e a dizer as habituaes facecias.

Mas dentro a tia Leonarda sentia-se mal disposta. A emoção fôra grande e os seus nervos, habituados á placidez, vibravam fortemente, colhidos de surpreza, num movimento brusco e sacudido, para ella inedito. A Madalena, de espi-

rito sempre alevantado, aparentando bem a calma, senhora da situação, levara-a para o quarto e dera-lhe café. Mas a tia com os queixos a bater, benzia-se repetidas vezes e não socegava, muito receosa «não fosse o Cristovam fazer alguma». Soceguei-a, anunciando que já tinham ido embora. Não fôra nada. Tudo aquilo não havia passado de uma comedia ridicula. Suspirando fundo, aliviada de um grande peso que lhe saía do peito, continuou agitada, como se tremesse maleitas. A Finita chorava ainda, a um canto, sentada numa cadeira, de cotovelos nos joelhos e a cara entre as mãos.

Saí para mandar que me fossem buscar o Figueiredo e voltei para junto d'ellas.

Contei a scena do oferecimento do vinho, a cara do administrador, e da Eufemia tomando ingenuamente a coisa a serio. A tia desaprovou; que era preciso cautela com esses homens tão vingativos. Não tivessem receio. No dia seguinte iria falar com o governador civil, que é um antigo condiscipulo, e podiam estar certas de que ficariamos livres do Bucha. O nome do tratante fez estremecer a Finita, a Madalena córou e a tia ergueu os olhos para o ceu.

—Eu bem te disse, Cristovam, que o Inocencio havia de dar-nos desgosto—suspirou a Madalena.

—Tem a certeza de que desgosto maior será o d'elle, quando d'aqui a pouco vir a enorme fortuna bebida pelo outro, e houver de tornar com um saco de chita debaixo do braço para o Brazil a fossar na terra.

A Madalena olhava maternalmente para a Finita e eu fui amimá-la:

—Então esta pombinha está agoniada porque lhe deitaram borras de vinho nas azas brancas? Ora venha cá. Então se lhe dissessem que a tinham visto engulir uma duzia de sapos vivos tambem ficaria a chorar?

Ella ergueu para mim os olhos a querer esboçar um sorriso, mas as mãos que eu segurava tremeram-lhe e de novo pendeu a cabeça, a meditar, muito gravemente.

Fez-se o silencio. Saí para a quinta a espairecer o aborrecimento que de tudo me viera.

O canalha do Inocencio! A grande infamia!

Se a calunia medra, se me sujam a Finita, ou lhe roubam a alegria, estragam-me este paraiso.

Cirandei umas duas horas pela quinta roçando-me nos braços das videiras, nos milharaes, conversando com os trabalhadores, para meter na cabeça á força outras idéas que me varressem as que me moiam a paciencia. O expediente em regra não me falha e d'esta vez foi pronto no resultado.

Quando o Figueiredo surgiu á entrada do portão, desanuviado já de todo contei-lhe o sucedido.

Elle ouviu e no fim com a sua habitual placidez rematou por este comentario:

—Esses diabos a impôrem a republica fazem-me lembrar o Trota recomendando os novos remedios. Quer por força curar os doentes receitando os frasquinhos bonitos, as injecções e lá o

que elle sabe. Mas como estão habituados ás minhas tisanas, aos seus modernismos não se ageitam. Elle diz-lhes que bom é só aquilo, o resto não presta; pois em vez de arranjar clientela, todos lhe fogem. Ora se elle com as tisanas fosse metendo a novidade a pouco e pouco, não seria melhor? Assim de repente estranham.

A tia Leonarda quando viu entrar o Figueiredo, ralhou-me:

—Ora não se pode ter um susto que tu não obrigues este pobre de Christo a perder o seu tempo.

—Isso é que elle não perde. Ganho aquelle nosso cházinho, que se o imperador da China o provasse, seria capaz de botar até cá para o beber.

—Mas seria preciso que o imperador da China tivesse tão boa bôca como o sr. doutor—respondeu-lhe a Madalena.

—Boa bôca eu? Então imagina que sou facil de contentar? Pois olhe, estou aqui solteiro porque quando era rapaz não encontrei mulher que fizesse chá que me agradasse. Se tem aparecido, casava com certeza.

—Para passar a vida a tomar chá?

—E era bem mau, ao pé de uma mulher que mo soubesse temperar . .

—Mas a Finita é quem o tem feito.

—E julga que me desagradaria bebê-lo d'esse bulezinho? Vamos que tambem é da melhor loiça portuguesa. . .

—Isto é loiça de barro, não presta—respondeu a pequena.

— E' da melhor, porque ninguem se lembra de a falsificar.

A tia Leonarda, na inteira posse da calma habitual, comentava de cara satisfeita que o maganão do Figueiredo havia de ter sempre que inventar.

— Quem sabe inventar é aqui o Cristovam, que até arranjou um maluco a fingir de administrador, só para as divertir.

— Não esteve mau o divertimento. O que esse mafarrico precisava bem eu sei. Se lhe poisasse um vespeiro na lingua...

No dia seguinte fui á cidade para me entender com o governador civil, apesar de á tia Leonarda parecer falta de tino querer descascar batatas a ferver.

— Deixa socegar isso. Elles devem lá estar cheios do que esse aldabrão para lá foi dizer.

Apenas enviei o meu cartão, o governador civil mandou-me entrar imediatamente.

— V. Ex.ª chega a proposito — disse-me elle oferecendo a cadeira. O sr. administrador acaba justamente agora de contar-me o que hontem se passou em casa de V. Ex.ª. Começo por lamentar que se desacatasse uma autoridade . . .

— Ha por certo erro de informação — respondi. Este senhor apareceu-me com seis homens a pedir que lhe desse um padre. Ora eu não tinha padre nenhum para lhe dar. Não acreditou e quiz ir procurá-lo. Estabeleceu-se uma breve discussão e este senhor, ainda não sei o motivo, puxou por uma pistola.

— Então os homens armados? — perguntou o governador civil.

— Os homens armados, que vi, foram este senhor e os que o acompanhavam, ninguem mais. De resto o incidente acabou bem. Minha irmã, que assistia á scena, avançou para diante do sr. administrador e dos seus homens d'armas e logo se fez a paz.

O sujeito que não esperava por mim naquelle momento, sucumbiu e de olhos no chão não dizia palavra. O governador civil sacudiu-o:

— Isso diverge um pouco das informações que tenho.

— O sr. administrador pode desmentir-me, onde notar o erro — propuz.

— Falta repetir o insulto de que fui vitima.

— Insultos que façam vitimas só conheço os apopleticos e não vi que tal o acometesse.

O administrador, enfurecido, bradou para o governador civil:

— Aqui tem V. Ex.ª o tom em que este senhor responde. Sempre a fazer pouco.

— Se faço pouco é porque não tenho forças para mais. E' falta de energia.

O homem neste momento ia rebentando. O governador civil, formalizado, exigiu que tratasse o assunto de outro modo.

— O que desejava, pedi eu, é que o sr. administrador me indicasse o insulto a que se referiu, porque não me lembro.

— Nega então que me chamou salteador?

— Perdão! Não fiz uma afirmação categorica.

E dirigindo-me ao governador civil:

—V. Ex.ª ponha-se no meu caso. Aparecem-lhe á porta sete homens armados e o comandante usa as barbas que V. Ex.ª vê na cara d'este senhor. Elle diz-lhe que é administrador e V. Ex.ª que faz muito bem em duvidar se isso não é um truque, pede-lhe um documento comprovativo. Não lho apresentam. Nessa altura V. Ex.ª, para ser extremamente generoso, limita-se a formular uma hipotese. Ahi tem o que fiz.

—As intenções adivinham-se—retrucou o administrador chispando lume dos olhos.

—Se eu agora chamasse a isso uma resposta de jesuita, o sr. administrador zangava-se...

—Prefiro salteador, respondeu, sempre é mais honroso que jesuita... ou talassa—concluiu, atirando-me um olhar de desprezo.

—Em conclusão, disse eu, o sr. governador civil está notando que a autoridade não foi insultada, e comtudo o sr. administrador não nega que nos apresentou armas, honra que poderia dispensar-se, sobretudo havendo senhoras presentes.

O governador civil em tom conciliador:

—De facto o incidente aparece sem importancia. Talvez um excesso de zelo de parte a parte. Não falta pois motivo para que os dois saiam d'aqui amigos.

—Amigos para que? respondi. Basta que sejamos cortezes e que nos comprometamos a respeitar o que manda boa educação, quando nos encontrarmos.

—Pelo sr. administrador fico eu. E' um homem inteligente, cavalheiresco e um cidadão perfeito. . .

Percebendo a manobra, acrescentei com a entoação melhor que me foi possivel:

—Nesse ponto estamos d'acordo. Hontem não me foi dificil perceber que o sr. administrador é na verdade um homem inteligente, muito inteligente...

Não ha idiota nenhum que não morda nesta isca. Desvanecido, sorridente, baixando a cabeça, gemeu:

—Faço o possivel por mostrar que não sou burro defendendo a republica.

—E consegue-o — afirmou o governador civil.

—Não duvido—acrescentei. No entanto parece-me que alguns auxiliares do sr. administrador desacreditam a sua obra. Por exemplo, o regedor dos Caniços...

—E' um republicano decidido.

—E ainda mais decidido borrachão.

Contei a scena passada nos Lagares, os desacatos e as infamias.

—Mas isso não pode ser!—gritou o governador civil. E' uma vergonha.

—Mas, se não temos outro que mereça confiança . . .—declarou o administrador hesitante.

—Tem de encontrar-se. O sr. administrador vae procurá-lo sem demora. Uma autoridade assim compromete-nos. Mande chamar já esse homem, é preciso demití-lo.

O governador civil falava de modo imperativo e o administrador submeteu-se.

—V. Ex.ª ordena . . .

—Sim senhor, ordeno em nome do prestigio das instituições. Vamos, caro Guedes, vá cuidar d'isso emquanto eu esclareço com o sr. dr. Melo esta questão das cartas.

—O quê, nas cartas do Manuel Mendes aparece algum caso suspeito ?

— O sr. administrador pôz as suas duvidas . . . Mas espere, Manuel Mendes é o medico de Lisboa?

—Esse mesmo.

—Ora, ora! Um intimo do nosso chefe, amigo velho, foram companheiros de casa em Coimbra.

O administrador parecia todo olhos.

—Quiz parecer-me ahi por umas palavras...— desculpou-se, talvez fosse ilusão minha.

—Sem duvida. No entanto vamos ver isso.

O administrador saíu. O governador civil, depois de ter fechado as portas, quando se viu só comigo, abriu-me os braços:

—Oh! Cristovam, anda cá grande maroto, que mal te fiz eu?

—Mas . . .

Demo-nos um grande abraço e depois de instalados em duas poltronas entramos a conversar.

Não sei se sabes, o nosso governador civil é o Chico Leiria, um bom rapaz que será dificil preverter.

—Diz-me cá, meu grande patife, por que diabo não tens aparecido?

—Bem vês, andas em companhias que assustam . . .

—Mas eu sou o mesmo Chico Leiria. Esqueceste o Chico-da-rabeca?

—Não esqueci. Mas receava que tivesses mudado para o batuque em lombo de talassa que é o instrumento da moda.

— Não sejas mau, Cristovam. Não acredites o que se diz. Ha por ahi uns fanaticos que fazem a sua tolice, mas não exageres. Que diabo! São os naturaes efeitos de uma mudança. Primeiro que os moveis se acomodem no seu logar, sempre se sujeitam a uma amolgadela.

—Ou a caírem pela escada abaixo ficando em cacos.

—Mas que queres, se a casa estava podre, sem concerto? Era preciso abandoná-la para não nos desabar em cima.

—E escolhe-se um predio com formiga branca?

—Lá vem a chalaça. Falemos a serio.

—Pois a serio estou falando. Não me sinto melhor na casa nova. Se comtigo sucede o contrario e gostas da vezinhança, apanhas já outro abraço de parabens, porque és um homem feliz.

—Que fazer senão mostrar que o sou? Tenho a meu cargo distribuir felicidade ao povo d'este distrito . . .

—A minha parte lá a recebi por intermedio do Bucha, o regedor, e d'este que acaba de sair.

—Ai! amigo, o ingrato destino que a familia me deu ao empurrar-me para bacharel, sem me

entregar ao mesmo tempo uma fortuna. Que remedio senão subir o calvario da politica e sofrer desde o primeiro passo e a todo instante o contacto d'estas feras. Mas deixa-me calar, porque...

—Vamos, homem, desabafa. Estão aqui o Meloca e o Chico-da-rabeca, sózinhos e os mesmos de outros tempos.

—Pois seja! Preciso desabafar e falta-me com quem. Olha que isto é horrivel. Não imaginas o que tenho sofrido. E' um esforço extenuante domá-los e raro chego a consegui-lo. Só querem violencias, andam á procura de inimigos e onde os não encontram fabricam-nos, diabolicamente impelidos por uma vesania que não compreendo. Ainda não fui capaz de descobrir a idéa que formam da republica. Parece que o seu prazer é arranjarem quem os deteste. Só explico esta obsessão pela vaidade no exibicionismo da força. Sentem-se valentes e querem mostrar que o são. Muitas vezes cedo para não me tornar suspeito. Deves imaginar, por exemplo, a tortura que foi para mim a busca em tua casa. Não foi possivel demovê-los. O bandido do regedor fazia acusações tremendas. Guardavas em casa um arsenal, recebias conspiradores e emissarios a toda a hora, aliciavas gente, um inferno. Que podia eu opôr, se nada sabia, se nada sei . . .

—Por esse lado tranquiliza-te.

—Ainda bem, Cristovam, não imaginas o peso que me tiras do peito.

—Socega. Em politica fui progressista pela

mesma razão que sou Melo e morador na quinta dos Lagares. Meu pae tambem o foi e a meu avô não aconteceu o mesmo, talvez por ainda não haver ao tempo progressistas. Nunca tratei de averiguar se ser progressista seria coisa boa, ou má, como não trato de saber se o meu nome é bonito ou feio. A minha inteligencia não dá para esses problemas. Não tento violentá-la. Meu pae morreu e não penso arranjar outro pae. Os progressistas acabaram, a politica tambem acabou para mim. D'isto que para ahi existe agora não entendo nada e não me matriculo na escola para aprender.

A palestra não se animou. O Chico mostra-se desalentado e procura o ensejo de voltar para a comarca roer o desespero de muita ilusão perdida.

Abraçamo-nos e parti.

As senhoras esperavam-me nos Lagares inquietas. Apenas souberam que o governador civil me recebera como um bom amigo, exultaram e a tia Leonarda, ao dizer-lhe que os republicanos não eram todos eguaes, nada teve para me responder. E depois de lhe garantir que Bucha deixaria de ser regedor dos Caniços quasi se reconciliou com a republica.

—Sim, se elles não puzessem nestes logares uns malcriados que só sabem fazer destemperos. . .

E desde a visita do administrador foi o primeiro momento de paz que houve nesta casa.

No entanto acho a Finita um pouco mu-

dada. Parece-me que não olha para mim com a mesma confiança. Baixa os olhos, não ri ás gargalhadas, sorri apenas e córa se lhe dirijo a palavra. Dá-me a impressão de envergonhada. Não a entendo e por mais conjecturas que faça, não chego a descobrir o que vae por aquela alminha.

Eis aqui os serios problemas que preocupam em terras da Beira o teu

Cristovam.

X

Cristovam

VAE contando comigo para muito breve. Sinto grande necessidade, verdadeira ancia de me esconder na Beira, abraçado ao meu querido Portugal, que esta abominavel gente por força quer matar.

Portugal, aqui em Lisboa, é uma expressão vaga, uma hipotese dificil de compreender. Ora isto não faz bem á cabeça. Sente-se a gente desequilibrado, falta-nos o chão. Chego a julgar que eu não sou eu, mas apenas um diabo que nunca vi, nem conheci.

Numa noite de festa em casa do conselheiro Antonio Lima, homem notavel por habitar um palacio, em S. Pedro d'Alcantara onde frequentes vezes se reune um grande numero de pessoas bem vestidas, assisti ha dias a uma curiosa palestra.

A Berta Casaes acha a casa do Lima de S. Pe-

dro d'Alcantara uma consolação porque se encontra lá toda a gente. Recebem muito bem os Limas, não lhes falta nada e as ceias valem a pena, teem sempre champanhe francês.

Ora, numa reunião destas, não sei se sabes, os figurantes dividem-se em tres grupos, o dos que jogam o bridge, o dos que falam em politica e o dos que amam, por fim reunidos num unico, o dos que comem. Fóra destas quatro actividades, jogo, politica, amor e trincadeira, o português de Lisboa não existe.

Aproximei-me ao acaso de um grupo de falantes. A conversa já vinha de trás e na altura em que cheguei, um homem robusto, dos seus quarenta annos, de mãos nos bolsos das calças, deixando ver o colete de seda azul, dizia com voz arrastada, no tom do rigoroso fado:

—O unico recurso é a Hespanha tomar conta disto. E' destino, acabou-se. Cumpra-se até ao fim.

Ninguem estremeceu. Apenas uma voz hesitante discordou. A Hespanha não resolveria nada, ao que o outro logo opoz o quadro de um paiz que resurge, cheio de vigor, e a peninsula identificada num ideal comum, ser uma força nova e autonoma, com direito á aspiração de desempenhar um papel no mundo. Assim desunidos, nem ella podia ocupar um primeiro logar e nós serviremos de capacho a que todos limpam os pés.

—Um sonho a aspiração comum, respondem-lhe. Oito seculos de vida separada estabeleceram

diferenças que são antagonismos e quando se pretendesse unificar modos de sentir opostos, o que no presente se mostra uma simples divergencia, surgiria transformado em odio. A nossa independencia não é mais um artificio, porque anda ligada á vida material da raça e para a fazer desaparecer, seria necessario matar a um e um todos os portugueses.

Que não pensasse em tal. A nossa independencia? Uma ficção, todos o sentiamos a cada instante, em face do menor episodio da vida nacional. A independencia real só podia ter fundamento numa autentica força. Fóra d'isso, aparece o feitio provisorio, a tolerancia falivel. «Repare bem no que tem sido a nossa existencia. Uma permanente humilhação, uma atitude medrosa, de cocoras, diante do inglês, do francês, do alemão, do hespanhol, do proprio belga, de todos. Isto fez-se porque os ingleses mandaram, ali tivemos de ceder porque os franceses argumentaram com uma esquadra, além impozeram-se os alemães, e assim capitulando sempre miseravelmente. Quando se atendeu á nossa voz, onde foi a nossa vontade soberana, que é d'ella pois a nossa independencia?

O outro protestava que não se unia o azeite ao vinagre, nem o português ao hespanhol. Na verdade as humilhações referidas e mais ainda a funda anarquia moral por ahi generalisada, fizera perder a confiança no valor do esforço proprio, sendo geral o desanimo e a falta de fé em todas as soluções. Antigos males apresentavam neste

momento a sua crise e para os tratar ofereciam-se muitos curandeiros. Que reparasse: Montamos dois sistemas de governo, o monarquico com dois partidos, o republicano com numero indeterminado e dentro de cada um apareciam ainda correntes, escolas, uma especie de homeopatia, alopatia, de naturismo, um cahos, uma confusão diabolica, cada qual bem convencido de ter no seu empirismo o remedio infalivel. Era demais para um paiz tão pequeno. Não se creára pessoal para guarnecer os corpos gerentes de tantas sociedades, faltando o tempo para decidir qual d'ellas seria melhor. Depois de disputas e brigas, reconhecida a necessidade de uma força que a todas se sobrepusesse, ao procurá-la dentro do paiz, não havia meio de a encontrar.

— O meu amigo está a dar-me razão.

— Em parte, sim. Mas não é tambem a Hespanha que reune as condições. Ella já fez a experiencia e viu-se o resultado.

Os tempos diferiam, os homens não eram os mesmos.

— Engana-se; as condições são identicas. Se a Hespanha aqui entrasse, viria com o proposito de nos fazer hespanhoes, o que é impossivel, como fazerem-nos ingleses, ou russos. Estou mesmo convencido de que se a Hespanha tentasse, ainda poderiamos ver uma explosão...

— Não o acredite. Aqui explosões só de bombas. Se tal acontecesse, não deveriamos esperar scenas de epopeia. Chegaram os odios a tal ponto, desceu-se a tanto nos processos de lutar, que não

é mais possivel a concordia. Estamos desunidos para a vida e para a morte.

—Pois bem, meu caro, admitindo que a fatalidade nos segue, e a ter de aceitar como irremediavel uma força extranha que nos governe, limito-me a pedir a Deus que nos castiga, ao menos nos livre da Hespanha.

—Não compreendo.

—Pois é facil! com outro poder continuariamos a ser portugueses. Os nossos usos e costumes, a nossa lingua, o nosso Camões, o nosso Nun'Alvares ficariam sempre vivos. E mais tarde, com o andar dos tempos, depois de termos aprendido a ser governados, voltariamos a governarnos. O Egypto vive, a India vive e ambos hão de voltar á sua independencia. Vive a Polonia retalhada, vive a Hungria, e resurgiram as nações balkanicas depois de tantos seculos escravas. Mas a Escossia não vive, nem a Irlanda, nem o reino de Leão, nem o de Napoles, nem mesmo a Catalunha.

Uma dama, que se tinha aproximado do grupo, meio interessada pela conversa, meio atraída por um espelho fronteiro, onde ajustava os caracoes do cabelo, sacudindo todas as razões expostas, rematou a discussão:

—Sejam hespanhoes, ingleses, ou japoneses; seja quem fôr, mas venha alguem que nos livre desta porcaria. Tudo o que quizerem comtanto que se acabe com isso. Não acha, doutor?— perguntou voltando-se para mim.

—Não, minha senhora.

—Então está contente com a republica?... Ora vá-se d'aqui.

—Deixa-me responder-lhe?

—Sempre quero ouvir...

—Na minha pratica de medico tenho visto bastantes vezes nas familias uma pessoa querida ser atacada, por exemplo de um cancro. E' irremediavel, é fatal, sofre-se um suplicio abominavel e depois morre-se. Pois até hoje ainda não encontrei quem me pedisse para matar um desses doentes. Aceitam operações, deixam mutilar, mas sempre vi o desejo bem firme de se conservar a vida condenada até ao limite extremo. A minha especialidade não é patologia politica e não me julgo competente para diagnosticar a doença de que sofre o meu paiz. Seja porem qual fôr, desejarei que os assistentes recorram aos balões d'oxigenio, á alimentação artificial, tudo em suma que possa afastar o mais longe possivel o momento da ultima pulsação.

—Bravo, doutor, muito poetico—disseram do grupo.

A dama, contrariada com a resposta, escarneceu:

—Junte-lhe musica da *Portuguesa* e fica perfeito.

Depois de um riso forçado foi-se a tremer com as fartas ancas, entrando no salão oprimido n'esse instante pela execução de um noturno de Chopin.

O Roseira que assistira sem dizer palavra a toda a discussão, depois de acender um cigarro, a sós comsigo no vão de uma janela desabafou:

—Veja que desaforo. A vontade que tive de dizer insolencias.

—Fez muito bem em se calar. A sua lingua é um pouco acre.

— Mas estes pulhas mereciam bem uma resposta. Deixaram morrer estupidamente a monarquia. Juntaram-se depois nas salas a combinar conspirações, escondidos entre as saias, e no momento preciso ninguem os via. A meia duzia de homens de caracter que cumpriram, foram imolados. E ainda se atrevem a aparecer diante de gente com opiniões. A desfaçatez com que discutem a morte da nação. Caramba, ao menos os republicanos neste ponto teem outra atitude e ninguem os ouve apelar para taes recursos.

—Você está convencido de que entre elles não haverá quem prefira o dominio estranho á volta da monarquia?

—Sim, talvez. Pulhas ha-os por toda a parte.

—Isto é epidemia espalhada por ahi, sem distinção de castas, de classes, nem de formulas politicas.

—Que porca de situação!

—E' exactamente isso, uma situação porca, um chiqueiro, onde todos chafurdamos atascados até á lingua, onde ninguem se salva izento de culpa. E todos pretendem safar-se d'elle, metendo-se pelo caminho que lá os levou.

—Que quer você dizer com isso?

—Quero dizer que toda esta miseria fermenta na caldivana das tormentas politicas. E' o curandeirismo, como dizia um daquelles ha pouco, a

dissolver a disciplina social, substituindo o espirito scientifico. O defeito não reside nos sistemas de governo, nem mesmo no processo de governar, mas apenas na falta de geito que cada um manifesta para ser governado. Vivemos num pais em que ninguem sabe obedecer e todos se julgam com competencia para mandar sem percebermos que só aprendendo a fundo a arte da obediencia se saberá medir as dificuldades da manobra de comando. Ninguem prefere a comodidade de um acto passivo de execução á responsabilidade de dirigir. A inconsciencia creou a febre dos directores gerais e cada um pensa em ser cupula, sol, o primeiro, o unico. Na politica só ha chefes de partido, nas artes chefes de escola, no jornalismo directores de jornaes, e na minha profissão é dificil obter um auxiliar, porque apenas se arranjam chefes de serviços. Você vê a facilidade com que se fala no primeiro medico português, no primeiro pintor, no primeiro estadista, no primeiro tudo. . .

—E como só ha primeiros resulta que todos são ultimos.

O dono da casa anunciou que a Alda Gusmão ia cantar e não perdessemos; uma voz unica e um temperamento raro de artista.

Acudiu tudo ao salão. A Alda junto do piano erguia as suas nedias formas de mulheraça bem tratada. Fez-se o silencio, ouvindo-se então compassos da Salomé. Alda numa atitude fria, sem gestos e quasi sem mimica, apenas com as modulações da voz encheu todo o salão de notas ani-

madas por uma vibração extranha que parecia exalar cheiro, calor e movimento. Dentro em pouco faces de anemicas mudando para lividas amortecíam a expressão, e faces sanguinaes tornavam-se escarlates, com o olhar em fogo. Havia suspiros abafados, e os homens torciam-se, correspondendo-se por sinaes discretos.

Que lhe provocava cocegas, dizia um ao lado em surdina. Outro segredou-lhe que sentia vontade de se espojar no chão e relinchar como um cavalo. O Roseira voltou-me a sua cara de moralista num encolher de hombros.

Terminado o trecho, rompeu a enorme ovação que Alda agradeceu baixando a cabeça sem responder palavra aos cumprimentos. Sentou-se fatigada, dir-se-ia mesmo com fundas olheiras aparecidas durante a execução do canto. O diabo da mulher tem recursos e compreendo bem por que se nega a cantar. Deve fazer-lhe mal á saude repetir aquilo muitas vezes.

O Roseira enganchou-se-me no braço, levando-me para um canto, onde nos sentamos, e batendo-me no joelho:

—Que tal a bacorinha, hein?

—E' diabolica a voz desta mulher.

—E a musica! O raio da musica ao que ella pode descer!

—Descer?

—O meu amigo aplica a estricnina, a beladona e as facas, não para envenenar, ou para dar facadas, mas para curar, ou fazer bem, não é verdade?

—Decerto.

—O mesmo se deve fazer com a arte. Empregá-la só para tornar a criatura melhor, nunca para a abandalhar, a prostituir, ou a masturbar. Percebeu agora?

—Para isso seria necessario que os artistas fossem todos santos.

—Ou que tivessem mais talento.

—Veja bem se não exagera. A sexualidade é a principal função do homem.

—Sem duvida. Mas o amor tem de ser uma coisa limpa e sadia; a perversão é contra a natureza.

—Até ahi estamos d'acôrdo.

—Sabe? Isto enerva-me. Considero possivel o meu proximo exilio para uma serra longe desta choldra. Estou farto de enganar e de ser enganado. Sinto-me tão pulha como elles, apetece-me abalar.

—Caramba, isso é delirio ascetico.

—Seja o que quizer. Mas diga-me cá. Sirva de exemplo esta noite. Chamaram-me aqui para me oferecerem um prazer, e mostram-me pessoas que logo á primeira vista me são antipaticas mas a quem tenho de sorrir; assisto a discussões idiotas, ouço recitar e cantar peor que num teatro, fazem-me comer fóra d'horas coisas que arrazam o estomago. Sei que amanhã estarei deslombado. E' absurdo chamar a isto gozo.

O dono da casa apareceu de novo a anunciar a ceia e queixou-se de eu ter monopolizado o Roseira toda a noite, um egoismo da minha par-

te. Um homem de espirito, como elle, devia distribuir-se por todos. Era mais liberal.

Fazes idéa do que seria o monotono concerto de tantas mandibulas a mastigar.

Cheios os ventres, todos se foram despedindo, gratissimos aos Limas por aqueles momentos deliciosos, mas comentando á saida, desesperados, que a ceia fôra pobre, não tendo valido a pena perder a noite por uma coisa d'aquelas.

Do teu

Manuel Mendes.

CAPITULO XI

Ás 4 horas de uma tarde de agosto, Manuel Mendes, chegado á estação de Barroqueiras, observava da janela do compartimento de 1.ª classe a pequena gare, procurando avistar o seu amigo Cristovam de Melo que prometera esperá-lo nesse comboio. Mas apenas via, sobraçando a bandeirola enrolada e empunhando a campainha, o chefe, homem pesado, a escorrer suor da testa, e um labrego em mangas de camisa, com as mãos nos bolsos das calças de estopa, a olhar de boca aberta para as carruagens quasi vazias.

O chefe aproximou-se do *furgon*, chamou o labrego, e a bagagem de Manuel Mendes, uma grande mala de couro, com etiquetas de muitos hoteis da Europa, coladas em todos os tampos, rolou na plataforma.

O condutor, com o guarda-pó de linho des-

abotoado e mais o colete, deixando ver a camisa, de lenço entalado á roda do pescoço, suando, afogueado, a abanar-se com um jornal, aproximou-se do chefe, muito atento a soletrar as etiquetas, e a uma pergunta respondeu qualquer coisa, encolhendo os hombros e apontando para o Mendes, que descia da carruagem.

O maquinista apeou-se, entrando na estação e voltando com um copo de lata chamou o fogueiro:

—Queres? Aproveita que não está nada má.

E dizendo isto juntou-se a um grupo embrenhado no estudo da mala que o olhar prescrutador do chefe tinha descoberto ser por força de brasileiro. Assim lho dizia a sua pratica de ver bagagens noutras estações em que tinha servido. O labrego duvidava.

—Não se me consta, por estes sitios, de brasileiro que esteja para chegar.

—Sabes lá, ás vezes aparece de subito quem menos se espera.

Nisto o Mendes aproximou-se a perguntar se não poderiam dar-lhe noticias do Dr. Cristovam de Melo. O chefe, que não era do sitio, fez uma cara de surpresa e o labrego informou que vinha a ser o doutor dos Lagares.

—E' esse mesmo, confirmou o Mendes.

Não se lembravam de o ter visto ha muito.

—Mas é esta a estação que fica mais proxima de Caniços?

A assembleia conferenciou, decidindo que a seguinte, a Regueira, devia bater mais perto. A

diferença estava em ser o caminho a direito pela serra e das Barroqueiras haver estrada nova seguida até lá. O Mendes, contrariado, não atinava com uma solução e quiz saber a distancia d'ali aos Caniços. Contasse duas leguas bem puxadas, com uma grande subida.

—E por este calor — rematou o chefe — para quem não anda acostumado, é de caír na cama com maleitas.

Carro não havia e seguir a cavalo tambem seria dificil.

—Não lhe vejo geitos—sentenciou o labrego. O Antoninho das Barroqueiras vendeu o garrano na feira do S. João, e que não vendesse, não era homem que emprestasse, olha quem. A jumenta da Dioga está com a cria. Só se fosse a egua do abade. Mas dahi quem sabe...

Passageiros de 3.ª classe berravam, se o comboio não saía mais d'ali.

O chefe acordou:

—Vá, vamos embora.

O maquinista subiu, o chefe solenemente deu as tres badaladas e o comboio apitou.

—Espera—gritaram do *furgon* — que ainda está para desembarcar um volume de peixe.

O maquinista voltou abaixo, aproveitando para beber outro pucaro d'agua, emquanto a giga de peixe descia pachorrenta.

—Toca a andar—comandou por fim o condutor de pé no estribo—e dá lá espora ao macho, que levamos atrazo.

O comboio partiu desaparecendo na volta,

onde entoou um silvo prolongado, vivo e alegre, a ecoar pelos pinheiraes, anunciando aos povos d'aquella redondeza que lá ia elle muito ligeirinho a cirandar pelas encostas; as gentes podiam levantar os olhos do chão, poisar as enxadas, a verem encantadas sumir-se por detrás dos oiteiros a sua figura de serpente.

O Mendes, limpando o suor da testa, a meditar no seu caso, foi dando uma vista d'olhos pela estação, do tamanho de uma capela, com um pinhal fronteiro e pela retaguarda um vale estreito, coberto de milharaes verdes, talhados confusamente por tabiques de verdura, onde as longas vides cobert s de parras tremulavam como flamulas, movidas pela branda viração. De um lado a encosta ingreme, e do outro a fita branca da estrada que seguia numa longa reta.

O sol cobriu-lhe as costas de sinapismos e os pés britavam carvões acesos. Chegaram-lhe ao nariz baforadas quentes, um ar que o secava todo por dentro. Sentia-se numa estufa, encharcado em suor, nas costas, no peito, a escorrer pelas pernas, ardendo numa sede de crivar a garganta de alfinetes.

Lá em baixo, numa clareira do vale, luzia ao sol a agua duma presa e um impulso lhe veio de ir num pulo atirar-se dentro d'ella.

Até esse momento correcto, dentro da sua compostura lisboeta, não poude mais e desapertou o colete, desfez o nó da gravata, arrancou o colarinho.

O chefe, com a peitaça cabeluda, a descoberto

por entre a camisa de riscado, aprovou aquella atitude de revolta contra a tirania da civilização.

—Toca a pôr á fresca que o tempo não vae para engomados. Lá em Lisboa é que pode haver receio de fazer isso, mas aqui é á vontadinha.

—Se me pudesse dar agua para beber...

—O cantaro ainda deve ter, mas a estas horas está um caldo. O' Manuel chega ali á fonte por uma caneca da fresquinha.

O carregador, que sózinho constituia o pessoal menor da estação, foi dentro pela caneca de loiça, gateada no bojo e amarelecida pelos annos.

—Anda, vae num pulo e esfrega-a dentro com uma folha de couve.

O chefe aproveitou a ocasião para esclarecer o seu diagnostico sobre a pessoa do Mendes que o estudo da mala havia deixado bastante indeciso.

—Pois ha uma boa temporada que não vejo por aqui o doutor dos Lagares.

—E receio que hoje tambem cá não apareça.

Talvez algum atraso de carta, palpou o chefe, obtendo em resposta que o motivo fôra sem duvida outro. O Cristovam prometera esperá-lo n'aquele comboio.

—Então não deixa de vir. Por esse fico eu. E' como se ja o visse pela porta dentro. Se não morreu pouco deve tardar.

Estendeu o pescoço observando a estrada, mas nada, não aparecia ninguem. E aferrado na idéa de decifrar o passageiro, espertou a conversa perguntando ao Mendes se andava ausente d'a-

queles sitios ha muito. Pela resposta ficou sabendo que elle punha pé na Beira pela primeira vez. Sem desistir continuou que por certo havia de estranhar. Aquilo era uma miseria. «Não ha movimento nenhum. Nem passageiros, nem mercadoria...

O Mendes apresentou a explicação da falta de habito, desconhecerem o prestimo do comboio.

—Nem se habituam. E' uma gente muito bruta.

—Estão a dormir, mas verá que o apito das maquinas acaba por acordá-los.

—Isso sim. Estou aqui ha um anno e não noto diferença nenhuma. V. Ex.ª está de passagem?

—Ainda não sei bem.

—Agora tem andado por ahi uma gente a comprar minas.

—Ha por cá disso?

O engenho policial do chefe desnorteado, não descobria uma pista.

Voltou-se para a mala, posta a prumo no meio da gare e depois de soletrar mais uma vez as etiquetas:

—Vamos que já tem corrido mundo.

—Não ha duvida.

—Mas o que ella nunca admirou foi uma estação como esta.

O carregador apareceu com a caneca a trasbordar e apresentando-a ao Mendes:

—Vem mesmo um regalo. Caramelo não lhe ganha.

O Mendes pô-la á boca e sofregamente bebeu,

a fartar, até onde o folego lhe dera, afogando a sêde que ao chefe pareceu com atraso de descarrilamento.

O Mendes mostrando a cara alegre, de animal feliz, garantiu que valia a pena fazer uma excursão ás Barroqueiras para tomar aquella bebida. E pôz de novo a caneca á boca.

Que era preciso cuidado, preveniu o chefe. Isso de beber de mais podia gerar febres. E contou o caso de uma gastrica numa pessoa que sobre uma barrigada de agua apanhou sol.

Depois de saciado, o Mendes emborcou o resto nas mãos e ensopando o lenço, esfregou a testa, as fontes e a cara demoradamente. Os dois homens observavam-no espantados pela temeraria façanha, explicando elle que a agua fria o conhecia bem, eram amigos velhos, não lhe faria mal. Enxugando-se com todo o vagar, a saborear o prazer do refresco, sentiu-se animado para uma resolução. O chefe decerto lhe descobria alguem que o acompanhasse aos Lagares e conduzisse a mala pequena de mão; a grande ficava.

Só se fosse o Manuel. Tinha tempo de ir e voltar para o comboio da noite.

O homem não se negava, por elle não seria a duvida, mas sempre eram mais de duas leguas á torreira do sol, duvidava se o senhor botaria até lá. Não desejando passar a noite no meio da estrada o remedio seria aguentar, respondeu-lhe.

Ao que o Manuel encolheu os hombros, pesando com os olhos a mala.

— Dou dez tostões. Chega?

— Ora se chega, atalhou o chefe a rir. Vá, vá que não ganhas mal o dia.

Depois de libertar os pés dos sapatões ferrados, de mala á cabeça, muito confortado com a prometida paga, declarou que estava ás ordens. Partiram, e o chefe, acompanhando-os á porta, lembrou:

— Lá adeante, ao pinheiro manso, mete pelo atalho; o caminho é ruim mas ha mais sombra.

— Isso com certeza — respondeu o Manuel andando sempre.

— Olha, e vae pelo Pitadas que deve lá ter melancias, esse senhor pode querer.

— Está dito.

— Espera, ó Manuel. Na volta compra-me meio arratel de café.

— Sim senhor — respondeu sem abrandar a marcha.

— Que o embrulhe em dois papeis para não perder a força.

— Lá direi — berrou o Manuel já distante.

O Mendes, com duas duzias de passadas, ficou de novo banhado em suor. O sol abria-lhe na frente uma boca de fornalha. O chão escaldava, erguendo os pés ondas de poeira que num momento lhe cobriram as botas de uma camada branca, a subir pelas calças, envolvendo-o todo, entrando-lhe pelo nariz, caíndo-lhe na garganta. Dos pinhaes que ladeavam a estrada vinha uma baforada opressiva, a carregar-lhe no peito, dificultando a respiração. O ar cheirava a re-

sina, a essencias volateis, de um aroma agradavel, mas tudo parecia arder. Os olhos sumiam-se debaixo das palpebras feridos pela dureza da luz que, batendo na estrada branca, refletia como uma lamina d'aço, em vivo tremular scintilações de labaredas.

O Mendes via deante de si uma longa reta de mais de dois kilometros onde a espaços muito distantes se projectava a magra sombra das raras arvores, poupadas pelo vandalismo da raça arboricida, e essas mesmas já velhas, rotas no tronco, da podridão, cheias de galhos secos, desprezadas, em ruinas, perante a soberba força dos carvalhos, alardeando nos oiteiros visinhos a magestade das suas vidas seculares.

Junto da estrada pelos milharaes gente na faina, dobrados picavam a terra com sachos, o sol a todo o peso cavalgando-lhes nas costas, e mesmo assim as mulheres trabalhavam cantando, rindo, a galhofarem, insensiveis á calma que para o Mendes valia por um suplicio.

O Manuel propoz que seguissem mais devagar, «como não estava acostumado, talvez fosse custoso aquelle passo».

O Mendes viu-se amesquinhado pela proposta, reagiu. Nada, estava habituado a caminhar. O suor corria-lhe pelas costas, linguas de fogo passavam-lhe nas faces e o seu desejo seria estatelar-se num penedo coberto de musgo que avistára perto á sombra de um castanheiro, mas acima de tudo queria mostrar áquelle duro labrego que tambem sabia resistir á fadiga.

O Manuel suando como um toiro garantiu que fazia um calor desconforme. Eram as caniculas. Se aquilo assim continuasse não ficaria folha verde. Os milhos dos alqueves já torciam.

— O que vae, concluiu, é um grande anno de vinho. Não o estragando a molestia nem haverá onde o meter.

— Não ha então remedio contra a molestia? perguntou o Mendes.

— Apareceu ahi essa mania do sulfato, mas pelos modos é um perigo para a saude.

E contou a historia de um que por ter bebido vinho sulfatado ia rebentando com uma dôr nas tripas.

— Talvez bebesse de mais.

— Isso sim. E' homem que bebe a sua pinga, mas nunca o vi perder o juizo. Não foi outra coisa senão o sulfato. Cá na minha boca é que elle não entra. Quando não ha, não se bebe. Deus manda a molestia, lá sabe porque a manda. Em videira minha é que nem pinga de tal mistela. Não será muito, mas pode beber-se descançado. Lá em Lisboa é que vendem só vinho de sulfato. Por isso a rapaziada que de lá vem, chega ahi uma miseria, toda arruinada. Antes me quero nestas terras pobres. Ao menos aqui o pão é pão e o vinho é vinho.

— Faz muito bem. Lisboa é uma terra de perdição.

O Manuel concordou, os que lá iam voltavam uns lordes, sempre de costa direita e aprendiam uma linguagem que era ouvi-los...

— Então, que dizem elles?

— Ora, coisas á tôa. Um que morreu tisico naquela povoação que se vê ali adeante no alto, duma vez sempre lhe ouvi uma pregação que nem parecia estar em seu juizo. Cá na minha foram coisas que lhe meteram na cabeça por caçoada. Logo se via que não podia ser.

— Talvez falasse verdade. Estamos assistindo a coisas que nem se imaginavam...

— Lá nisso tem vociencia razão. Mas ainda não sucedeu o que elle esteve para ali a pintar que o governo ia tirar aos ricos para dar aos pobres e fazer uma lei para o bacalhau, o azeite e tudo se vender só por um tanto, e que havia de vir tempo em que acabassem os ricos. Eu sei lá o que elle se fartou de nomear. A dizer que quem manda agora é o povo e que não vale mais um doutor que um jornaleiro...

— E não será assim?

O Manuel estacou a olhar o janòta da cidade, desconfiado com a pergunta, e de boca aberta por um sorriso maroto não lhe dava resposta. O Mendes insistiu:

— Pois então? Que diferença faz um doutor dum jornaleiro? São dois homens iguaes...

— Agora me rio eu. Os senhores lá de Lisboa são sempre judeus. Levam tudo de brincadeira.

E rompeu numa gargalhada.

— Não diga isso, seu Manuel. Estou a falar-lhe serio.

Sem acreditar muito na sinceridade do Mendes foi retrucando:

— Então se um doutor é egual a um jornaleiro, qual a razão porque um destes dias, tive de ir com a mulher ao medico e elle só por lhe palpar o pulso e escrever uma letritas «bota para cá tres tostões»? E aos outros que foram depois de mim aconteceu o mesmo. No fim do dia veja lá quantos tres tostões lhe cahiram na algibeira. Ora eu num dia inteiro ganho dezoito vintens...

— Mas o medico estudou...

— Pois está visto que estudou e por isso não é igual a mim. Se eu tivesse estudado, tambem havia de ganhar mais de dezoito vintens.

— Pode ser que venha tempo em que todos estudem...

— E os que não tiverem cabeça?

— Ficam cabeçudos.

— Ora agora é que o senhor disse muito bem.

O Manuel riu, mostrando a dentuça branca a contrastar na cara tisnada e o Mendes por força de imitação ao vê-lo á gargalhada muito jovial, numa expressão perfeita de animal feliz, riu tambem, muito do fundo, uma risada franca, prolongada, sem tentar saber porquê.

A sensação desagradavel do primeiro contacto violento com o sol abrazador havia desaparecido. Estava num banho de suor da cabeça aos pés, mas sentia-se bem disposto, respirava sem opressão e já não se reconhecia impotente para vencer a distancia, palmilhando as duas leguas. Fizera-lhe bem a conversa, a boa disposição do Manuel a espirrar saude dos olhos vivos, do cabe-

lo negro, lustroso e duro, da face onde marinhava sangue bem temperado, e dos dentes luzidios como os de um felino. Com os seus olhos de medico admirava os braços musculosos, postos a nú pela camisa arregaçada, o peito largo, cobreado do sol, a cabeça aprumada sobre um pescoço de toiro, os pés carnudos sapatando a estrada, insensiveis ao fogo em que ardiam as pedras, e achou beleza naquela força, no vigor possante desse corpo de labrego, falho de estetica convencional, modelado apenas ao sabor da natureza.

E de o ver expandindo a sua alegria de animal sadio, ficou alegre tambem, contagiado de força, de saude, e ao senti-lo estudou-se. «Qual seria o motivo da subita mudança, d'aquelle prazer de viver, que lhe fazia bailar o sangue sob a pele?» E atribuiu-o ao mimetismo, á tendencia natural para a imitação. Não podia deixar de ser, era a proximidade do forte que o tornava forte. E desde logo começou a gozar o efeito da sua cura, o acerto do tratamento que escolhera para o tedio nascido da convivencia com os fracos, os deprimidos, os estoirados da pifia Lisboa.

Acabavam de percorrer a longa recta e a estrada seguia então caracolando por um oiteiro. A vista alongava-se d'ahi para bem longe, a resvalar pelas encostas, cheias de refegos, de oiteirinhos verdes, onde os milharaes e as videiras bebiam o sol, peneirando a luz das suas asperezas. Só muito distante a serra mais alta enchia de recortes o lindo quadro suspenso no ceu azul.

O Mendes parando á sombra de um chorão a saborear o seu deslumbramento percorria o largo horisonte:

— Oh! a linda Beira. E's os olhos de Portugal.

O Manuel, de cara risonha, agradecendo o elogio da sua terra, explicou a topografia. A serra lá ao fundo era a Corveira; d'aquella banda a vila de Valfins, acolá a povoação de Ribadela, uma casa de telha encarnada «o senhor vê lá ao longe, por trás do oiteiro?» pertencia ao Visconde das Sebes, haviam de passar por lá. Ali á esquerda ficava a Paredosa, a sua terra. Contou a sua vida. Habitava lá mai-la mulher e os dois pequenos. Ella tratava das territas porque, a bem dizer, com o seu emprego na estação, mal podia dar uma ajuda e só de manhã cedo á hora em que não havia comboios. O chefe não era mau homem e consentia-lhe muito. Tambem da sua parte fazia tudo por agradar. Quando vinham os renovos, os mimos, levava-lhe sempre. O chefe presenteava-lhe os pequenos. Dera uns sapatos ao mais velho para a primeira comunhão e o livro ao mais pequeno quando o meteu a aprender. A mulher, coitada, não aguentava muito. Depois de uma queda sobre o vasio nunca mais ficara boa. O medico onde a levára muitas vezes, nem para trás, nem para deante. «Isto de medicos são todos uns ladrões. O que elles querem é dinheiro. Aquilo e doutores de leis, obra de justiça, é o diabo que entra numa casa.»

Em baixo na volta da estrada apareceu um

carro subindo a ladeira. O cocheiro batia furiosamente nos cavalos, que iniciavam o trote ficando logo em seguida na mesma pachorra, encostados um ao outro, em passo vagaroso. O Manuel, de mão na testa, aguçando a vista, ainda não reconhecia bem, mas pelo vulto parecia-lhe o Custodio, da Vila. O carro foi-se aproximando e já não havia duvidas. Não era outro senão elle. Quem vinha dentro? O Manuel esforçando mais a atenção muito radiante clamou:

— E' o doutor dos Lagares. E' elle mesmo. Olhe, já nos conheceu. Lá está a acenar com o chapéu.

O Mendes largou num passo ligeiro, direito ao carro. O cocheiro chicoteou com furia os cavalos, que desta vez se mostraram de todo indiferentes aos brutaes rogos.

Cristovam de Melo saltando para o chão, de braços abertos, a gesticular, avançou para o Mendes e já a distancia vinha gritando:

— Um inferno! Tem paciencia. Vieste para o certão.

Caíram nos braços um do outro.

— Grande Cristovam!

— Caramba, até que emfim...

— Mas deixa-me cá ver-te, dizia o Mendes. Estás com umas barbas degradantes.

— Estou selvagem.

— Mas estás magnifico, grande diabo. Que boa côr! Mudaste de aspecto. Acho-te muito melhor.

— Pois sim, mas olha para isto.

E mostrava dois pelos brancos na barba.

— O' grande idiota, porque não cortas essa porcaria? E' hediondo usar umas barbas dessas. Lembras-te do que diz o Schopenhauer das barbas?

— Logo de entrada me vens falar nesse mariola?

— Homem, o que elle diz não deixa de ter graça.

O Manuel cumprimentou com grandes cortezias o Cristovam e felicitava-se por o ver ali chegado. Não era por causa da mala que não pesava muito, mas áquelle senhor havia de custar, debaixo duma torreira assim, botar até aos Lagares.

O Cristovam explicou então que um dos seus machos aparecera doente pela manhã e por isso fôra preciso mandar á Vila chamar o Custodio, que se apresentára com uma geringonça, do tempo dos francêses. Pelo caminho saltara uma roda, perdendo-se mais de uma hora a colocá-la. Não contente com isso, á volta da Regueira partira-se um dos tirantes. E assim foi passando o tempo e mais o comboio pela estação das Barroqueiras.

— Um malvado este Custodio, que merecia ser preso como conspirador por atentar contra os bons creditos desta terra.

O Custodio a coçar a cabeça não atinava com uma desculpa.

Tratando de reorganisar o serviço, combinaram voltar á estação pela mala grande se é que a padiola aguentaria com o peso.

O Custodio afiançou a traquitana, podiam car-

regar, nem que fosse um comboio. A parelha não dava para pressas, mas arrancava bem.

O chefe ao vê-los entrar na estação declarou que já esperava aquilo mesmo, o doutor não era pessoa que faltasse.

O Mendes de novo ardendo em sede pretendia tomar outro pucaro daquella agua deliciosa.

— Não imaginas, Christovam, é uma agua que deve vir do paraiso.

O Manuel foi pela caneca e ao Mendes apeteceu beber mesmo na fonte.

— Pois vamos lá.

A agua nascendo de um corte feito no terreno, entre duas rochas de granito cahia de uma telha, seguindo por um rego aberto na pedra para dentro de uma presa, onde os agriões medravam frescos e viçosos. O Mendes ao vê-los exultou:

— Cá estão elles! Pudera, uma agua tão boa...

— Fizeste alguma descoberta?

— Pois não vês agriões esplendidos?

— E' uma salada detestavel. A alface e o pepino são muito mais saborosas. Temo-los por cá magnificos.

— Não é isso, idiota. Agriões, quer dizer boa agua. Onde os vires medrar podes beber. Mas, sabes uma coisa? Estou besuntadissimo de suor. Sinto a pele imunda e não imaginas como está a apetecer-me lavar-me n'esta presa.

— Estás doido, homem.

— Deixa-te d'isso. Aqui não ha ninguem. Vou buscar uma camisa, é um momento.

— Antes de duas horas chegaremos a casa podes tomar um banho em termos.

— Mas não tens lá esta agua adoravel.

— Repara que estás quente a transpirar...

— Por isso mesmo é que vou lavar-me. Não podes fazer idéa da espessura da crosta que sinto sobre mim.

— Mas se o chefe vê, ficas desacreditado, chamam-te doido. E' um escandalo.

— Pois não lhe resisto.

E foi-se á mala donde trouxe a camisa de zefir, uma esponja, o sabão, e, voltando para junto da presa, desnudou o tronco, começando a lavar-se com exclamações de alegria. «Que prazer, que deliciosa frescura.»

O Cristovam contrariado agoirava-lhe que ia apanhar alguma.

O Mendes enxugou-se, vestiu a camisa e, arregaçando as calças, descobriu as pernas até ao joelho, sentando-se n'uma pedra que ladeava a poça a riscar a agua com os pés.

— Fica sabendo, n'este momento sou o animal mais feliz que respira o ar da Beira. Eu bem dizia que és um barbaro. Vives aqui rodeado de delicias e não as aproveitas. Não estimas a natureza, não sabes conviver com ella. Por um tempo d'estes, com um ar tão fofo, uma agua assim carregada de sol, tomas banho n'uma tina. Raça de doutor!

— Certamente querias que andasse por ahi feito cachorro a patinhar em todas as charcas d'agua que encontrasse.

— Preferes então patinhar dentro de um caixão de zinco?

— Pelo menos é decente.

— Uma freira não daria resposta mais recatada. Tens medo então de macular a tua castidade, banhando-te num rio livremente, como qualquer animal, que de leis só conhece as que a natureza lhe ensina?

— Olha para que te havia de dar.

— Não te apetece portanto o contacto do ar com a pele, uma chapada de sol nas costas, a frescura da agua corrente, o movimento livre, poderes mexer os braços e as pernas, assim . . .

E batia com os pés na agua folgazando delicias.

— Vaes ficar ahi de molho toda a tarde? Mandei fazer o jantar para as sete e já passa muito das cinco. D'aqui aos Lagares temos para mais de uma hora.

— Pronto!

O Mendes num salto ia pôr-se de pé, mas desiquilibrando-se escorregou ficando molhado até á cintura.

O Cristovam exultou.

—Ora ahi tens. Goza o contacto da natureza.

O Mendes encavacado sacudia as calças a escorrer:

—Foi o resto do banho.

Veio a mala para mudar de roupa e escondido entre um milharal proximo procedeu á toilete:

— Cautela com as folhas do milho — gritava-lhe de longe o Cristovam—cortam como navalhas.

—O tapete é que não está bem varrido—observava o Mendes.

Puzeram-se a caminho. Os cavalos depois de comerem pão ensopado em vinho seguiam mais desembaraçados com a traquitana a chocalhar num grande barulho de ferros velhos, deixando atrás de si uma nuvem de poeira que enchia a estrada toda, espraiando-se pelos campos vezinhos.

Num instante galgaram a recta que o Mendes batera com os pés; começaram a descer a encosta, indo os cavalos num trote ligeiro, animados, forçando o Custodio a ter mão na redea e a cumprimentá-los pela figura que faziam:

—Então espertaram com a vinhaça? Ora os fidalgos que já não querem passar sem beberete! Ainda são capazes de pedir um bife e um palito para os dentes.

E afagava-os com o chicote sacudindo-lhes dos lombos chagados um enxame de moscas.

O Mendes curado do escaldão que recebera, ia muito quieto, disse elle, para guardar mais tempo no corpo a frescura da agua.

—Encontro-me tão bem que nem o sei contar. O prazer de viver, o autentico é isto com certeza. Estou alegre, com vontade de me rir, de brincar, de cantar. Gosto de estar vivo, acabou-se.

E dando-lhe uma palmada no joelho:

—Grande Meloca!

—Quem nos dera nesse tempo, ó Manecas.

Prefiro-me como estou, sinto-me muito mais gente e sei gozar melhor a vida.

—Deixa lá, mas d'aquilo guardam-se sempre saudades.

—Isso é outra coisa. A saudade fica bem, é uma prova de respeito, mas voltar a ser estupido, a estragar uma coisa tão boa, de modo nenhum.

—Lembras-te do meu duelo a murro com o Brito por causa do rei Luis da Baviera?

—E' verdade, como diabo foi essa?

—Era eu a sustentar que o patusco se revelara um grande artista quando passeou no lago vestido de Lohengrim e o Brito a chamar-lhe pura e simplesmente maluco.

—Agora me recordo. E as condições do duelo foram terminar o combate quando algum dos adversarios apresentasse marca de soco, comprovada pelos facultativos.

—Fui eu o marcado e por isso me fizeram pagar a ceia em honra de Wagner.

—O Bragalhão é que presidiu representando Wagner por ter um grande queixo.

—E no fim o coro dos peregrinos?

—E' verdade, pela rua fora, e o Barreto caracterizado com uma garrafa vasia dependurada na bengala e cascas de ostras presas na capa.

—Não era má essa Coimbra, suspirou Cristovam.

—Deixa a lamuria e vamos a gosar esta belesa. Caramba, Portugal é lindo.

—Gostas d'isto?

—Se gosto! Adoro.

—Cheira a Suissa, hein?

—Cala-te com a Suissa, diabo. Isto não se compara, é uma profanação. Adora-se de mãos postas, extatico. Comparar é amesquinhar. Portugal é sozinho com esta luz que só elle vê, com estes oiteirinhos que parecem ajoelhados para não tolherem a vista. Onde encontras coisa parecida, uma terra em festa cheia de grinaldas, de arcos triunfaes armados por estes ramos de vide? Olha, parece um grande cortejo nas ruas d'uma cidade; as videiras altas são as casas embandeiradas e os milhos tocados pelo vento as cabeças da multidão. Repara bem d'aqui, abaixo no vale, tudo cheio de avenidas, de praças, cercadas de edificios verdes e coalhados de creaturas vivas, a mexer...

—Bravo, seu Manecas, bravo, que rica prosa.

—Não é prosa, é assim mesmo. A Suissa! Tira lá para fóra essa Suissa. Um horror de tabiques, de muralhas altas, furando o ceu e talhando o ar, uns monstros que nos esmagam olhando-nos de aspecto carrancudo, insociaveis. Estas serras debruçam-se para que se possa ver alguma coisa, abrem-nos os braços, conversam comnosco, são amoraveis.

—Decididamente dás em poeta.

—Aprecio a minha terra, e agradeço ao meu Portugalsinho o grande praser que me está dando. Sabes? Vou dar um abraço na tia Leonarda, no Rabiça, no Manuel Caseiro, já que não posso abraçar a um e um estes carvalhos, estes pinheiros, estas vides, tudo, abraçar e beijar as pedras, a terra . . .

—E as raparigas . . .

—Cala a bôca, animal.

Tinham descido a encosta, atravessado a ponte sobre o ribeiro e subiam a ladeira a passo muito arrastado.

O Custodio por uma questão de principio chicoteou os cavalos, voltando-se para receber aplausos:

—Até aqui não viemos mal.

—Falta ver se terás gasolina que nos leve aos Caniços—respondeu-lhe Cristovam.

—Ora se tenho. Isto é gado que nunca deixa a gente mal. Anda de fato rôto, mas aguenta serviço.

—Vê se lhe remendas a camisa, senão as moscas dão conta do resto.

—Não estão acostumados a luxos.

Os cavalos foram esmorecendo e quasi não se moviam. O Custodio chamou-os á ordem com o chicote:

—Parece que vão a ler o jornal. Ora guardem lá isso para o fim de jantar.

Cristovam puxou o relogio. Passava das seis e por aquelle andar ás sete estariam nos Lagares. Faltavam quatro kilometros de subida.

O Mendes de nariz no ar, respirava gulosamente, a saciar-se da frescura emanada dos campos vezinhos, onde se ouvia marulhar a agua das regas.

—Estou metendo no corpo um optimo remedio, dizia elle. Não ha neurastenia que lhe resista. Andava ultimamente deprimido, talvez efei-

to da convivencia. A fraqueza é mal contagioso como a sarna. Pois bastou-me chegar aqui para ficar de alma lavada. Este banho de limpeza chegou a tempo.

A seguir contou a sua historia dos ultimos dez annos, a chegada a Lisboa para começar a vida sem relações, nem apoio, tendo em roda de si o vacuo e a hostilidade; o desanimo que sentira, a idéa de emigrar, de ser medico de bordo, de abandonar a carreira e amesendar num emprego, ou tentar o jornalismo, até que um dia, excitado por uma conversa, lhe viera a subita resolução de partir para o estrangeiro a ver, a estudar em termos, abrir os olhos.

Os ultimos patacos da herança paterna chegariam ainda á larga. Resolveu experimentar e no regresso, com uma especialidade, aguardaria a sorte e caso o não favorecesse havia de descobrir qualquer meio de vegetar.

Referiu as suas impressões de franceses e alemães, os primeiros muito aristocratas, amaveis, serviçaes ao ultimo limite, quando se sabia gastar dinheiro a tempo, claros no ensino, persuasivos, atraindo sempre, mas desleixados na organização; os segundos autoritarios, rispidos, os «herr professor» comandando a gentalha que aprende como se fossem galuchos, mas no fundo boas pessoas e conhecedores do seu oficio, mantendo á valentona, sem explicações, tudo no seu logar, em ordem, bem aprumado. Mas entre uns e outros sentindo-se borbulhar a sciencia, fervilhando o trabalho, o desejo de produzir mais alguma coisa do

que uma rendosa clientela, notando-se bem que em França ha uma sciencia francesa, inventiva, cheia de engenho e de graça, e na Alemanha uma sciencia alemã preocupada com o detalhe minimo, paciente, metodica, mas feia, desgraciosa e muito indigesta para os levianos portugueses que não se entendem com esse temperamento, nem com essa lingua.

Abrira os olhos, tendo recebido a impressão de ver a luz pela primeira vez e só então pudera medir bem a distancia a que a sua terra ficava da Europa, compreendendo que em Portugal não existia sciencia portuguesa, mas uma copia artificiosa, iludindo a aparencia do que tivera diante dos olhos, e conservando o feitio exotico, de importação, falha de caracteristica, sem individualidade propria. Com scenario, e palavras escolhidas representavamos de mestres e de discipulos, de sabios, de chefes de serviços, de praticantes, de tudo, mas no fundo apenas conseguiamos desempenhar uma comedia. Os nossos professores não cuidavam de doenças, nem de resolver problemas scientificos, pois só lhes interessava tratar doentes ricos, a clientela que paga bem a evidencia que o seu logar lhes confere. E entre elles, em vez de se entenderem, com o fim de trabalharem certos, na criação da sciencia nacional, adaptada ás necessidades do meio, andavam sempre desavindos pelo ciume da concorrencia, na furia de conquistar uma fama superior a todas, a unica, a necessaria para os tornar inevitaveis a quem precise de serviços.

— Mas isso de medicina — perguntou o Cristovam — não é uma coisa universal? Não se trata aqui uma pneumonia como em França, ou na Alemanha?

— A questão é outra. Vês, por exemplo, o medico suisso criar a sciencia do sanatorio, o escandinavo chegando á preservação do alcoolismo, da tuberculose, da degenerescencia, com o revigoramento das raças pelo exercicio muscular, o holandês esmiuçando a arte da alimentação artificial das crianças. Em toda a parte encontras a acção da medicina local estudando o que a cerca aproveitando recursos e condições naturaes, em iniciativas que a distingam e lhe marquem um logar. Conheces alguma coisa que em Portugal possa atribuir-se ao esforço da medicina portuguesa, uma obra de conjunto, que indique um traço de união, defina um ponto de vista comum, reuna os medicos no mesmo interesse?

— Nunca me lembrei de perguntar isso ao Figueiredo — chalaceou Cristovam.

— Pois o que existe de medicina portuguesa é o Figueiredo. Só elle tem caracter local e faz por compreender o seu meio, talvez assim pela inviolavel ignorancia em que procura manter-se, alheio ás novidades, sejam ou não verdadeiras descobertas, que lhe mandam de fóra. No resto ha pedantes, muito enfatuados com o que aprendem de ouvido, representando de sabios em poleiros de papagaio.

— A miseria vae a ponto de não dispormos de um sabio autentico para amostra?

—Arranja-se até mais de que um. Ha por ahi homens de sciencia, mas isolados, dispersos, sem ponto de contacto que os una e sem objectivo nacional. Porque não entram na luta pela fama, quasi ninguem os conhece. Produzem sciencia em Portugal que não pode chamar-se sciencia portuguesa. Não exercem influencia, não pesam, e de facto não os interessa a obra de conjunto. Só ha quem procure a têta da evidencia para saciar a guela. A outros basta um acaso feliz. Em casa de uma familia bastante conhecida tratei no meu regresso de Paris uma criada suponho que de qualquer bebedeira, interpretada por decencia, como ameaço de congestão. Assim lhe chamaram e eu não desmenti. Foi o começo da minha carreira. Em dez annos de clinica consegui juntar trinta contos.

Entraram em Sebes Altas, povoação a dois kilometros dos Caniços, uma duzia de casas negras, de paredes torcidas e portas desconjuntadas, abertas, deixando ver grandes patios onde os porcos foçavam no estrume.

Na estrada brincava um rancho de pequenos, as calças em farrapos, suspensas de um atilho, e a camisa de estopa, esburacada, mostrando a pele suja, empastada de terra. Todos se puzeram em fila, a admirar o carro, de focinho levantado, e o Mendes teve tempo de reparar nos seus corpitos vigorosos, bem aprumados, vivos de côr, tisnados do sol, peitos altos, espaduados. Levantaram um alarido selvagem, de vozes agudas, penetrantes a furarem os timpanos, sau-

dando a passagem da coisa rara. Na sua alegria estrepitosa e barbara, de bôcas abertas, mostravam a dentuça firme, reluzente. Os olhos do medico obrigaram o Mendes a exclamar:

— Que belas crianças!

— Isso já me parece vontade de achar beleza. Não reparas como andam imundas, e como gritam? São bichos hediondos...

— Mas animaes magnificos, leõezinhos a medrar, gente forte que ali está a fazer-se.

Cristovam nesse ponto concordava. O Mendes quiz observá-los melhor. Mandou parar o carro e, levantando a mão no ar onde chocalhava moedas de cobre, incitou-os á luta.

— Vamos a vêr quem as agarra.

Entraram a pular como galgos, experimentando as pernas. O Mendes atirou o dinheiro que telintou no chão. Num momento formou-se um espesso novelo de corpos a rebolar numa nuvem de pó, aparecendo e sumindo-se as cabeças, os pés, misturados, em confusão, tudo a mover-se num rodopio de vento.

O Mendes entusiasmado ia notando as melhores fases:

— Olha aquele tronchudo, loiraço, a perna que elle estendeu no ar. E' de aço o demonio. E o de cabelo preto, que espaduas! Rompeu-se-lhe a camisa, vês o relevo que formam os musculos do dorso e a grossura do pescoço? Esplendido! E dizeres que esta garotada não tem beleza!

— Reparas nisso com outros olhos, desculpou-se Cristovam.

— A diferença consiste em não me distrair com incidentes. Achaste o quadro sujo e logo te horrorizaste. Pois aqui tens diante dos olhos o tratamento que precisam fazer os meninos escrofulosos de Lisboa.

—Banhos de esterco? — troçou Cristovam.

O Mendes sorrindo, misterioso, ordenou para o Custodio:

— Vamos embora.

Os cavalos, ferindo lume nos seixos, retomaram a marcha vagarosa atravessando a aldeia por entre as casas de pedra tosca onde se criava gente d'aquela tempera. Só na ultima se descobria uma janela com a verga lavrada, tentativa escultural de qualquer pedreiro indigena, tendo vidraça de correr, pintada de encarnado, e misulas aos lados, para os caixotes envasando craveiros floridos.

— E' a casa do ricaço da terra? — perguntou o Mendes.

— Isto foi noutros tempos a casa do ferreiro das Sebes e hoje pertence a um filho, o Visconde de Sebes Altas, dono da propriedade que se encontra a seguir.

A estrada fazia uma volta e apenas a dobraram apareceu-lhes diante o largo portão de ferro, seguro nos montantes de granito, encimados por palmeiras de zinco pintadas de verde, e ladeando a entrada bancos de pedra sombreados pelas acacias, á volta da meia laranja em forma de vestibulo. Em linha recta seguia uma larga rua macdamizada, enfileirando nas margens um cortejo de arvores de fruto, entremeadas de roseiras. Ao

fundo via-se o tanque arredondado, tendo no centro o repuxo e á roda as camelias de troncos robustos como pinheiros. Duas grandes araucarias erguiam-se muito recortadas acima do telhado da casa, escondida por detrás da verdura, mal se descortinando a escada num lanço com balaustrada e corrimão de pedra. O carro parou um momento para o Mendes vêr de relance a propriedade do visconde, a casa do brasileiro, o «pinga-moedas», ali edificada por elle havia mais de vinte annos.

Cristovam relatou a historia que ao proprio visconde ouvira muitas vezes.

Partiu em pequeno para o Brasil, aos quatorze annos, cheio de fome e analfabeto. O seu primeiro emprego foi de moço em casa rica, onde havia uma doente a quem recomendaram os medicos ares no morro de Marajuá. Era costume no sitio mandar para ali as pessoas fracas de nervos. O filho do ferreiro notou que a menina em poucas semanas melhorara, vindo a saber que a muitas outras sucedia o mesmo.

Obteve depois colocação numa farmacia, ajudando ahi a preparar boticadas, e á noite recebendo lições de leitura de um vezinho. Um dia começou a matutar no que haveria em Marajuá que tão bem fazia ao nervoso convencendo-se de que não podia ser outra coisa senão as plantas de cheiro activo que por lá cresciam em toda a parte. Apresentou as suas conclusões ao patrão que se riu da descoberta. Não se deu por vencido e ás escondidas colheu umas folhas, preparando um

xarope que forneceu muito á socapa a enfermos escolhidos. Os efeitos assombraram-no porque não havia nervoso que resistisse. Correu a fama e o boticario veio a saber da marosca, dando-se uma altercação, mas de finorio acabando por aceitar a idêa. O misterio do achado e quanto se seguiu mais fez crescer a confiança no remedio que depressa obteve saída fabulosa. Annos depois o velho patrão, dono já de bom peculio, entregou a farmacia ao inventor que fez uma fortuna de muitas centenas de contos com o seu elixir de Marajuá.

Voltou ás Sebes aos cincoenta annos, a espalhar dinheiro ás mãos largas, a ponto de o alcunharem «pinga-moedas». Construiu a casa, desbravou terra de mato, transformando-a numa rica propriedade. Intitularam-no Visconde de Sebes Altas, o que muito lhe agradou, para sobrepor ao seu antigo nome pouco representativo de João Trindade.

— Veio a republica, concluiu Crístovam, e um jornal de patriotas da Vila insultou-o, pretendendo metê-lo a ridiculo, porque o homem guarda num estojo de prata, com inscrição gravada, o copo que serviu ao rei d'uma vez em que, andando de passeio por ali, entrou na quinta para beber agua. Elle, como resposta, emigrou para o estrangeiro.

A tarde refrescava e o Mendes propôz uma caminhada para desemperrar.

A ladeira quasi vencida, o Mendes parou a deliciar os olhos numa clareira de onde se domi-

nava toda a vertente e a encosta do outro lado, muito para além das Barroqueiras.

— Como isto está bem feito, dizia elle. Parece que a vista se deita numa cama fofa. A luz viva temperada com o verde fica tão suave... Foi muito bem lembrado pôr as capelas brancas no cimo dos montes. Lindo remate. E que transparencia! E' o céu das telas do Malhôa. Isto entroulhe bem lá dentro. Agora é que o entendo bem.

— São sete horas! — exclamou Cristovam. A tia Leonarda deve estar em braza.

Numa corrida galgaram até ao carro já afastado numa boa dianteira.

O Custodio bateu furiosamente nos cavalos, que num trote exaustivo arrancaram a ultima volta da subida. Passaram os Caniços e um quarto de hora depois o Manuel Caseiro abria de par em par o grande portão dos Lagares, cumprimentando, a abanar muito com o chapéu, o sr. dr. Mendes.

— E' o Manuel Caseiro, disse Cristovam.

O Mendes saltou do carro e abrindo os braços:

— Ora venha cá, seu Manuel, aperte aqui. E' a primeira vez que nos vemos, mas saiba que já somos amigos velhos.

O Manuel, muito comprometido, de cara aberta num sorriso de espanto e a lagrima a dançar nos olhos, deixou-se abraçar, dizendo respeitoso:

— Viva, meu senhor, viva com muita satisfação. Eu não sou merecedor...

Adiante, junto d'uma laranjeira, esperavam as

senhoras. No meio a tia Leonarda de mãos cruzadas sobre a cintura, paramentada com o seu vestido de seda preta, cabeção de renda entremeado de roxo, bordado a missanga e um grande broche de ouro cinzelado na gola; ladeavam-na Madalena e Finita com blusas de manga solta decotadas no pescoço, seguras no colo por um alfinete de ouro, e saias de alpaca azul. Madalena apresentava-se erecta, firme, de mãos atrás das costas, Finita de braços pendentes.

O Cristovam e o Mendes avançaram ligeiros, seguidos do Manuel Caseiro, sempre de chapéu na mão, sorridente, cobrindo de simpatia aquele grande senhor que vinha de Lisboa, da terra das etiquetas, sem cerimonia de qualidade nenhuma.

Cristovam apresentou:

— Aqui está elle.

O Mendes, voltado para a tia Leonarda, pediu-lhe:

— Não quero ser recebido nesta casa como uma pessoa de cerimonia. Somos já conhecidos velhos e amigos que se entendem.

Abraçou a tia Leonarda, beijou a mão de Madalena, apertando depois as duas mãos de Finita.

— Estão parecidissimas com o retrato que de imaginação tinha feito: A D. Leonarda, uma Nossa Senhora dos Prazeres, que basta vê-la para se ficar bem disposto; a D. Madalena, uma Walkiria, e a Fininha, uma papoula.

O Manuel Caseiro aprovava com a cabeça, deliciado com o discurso de que não percebera metade.

A tia Leonarda, num risinho compassado, achava que esses cumprimentos eram mal empregados para quem vivia ali naqueles desertos.

A Madalena, fitando-o com os grandes olhos negros, repreendeu-o, que era feio, logo de entrada, dizer o que não sentia.

O Mendes protestou que nada d'isso, viera disposto a fazer uma rigorosa cura de verdade; as mentiras deixara-as todas em Lisboa.

A tia Leonarda lembrou que o jantar estava á espera. O Cristovam fosse mostrar o quarto ao sr. doutor, que havia de desculpar os arranjos de aldeia.

O Mendes dispensava porque tinha tomado banho numa presa e devia ter fome.

A noticia causou receios. As senhoras informaram-se:

— Então escorregou? Ora, não está acostumado a estes caminhos — lamentou a tia Leonarda.

— Será bom esfregar as costas com aguardente? — propôz Madalena.

O Mendes ria, pedindo ao Cristovam que não contasse. Aquilo devia ficar entre elles, por emquanto.

A tia Leonarda, sem perceber nada, recomendava muita cautela com essas brincadeiras d'agua: «Quando se está quente, pode subir o sangue á cabeça».

— Deixe-o tia, que elle é medico e sabe como se mata e se morre melhor.

Encaminharam-se para casa. O Manuel Caseiro

saltou num pulo á cozinha relatar as suas impressões do doutor de Lisboa, descrevendo-o ás criadas, reunidas em volta d'elle, como um homem muito dado, sem arrebiques nenhuns, que era mesmo a propria da coisa «e abraçou-me, tão verdade como estarmos aqui a falar».

— Ora vejam lá, comentava a Eufemia, logo um abraço!

A Custodia quiz saber se elle usava pera.

— Isso sim, informou o Manuel, só um bigodito. A quem o vê, parece mesmo um estudante. Não inculca nada. Ninguem dirá que está ali uma pessoa de respeito, um medico que pelos modos até tratou do rei.

— Olhem que já é ter sabedoria.

— Ali naquella Lisboa é que ha doutores — explicou a Maria das Neves, uma cozinheira que andara por lá a servir, e passava por fazer comida á francesa.

Gesticulando com uma colher de pau ia contar maravilhas, quando a Finita veio dizer que se tratasse de pôr o jantar na mesa.

O Mendes subiu ao lado da tia Leonarda os doze degraus da escada quadrangular, em forma de trono de altar mór, que dava acesso á larga varanda, correndo por toda a frontaria. Em cima deteve-se a admirar o gracioso respiradoiro da casa, tratado carinhosamente pelas mãos de Madalena. O tecto forrado de madeira assentava em colunas de granito, duas a duas, talhando janelas, com bancos de pedra aos lados, e nos intervalos canteiros almofadados por goivos e cravos de

muitas cores. Trepadeiras subiam pelas colunas e ao fundo, vinda do jardim, uma glicinia espalhava-se pela cornija, em forma de sanefa. Do tecto pendiam vasos com espargos e avencas. Tudo regado de fresco, gotejando ainda, lavava o ar aspergindo-o de perfumes suaves.

Os ultimos raios do sol coados através da laranjeira salpicavam a parede de circulos luminosos que a viração da tarde fazia baloiçar.

— Parece-me que ficar aqui valia por um bom jantar, disse o Mendes.

— O meu estomago protesta contra o menu, declarou Cristovam.

A' mesa o Mendes ficou á direita de Cristovam e as senhoras defronte nos seus logares habituaes, a tia Leonarda no meio entre as duas.

Veio a sopa numa grande terrina que a Eufemia, toda escarlate, afogueada, pôz diante da Finita, cumprimentando em seguida o Mendes:

— Como passou, meu senhor?

Com a enorme concha de prata, Finita começou a encher os pratos de loiça da India, que foi distribuindo. Era um *consomé* viscoso, muito apurado, á francesa de Lisboa.

Cristovam provou e foi engulindo, tendo deitado para Madalena um olhar de surpresa.

A tia Leonarda provou e fingindo tomar ia deixando quasi tudo.

Madalena e Finita cumpriram, esvasiando os pratos.

A seguir foram servidos pastelinhos de massa folhada.

Cristovam escandalizado observou:

—Isto não é obra da Custodia.

Madalena explicou então que mandara vir a Maria das Neves para fazer a cozinha. Como o doutor Mendes não estava habituado ás comidas da Beira podia não ficar bem e para que não estranhasse tivera aquella idéa. Como a Maria das Neves cozinhava á moda de Lisboa...

—Mas isso é uma imoralidade, protestou Cristovam. O Mendes vem aqui para ser português.

Madalena comprometida desculpava-se:

—Pensei que o doutor...

—A D. Madalena supôz-me um homem pervertido. Não admira, venho de Lisboa, das más companhias, é justo o castigo que me dá.

—E eu que esperava uma rica sopa de padela, com hortelã, temperada pela Custodia...

—Mas se o doutor quiser sujeitar-se, ámanhã cozinharemos á nossa moda.

O Mendes, «se lhe permitia a escolha», desejava seguir nos Lagares a vida habitual dos Lagares. Preferia esquecer-se da cidade.

Cristovam quiz saber o que era o jantar. Madalena ementou:

—Na falta de outro peixe, arranjaram-se umas vogas do rio e depois temos rosbife. A Maria é que determinou.

—Rosbife nos Lagares! Que escandalo!

A tia Leonarda achou que tambem não era para uma clamação daquelas. O doutor podia não gostar de comidas grosseiras, nem daqueles tem-

peros. E os pasteis não estavam maus, sabiam a torresmos.

— O que não sou capaz de adivinhar é o que elles trazem dentro. Parece sarrabulho.

Todos acharam muita graça á descoberta.

Apareceram as vogas cozidas, com puré de batata e molho branco.

Apenas as viu Cristovam protestou:

— Já esperava isso mesmo. Estragou-as o demonio da mulher. Arranjadas pela Custodia nem se lhe deixariam as espinhas.

— Tem paciencia — rogava Madalena. Agora já sei o que devo fazer.

Cristovam perguntou o que havia na cozinha para os criados.

— Ora, não faltava mais nada — ralhou Madalena.

— Finita, diz-me o que é o jantar dos moços.

Hesitava, mas obedecendo á insistencia respondeu:

— E' caldo de vagens com abobora e arroz de bacalhau.

— Estamos salvos, Manuel Mendes. Arroz de bacalhau feito pela Custodia é um jantar de Luculo. Queres?

O Mendes embaraçado olhava para Madalena que sorria contrafeita, encolhendo os hombros resignada.

— Venha o arroz de bacalhau — ordenou Cristovam.

A Eufemia foi á cozinha voltando com uma travessa cugulada.

Cristovam encheu os pratos e seguro do sucesso exclamou:

— Estão salvos os creditos da Beira!

Saboreando gulosamente, pedia a opinião do Mendes que reputou a Custodia dos Lagares naquelle momento preferivel á de Gil Vicente.

Comeram, repetiram e por fim Cristovam propôz que o rosbife não viesse á mesa para não esmorecer a boa impressão.

A Eufemia falou em segredo a Madalena, que num gesto de contrariada informou:

— A Maria está a chorar.

— E' sempre o desfecho de um drama de cozinha.

Chamaram-na para lhe afiançar que o doutor Mendes de comida á francesa nunca provara melhor. A Maria era uma artista.

Afinal os dois conheciam-se de casa do conde de Vinhaes. Falou-se um pouco na infeliz situação do Teixeira e tudo terminou bem, saindo ella contente com a reparação.

Cristovam a proposito lembrou-se da historia da francesa passada com o Mota da guitarra. O Mendes recordava-se?

As senhoras, que farejaram uma rapaziada de Coimbra, puzeram-se de ouvido atento. Cristovam contou:

— Foi um pasteleiro nosso vezinho pai de duas filhas que mandou vir uma francesa para as educar. O Mota deu com ella e assestou-lhe a guitarra. A' tarde era uma choradeira de trinados nunca vista. A rapariga não tardou a responder

á chamada. Um dia estavam os dois conversando no muro do quintal e o pasteleiro que já andava desconfiado, veio apanhá-los de bôca na botija. Furioso, investiu com o Mota: «Então eu pago á mestra para o ensinar ao senhor a falar francês?» E o Mota sem se desmanchar: «Estou eu a ensinar-lhe português, coisa que ella não aprende lá em casa, e ainda se mostra desagradecido ?»

A tia Leonarda, como sempre, exultou com a partida dos mafaricos.

Findo o jantar a cavaqueira prolongou-se em recordações de Coimbra e episodios de viagens contados pelo Mendes.

Por volta das dez a tia Leonarda lembrou que seriam horas de o doutor recolher. Devia estar moído da viagem . . .

Cristovam acompanhou-o ao quarto, ao fundo do corredor, seguindo á frente com a vela «repara nesse degrau» e pouco adiante alumiando «ainda mais dois nada comodos.»

—E cá estamos. Como vês na architetura classica da escola dos Lagares existem misterios indecifraveis. Resolvi nunca mexer no que encontrei, para não me desabar tudo em cima.

— Dás-me um aposento de imperador—dizia o Mendes observando o quarto. Este leito de pau santo é original com a pintura na barra.

— A tia Leonarda chama-lhe a cama do retabulo. Já era antiga no tempo do meu bisavô. Os arranhões são uma lembrança dos franceses.

— Aquilo é um antepassado?—perguntou o

Mendes apontando um quadro no escuro da parede.

— Mais devagar, não vês que é um padre?

— Oh! diabo.

— Raiz de clerigo não existe na arvore genealogica.

— Esta forma de tectos é realmente bonita.

— Estava pintado. Mandei-o raspar. E' madeira de castanho velho de mais de dois seculos.

O Mendes abrindo as malas d'onde tirava frascos, escovas, chinelas, fatos, comunicou impressões:

— Sabes que achei a Finita uma linda rapariga?

— Eu bem te dizia...

— Que frescura! E que saude deve existir naquele corpinho. Não acusa nada o tipo labrego.

— Mal imaginas como lhe prende a educação. E' inteligente, de graça natural...

— Tua irmã é tambem uma perfeita mulher, muito correta de feições, adevinha-se-lhe a raça nobre. E' sadia?

— Nunca a vi doente.

— Não está portanto muito estragado o teu sangue de fidalgo.

— Nunca o mandei analisar, mas a aparencia é boa.

O Mendes começou a despir-se.

— Queres a janela fechada?

— Que lembrança! Tolher a liberdade a um ar d'estes é crime que se faça?

— Cautela com as moscas, são piores que carbonarios.

O Mendes já nú foi molhar as mãos e os pés entrando a executar movimentos com os braços, as pernas, o tronco... A uma pergunta de Cristovam respondeu que a ginastica antes de deitar procurava um sono agradavel. Dormia-se muito melhor.

— A mania da epoca...

— E' o que tu precisas para desmanchar essa barriga imoral que andas a criar. Olha-me para estes braços, palpa.

Não houve remedio senão apreciar a dureza da musculatura do Mendes.

— Aqui não ha banha, dizia batendo palmadas no peito. Isto é carne limpa.

E enfiou-se na cama, espalhando-se entre os lençoes a gozar-lhes a frescura.

— Cheira tão bem esta roupa.

— A flores do monte.

— Deve ser isso. Mas espera, que bonitos bordados!

— Obra da Finita e linho fiado pela tia Leonarda.

— Caramba! Abraham não conseguiu tanto. O João Crisostomo declarar-se-ia numa convergencia de ações hiperstenicas, regularizadoras do equilibrio metabolico.

— Poderá sentir-se coisas tão exquisitas nos Caniços?

— Deus nos livre. Aqui uma pessoa encontra-se bem, muito bem, só bem e mais nada. E' verdade, ainda me não deste noticias do Bucha.

— Esse já não poderá causar grande mal. Foi

demitido. Os negocios não lhe correm bem. O Inocencio já está desfalcado, rosnam por ahi, em seiscentos mil réis. Por cima de tudo o Bucha apareceu doente e o medico achou-lhe barriga d'agua.

— A cirrose, era fatal.

O Mendes começava a fechar os olhos.

— Parece que vae deixar a politica, informava Cristovam passeando pelo quarto. Anda murcho. Ha dias, referindo-se ao administrador, berrou que eram todos uma sucia. Já não pode morder ninguem e percebe que não vale nada. O Manuel Caseiro garante que pouco tardará vê-lo na egreja aos pés do abade. Tardio arrependimento, porque as sensaborias cá ficam. A julgar pelo nosso caso, avalio o que por esse paiz fóra deve ir de amor pela republica. Procederam com genial estupidez. Representada por outra gente, creio bem que melhor carreira faria a tal era de redenção. Não achas?

O Mendes não respondeu.

— Mas estás a dormir, grande diabo?

E o Mendes com a lingua entaramelada:

— E' uma cirrose, não tem concerto.

Cristovam cauteloso para não lhe perturbar o sono, rosnou:

— Pois sim, vae sonhando com a cirrose...

E, porque conhecia bem as suas moscas, fechou a janela, partindo nos bicos dos pés, depois de ter soprado a luz muito de mansinho.

CAPITULO XII

QUANDO o Mendes acordou, ainda estremunhado na meia escuridão, viu no relogio que iam passadas as nove. Aproximou-o do ouvido, «era lá possivel». Batia muito seguro o seu tic-tic. Não estivesse com duvidas o senhor seu dono, a madrugada ia já distante.

A janela por uma frincha metia um fiozinho de luz. Saltou da cama e abriu-a de par em par, recebendo na cara um duche de ar fino, lavado de fresco, borrifado de perfumes acres dos frutos maduros, da flôr dos milhos, da terra molhada pelas regas.

Despindo a camisa de dormir, nú a espreguiçar-se, roçou a pele toda na brisa, gulosamente, a fartar, como um gato a rebolar-se num telhado, debaixo da caricia de um sol de inverno.

Sentia a felicidade de um pardal numa eira, de um cabrito aos pinotes no meio da serra. Le-

vantou os braços executando respirações fortes a conduzir o ar bem para o fundo a vesiculas desconhecidas, tão fresco e leve que lhe parecia mergulhar os pulmões num banho, onde os ensaboava, limpando-os de nodoas, de crostas, uma barrela.

Cristovam, que espreitava o momento de vêr abrir-se a janela, rompeu-lhe pela porta dentro a felicitá-lo pela biblica soneca.

— Onze horas de hipnose em uniforme decubito lateral direito, como diria João Crisostomo.

— E sem pestanejar, acrescentaria o administrador do concelho.

— Pois saiba o senhor d'estes dominios, e pode anunciá-lo aos quatro ventos dos Caniços que desde a partida do nosso venerando pae Adão do paraiso, ainda não existiu homem mais feliz que o Manuel Mendes á hora do despertar na quinta dos Lagares.

Uma rapariga ali bem perto, no campo em voz estrepitosa como um cornetim cantava á desgarrada:

No domingo fui á egreja
Ouvir a missa do dia,
Nossa Senhora me disse:
«Quem quer ter sorte, porfia.»

— Ouves Cristovam? Estes é que nos ensinam a boa filosofia. Os poetas da dôr, da desgraça, do desalento, do diabo que os carregue, e mais os srs. fadistas de Alfama, e ainda as meninas do piano, leem por outra cartilha. Ha tempos

ao passar diante d'uma taberna da Mouraria ouvi este conceito exemplar:

Quem nasceu pra correr fado
Ha-de sempre ser fadista,
Entra o anno e sae o anno
E sorte nunca se avista.

— E' o fatalismo da raça.

— A mandria, deverás dizer. Vae com um chicote pelas repartições, pelas oficinas, pelos palacios e a todos os que afinarem por aquela cantiga, enxota-os, corre-os, sem os deixar tomar folego, até aqui, prende-os a uma charrua e aguilhão em cima d'elles: «Trabalhe seu madraço, ande, súe, amanhe a terra que depois muda de pensar». «Quem quer ter sorte, porfia». Assim é que é. Ah! grande raça! Meu rico Portugal, aqui te reconheço eu.

— Ainda se topa com bocadinhos sãos. O pior é a sarna de Lisboa . . . que um mau vento pode arrastar-nos.

— Senhor D. Cristovam de Melo que na historia ficará sendo o «Meloca», para me limpar de algum resto que traga comigo . . . vou fazer a barba.

Com o pincel ensaboava-se demoradamente, emquanto Cristovam ia passando em revista a frascaria, tirando as rolhas, cheirando, e comparando a uma loja de perfumista.

— Como? A vulgar agua de Colonia . . .

E, conforme Cristovam ia destapando, inventariava:

— Desinfectante da bôca, pó de dentes, tintura de iodo, agua oxigenada, adesivo . . .

— Então é uma botica. . .

— Para uma urgencia, convém.

De cara toda barrada de espuma branca dispunha a lamina no assentador. Mas perseguiam-no as moscas, crivando-o de agulhas. Cristovam recomendava-lhe que se cobrisse para não ficar a escorrer sangue.

Com animaes d'aquella ferocidade devia pôr umas janelas de rêde por fóra das vidraças aconselhava o Mendes.

Bateram suavemente na aldraba.

— Não entre, gritou Cristovam.

Mas a porta abriu-se, emquanto o Mendes de um pulo se acocorava por detrás da cama.

A Eufemia avançou respeitosa e dando com a cara do Mendes ensaboada a sair de entre um novelo de lençoes «Santo Nome de Jesus» numa exclamação, atordoada recuou.

Cristovam a rebentar numa gargalhada, foi perguntar a que vinha.

Ella a desfazer-se em desculpas, nem atinava com o recado. Era saber se o sr. doutor quereria que lhe trouxesse café, ou alguma coisa.

Cristovam explicou:

— Jantamos á uma, ainda não são dez, tomas café com leite?

— Nos Caniços, beber café com leite? Nunca! Cheira a Lisboa que tresanda. Vou-me ás frutas colhidas da arvore, ainda frescas do orvalho.

— Mas isso de manhã não cae bem no estomago.

— E o café como cae?

— Sempre é uma coisa quente.

O Mendes a rapar os queixos apertava Cristovam num exame.

— E por ser quente que vantagem tem?

— Então o frio não paralisa a digestão?

Pegaram-se a caturrar «Paralisa como?» «Tu é que deves saber» «Tu é que disseste». Cristovam seguia a opinião corrente «a doutrina dos velhos» e o Mendes perguntava-lhe se nunca tinha experimentado. Que não.

— Então observarás este brutinho que vae comer frutas em jejum e se elle rebentar podes garantir ao Inocencio que o teu hospede valia menos que um macaco do sertão.

— Vocês teem agora a mania de mudar tudo.

— E vocês a mania de conservar mesmo as tolices.

— O metodo conservador é sempre o melhor.

— Mas é preciso não o levar a ponto de conservar o esterco sobre a pele e as crendices na cabeça. Conservar o que é bom, deitar fora o que não presta. Por exemplo, elimina a porcaria d'essas barbas que não teem prestimo nenhum, para conservares o aspecto da mocidade que é muito util.

Deixasse-se d'isso. Aguentar a maçada de rapar os queixos todos os dias, contrahir uma obrigação desnecessaria? Nunca! O Mendes chamoulhe anarchista e respondendo ao gesto de surpresa continuou que não merecia outro nome quem não queria sujeições nenhumas...

— Basta homem! Por esse andar metes-me na Penitenciaria, ou mandas-me para Timor.

O Mendes, vestida a camisa e cuecas de pano aberto, ajustava o nó da gravata, perguntando com fleuma:

— Achas então que exagero?

Cristovam nunca se dera ao trabalho de pensar nisso, sabia lá. O Mendes no fundo descobria-lhe os males da raça. Quer quizesse quer não, lá estava a preguiça e a aversão pela ordem, a indisciplina selvagem de todo o bom portuguezinho. Nem freio, nem lei, vida de animal bravio. Cristovam protestou classificando de desconchavo a conclusão. Discutiram aos berros um culpando de tudo a republica, outro a barafustar que homens inteligentes não deviam dizer tal coisa, reproduzir um raciocinio proprio de mulheres.

«Não lhe faltava mais nada senão encontrar uma pessoa que sabe ler e escrever, defendendo a republica.» «Que disparate! Não a defendia, nem a atacava. Taes discussões faziam-se nas tabernas, a murro e a tiro. Gente bem educada não perdia tempo com essas divagações ao gosto popular. O mal vinha de muito longe, medrava com raizes seculares.»

Terminada a *toilette* o Mendes gesticulando com ambas as mãos tratava de empurrar-lhe pela cabeça dentro que toda a culpa vinha de cima, d'essa impostura chamada entre nós *élite*, a chusma de doutores, sem preparação para vida, manobrando em postos de comando, quando nem o

de executores mereciam. As classes elevadas revelavam-se afinal uma plebe com curso superior, orgulhosa de uma investidura sem base e mais insubmissa que a outra, a analfabeta, ao menos sofredora e capaz de algum trabalho util.

Em largas passadas pelo quarto, de voz aquecida no entusiasmo da predica, diante de Cristovam mal conformado com a doutrina, insistia que o paiz naufragava por andar ha muito em mãos de cabotinos, de ruins literatos, de advogados sem causas, de medicos sem doentes, de comerciantes sem freguezes, madraços invejosos de quem trabalha, os culpados da desordem, a coisa ruim...

— E se eu cortar as barbas salvo a situação? Estou prompto a fazer o sacrificio de D. João de Castro.

— Contraír uma obrigação e cumpri-la, prova que se é homem.

— Pois então consumemos o sacrificio.

Sentou-se e o Mendes com a tesoura desbravou o terreno, ensinando-lhe depois a ensaboar-se demoradamente, esfregando bem, para facilitar o trabalho da lamina. Mostrou-lhe o serviço da raspadeira «assim com a mão leve» e em poucos dias ficaria treinado a ponto de se barbear em cinco minutos.

Cristovam maravilhava-se com a facilidade da operação, dispensar as mãos do barbeiro «uma beleza de independencia».

O Mendes ao vê-lo escanhoar-se de pensamen-

to ainda entalado na conversa voltou ao sermão interrompido.

Cada um devia executar com firmeza e sem desfalecimentos, uma obra material, organizando trabalho, criando riqueza e desprezando os que não fizessem o mesmo a ponto de formar barreira impenetravel em volta dos profissionaes da politica evitando-os como ás profissionaes do amor.

De queixos rapados, mirando-os no espelho Cristovam não parecia encantado com a beleza da transformação. O Mendes lembrou uma póda na bigodeira. Concordou e o melhor seria tomar-lhe conta da decoração da cara.

O Mendes tesourou-a curto e ao terminar admirou a sua obra:

— Um escultor não conseguiria melhor. Agora lava-te e depois vaes fazer uma maçagem demorada com a toalha.

Cristovam obedeceu e emquanto o Mendes lhe ensinava a manobra «carregas assim acompanhando a linha das rugas esboçadas» quiz saber a sua utilidade.

Servia para manter a pele firme e as rugas a distancia... evitando que avançassem.

— Mas os annos vão correndo e a mocidade foge d'elles como as lebres diante de um galgo.

Não era bem assim. A velhice tinha muito de subjectivo, dependendo bastante do scenario. Os cabelos brancos e as rugas desmoralizavam, afirmando velhice. Quem aos sessenta annos guardasse a frescura e aparencia dos 20, não se jul-

garia velho e não o acreditando, não o sentiria. Com a limpeza da cara e o arranjo a fazer na barriga, sem grande esforço, dos 34 que contava regressaria ao aspecto dos 25. Queria preparar um Cristovam diferente do outro, por fóra e por dentro.

— E as frutas?

— A ellas antes que o sol as aqueça!

Desceram propondo Cristovam de entrada limas doces.

Gritou pelo Manuel Caseiro, que logo apareceu sobraçando bandeiras de milho, dirigindo-se ao Mendes a cumprimenta-lo:

— Como passou a noite?

Mas reparando na cara de Cristovam, largou no chão o braçado. «Ai, benza-me Deus. Ora o menino . . » E batia as palmas a rir.

— Não acha que está bem? — perguntou o Mendes.

— Pois está certo que sim. Parece o outro. , , quando era estudante.

— Fica-se com mais cara, não é verdade, seu Manuel? — continuou o Mendes.

— E olhe que é mesmo. Descobre-se a feição da pessoa. A barba cerrada escurece a figura. E as senhoras já o viram?

— Ainda não — respondeu o Cristovam.

— Isso é que vae ser um arraial.

Cristovam ordenou-lhe que apanhasse limas para o sr. doutor e elle, manobrando uma cana, aberta em forquilha, depois de rebuscar a melhor, para os seus olhos praticos, num movimen-

to leve, em golpe de mestre colhia o fruto que o Mendes descascava á mão, saboreando-o maravilhado pelo aroma raro.

Emquanto esperava outro, cheirando os dedos, confessava a tentação de esfregar-se todo com as cascas «uma delicia de perfume.»

— Se o sr. doutor quer regalar-se, aconselhou o Manuel, guarde um cantinho para umas pêras da Senhora d'Agosto que são o proprio do manjar. Somem-se na lingua.

Foram para junto da pereira onde o Manuel trepou, servindo-se da escada de mão. E «lá vae uma fresquinha que nem um caramelo». O Mendes apanhou-a na copa do chapeu.

Regeitando o canivete que o Cristovam lhe oferecia, de gula excitada, cravou-lhe os dentes, ficando logo besuntado, da pêra que se desfazia em suco, escorrendo pelos cantos da bôca. «Lá vae outra. Já está mordida das abelhas. Com cuidado senão esborracha-se.» De cabeça estendida, o queixo a pingar, aos estalos com a lingua, resava na maior devoção:

— Bemdito seja o sol da Beira, que tão bem sabe cozinhar.

— Vá que este anno não ha que dizer. O bicho não entrou com ellas.

O Mendes deu-se por saciado. Era preciso deixar para outra vez.

Já em baixo o Manuel, orgulhoso da boa fazenda que entregára, pretendia saber se em Lisboa se comiam pêras d'aquellas. Lá na sua, as frutas que se vendem nas cidades nunca podiam pres-

tar. Maduras á força ficavam sem gosto nenhum, «como quem mete na boca um pedaço de abobora cozida» — rematou com despreso.

O Mendes concordou e depois de ter passado as mãos num rego d'agua, esfregando-as e a cara com folhas de videira, enxugou-se no lenço seguindo direitos ás capoeiras, onde avistaram as senhoras.

Já proximos, o Manuel Caseiro ao ver as caras de espanto de Magdalena e de Finita, iniciou a festa que ellas acompanharam. O Mendes quiz saber opiniões. Aprovaram. A Finita pareceu um filho do outro das barbas.

—Está mais bonito, ou não? Responda-me a Fininha — pediu o Mendes.

—Bonito é sempre . . . — gaguejou depois de hesitar um momento.

E as faces cobriram-se-lhe de purpura.

— Seu Manuel, chalaceou o Mendes, disto não ouviriamos nós, mesmo que arrancassemos a pele da cara.

—Ora o sr. doutor, um homem perfeito, ainda uma criança... Cá o velho sim que é uma sola de sapato roto.

A Eufemia inteirada do sucesso chamou a Custodia e a tia Leonarda, fazendo todas alarido, surgindo depois outras a espreitar, dando o parecer.

A tia Leonarda desceu para ver mais de perto aprovando o corte do matagal. Com as barbas andava a fingir de velho.

O Manuel filosofou que uma cara barbada nun-

ca se sabe bem quando ri, nem quando chora. E desandou com a tia Leonarda.

Madalena e Finita continuaram tratando das galinhas.

O Mendes gabou a capoeira, onde todas as raças, em grande confusão, apareciam representadas. Soberbo o galo passeava como um rei de comedia, de cabeça no ar e a gorda crista representando de corôa rutilante a brilhar ao sol. As servas submissas, de cabeça no chão, picavam o milho, brigando ás bicadas. O senhor, metia-se de permeio, chamando-as á ordem por um «có . . . ó» prolongado a repreendê-las, e tomando por desfastio, com elegancia, um ou outro grão.

—Estão muito bem tratadas — dizia o Mendes.

—Não admira, entretemo-nos a dar-lhes de comer.

—Tem muitas?

—Entre galinhas, patos e pombas mais de trezentas.

O Mendes interessado quiz saber o prestimo de tanta criação.

Serviam para casa . . .

—E gasta-as com os clientes — sublinhou Cristovam que notando no Mendes um gesto de surpresa acrescentou:

— Não sabias que a Madalena é medica? Visita os doentes e trata-os com remedios desta botica.

—Coitados, á falta de melhor . . .

—Quanto lhe custa uma galinha? — perguntou o Mendes.

—Nada.

— Então pode fazer uma fortuna. Em Lisboa vendem-se por dez tostões, bem inferiores a estas.

—Isso é diferente. Bem vê, tudo o que se lhes dá é de casa.

—Não vale dinheiro o que ellas comem?

—Se fossemos a fazer as contas . . .

—Sabes Cristovam que a Dinamarca a vender galinhas e ovos ganha milhões?

—Creando em larga escala. . .

—E porque não te fazes tambem creador nessas proporções?

Cristovam achou admiravel a proposta, um grande negocio á Balzac. O Mendes garantiu que falava a serio e a D. Madalena sendo uma pessoa inteligente concordaria com elle. Que nunca fôra vaidosa, respondeu. Por isso mesmo e julga-la sensata, se atrevia a discutir capoeiras diante de uma mulher bonita como a D. Madalena.

— Sensata e bonita, vamos que já é alguma coisa.

—E é muito bonita, sim—aplaudia Finita segurando-lhe a cara entre as mãos.

—Que elle dissesse isso de ti . . .

—Digo de ambas. Da Fininha tenho a opinião do Cristovam, são dois votos; a D. Madalena fica só com o meu, porque elle se abstem . . .

—Não abstenho tal, protestou Cristovam, se a Madalena fosse feia, nem a Finita poderia ser como é.

—Ora para que lhes havia de dar!—disse Madalena.

Finita atarantada baixou os olhos corando e Madalena reatou a conversa:

—Então o doutor não conta a historia das galinhas da Dinamarca?

—Já a contei. Falta ensaiar aqui uma repetição, aplicá-la. Tenho andado a meter na cabeça de Cristovam que precisa fazer alguma coisa que se veja.

E de novo arrastado pela sua tendencia de apostolo começou a pregar. As galinhas serviam-lhe de exemplo. Se desenvolvesse a produção acabaria por transformá-la numa grande industria. Havia espaço, alimentos baratos e em abundancia, não faltava portanto a materia prima. Aparecesse a iniciativa, o trabalho de organização e depois o bom governo que logo veria criada uma riqueza de proveito para o iniciador, e um estimulo ensinando pelo exemplo pratico aquela gente a progredir. Quem obteve duzentas galinhas pode conseguir seiscentas ou seis mil. Existia portanto a base. Faltava estudar o valor da produção de cada uma, por quanto se poderia vender, o que renderia em ovos . . .

—Ha uma coisa que não deve esquecer—notou Cristovam. E' quanto custaria suportar o fedôr e o barulho d'essas seis mil galinhas.

Finita deliciou-se com o dito de Cristovam e Madalena interessada pedia o resto do plano.

—Bonito! Lá vaes tu parar em galinheira, troçou elle.

— Eis ahi uma carta de bacharel tomando atitudes diante duma capoeira.

— Na verdade quem visse um doutor feito regatão . . .

— Se não tivesses fortuna, preferias picar migalhas numa banca de advogado, a banquetear-te com os lucros de um armazenista de bacalhau, por exemplo? Qual escolhes, vender conselhos a seis vintens, ou toneladas de bacalhau a centos de mil réis?

— Pões as coisas de um modo . . .

— Vamos a outro exemplo: Agradar-te-ia mais ser grande industrial, com uma fabrica de milhares de operarios, ou advogado de grande fama?

— Isso de grande industrial é outra decencia, não é negociar em bacalhau ou galinhas.

— Mas o grande industrial pode lidar com pregos ou botões e entre essas materias e o bacalhau ou os ovos não sei que aristocracias possam existir.

— Bem vês, ha coisas que o bom gosto rejeita.

— Um bom gosto convencional e no fundo estupido.

— Será estupido, mas é assim mesmo.

O Mendes ralhou que um homem inteligente de espirito culto não devia falar assim. Questões d'aquela natureza palpavam-se de mãos núas, sem luvas calçadas. Que desempoeirasse a cabeça. E argumentava: Entre as situações brilhantes, a que mais se destaca, sobresaindo a todas as outras é a do general vencedor de uma campa-

nha. Porquê? O general para vencer, careceu de um grande plano, solida organização, golpe de vista no comando, alcance na previsão e uma poderosa tenacidade no esforço, as qualidades em suma que distinguem os homens raros, muito acima do vulgar. Pois o industrial, dono da fabrica, onde trabalham em ordem milhares de operarios estava nas mesmas condições. A guerra em si, no detalhe era uma coisa repelente, mais que um açougue, reunindo todas as abjecções, as piores. Comtudo ninguem se detinha a analisá-las, via-se simplesmente a conclusão, o resultado final. Na fabrica tambem não importava se os homens comandados pelo patrão metiam em caixas, ovos, pregos, fitas de seda, ou galinhas. Só havia materia indispensavel á vida, da mesma categoria, coisas, detalhes minimos ou sem categoria. Atendia-se ao poder criador, ao esforço de organização, á competencia do comando. O famoso advogado não passava de um operario trabalhando, embora pago por tarefa, á ordem do industrial.

—E' indispensavel, concluiu, a todos os senhores que se arrogam aristocracias o esforço d'esses grandes homens organizadores do trabalho e criadores da riqueza. Sem elles nada pode existir, vivendo tudo na sua dependencia. São a elite fundamental. A D. Madalena concorda comigo?

Respondeu que sim com a cabeça. Dirigindo egual pergunta a Finita ella hesitante voltou os olhos para o Cristovam. O Mendes malicioso pediu:

— Vá lá sr. D. Cristovam venha uma resposta que valerá por duas...

— Está resolvido. Vamos montar uma fabrica de galinhas e se queres podemos tratar já de expedir a primeira remessa para amostra...

Madalena concordava. Fidalguia sem fortuna era a maior de todas as miserias.

— Cada um devia ser homem por si mesmo — insistia o Mendes. Herdar não constituia um merito. O Cristovam se queria ser alguem, precisava deixar aos filhos alguma coisa saída do seu exforço.

Receberam a idéa á gargalhada e o Mendes sem desmanchar a atitude increpava, gesticulando animado que não pensasse em ficar solteiro. Filhos todos haviam de criá-los sem excepção, elles, a D. Magdalena, a Fininha...

— E' boa, é boa! — respondia Cristovam em grande galhofa, voltado para Magdalena e Finita, ambas escarlates.

— A idéa do doutor tem muita graça! — dizia Magdalena a rir perdidamente.

E o seu peito alto de vigoroso contorno, dilatava-se numa expansão maxima, transbordando alegria da face candente, do lume dos olhos, da purpura dos labios, aos cantos sombreados, em prega discreta, por uma suave nota sensual.

O Mendes sentiu-a no intimo da sua natureza de homem sadio e, sem a detalhar, admirou-lhe o conjuncto de solida beleza, nas formas bem marcadas, na pele a marinhar de sangue, no cabelo forte e vicejante, a brilhar ao sol,

no aprumo bem equilibrado e imponente de coluna grega.

Acudiu-lhe um pensamento, em que evitou deter-se, e reatou a conversa:

— Pois vou escrever hoje mesmo para Lisboa a encomendar uma chocadeira que oferecerei á D. Magdalena.

— Dos primeiros ovos que ellas chocarem, hão-de sair as galinhas que comeremos no dia das nossas bodas, rematou Cristovam.

— A D. Magdalena aceita a minha oferta? — perguntou o Mendes.

— Diante de taes esperanças não hesito. Casar, fazer fortuna, não sei que mais possa desejar um pé de tojo como eu. Não achas Finita que vale a pena chocar os ovos?

— Chocar os ovos para que? As galinhas já ali estão, riqueza já a tem. O que falta é o noivo.

— O doutor vae encomendar tambem de Lisboa um para mim, outro para ti.

O Mendes tomando a sério o projecto foi escrever, emquanto o Cristovam estendido numa cadeira de verga lia o *Primeiro de Janeiro*, no fresco da varanda.

A correspondencia foi demorada porque a muitos amigos de Lisboa prometera umas letras da Beira, onde esperavam que não se demorasse além de 24 horas, o bastante para criar o desejo de fazer as malas e partir em busca de outros ares, menos puros e com um pouco mais de artificio.

Nas suas cartas o Mendes afiançou que não o

veriam tão cedo. Andando ha muito com saudades de Portugal, como se lhe deparava o ensejo naquele momento, aproveitaria.

Depois de erguer uma vistosa ruma notou que o apertava a fome e olhou para o relogio. O almoço ainda tardava, tinha tempo para mais, faltava-lhe porém o gosto para mexer a pena. Com o estomago vazio as palavras não acudiam. Foi para junto do Cristovam que refastelado na cadeira lia sem atenção os anuncios do jornal.

Sentou-se num banco de pedra, cortou um cravo, pôz-se a cheirá-lo e em voz sumida queixou-se do dia quente, pior que o da vespera.

— Tens aqui um homem na rua do Cedofeita que oferece gelados e sorvetes.

— Agora prefiro coisa quente.

Um melro assobiava na laranjeira; ouvia-se nos campos vezinhos o rumorejar da labuta, cantares, vozes agudas e carros chiando. As cigarras num côro interminavel até perder-se ao longe como a discreta ondulação de um imenso campo de trigo, enchiam o ar de um susurro alegre, cortado pelos tentilhões que espaçadamente faziam vibrar a sua gargalhada. Da quinta vinham sons humanos, risos, bocados de palavras e por vezes uma cantiga a estalar num alarido vivo de foguete chegava bem distinta:

O' minha Nossa Senhora,
Com tua mão de marfim,
Encaminha o meu amor
Para bem perto de mim.

— Pois lá escrevi cartas para meio mundo —

disse o Mendes num tom de tristeza, de quem anuncia uma desgraça.

As palavras faziam-lhe éco no estomago, onde a passagem das frutas havia deixado um vazio do tamanho de uma catedral. Era uma fome tremenda, quasi dolorosa que não se lembrava de ter sentido outra egual.

— E' um enjôo essa estupidez das cartas de cerimonia. Tiram-me o apetite quando tenho de as escrever — respondeu Cristovam a bocejar.

— A mim produziram-me efeito contrario.

Se estava com fome ia num pulo á cozinha recomendar urgencia. Que não, cerimoniava o Mendes.

O Cristovam foi dentro e pouco se demorou a anunciar-lhe que não tardava nada, um rico jantarinho feito pela Custodia, sob os auspicios da Madalena, scenario da Eufemia e da Finita, uma peça de grande espectaculo.

O Mendes, sentindo um rio a nascer-lhe na bôca teve de esperar ainda meia hora, muito comprida, de uma tristeza tal que chegou a parecer-lhe funebre o canto dos tentilhões, em grande festa nos ramos das oliveiras. Quando na meia porta surgiu a cara sorridente da Eufemia «fazem o favor de vir para a mesa», ligeiro, com a alegria de um colegial, foi sentar-se diante do prato a fumegar como um incendio, transbordando de uma odorifera sopa de padela, com hortelã.

— Esta sopa já Viriato a comeu no dia do casamento — disse Cristovam. Só com a diferença de não ter sido temperada pela Custodia.

E quando o Mendes limpou a ultima gôta Madalena propoz a repetição. «O jantar era pequeno, numa aldeia não havia recursos». Concordaram em mais outra colher. Cristovam repetiu com um prato cheio.

O arroz de coelho que se seguiu, foi tambem saudado com aclamações:

—Vaes experimentar uma maravilha que os gregos não inventaram porque lhes faltou um talento igual ao da Custodia.

Recomendou á Finita que enchesse bem a medida. Madalena acautelou que podia o doutor não gostar. O Cristovam ficava por elle «mais outra colher, Finita».

O Mendes regalado com o aroma que lhe penetrava até ao fundo da alma entendia que para bem apreciar se ficasse nas pequenas dozes.

Cristovam protestou, contra os sermões de higiene. Se estava com fome, tratasse de comer conforme o apetite. O Mendes continuava na sua, a arte consistia em saborear. Despejando a comida dentro do estomago, á pressa, como quem tem mais que fazer nem havia tempo de lhe sentir o perfume. E propunha-lhe que mastigasse devagar.

— Tenho lá paciencia para isso.

—E's um selvagem, devoras, não conheces os prazeres do paladar, enches-te de mais e crias barriga. Não lhe parece D. Madalena?

—O doutor põe sempre as coisas tão claras que ninguem pode deixar de lhe dar razão. O Cristovam excede-se ás vezes.

—E a Fininha tambem está d'acordo?

—Se elle gosta assim . . .

—Bem feito—remoqueou Cristovam.

—A D. Leonarda é que vai julgar em ultima instancia.

—Eu sim! Os meninos é que sabem disputar essas coisas. Ora agora eu sempre ouvi dizer que as comesainas não dão saude. «Das lautas ceias estão as sepulturas cheias».

— Das ceias talvez mas os jantares da Custodia fazem ressuscitar os mortos. Estes medicos da moda querem que se traga uma balança na ponta da lingua. Esperemos que não hade tardar muito que digam o contrario. E tudo para bem da nossa saude . . .

— Isso não impede que sejas um desastrado diante de um prato. Experimenta, mastiga devagar e verás como encontras um sabor inedito.

—Olha que maçada!

— Desconheces metade das delicias deste arroz de coelho. Não mereces a Custodia, nem chegas a apreciar a fundo as suas obras d'arte.

E voltando-se para as senhoras pedia-lhes que experimentassem a mastigação demorada, notariam a diferença.

A tia Leonarda declarou que já não estava em edade de aprender essas novidades. Madalena feito o ensaio concordou. Finita hesitante não se decidia a confirmar a observação do Mendes.

Serviram-se depois ovos verdes «marca tia Leonarda» com molho de vilão «Custodia», informou Cristovam mandibulando na velocidade ri-

gosamente scientifica de sessenta triturações por minuto, em homenagem ao Mendes, e terminando por declarar que assim mastigados sabiam á galinha donde vieram e até ao milho com que se criaram.

—Tem razão, seu Maneca! Eufemia, enche os copos que precisamos brindar á sabedoria do sr. doutor Mendes.

Foram servidas trutas fritas com molho «tia Leonarda» a que se seguiu um empadão, e depois almondegas.

O Mendes petiscando apenas, ouvia a troça do Cristovam, pela miseria das porções, «assim nem chegava nada ao estomago, perdia-se tudo no caminho». E, pela sua parte, comia a serio.

Ainda veio carne ensopada em que o Mendes não tocou, «não era possivel, o estomago não comportava, uma questão de habito».

Por fim apareceu vitela assada de espeto que o Mendes não teve remedio senão provar.

—Calca lá isso como poderes—dizia Cristovam—e arranja um buraco para esta vitela. E' uma maravilha garantida. Se Camões a conhecesse, dedicar-lhe-ia um canto inteiro dos Lusiadas.

O Mendes gabou-lhe o perfume raro, concordando em que merecia terem-lhe feito uma referencia na Iliada.

—Toma, chega-lhe umas rodelas d'esta salada de cebola — ensinou Cristovam com a segurança de bom entendedor.

O Mendes, sem dar por isso, foi cometendo um grande pecado de gula.

— E agora já tenho trabalho para o resto do dia — disse elle.

— Aonde? — perguntou Cristovam.

— Digerir tudo isto. Achas pouco?

— Ora adeus. Some-se num momento.

O Mendes fez então uma grande predica sobre higiene. Era um grande erro a alimentação excessiva porque a excitação demasiada cança.

Cristovam protestou. Mandava a natureza, obedecia-se. Que não, respondeu o Mendes, a grande arte consistia em gozar os prazeres da vida, mas sem exgotar as sensações; só poupando se conseguia manter a aptidão para o praser. O gozo a fartar depois de repetido muitas vezes, desaparecia, e, uma vez embotada a sensibilidade, morria-se de tedio numa estupida velhice.

Cristovam chalaceando a principio, foi prestando atenção e por fim concordou, terminando por dar-lhe inteira razão. Assentou-se em que a mesa seria mais frugal d'ahi em diante. Respeitariam a voz da sciencia.

Madalena queria aproveitar a visita do doutor para aprender alguma coisa.

— Agora é que vaes ficar medica de todo — brincava a tia Leonarda — Já sabes tomar o pulso, só te falta picar com as lancetas.

O Mendes propoz então que no dia seguinte se começasse vida nova. Adotava-se novo regimen alimentar e o Cristovam aprenderia ginastica para ficar sem barriga, a pior das fealdades.

A tia Leonarda confusa quiz saber se iam fazer peloticas. O Mendes explicou que nada d'isso,

tratava-se apenas de executar movimentos com os braços, as pernas, a cabeça, o peito. A D. Madalena e a Fininha podiam tambem começar.

Madalena concordou logo. Desejaria experimentar... A tia Leonarda, bastante desconfiada, punha as suas duvidas. As meninas vissem bem, os homens era outra coisa. O Mendes socegou-a. Depois de assistir havia de gostar.

Combinou-se que no dia seguinte ás 6 horas, debaixo da magnolia, ao pé do tanque, dariam começo ás lições. E os dois foram estatelar-se á sombra das camelias numa cama de feno, coberta por um enorme toldo de estopa, arranjada pelo Manuel Caseiro.

Cristovam estendeu-se ao comprido, e o Mendes imitou-o achando optima aquela posição para digerir o jantar.

Os patos boiavam no tanque, gargolejando com o bico na agua, onde tomavam repetidos mergulhos, caçando bocados de pão atirados por Cristovam. Nos campos áquella hora mais silenciosos apenas as cigarras crepitavam sem descanço cortando o recolhido socego da hora da sesta. O calor ardente punha vibrações no ar parecendo erguerem-se da terra linguas de fogo. Uma branda viração, tenue como um sopro mexia a longos espaços a bandeira dos milhos, caíndo depois tudo na mesma quietação. As folhas das arvores que nesse momento se moviam lentamente, pareciam labios no movimento cadenciado duma prece ao deus sol que ellas estavam adorando num extasis. E ás vezes era um

fugaz redomoinho de vento levantando as palhas secas do chão num bailado ligeiro logo desfeito, que os galos registavam por uma prolongada nota de alerta.

O Mendes e o Cristovam, silenciosos, na maior beatitude, gozavam as delicias do repouso.

— Queres o jornal? — perguntou-lhe Cristovam.

— Deixa-me gosar as delicias do analfabetismo.

— Estás com horror ás letras?

— Sinto um agradavel fastio por ellas neste momento. Agora sou animal apenas.

O Cristovam continuou deitando pão aos patos.

Ouviu-se rodar o portão da quinta e Cristovam erguendo o pescoço, a espreitar por entre o arvoredo, informou:

— Ahi vem o Rabiça.

— Como vae elle?

— Um pouco mais conformado.

Caminhava direito a casa, vestido com o seu fato de ir á missa. Cristovam chamou-o e elle de chapeu na mão, veio de cara sorridente, mostrando as raleiras dos dentes:

— Como passou, meu senhor? Muito bem aparecido por estas terras — cumprimentou dirigindo-se ao Mendes, e em seguida ao sr. Cristovinho, como estava, mais a sua comadre e a menina.

O Mendes levantando-se, de braços abertos «Venha cá, sr. João, dê cá um abraço que tambem o merece» e o Rabiça «Ai, isto é que é um senhor, não fica envergonhado por tratar assim a gente...» deixou-se apertar, de mãos caídas, re-

ceoso de tocar nos apuros daquele fidalgo com as suas manapulas sujas de suor.

—Fique sabendo que gosto muito de si. O Cristovam já me falou no sr. João...

—Em mim?

—Contou-me aquela historia com o Inocencio.

—Isso foi uma praga que caiu nesta terra— gemeu baixando a cabeça entristecido.

—Sabes que o doutor Mendes descobriu a maneira de lhe apanhares a belga?

—Lá está o Cristovinho a caçoar comigo— respondeu desconfiado, mas a luzir-lhe o olho numa esperança.

—Acredita.

—Nem que o sr. doutor fizesse caso de um pobre como eu...

—Pois é muito simples. Qualquer dia vae visitá-lo e faz-lhe tomar uma receita que lá sabe e era duma vez um Inocencio. Segue logo direitinho a negociar com o diabo a alma do Bucha.

—Ora, eu logo vi... disse o João sorrindo desapontado.

O Mendes animava-o, aquela receita não, mas confiava noutra mais segura. Antes dum anno a horta seria sua.

—Basta o senhor dizê-lo. O pior é que elle anda para lá a carrejar pedra, com a tal sistema da casa e já me estragou uma ameixoeira que é um dôr d'alma.

Cristovam mandou-lhe despejar as novidades e o Rabiça explicou que chegava da Vila

onde falara com o Dr. Figueiredo á saída da botica. «E então como lhe contei que já cá estava o sr. doutor de Lisboa elle afiançou que apparecia cá ámanhã». «Diz lá que vou de visita ao meu colega». Tambem trazia um recado para as senhoras, se não queriam mais nada ia levá-lo. E partiu «com suas licenças, srs. doutores.» O Mendes, sentado á turca, viu-o afastar-se, cobrindo-o de simpatia:

— E' uma boa criatura!

— Nem podia deixar de ser, com uma filha daquelas . . . — rematou Cristovam pausadamente, arrastando as palavras.

O Mendes voltou-se para elle:

— Olha para mim, ó Cristovam.

E depois de o ter fitado um momento:

— Tu gostas da Finita?

— Sem duvida. . . — respondeu confuso.

— Entende bem o que te digo. Tu gostas da Finita, como um homem gosta de uma mulher.

Cristovam erguendo-se num movimento brusco sobre os joelhos fitava o Mendes varado de espanto, a perguntar-lhe se não teria endoidecido, e elle exagerando a calma explicava:

— Sou medico e presumo conhecer um pouco o serviço da machina que vigio.

Que mandasse a medicina para o diabo, se não sabia fazer outras descobertas.

— Gostas da Finita e ella gosta de ti — friamente insistia o Mendes.

Se tivesse bebido de mais ao jantar compreendia-se.

«Que lhe prometera, lembrava o Mendes, deixar-se dissecar, pondo-lhe a alma á nú e porque livremente o oferecera, não devia encobrir...»

— Mas se estás a dizer um disparate como ainda se não inventou neste paiz de doidos...

Podia ser que o ignorasse. Convencia-se até de que nenhum dos dois o suspeitava. Porém elle observando de fóra, com o seu juizo habituado a fazer diagnosticos, chegára á conclusão segura do que afirmava.

Cristovam resistia. Que pensasse, vivia ali desde creança, mal lhe arrefeceram os joelhos do tempo em que Finita os cavalgara, fizera 34 annos, ella apenas dezenove...

— Palavriado cego! Nas condições em que vocês se encontram previa-se mesmo a distancia que a natureza o havia de impor. Os gregos casando aos 36 com mulheres de 18, produziram os atenienses. E não ignoras que ellas, as melhores constituidas, preferem o homem para além dos 30 ao joven da sua edade.

— Lá vens com sciencias de livros...

— Apresento-te factos averiguados. Queiras ou não, vaes concordar comigo. Lembras-te do entusiasmo com que me descreveste a Finita da primeira vez que te referiste a ella?

— Uma criança alegre, cheia de vida...

— Não! Aquellas coisas não se dizem de uma criança. Tu vias, sem o supôr, uma mulher já feita, um corpo admiravel. E a tua natureza mascula, depois de ter recebido a secreta influencia,

a atração d'essa carne, adorava-a antes de a desejar. Isto é animal, humano, psicologico.

— Falta-lhe ser logico.

— O que te aparece absurdo resulta d'uma convenção, de regras sociaes que a natureza regeita. Porque te revoltou a idéa de ella casar com o Inocencio?

— Um bruto...

— Ingenuo! Dentro de ti, sem o saberes ardeu o ciume. Com outro sucederia o mesmo. Nunca a entregarias a homem nenhum.

— Asneiras.

— Estuda-te, analisa o teu sentimento e julgarás depois. Da parte d'ella então a duvida não se compreende mais. Lembras-te da scena com o Bucha no dia da busca? Deves recordar-te do choro e dos olhos que no quarto da tia Leonarda ella ergueu para ti e não decifraste. Ouve agora a tradução em linguagem corrente. No seu espirito a calunia fez despertar uma curiosidade e o instincto sexual que até esse momento dormia, acordou estremunhado. Criada aqui na tua casa deixou de ser labrega, selecionou-se em casta superior e os rapazes da aldeia boçaes, grosseiros não a atraiam. O unico homem da esfera em que se encontra, de que poderia gostar, por ser o unico que vê, eras tu. Ignorou-te a existencia masculina até ao dia em que o Bucha lh'a veio revelar. D'esse momento em diante passaste a representar no seu espirito a forma concreta do sonho vago que á sua natureza forte, bem sexuada faltava. Se lhe aparecessem outros homens

da tua qualidade, poderia talvez fixar algum que não fosses tu. Mas assim, aqui sós os dois, na ilha deserta, que pretendias que sucedesse? Não reparas como te acha «sempre bonito» e nunca tem uma opinião sem ouvir a tua...

— O respeito...

— Dá-lhe o nome que quizeres, atração sexual é que é, ou digamos amor.

Cristovam de cotovelo apoiado no joelho fitava numa expressão de duvida o Mendes que proseguiu:

— Nunca te faria esta revelação se não tivesse comprehendido que a Finita é a mulher que te convém. Parece feita de encomenda para te tornar feliz. A carne um sopro de Deus, o espirito moldado pelo teu, de tua irmã, da tia Leonarda; vigorosa como uma labrega, delicada como uma fidalga, entrega-te uma alma onde nunca se espelhou a figura de outro homem, completamente tua, coisa que modelaste, que nunca experimentará uma sensação, que de ti não venha. Que mais queres?

— Nem vês ao menos que seria escandaloso?

— Preferires a mulher de que podes receber a suprema afeição e os melhores filhos que poderias ter? Reflete que vale bem a pena.

Cristovam não respondeu, caindo em funda meditação que o Mendes procurou não perturbar. Semeado o fermento esperava que germinasse. Seguro da boa ação que praticara e da certeza do golpe vibrado confiava em que pou-

cas horas de luta intima bastariam para tomar vulto na alma do amigo a desejada reação, esse amor latente que havia de curá-lo da doença revelada nas suas cartas.

Para mais livremente o deixar entender-se comsigo mesmo, deitou-se de costas e fechou os olhos simulando um ataque de sono. E tanto tempo assim permaneceu que de facto acabou por adormecer.

Quando acordou Cristovam havia desaparecido. Madalena sentada num banco proximo entretinha-se com os bordados e Finita agitando um abano enxotava-lhe as moscas.

— Que boa sesta! disse Madalena — deve fazer-lhe bem este socego.

— Embora não tenha andado em perigos e guerras esforçadas estava bem necessitado de uma paz assim completa.

— «Em perigos e guerras esforçadas» onde foi que eu já ouvi isso?

— E' dos Lusiadas, D. Madalena.

— Ah! os Lusiadas.

— Nunca leu esse livro?

— Sim, ha muito tempo alguns bocados, mas achei maçador.

— D. Madalena, por quem é, não diga tal. A coisa mais linda que se escreveu em lingua portuguesa.

Convencendo-se da enormidade da sua falta de gosto desculpava-se:

— Foi ha tantos annos... Pode ser que voltando a lêr agora...

— Pois logo no fim da ceia hei-de fazer-lhe uma leitura e espero vê-la mudar de parecer.

— Acredito.

— Vae ser o nosso serão de hoje — disse o Mendes olhando para o relogio. — E são seis horas! A grande soneca que eu dormi! Que é feito do Cristovam?

— Anda ahi pela quinta. Disse-nos para ficarmos de guarda, não viesse algum bicho...

— E que tal? Estive então sendo velado como um menino no berço, nada menos que por dois anjos da guarda? Bem se vê que os Lagares ficam muito perto do céu.

— Está aqui desde hontem apenas. Passada uma semana muda de opinião.

— Posso asseverar-lhe que nunca me senti tão bem.

Pegaram-se a conversar. O Mendes falou da vida de Lisboa descrevendo o tedio que ultimamente o acometera, o horror da cidade, mais desagradavel ainda que o horror da solidão. Pior que a asma, sentia-se falta de ar no meio duma praça; ruim como a cegueira porque á hora do dia o ceu parecia escuro. «Detesta-se a multidão, foge-se dos conhecidos, evitam-se os amigos, as fachadas crescem e esmagam, as ruas estreitam, os edificios tocam-se formando tuneis, fecham-se as saídas, talha-se a jaula, apertando, afogando, os nervos rangem esticados prontos a estalar.»

Madalena ria do monstro desconhecido que o Mendes apresentava, sem acreditar em sensa-

ções que a sua vigorosa natureza não compreendia.

Elle insistia para melhor as convencer que a Beira ficava num canto do paraiso, onde se podia consentir á alma que subisse até á boca, pôr-se á janela a respirar livremente, a mirar-se noutras almas. Na cidade não podia fazê-lo, seria perigoso, davam-lhe um tiro, ou riam-se della.

Manuel Caseiro passou dando as boas tardes ao sr. doutor mais ás meninas, aberta num sorriso a sua larga boca desdentada. O Mendes perguntou-lhe por Cristovam. Seguira na direção daqueles carvalhos. Talvez fosse vêr a agua da presa que andava a regar, a essa hora.

Partiu a procurá-lo encontrando-o sentado num tronco d'arvore, de cabeça entre as mãos, o olhar vago exprimindo anciedade. Sacudiu-o «deita cá para fóra esses graves pensamentos» arrancando-lhe apenas um gesto de desalento. Estava compondo um romance d'amor? Cuidado com o papel que lhe destinava. E ria tomando ares paternaes, chamando-lhe criança, joven enamorado. Depois afetando vaidade gabou o seu talento de medico psicologo, fazendo o diagnostico precoce do amor com uma perspicacia que mataria de inveja o proprio João Crisostomo. Merecia um artigo na *Actualidade Scientifica* provando que a reacção amorosa se operava no dominio do inconsciente, estabelecendo-se a correspondencia sexual, a atracção simpatica fóra da vontade; a alma só era chamada a constatar o facto consumado. Com a doutrina iniciava uma revolução ati-

rando abaixo com o amor intelectual, uma invenção literaria.

Cristovam mal humorado classificou de mau gosto a brincadeira. Mudando então de rumo, falando gravemente em tom de sinceridade perguntou:

— Acreditas no meu bom senso?

— A que proposito vem isso?

— Quero pedir-te para me confiares a organização do teu futuro. Já sei o indispensavel; gostas da pequena, é quanto me basta. O resto fica por minha conta. Sei que trabalho pela tua felicidade tão seguro do que faço como de ter dormido um somno delicioso á sombra das camelias. Deita fóra essa tristeza, põe aqui já diante de mim o Cristovam d'esta manhã e não te cances mais em cogitações.

O sino da egreja badalou as Ave-Marias. No poente um lençol tinto de sangue registava o ardente calor de todo o dia. Nas casas dos Caniços o fumo começava a erguer-se das cumiadas. Chegava o rumor das vozes agudas do rapazio, misturadas com o latido dos cães.

O Mendes e Cristovam, a passos lentos, trocando raras e singelas palavras, monotonas e cadenciadas, tomados pela doce paz do fim do dia, foram-se encaminhando para casa.

No fim da ceia o Mendes pediu a Cristovam os *Lusiadas*.

— Que idéa te veio assim de repente?

— Cumprir uma promessa que fiz a tua irmã.

Vou lêr-lhe uma passagem do poema. Desejo reconciliá-la com o nosso Camões. Ella disse-me que não podia aturá-lo...

Madalena sorrindo inclinou a cabeça e a tia Leonarda em voz baixa pedia explicações. Cristovam trouxe o livro. O Mendes abriu-o e numa voz calma principiou a ler a invocação, destacando as palavras da primeira estrofe, animando-se um pouco na segunda e aquecendo gradualmente declamou num gesto largo:

«Cantando, espalharei por toda a parte...»

Vibrante na intimativa continuou:

«Cessem do sabio grego e do troiano...»

seguindo até á undecima estrofe.

Madalena de cotovelos sobre a mesa não perdia um gesto, apenas curiosa a principio e sucessivamente dominada pela emoção. A tia Leonarda movia a cabeça na cadencia da rima e Finita surpreendida interessava-se pela novidade. O Mendes poisando o livro, contou a sequencia até á batalha do Salado no canto 3.º, preparando a entrada ao episodio de Ignez de Castro. Proseguindo na leitura por tal modo a acentuou que todas as caras amorteceram de tristeza. Na passagem «As filhas do Mondego a morte escura», a voz tremia-lhe, modulando angustia que transmitia ao seu publico. As respirações suspenderam-se, os olhos marejaram-se e terminada a estrofe, o Mendes fez uma pausa.

Cristovam aplaudiu «Bravo, muito bem lido!» animado e já esquecido nesse momento das maguas da tarde que durante a ceia o tiveram pouco expansivo.

— Que me diz, D. Madalena?

— Tem razão, eu não sabia ler.

— Mais um bocado?

— Toda a noite, se quizer fazer-nos o favor.

— Vamos então á batalha de Aljubarrota.

Narrou o principio do canto, descrevendo o que se havia passado em Portugal, a causa da guerra, a desproporção das forças nos dois campos, a grandeza da façanha e rompeu em voz clamorosa:

«Deu sinal a trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso»

Chegado ao fim do episodio, relatava o seguimento, quando Manuel Caseiro entrou com seu ar de misterio a dizer um segredo a Cristovam.

— Não haverá engano? — perguntou-lhe.

— Tão certo como estarmos aqui. Se lhe falei... — respondeu o Manuel.

O Mendes calou-se e todos ficaram olhando-se surpreendidos.

Cristovam informou, baixando a voz, que tinham lá fóra o padre Rebelo.

A tia Leonarda deu um pulo na cadeira.

— Seja pelas cinco chagas de Christo! O que sucederia a esse infeliz?

Cristovam ordenou ao Manuel que o encami-

nhasse até ali de modo que ninguem o visse e tratou de fechar as janelas cautelosamente a resmungar que diabo de veneta o traria aos Lagares a uma hora d'aquelas.

O padre Rebelo metendo a cabeça pela porta, de cara prazenteira em voz travada:

— Dão licença?

Entrou e Cristovam antes de mais nada cerrou todas as portas. O Rebelo ao encarar o Mendes ficou indeciso. Cristovam socegou-o «um amigo muito intimo, é como se fosse eu».

Seguiram-se os cumprimentos, como estava a madrinha, como estavam todos, e já sabia que por causa d'elle houvera um entrudo lá em casa.

Vinha de barba crescida, cheio de pó, vestido com um fato de bombazina e botas grossas ferradas, de lenço ao pescoço.

— Mas que figura é essa, Padre Rebelo?—perguntou-lhe Cristovam. Se o visse no meio d'uma estrada punha a mão no revolver.

— E' como toda a gente deve andar agora— respondeu sombreando a viseira. Só de mão no gatilho.

— Mas nós faziamo-lo em Hespanha a estas horas.

— E de lá venho.

— Antes de mais nada, você come alguma coisa?

Não dizia que não. Finita serviu-lhe carnes frias. Com voraz apetite atacou um bojudo naco de vitela, entornando-lhe um copo em cima e depois de um estirado ah! confessou que, desde

longa data não punha os dentes em manjares d'aqueles. Saciado desembaraçou-se a contar que saíra de Hespanha com um amolador de navalhas, homem de confiança, que não o comprometeria e elle mesmo de geringonça ás costas viera trabalhando no oficio que aprendera.

Com a permanencia na Galiza habituara-se a falar galego e ninguem seria capaz de o reconhecer. Chamaram-no, apresentava-se. Já não fôra sem tempo. E baixando a voz afiançou que dessa vez não podia falhar, estava tudo um brinco.

— A mesma historia de sempre — comentou Cristovam.

Com a pratica é que se aprendia, as asneiras tambem serviam de lição.

— Temos então mais uma jornada do Cavaleiro?

A coisa seguia outro rumo. Esse arredara-se e fazia bem, não se sujeitar a mais traições. Mal empregado, um homem d'aqueles . . . O Rebelo no seu logar não se meteria em mais. Porém como elle era um santo bem capaz seria de perdoar tudo. Ainda lhe parecia incrivel, um paiz ter semelhante homem e não se pôr de joelhos a adorá-lo. Nunca se vira uma coisa assim.

— Boa pessoa, então?—foi puxando Cristovam.

— Pessoa diferente de todas as outras. Acreditem que Deus o acompanha. Ao pé d'elle não ha fome, nem frio, não ha medo, nem canceira. Parece que tem poder sobrenatural para animar a gente. E depois de vir ahi para remir Portugal

de tanta desgraça, voltam-lhe as costas, ou respondem-lhe a tiro. Tambem a verdade é que as balas fogem d'elle. E' o dedo de Deus a guiá-lo.

— Vocês eram poucos...

— Nós vinhamos só para animar os de cá de dentro. Mas ninguem cumpriu, atraiçoaram o juramento...

— Mas d'esta vez...

— E' certissimo.

— E para breve?

— Está por dias. Já avisei toda a minha gente. Por esses fico eu. E' da boa, decidida.

— A' ultima hora se verá.

— Já foram experimentados e não falhou meio.

— Quando?

A coisa estivera para rebentar havia um mez, com ordens dadas, tudo a postos. No alto da serra da Gralha esperou-se pelo emissario, ás 10 horas como se combinara. Juntaram-se duzentos homens armados de espingardas. A' meia noite deviam seguir, mas o recado não chegava. Esperaram até ás 3, e chuva se Deus a dava, com relampagos e trovões, no meio do pinhal. E ninguem arredara pé, só abalando ao verem que a manhã podia romper encontrando-os ali: «Pois senhores, muitos choraram de raiva quando se retiraram.»

— E porque não se fez?

— Sempre a mesma coisa. A' ultima hora os chefes não se entenderam.

— Concordaram agora?

— Alguma vez havia de ser.

— Padre Rebelo, você anda fóra d'este mundo. O' Mendes, pediu Cristovam, diz-lhe alguma coisa que lhe tire esta loucura da cabeça.

— E' escusado. Hei de cumprir a minha palavra. Se todos faltarem um ha de aparecer.

— E' um sacrificio inutil que anda a fazer — observou o Mendes.

— Padre a mais, padre a menos não conta. Elles dizem que não somos cá precisos . . .

— E os desgraçados que vão comsigo para uma fatalidade segura?

— V. ex.ª não sabe o que eu sei—disse Rebelo extatico.

—Sr. Padre Rebelo, cheguei hontem de Lisboa e não ignoro o que se prepara porque toda a gente o diz. Conheço alguma coisa o estado da nossa terra e bastante o modo de sentir da nossa gente para lhe prognosticar um desastre.

— Não é possivel. Temos o povo por nós, a razão está comnosco, Deus ajuda-nos, que nos falta?

— Regimentos!

— Estão comnosco. Um dia de manhã aparece tudo feito.

— Tudo feito . . . em cacos, talvez.

— Não póde ser! E não pode ser . . . porque não póde ser, acabou-se. Só se ouve clamar pelo fim d'isto. E' um levantamento geral contra essa corja de assassinos, de ateus, de ladrões. Ninguem os póde aturar mais, anda-se por ahi doido de raiva. E' preciso enfiá-los pelo chão abaixo, feitos em postas, em migalhas, que desapare-

çam, que se sumam, que acabe esta vergonha. E para isso ha de haver ainda portugueses.

Exaltado, as mãos afogadas nos cabelos revoltos, a sua voz crescia, engrossava, rolando como um trovão que se vem aproximando. Foi num grito explosivo, de punho cerrado, batendo com o pé no sobrado, que repetiu quasi num ronco:

— Ha de haver portugueses!

— Cautela, padre Rebelo, não grite assim, pódem ouvi-lo — recomendou Cristovam.

— Tem razão! E mesmo isto não presta para nada. O destino ha de cumprir-se. Deus o quer e nós temos de obedecer. Vim aqui só para os vêr. Mesmo quem sabe ás vezes póde ser a ultima...

— Que lembrança!—exclamou Madalena.

— O dever é só um. Fique para tráz quem ficar um português existe em Portugal dos que não tremem diante da morte. Ah! o Cavaleiro se podesse falar ao povo ninguem mais punha pé no chão a correr para onde elle fosse, sem mesmo saber porquê. E agora, adeus.

— Para onde vae?

— Encafuar-me na toca.

— Durma ahi, saia de madrugada...

— Ainda não acabei a tarefa d'esta noite.

— Ora no que se haviam de meter—dizia a tia Leonarda compungida.

— Minha madrinha, «Defender os patrios lares, Dar a vida pelo rei...»

— «E' dos lusos valerosos, Caracter, costume e lei» — concluiu ella afetando a voz n'um remate de cantiga. Mas isso é para cantar á viola.

— Caracter, costume e lei—acentuou elle. E' lei dos portugueses, é lei de Deus. Cumpre-se.

E começou apertando as mãos. Cristovam chamou-o ao vão de uma janela para lhe dar dinheiro. «Talvez precisasse.» Sim de abundancia ninguem se queixava, respondeu a meia voz, e ás vezes a necessidade apertava. Mas com resignação e fé tudo se venceria. O doutor não estivesse com incomodos.

Partiu, sumindo-se cautelosamente embuçado para que ninguem o reconhecesse.

— Cheira-te a idade media? — perguntou Cristovam depois de ter fechado de novo a porta.

— O heroico Lusiada delira em furias e terrores, alucinado pela visão de um espetro, uma alma do outro mundo.

— Crédo! — exclamou a tia Leonarda.

— Sim, minha senhora, o Cavaleiro é um fantasma vivo, sentindo o que já ninguem sente e falando uma linguagem que não é a dos vivos. E' um Lusiada morto que resuscitou. Os seus partidarios são crentes cheios de fé, de muita fé e de mais nada. Atribuem-lhe um poder sobrenatural, «as balas fogem d'elle», mas são poucos os que se arriscam a presenciar o milagre. A aureola de que se cercou é linda, mas está fóra de moda. E' como o odio aos franceses. O Caetano velho emquanto andou por ahi não o esqueceu, mas já ninguem o acompanhava. Todos nós fomos a Paris, deixando-nos encantar pelo que lá vimos. O odio foi-se, morreu.

— Como tudo morre... até o brio.

— O brio é tambem uma coisa convencional. Precisamos ser homens do nosso tempo, compreendendo o sentido do que temos diante dos olhos. Se ahi aparecesse Nun'Alvares tal como se apresentou em Aljubarrota daria uma entrudada e ninguem o entenderia. A politica hoje faz-se com maldades, astucias, violencias. Politico sincero, de bom fundo burguez «seu a seu dono» ninguem o classifica de santo, chamam-lhe ingenuo. Quem vae para a politica aceita-a como ella é. Se lhe repugna, afasta-se, mas não tenta vencer a corrente. Se o Cavaleiro, emquanto se entreteve em compor um romance do seculo XV, aprendesse a intrigar, corromper, velhacar, «dá cá toma lá» formaria um partido solido para vibrar o golpe que lhe aprouvesse. Uma traição? Leva á forca ou á gloria, depende de quem a julga. Ao homem de estado que triunfa, como ao guerreiro que vence, não se pergunta pelas mortes, e acções vis que lhe garantiram o sucesso. Apenas se atende ao resultado que a nação colhe no termo final. O resto é como o estrume que alimenta a flôr. Esse esterco a mim repugna-me, por isso fujo da politica, buscando a resignação quando nella tropeço, ou me forçam a vê-la.

Para conforto de nosso patriotismo resta-nos este livro que não morre e, emquanto elle durar, Portugal, o nosso lindo Portugal, ninguem o riscará do mundo porque as almas são immortaes.

E agitando-o no ar de braço estendido «eis aqui o reduto invencivel» ergueu a voz, fazendo-a

tanger como um sino, diante dos quatro ouvintes arrebatados, colhidos no mesmo impulso, repetindo:

«Deu signal a trombeta castelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso.»
. . . . . .

CAPITULO XIII

O Mendes teimando em dormir de janela aberta, ás cinco horas despertou com as alfinetadas das moscas, e desesperado saltou da cama amaldiçoando o antipatico bicho.

A's 6 horas Cristovam apareceu-lhe no quarto aborrecido a lamentar-se de não ter dormido bem.

— Sonhaste com o padre?

Ruminara toda a noite a conversa da tarde. O Mendes não estranhava que a idéa remexesse.

— Não me sae isto da cabeça.

Tanto melhor, pela força do desejo se media o prazer da conquista.

Cristovam não ocultava a surpresa da descoberta. Como se podia gerar uma coisa d'aquelas sem dar por isso . . .

— Essa a habilidade do medico. Entra-lhe

em casa um marido «venho por causa de minha mulher, sempre queixosa...» Depois de observarmos a criatura, o homem declara-se forte, sadio, o que se chama bom, mas aproveitando a ocasião pede uma revista. Faz-se-lhe a vontade e no fim: «Sua mulher não tem doença alguma, o senhor é que precisa tratar-se.» «Mas eu sinto-me bem.» Abre-se-lhe então os olhos, salientando fracas sensações a que não dava importancia. Foi o que sucedeu comtigo. Empregando o metodo da psico-reacção, como diria João Crisostomo em voz cantante de baritono, diagnostiquei uma crise de amor tamborilando no limiar do teu sensorio.

— Ora vocês a meterem nestas coisas a medicina.

— A fisiologia dirás. O amor é uma reacção vital, semelhante á fome, ou á sede. Existe a necessidade de comer, de beber, e tambem a de amar. E porque nunca apetecem iguarias desconhecidas, cuja existencia se ignora, assim tambem só pode amar-se a mulher que se vê e sente perto da nossa carne. Se te oferecem muitos pratos o teu instinto escolhe. Guiado por forças indeterminadas inclina-se para o que se adaptar melhor ao apetite. Se tiveres só um, comes e sabe-te bem podendo chegar a ponto de só esse te agradar. Preferes a comida da Beira, a outra não encontras sabor porque assim o exige a adaptação do teu paladar. E's atraído pela Finita porque as reacções da tua sadia sexualidade ha muito tempo recebem o influxo da sexualidade d'ella. Uma mulher tem côr,

cheiro, fluido electrico, ou nervoso, tem coisas, menino, lá isso tem, que exercem influencia em nós, provocam atracções; emfim existe uma força a que se pode chamar simpatia que nos obriga a uma preferencia. Foi um determinado cheiro, um especial fluido que nos fez vibrar uma e muitas vezes. A simpatia estabelece-se, e sempre que esse cheiro, côr, som, ou fluido actua, mesmo inconscientemente entramos em vibração.

— O João Cristovam não daria explicação mais elegante.

— Oh! Discursaria uma hora provocando o assombro dos ouvintes pelo motivo principal de não terem percebido mesmo nada, nem elle proprio, como agora sucedeu a ti, mais a mim...

— Isto de amor então...

— E' uma coisa natural que não precisa de palavras. Quanto mais calado melhor. E' o preferivel, o que da Finita receberás. As frases de amor são aprendidas de cór, nos romances. Ora a Finita nunca leu d'isso. O amor para ella serás tu inteirinho, sem mais nada e ella submissa, agradecida, uma dependencia do teu corpo. Isto não será poetico, mas é verdadeiro, além de muito agradavel, verás.

— Se nos nossos tempos te saísses com uma d'essas...

— Os jovens poetas? Uns idiotas! Sabem lá o que é amor. Um homem quando ama é animal, só animal, e quem assim não fôr, não sabe amar.

— Basta homem!

— No amor é preciso ser equilibrado, robusto, desejar uma mulher de carne vigorosa, bela e sã. O resto é mentira, artificio para enganar a miseria. Achar encantos numa criatura palida, olheirenta, chata, nervosa, doente, mas com espirito, a coisa feita de ouvido? Uma perversão de origem literaria.

— Assim ficas-te só com as labregas.

— Nada d'isso. Uma mulher pode ser forte e inteligente, com a inteligencia feminina, toda feita de prudencia. Não precisa a inteligencia masculina que a torna ridicula. Basta-lhe saber sentir, mas bastante para nos ensinar a nós. Pensar, que pense pela cabeça do homem.

O Mendes chegando á janela viu as senhoras que debaixo da magnolia os esperavam e desceu com o Cristovam para dar começo á lição de ginastica.

Madalena e Finita pareciam dois morangos regados de fresco. Nas faces levemente morenas o colorido esbatia-se para a raiz das palpebras firmes, onde não transparecia a menor mancha. Os olhos movendo-se placidamente, alumiavam a expressão ingenua e santa, como lampadas junto do altar. O sol da manhã salientando-lhes a côr da pele e dos vestidos viva e quente de craveiros floridos punha em relevo as formas vigorosas dos seus corpos inteiriços, riscados em linhas firmes e ondeadas.

O Mendes cumprimentou-as chamando-lhes Salve-Rainhas da Beira e deu começo á lição.

— A cabeça direita, arrancando bem do tronco

o queixo para trás e firme, os hombros d'este modo e o peito desimpedido do peso das espaduas; a coluna vertebral erecta estende-se puxando a nuca para cima neste movimento; as pernas bem unidas, os pés assim colocados. Cristovam, segura-te bem, deves sentir os musculos todos contraídos.

— Mas isto muito tempo cança.

— E' a falta de treino. Vamos agora respirar. Neste movimento dos braços inspira-se gradualmente, fazendo do ar uma coisa nossa que se palpa e se toma na quantidade que se quer. Neste outro movimento expira-se do mesmo modo, como um fole que se despeja e não como uma bexiga que rebenta.

Finita explodiu a rir desmanchando a atitude. O Mendes comandou de novo, auscultou-os declarando-se satisfeito com a prova. Cristovam perguntava se a barriga já deminuira.

— Continua—respondeu-lhe o Mendes.

A tia Leonarda surpreendia-se pelo que afinal vinha a ser a tal ginastica. O Manuel Caseiro de queixo caído, embasbacado, não cessava de treigetear com a cabeça. «Sempre a gente vê coisas».

As criadas pelas janelas espreitavam, e um moço da quinta, de longe estendia o pescoço por entre os ramos das videiras.

O Mendes ensinou os movimento de braços e de pernas, mandando executar. Em poucos minutos começaram todos transpirando. Que era bom sinal, disse-lhes, pedindo para continuarem, a todo o momento bradando:

— Fininha segure a cabeça! Cristovam indireita as costas.

Finda a lição pediu um regador d'agua fria para tomar um duche. A tia Leonarda perguntou se não temia um resfriamento. Que não e convidou Cristovam a fazer o mesmo. A tia não aprovava, mas cedendo á insistencia partiram. Depois veio contar que a impressão era forte, mas agradavel.

Madalena queria tambem experimentar, e Finita curiosa da novidade, aplaudia a lembrança. A tia Leonarda não gostou d'esses propositos. As meninas era diferente. Cristovam animou-as a que fôssem, mas a tia resmungando não achava proprio, parecia-lhe uma cavalice de rapazes. O Mendes encavacado, informava que fazia bem á saude, fortalecia o corpo. A tia Leonarda declarou que para chegar áquela idade nunca precisára de taes invenções. Mas lá cedeu acompanhando-as amuada.

Madalena e Finita voltaram radiantes com a descoberta de mais um prazer da vida.

O Mendes que ouvia a agua a marulhar por entre os milhos, apeteceu-lhe patinhar na lama fresca, e Cristovam que principiava a achar tudo aquilo natural, foi tambem. Perdidos entre o milharal, soltando exclamações de gozo, despertaram tentações em Madalena e Finita, que ás escondidas da tia, os imitaram mergulhando os pés na corrente, de saia arregaçada por cima do tornozelo. O alarido não cessou emquanto a agua lhes permitiu o divertimento. No fim o Mendes recomendou que enxugassem os pés ao sol. E em

seguida almoçaram debaixo da pereira, servidos pelo Cristovam, que substituiu na colheita dos frutos o Manuel Caseiro.

— E ter a gente coisas tão boas sem o saber— comentou Madalena.

— Passo a vida nos Lagares a fazer descobertas. Não é verdade Cristovam?

— Terminas por virar-nos a todos do avêsso.

— Vou começar pela Fininha, quero transformá-la.

— Comece —pediu ella entusiasmada.

— Não tenhas pressa, Manuel—gritou-lhe Cristovam de cima da pereira.

— Devagar — respondeu o Mendes misterioso.

Pela tarde, depois da regalada sesta dormida á sombra das camelias, perto do tanque, velada pelo Manuel Caseiro a sacudir as moscas, apareceu o abade em companhia do padre Bento, um afamado prégador da terra do dr. Figueiredo e seu amigo de infancia.

O abade pediu desculpa de não ter vindo ha mais tempo visitar o sr. doutor, mas os afazeres nem sempre consentiam.

Apresentava um ar triste, falando a meia voz, quasi suspirando, timido na expressão e a bôca detendo a custo o sorriso embaciado, contrastando com o padre Bento, de cara rosada, tronco largo, um touro possante, rufando a voz de trovão, de olhar vivo, a distilar venturas.

Depois dos cumprimentos o Mendes patenteando o seu feitio de homem natural, expan-

sivo, de facil adaptação ao meio, pô-los á vontade desde o primeiro momento. O padre Bento que receoso media as palavras, para não parecer mal ao doutor de Lisboa, provavelmente um trocista e um basofias, todo cheio de «aqui estou eu», sentiu que não precisava contrafazer-se, podendo mostrar-se como Deus o tinha posto neste mundo. De modo que entrou a folgazar explicando que viera á freguezia para falar «aqui com a viuva do passal», disse apontando o abade; aceitara-lhe as sopas, por sinal bem reles, e aproveitára botando até aos Lagares.

O abade encolheu os hombros num gesto de tristeza. E' que, depois d'aquela patifaria do roubo do passal, como lhe chamava, nunca mais tivera alegria. O padre Bento achava-lhe desde então uma cara de viuva e para o curar da magua, contundia-lh'a.

— Sabe que o Figueiredo não deve demorar por ahi? — disse Cristóvam ao padre Bento.

— Então faz-se uma junta a este engasgado a vêr se lhe tiram a espinha das guelas — chalaceou em resposta.

— Esta espinha — disse o abade, não se arranca assim.

— Pois olha, se uma junta de medicos não chega, mete-lhe uma junta de bois.

Não tardou que na estrada, desembocando dos Caniços, aparecesse o carro do Figueiredo a trotar na direcção dos Lagares. As senhoras avistando-o da janela desceram, e o Manuel Caseiro foi abrir o portão de par em par. Madalena ao

vê-lo entrar na quinta, perguntava quem seria o outro que vinha com elle. O padre Bento depois de se afirmar reconheceu o Trota, o medico novo. E' verdade que sim, volumoso na almofada de guarda-sol aberto, o chapéu de palha seguro pela fita no botão do casaco, a bigodeira ruiva e as sardas que até de longe marcavam. A salientar o bojo arredondado saltou pesadamente no chão, batendo com os calcanhares.

O Figueiredo, entregando as redeas ao Manuel Caseiro, clamava indicando o corpanzil do padre Bento:

— Olhem o fardo que por cá teem? Se a egua o vê, larga-me a fugir com medo de o levar.

— Diz-lhe que vem ahi a «Cidadôa» para lhe mostrar que sou leve como uma pena, quando o gado não é pôdre como isso — retrucou-lhe apontando a alimaria num afetado gesto de desprezo.

Cristovam procedeu ás apresentações que o Trota recebeu tomando o seu ar solene, e o Figueiredo a chalacear se o colega tinha trazido na mala o presente de uma cara nova para o Cristovam. Boa lembrança que a outra já começava a parecer bastante usada.

— Está-se regressando á cara dos nossos avós — sentenciou o Trota espirituoso.

— Para lhe chegarem á cara teem de passar pelos calcanhares e a maior parte não deitam até lá — respondeu o Figueiredo.

— Vá que d'esta vez não disseste nenhuma asneira — atacou o padre Bento.

— Não abras a bôca que o meu colega ainda não sabe quem tu és e póde avaliar-te pelo tamanho.

A tia Leonarda estava radiante porque dava tudo para os vêr pegados.

O Figueiredo voltando-se de novo para Cristovam caçoou que se a prima dos Marmeleiros o visse naquele estado perderia de todo a cabeça.

— Magnifico! temos prima? — perguntou o Mendes surprehendido. E o maroto sem me informar.

— Elle não se decide e eu é que a aturo.

Todos riam, á exceção do Mendes que não percebia nada. A Finita córando sorriu contrafeita.

— E's um ingrato — carregava o Figueiredo. Uma menina que te prefere a tantos homens que lhe teem gerado paixões.

— Uma menina não, uma criança — acrescentou Cristovam.

— Decerto, não é mais velha do que eu — pavoneou o Figueiredo.

— O doutor é que devia casar com ella — propoz Madalena.

— Já resolvi deixar-lhe a minha mão em testamento se antes d'isso não conseguir a da prima Francisca para o colega Trota.

— Contento-me com o pulso — respondeu satisfeito com o romoque.

O Figueiredo juntando-o ao Mendes, segredou-lhes:

— Muito magrinho, é só osso. Não vale a pena.

Madalena e Finita partiram a tratar da me-

renda que ia servir-se ali mesmo, á sombra das arvores, na mesa de pedra.

O Figueiredo lembrou a Cristovam que mostrasse bem aqueles sitios ao Mendes, o levasse a uma romaria. . .

— E' uma maçada, discordou o Trota, vae-se aborrecer.

— Se o obrigassem a assistir a algum sermão do padre Bento concordo.

— Que estás para ahi a impostorar, se nunca me ouviste nenhum? O sacristão não te deixa entrar na egreja. . — retrucou-lhe.

— Ah! não? Pois vaes vêr como me lembro de um que d'uma vez atiraste a Santo Antonio.

— E' mentira, com certeza — emendou o padre Bento.

Mas o Figueiredo, sem lhe dar resposta começou:

— Uma menina ahi do concelho tratou casamento com um maroto que em certa altura tentado por outra mudou de pensar. A pequena lembrou-se de prometer ao santo uma festa com sermão e missa cantada, se o ingrato reconsiderasse. O milagre não tardou. Agora escutem o romance imaginado pelo pregador. Foi para o pulpito afiançar que Santo Antonio, advogado de coisas perdidas, tinha concedido á devota o milagre de lhe fazer voltar a casa um animal de grande estimação desencaminhado á falsa fé. Calculam a cara da boa mulher e do marido, e a troça que rebentou na egreja quando o velhaco se saiu com uma d'estas.

A chalaça do Figueiredo recebia estrondoso exito emquanto o padre Bento protestava «Grande pantomineiro, eu compuz o ramo muito melhor.» Mas ninguem o atendia. Elle então para se desforrar inventou uma ao Figueiredo.

— Tambem hão-de gostar de uma resposta que este sabio deu aos morgados dos Balcões. Lembram-se que estiveram casados uns poucos de annos sem ter filhos? Como isso os arreliava deveras consultaram-no sobre o caso e elle mandou-os para banhos do mar. Não sei que peixe queria que elles comessem, o bonito é que o barro não ligou. Um dia lá em casa, estando este marmanjo presente começaram os dois a disputar. A morgada teimava que a culpa era do marido, elle atirava com o defeito para a mulher. Apelaram para a sabedoria do doutor. Aqui teem a sentença d'este cavador de patranhas: «Só ha uma maneira de decidir a questão, é a senhora mudar de marido e elle mudar de mulher.»

Não foi menos aplaudido o padre Bento. A tia Leonarda, a limpar os olhos, dizia que se fossem para um theatro não haveria palhaço que lhes ganhasse.

— Deixe-o falar D. Leonardinha, prevenia o Figueiredo, é tudo mentira quanto para ahi aldrabou. Os dois lá receberam o seu morgadinho sem precisarem das minhas receitas.

— Eu sei cá, respondia ella a provocar-lhe uma replica.

Mas a seguir informou-se:

— E que tal é o pequeno?

— Uma miseria, respondeu o Figueiredo. Faça idéa, com sete annos a mãe já anda a meter-lhe na cabeça o Noivado no Sepulcro.

— Nem me diga outra. E' algum sermão de Semana Santa?

Todos se desconjuntavam saboreando a pergunta. A tia Leonarda, encavacada, sem perceber, dava a razão do seu dito:

— Sim, o Sepulcro só se venera em sexta-feira maior.

Cristovam explicou-lhe que o Noivado no Sepulcro vinha a ser uma historia de amantes infelizes, uma especie de cantiga. Ella benzeu-se, contribuindo então com a sua gargalhada.

Formaram-se grupos. Os dois padres com a tia Leonarda sentados debaixo da magnolia e os tres medicos e mais o Cristovam de pé junto do tanque. O Figueiredo pedia noticias das transformações de Lisboa «passava de vinte annos que não ouvia pregoar as azeitonas novas». O Trota conhecia-a mal, de uma unica visita e rapida. Os hospitaes não eram maus, comtudo não presenciara nada que se não fizesse no Porto.

— Sim, sim o colega desdenha com vontade de lhe cair nos braços.

O Trota cheio de si respondeu que apesar da insistencia do Sales ainda não se resolvera a abandonar a vida de medico. Pouco o tentava a politica.

Um homem vindo dos Caniços pedia a urgente visita do dr. Trota para o Bucha aflito com um ataque repentino.

Não teve remedio senão partir, o que a tia Leonarda lamentou «a merenda vem ahi já, que arrelia ir assim sem tomar alguma coisa». Abalou a saracotear-se e o Figueiredo piscando o olho a apontá-lo, desvendou-lhe os planos de ser elemento representativo, guiado pela mão do Alberto Sales, actual distribuidor de grandezas, de quem fôra condiscipulo no Porto.

— E' então republicano o homemzinho?—perguntou Cristovam.

— Retorcido! O Sales prometeu nomeá-lo deputado, mas não creio que venha a cumprir. Foi decerto para o colocar na segunda reserva. Este diz que a insistencia é do outro, a querer apanhá-lo no partido.

— Eu sei lá, a fome é tanta — observou o Mendes.

O Figueiredo contou que um dia o Trota, para arrastar a espada lhe dera a lêr num jornaleco de palmo e meio *O Lategо* dirigido pelo Sales um artigo intitulado «Para trás» assignado com todas as letras «Luiz Trota Gonçalves» que começava assim pouco mais ou menos: «Emquanto a patria agoniza, Nero numa barraca de feira manda beber a Messalina o sangue do povo em taças de ouro. O povo flebotomizado sofre já de anemia e precisa de medicação marcial. O povo ha de formular o ferro em pilulas que se chamam balas e fazê-las engulir aos Scarpias infames que truanejam em volta de Nero.» Continuando em furias decretava um fuzilamento e no fim assistia-se a uma autopsia. E que repa-

rasse bem, a prosa merecera a consagração de artigo de fundo.

Serviram a merenda que o padre Bento atacou vorazmente, chupando os beiços depois da marmelada, aquela marmelada dos Lagares que não comia sem voltar os olhos para o ceu.

— Pois vai-o mirando cá de baixo, que dentro d'elle não entras tu — disse-lhe o Figueiredo.

— Não tenho medo, estou nas boas graças de S. Pedro, é quanto me basta.

— Esse sim. Quando lhe fores bater á porta levas com as chaves na cabeça.

— Somos amigos velhos.

— Se não se lembrar d'uma que lhe fizeste...

— Ahi vem outra pêta.

A tia Leonarda, de prevenção, já a rir-se, pediu ao Figueiredo que contasse.

— Imaginem que num sermão inventou que são Pedro praticára mais milagres que de cabelos lhe medravam na cabeça. Ora digam-me lá se o santo que todos nós sabemos como é careca, havia de gostar da chalaça. Marcou-te e quando lhe bateres ao ferrolho verás a resposta que apanhas.

— Pois mesmo que fique á porta, de lá não arredarei. Sempre é casa onde não entram medicos.

A tia Leonarda rogava que se calassem porque não podia mais.

— Em todo caso, recomendava o Figueiredo ao Mendes, não siga para Lisboa sem o ouvir. A quinze tostões ninguem consegue melhor.

— Bem sei, tu pregas mais barato, por isso asneias mais.

— Espera, não tarda a romaria da Senhora d'Agosto...

— Sim, mas o pregador é outro.

— Ah! cantas de solfa? Tambem vale a pena.

O Mendes mostrou desejos de assistir a uma romaria.

Aquela por ser das mais concorridas, devia aproveitá-la, aconselhou o abade.

— E este anno representam umas comedias, — informou o Padre Bento.

— Optimo! — disse Cristovam. E' completa, não faltaremos.

E logo se combinou que iriam todos, menos a tia Leonarda que já não aguentava essas jornadas, nem o abade carregado de afazeres para esse dia.

— Se fores — propôs o Figueiredo, dá uma volta pelo mosteiro do Penedo, o sitio é bonito e o colega ha de gostar. Torcem pouco caminho.

— Lembra bem, aplaudiu Cristovam.

— Sabes que está á venda?

— O Covélas então continúa na mesma? — perguntou Cristovam.

— A politica deixa-o sem camisa.

Explicaram que o barão de Covélas, um emigrado politico desde a primeira hora, se arruinava com a empreitada das conspirações, tendo já vendido propriedades, no valor de muitas dezenas de contos.

Perguntaram por quanto ia o Penedo. Seis

contos, respondeu o Figueiredo e ninguem lhe pegava. Convencia-se de que por cinco ou menos o entregariam.

O Mendes mostrou-se interessado. Onde ficava, o tamanho da propriedade, o que produzia... «Não lhe faltava nada. Bastaria lembrar que pertencera aos frades . . .» «E que pregavam sermões iguaes aos do Padre Bento» — rematou o Figueiredo.

— Não deixarei de ver isso — insistiu o Mendes.

Decidiram acompanhar o Figueiredo até aos Caniços.

A tia Leonarda pediu ao Padre Bento que não fizesse tão longas ausencias.

— Decerto, decerto, por umas tardes assim vale a pena vir de Lisboa. Não é verdade Maneca? — perguntou Cristovam.

— Sem duvida nenhuma. Não me lembro, desde Coimbra, de momentos como estes.

— Então o sr. doutor, tambem gostou do entremez representado pelo colega? — chalaceou o Padre Bento despedindo-se para seguir como o abade noutra direção.

Pela estrada fóra o Mendes contava ao Figueiredo as suas impressões da Beira, que resumia, dizendo sentir-se num banho de alegria, mas um banho de salmoura penetrando-o até ao fundo, á raiz da vida.

— Meu colega, isto realmente não é mau quando se chega a tomar o feitio da terra.

— A confundir-se no meio . . ,

— Exactamente. Saber ser labrego entre os labregos . . .

— E fidalgo entre os fidalgos — acrescentou o Mendes.

— Ora ahi está. Quem vem para aqui com idéa de viver á moda da cidade, e sapatinho e sombrinha e «tira-te para lá que me sujas . . .»

— Procurar o artificio onde só existe o natural . . .

— Nem mais. Dizer-se que o artificio constitue segunda natureza tresanda a asneira.

Paravam formando circulo, davam uma duzia de passos e logo o Figueiredo, enganchando os polegares nas cavas do colete, se escarranchava ao través na estrada forçando a nova paragem. Cristovam distraídamente colhia parras verdes com que ia brincando, alheio á conversa, de olhos parados seguindo uma idéa, ou cravando-os no aprumado corpo da Finita, que pelo braço de Madalena procurava a sombra das videiras altas, de ramos pendentes a balouçar, onde roçava o colo nú. Madalena curvava a miudo a cabeça, espreitando por baixo do mento da Finita, para melhor ouvir a palestra que atenta escutava.

Chegaram proximo da casa do Bucha, onde um grupo de mulheres, descalças, em saia de chita e coletes brancos de atacadores, sobre camisas de estopa de manga arregaçada, conferenciavam em atitude grave. Ao passarem junto d'ellas o Figueiredo perguntou-lhes pelo doutor. Que lá continuava de volta com o doente mas pa-

recia que sem esperança nenhuma. Se teria demora... Uma foi dentro informar-se. D'ahi a um instante apareceu o Trota, de face encarnada e pensativo a instar com o Figueiredo para vêr o homem. Já lhe tinha dado dois comprimidos de esparteína e nada. O Figueiredo dirigindo-se ao Mendes convidou-o a entrar tambem, para aprender o que era clinica de aldeia. O Mendes resolvido por um gesto de Cristovam acomnhou-os. Subiram os tres o lanço de degraus de pedra que dava acesso ao patim quadrangular, alpendrado, a guarnecer a entrada da casa, com as paredes de tôsco granito, e cheias de buracos. Segura por uma aldraba de ferro a porta desaprumada, bailando nos gonzos em dobradiça, comunicava para um corredor largo e curto, ao fim do qual se via a lareira. O pavimento negro, empastado de crostas de terra, em taboas desalinhadas, cosidas de remendos, fazendo saliencia, gemia de baixo dos pés.

Sobre uma grande arca, rota nas juntas, encebada e preta do uso, um cantaro de lata emergia por entre arreios de cavalo. Na parede escura da fuligem, pendiam em toros de madeira, peças de vestuario, uma capa de junco, um par de botas de cano alto e uma cabaça. Teias de aranha bailavam nos cantos, e os barrotes do telhado, escaveirados não se aconchegavam á telha, mal unida, com frestas por onde passavam fios de luz frouxa, da tarde a morrer. No tabique de ripas que de um dos lados limitava o corredor, uma porta meio

aberta indicou-lhes o quarto onde o Bucha resfolegava na cama de ferro, uma ostentação de certo vulto cometida pelo Inocencio quando instalou a sociedade.

Deitado de costas com os braços ao longo do corpo, a face mirrada, salientando-se o nariz roxeado, por entre a barba ruiva crescida, de olhos fundos e as palpebras escuras, cerradas, parecia dormir. Coberto apenas com o lençol, as pernas afastadas pareciam querer fugir do ventre enorme, descomunal, como uma barrica a esmagá-lo. Opresso, gemia de voz rouca, abafada, de quem estivesse levantando um fardo.

— Sempre nisto e não ha maneira,— disse o Trota.

O Figueiredo tateou-lhe o pulso, pôs-lhe o ouvido sobre o coração, destapou-lhe o ventre palpou e, sem hesitar, concluiu:

— E' preciso, antes de mais nada despejar-lhe esta barriga. Não acha colega?—perguntou dirigindo-se ao Mendes.

— Mas não tenho trocater — segredou o Trota embaraçado.

— Se não tem, arranja-se — respondeu o Figueiredo sacudido.

O Mendes depois de um rapido exame, concordou ser indispensavel esvaziar aquilo.

— Mas como? — perguntou o Trota.

— Vai vêr — rosnou o Figueiredo.

A um rapazola que assistia de queixo caído á conferencia, pediu que lhe arranjasse um prego, um pedaço de folha de lata, uma tesoura da poda e uma lima.

— Vamos depressa — recomendou elle.

O rapaz desceu abaixo e não tardou muito que não aparecesse com todos os apetrechos.

O Figueiredo entregando a lima e o prego ao Mendes comandou-lhe:

— Tenha paciencia, encarregue-se de afiar o trocater, que eu vou fabricar a bainha.

Pediu ainda um alicate e um martelo, e batendo, cortando, ageitando, realisou qualquer coisa similhante a um canudo.

O Trota, cirandando de um para o outro lado queria ajudar, conseguir emprego para as mãos inuteis, onde conservava distraídamente o frasco dos comprimidos de esparteína. Mas debalde; cada um ia dando conta do seu recado.

— Parece-me que não está mau—disse o Mendes apresentando ao Figueiredo o prego afiado.

— Ora! De Paris não mandariam melhor. E experimentava-o no condutor, ensaiando o funcionamento. Tirou, meteu, ajustou melhor, e decidiu-se:

— Agora fervamos isto.

Dentro de uma tigela de barro, sobre a fogueira, procedeu-se á esterilização.

— Espera, clamou o Figueiredo, e desinfectante para a pele?

O Mendes lembrou-se da tintura de iodo que trouxera de Lisboa e partiu a buscá-la.

Fóra na rua Cristovam e as senhoras, cançados de esperar vieram-lhe ao encontro. Pô-los ao corrente e seguiram todos no carro do Figueiredo para os Lagares.

Quando o Mendes regressou, a esterilização terminava. Trazia o iodo e uma garrafa de agua de Colonia para esfregar as mãos.

Tratou-se da operação. O Figueiredo pediu um balde e convidou o Trota a operar. Desculpou-se que estava em boa mão, no fundo porém receoso da aventura.

O Figueiredo, ensaboados os dedos, passou-os pela agua de Colonia. O Mendes depois de ageitar o doente procedeu á desinfecção da pele e o Figueiredo empunhando o prego enfiado no canudo, resoluto, num movimento energico, espetou.

O Bucha despedindo um ronco, abriu os olhos a mirar confuso á luz do petroleo tanta gente reunida.

O liquido claro esguichou pela abertura, caindo no balde em jacto forte, a grande pressão.

Dois camponios e uma mulher que cerraram as palpebras tregeiteando carêtas no momento do golpe, ao sentirem o liquido correr, aproximaram-se da cama, a espreitar para dentro da vasilha, onde começou a erguer-se um novelo de espuma, e embasbacados meneavam a cabeça, trocando sinaes de espanto.

Só os gemidos do Bucha cortavam o silencio respeitoso. O Figueiredo segurando o tubo com os dedos, apoiado na borda da cama e os restantes imoveis, todos fitavam, hipnotizados, o fio d'agua a correr marulhando como uma fonte.

O Trota na sua ancia de não permanecer até ao fim inutil ofereceu-se para render o Figuei-

redo que aceitou indo sentar-se no peitoril da janela, de pescoço encurvado para não bater na verga.

Os camponios apressaram-se a colher informações, o que lhe parecia, se haveria esperança. Elle num gesto de hombros, apontando o liquido a correr, respondeu-lhe a meia voz:

— A aguardente que bebeu a mais. Ponham ali os olhos.

Dobraram-se oprimidos pelo assombro. O mais velho filosofou:

— Bem me quiz parecer.

Não tardou que não abalassem pela porta fóra vindo contar ao povoleu apinhado na rua, a comentar a doença e a operação, a novidade fenomenal.

— Eh! rapazes explicou um delles isto é que se chama um passo nunca visto.

— Diz que lhe abriram a bexiga? — perguntou uma mulher.

— Eu sei lá se foi a bexiga, ou se lhe toparam com uma nascente na barriga. Aquilo é que tem sido botar aguardente cá para fóra.

— Aguardente? — hesitaram muitas vozes em coro.

— Pois então? afiançou-o agora mesmo o dr. Figueiredo. Não é verdade Manuel?

— Como nós estarmos aqui.

As mulheres benzeram-se exclamando:

— Ai, sume-te diabo!

— Foi como quem espeta uma pipa! — representou um dos informadores. Pegou no prego e zás.

— E agora para o vedarem? — objectava um labrego.

A operação havia terminado e uma mulher apareceu no alto da escada com o balde cheio a trasbordar. Desceu ajoujada, pousando-o duas vezes, limpando o suor da testa. A multidão comprimia-se tolhida de espanto num sussuro de vozes apagadas. Ao chegar á rua, fixando o liquido a vascolejar, em reflexos opalinos todos afiançaram que o cheiro a aguardente requeimada, era de tombar. Muitos levaram os dedos ao nariz.

A mulher vazou-o lentamente na valeta e á luz do crepusculo esbugalharam os olhos a verem-no correr até á ultima gota.

— Louvado sêja Deus! — concluia uma — como se pode ter um alambique nas tripas!

Os medicos saíram e o povoleu abrindo alas de chapeus na mão pedia ao Figueiredo novas do doente.

— Ficou mais aliviado, mas não lhe serve de nada. E' só para ir menos carregado para o outro mundo...

E partiu no carro com o Trota.

O Mendes, seguindo para os Lagares encontrou a meio do caminho o Cristovam, que o esperava. Junto ao portão da quinta num pequeno comoro enrelvado parou e acendendo um fosforo procurava alguma coisa.

— Que buscas ahi?

— Umas dedaleiras que lobriguei ha pouco neste sitio. Ah! cá estão.

E apanhou algumas folhas que guardou, expli-

cando ser um remedio talvez preciso para o Bucha. Se lá voltasse não iria desprevenido.

A' ceia não houve maneira de falar noutro assunto.

Ás senhoras a principio bastante frias, depois de terem ouvido a descrição da doença, o sofrimento e a morte proxima, tocadas de piedade cristã foram perdoando.

A's dez horas quando todos se levantavam para se despedirem, o Manuel Caseiro informou que chegara um homem com noticias do Bucha. Estava pior, e se fosse da vontade do senhor doutor...

— Decerto que é.

Pediu a Madalena para lhe preparar café bem forte e um chá com aquelas hervas, disse entregando a dedaleira. A execução foi rapida e o Mendes tratava de pôr-se a caminho, quando ella manifestou desejo de o acompanhar. Cristovam não concordava e Madalena serenamente rogava «o doutor decidirá se não importunarei». Sem hesitar, declarou que se lhe agradava ajudá-lo agradecia a lembrança. Ella aprontando-se, num gesto decidido em tom de firme resolução, disse:

— Nesse caso vou.

Cristovam seguiu-os até á entrada da porta, ficando-se na rua á espera.

O Bucha caído em torpôr, respirava menos oprimido, de olhos cerrados. O Mendes tateou-lhe o pulso muito irregular, com grandes falhas, quasi a fugir, segredando ao ouvido de Madalena que o coração não podia mais. «Vamos dar-lhe o café». Carinhosamente a segurar a pesada ca-

beça sem vigor, escorregando das mãos, Madalena chegou-lhe aos labios o copo convidando-o a beber. Mal acordado, foi sorvendo a custo acarinhado pelo incitamento sempre amoravel:

— Animo, José, bebe, bebe tudo, que ha de fazer-te bem.

O doente abriu os olhos por fim e reconhecendo Madalena, depois de um momento de assombro, rompeu em choro convulso, tentando levar á cara as mãos tremulas.

— A senhora aqui! Que vergonha a minha!

— Deixa, José, pedia-lhe com doçura, não te apoquentes com o que lá vai.

— Mas eu não tenho perdão. Sou um excomungado.

Em arrancos soluçava e Madalena repetia, que tudo fôra esquecido, não se afligisse. O Mendes confortava-o tambem, recomendando-lhe socego. «Tratemos agora de vêr se melhora. Tome este remedio».

— Quem é senhor?—perguntou ao reparar no Mendes.

— E' um doutor de Lisboa que ha de curar-te — respondeu Madalena.

— Curar, sim; eu já não posso ter cura.

— Ha de ter — asseverava o Mendes, metendo-lhe a colher na bôca.

Depois de engulir ficou cançado por instantes a puxar pelo peito e quando poude falar, gemeu desalentado:

— Estou perdido de alma e de corpo!

Voltou a chorar procurando a mão de Mada-

lena, que a medo mas sugestiva, denunciando um pedido, lhe perguntou ao ouvido:

— Desejas cá o senhor abade?

E percebendo-o hesitante, insistiu que elle gostaria muito de o vêr, mandava-se chamar...

— Pois sim, e todos os que eu ofendi...

Madalena saiu fóra a anunciar que o José queria confessar-se.

— Coitadinho! — suspiraram as mulheres em coro.

Pelos Caniços num momento correu a noticia. Ia-se buscar o Santissimo para o Bucha. Os homens correram a caminho da egreja e d'ahi a bocado o sino da freguesia badalava ao Senhor-Fóra, cortando o silencio da noite com um grito aflitivo de socorro. Não tardou que nas encostas, pelas varzeas, aqui e além dispersos como pirilampos a voar, luzinhas tremulassem a convergir ao mesmo ponto, na direcção da egreja. De todas as povoações ellas partiam. Cristovam foi tambem encontrando o abade já paramentado, e as lanternas acesas nas mãos dos primeiros que se apresentaram. Não houve demoras. O sino ainda tocava e já a caminho dos Caniços seguia a procissão. Cristovam pegava na umbela e os homens nas suas vozes roucas, pigarreadas do sono interrompido, cantavam o Bemdito. Durante o percurso, dos atalhos, dos carreiros, saltando muros, surgiam cabeças descobertas e mãos segurando as laternas onde oscilava a luz mortiça do azeite. Quando chegaram aos Caniços estendia-se um longo cortejo de homens, batendo

com os tamancos nas lageas, dobrados pelo recolhimento da hora solene, em que se ia abrir a porta do ceu a uma alma transviada.

O abade entoando a custo a reza, forçado pela emoção, levava os olhos rasos de agua.

Foi curta a cerimonia.

Apesar dos cuidados do Mendes o Bucha caíra de novo em torpôr.

O abade n'um tom de suplica, misericordioso perguntou-lhe se pedia perdão a Deus de todas as ofensas. Respondeu que sim com a cabeça e viram-se-lhe as lagrimas a rolar. Deu-lhe a hostia e em seguida começou a ungi-lo.

Todos de joelhos, de cabeça pendente oravam pelo moribundo. Ouvia-se apenas a voz do abade salmodeando o latim e um ruido abafado dos labios movendo-se no fervor das preces.

Ainda a unção não tinha terminado quando o Mendes com um gesto, apontando o Bucha, fez notar a Madalena o começo da rala da agonia. Cobriu-se-lhe de suor a testa e a ponta do nariz que se afilava, destacando-se o movimento das narinas, compassado pela respiração. Os olhos cavaram-se mais, as mãos tremulavam, em rapidos sobresaltos e só os musculos do pescoço se salientavam em fortes contrações. A rala crescia, avigorava-se, percebendo-se na rua, como a cheia que vai subindo.

Pela manhã muito cedo os dois sinos da egreja tangendo a dobrar anunciaram á freguesia a morte do Bucha, sendo a tia Leonarda das primeiras a rezar-lhe por alma, em companhia da Finita.

CAPITULO XIV

AINDA noite cerrada já o Manuel Caseiro remexia, falazava, abrindo e fechando portas, a trastejar, a acordar os moços «ergue-te que d'aqui a nada é manhã» a arraçoar as montadas que era preciso limpar e aparelhar, nada menos de quatro, fóra a mula para os alforges com o farnel.

A tia Leonarda no dia anterior revivera os seus antigos tempos, ocupada na azafama de uma vespera de jornada. Mostrara-se mais agil, excitada talvez pela recordação da mocidade, a dirigir a grande manobra que ocupava a Custodia, a Eufemia e as criadas de fóra e mais a Finita e Madalena, sem contar o auxilio do Rabiça e da mulher que em momentos d'esses nunca faltavam, para ajudar no que fosse preciso.

— Olha-me por essa galinha, deixa-a passar bem, mas não a queimes. «Tostada por fóra, bem

cozida por dentro» dizia meu tio Padre Ignacio que era o preceito para galinha de farnel.

E multiplicava-se, olhando por tudo, na cozinha a dar instruções sobre a preparação da mistura para os bolos de bacalhau, no pateo vendo se o lume estaria na conta de doirar bem o leitão.

Trabalhava-se em provisões á farta «quem vae para o mar aparelha-se em terra»: trutas fritas, uma grande peça de lombo de vitela, viveres sem conta, como se estivessem municiando um exercito para campanha de inverno. As latas em forma de cantil, suspensas em correias, «as latas do farnel», guardadas ha muitos annos, para o que désse e viesse, saíram do sepulcro, e, com uma valente esfrega de sal e limão, foram chamadas á vida, lustrosas e asseadas lembrando o tempo em que se amolgaram, em jornadas de tres dias, pernoita aqui, pernoita além, a caminho dos banhos de mar.

A tia Leonarda ao vê-las suspirava cheia de recordações «esta foi estreada com enguias na volta de Espinho». Ha quanto tempo! Aquella de uma vez rebolara por um oiteiro abaixo, indo parar ao rio «um fartote para os peixes que se regalaram com um empadão de perú».

A' noite, muito animada, com os olhos a brilhar, fez viver, com arte admiravel que o Mendes apreciou encantado, mil peripecias d'essas antigas viagens, o medo dos salteadores, as noites de estalagem, as brigas dos moços com os almocreves, os berros do tio Francisco, gordalhuço,

de coração ao pé da boca. E deteve-se a contar um passo, que lhe havia sucedido numa noite, e ainda agora a obrigava a benzer-se. Fôra que lhe destinaram um quarto onde deparou com retabulos na parede, e, ao deitar-se, depois de fazer o sinal da cruz, como não soubesse que santos seriam aqueles, porque nunca descobrira outros iguaes pintados, foi rezando «pelo santo que tu fores, padre-nosso», «por tua intenção, ave-maria» e, a um por um, não se deitou para baixo sem os cumprimentar a todos com a sua oraçãozinha. De manhã, quando a mãe de Cristovam lhe entrou no quarto, pediu para lhe explicar o nome das imagens; rezara por suas intenções, mas sem saber. E ella, depois de se afirmar nas estampas, rompera numa grande caçoada. Afinal eram umas aventesmas a representar as estações do anno, que ali tinham posto na parede a fingir de santos.

O Mendes festejou a historia com tres gargalhadas, torcendo-se até ás lagrimas, gozando o imprevisto, e mais ainda o delicioso sabor com que a linguagem da tia Leonarda a perfumára.

A um dos cantos da mesa da sala de jantar, alinhadas em ordem de batalha, estavam as latas do farnel prontas a entrarem para os alforges.

Antes das dez horas tudo se deitou porque era preciso madrugar.

As vozes de alerta do Manuel Caseiro, as respostas dos moços, as portas a abrirem e a fecharem e um burro que atroou os ares a zurrar,

despertaram a casa, animando o bulicio, acordando olhos a espreitar pelas janelas, fazendo aparecer luzes e o ruidoso trastejar de muita gente a vestir-se.

O dia começava a romper e já o Manuel Caseiro tinha arreado um dos machos da parelha que dava cavalaria, para o Cristovam, a egua para o Mendes e as duas gericas para as senhoras, com um armazem de cobertores sobre as albardas e por cima colchas de pano adamascado, onde assentavam as andilhas, velhas do uso, mas ainda seguras, na vespera sujeitas a uma limpeza mestra.

Dois moços de corpos vigorosos, treinados na marcha a pé e bons conhecedores dos caminhos e atalhos da serra, paramentados com as suas calças novas de cotim, peitilho engomado e casacos a tiracolo, seguravam as redeas, cada um d'elles empunhando uma vardasca de marmeleiro, prontos já para a partida.

Não tardou que todos se juntassem em baixo, no largo em frente da escada, Madalena e Finita rosadas e frescas, com os chapeus de palha seguros por baixo do queixo com fitas escarlates, as blusas claras abertas no colo, de mangas soltas, deixando a nú metade do antebraço.

O Mendes e Cristovam de fatos de alpaca, sapatos de bezerro e camisas de pano aberto, traziam tambem chapeus de palha de abas largas. Que pareciam dois estudantes, disse-lhes a tia Leonarda, regulando a manobra da acomodação das latas nos alforges.

Estabeleceu-se a ordem de marcha. A' frente iria o Cristovam, era prudente por causa do macho; depois as senhoras, a seguir o Mendes na egua e atrás a mula com o farnel.

— Vá, toca a andar antes que venha o calor — apressava a tia Leonarda.

Cristovam aprumou-se no selim e o macho folgado começou a voltear. O Mendes por ser pouco pratico em cavalaria, montava numa sela. As senhoras provocaram um alarido de risadas primeiro que se acomodassem.

— Vejam lá se essas cilhas vão bem seguras — recomendava a tia.

— Fui eu que as apertei — garantia o Manuel Caseiro.

E para maior certeza verificava.

— Inclinem-se sempre para diante, recomendava á tia Leonarda ás senhoras. Encostando-se para trás as andilhas podem voltar-se e é uma queda de pescoço. João, toma bem sentido com esses alforges. E' preciso que não chocalhem muito para não entornar o molho do peixe.

A tia viu-os partir com a lagrima ao canto do olho, seguindo-os com a vista até se sumirem no alto da quinta direitos ao pinhal.

Era já manhã clara e o céu limpo de toda a mácula, anunciava um dia de grande calor. Todas as coisas apareciam em nitido relevo, bem marcadas, de linhas firmes, á luz da madrugada numa atmosfera transparente de cristal, sem uma poeira de neblina, e calma de não mexer uma folha.

Madalena e Finita ao entrarem na mata iam bor-

rifadas pelo orvalho de que os ramos pendentes das arvores as aspergiram na passagem. Alegres, d'uma alegria doida, soltavam gargalhadas de timbre sonoro, ao menor motivo ou sem razão nenhuma.

Cristovam, em atitude de general, bradava vozes de comando, o Mendes respondia-lhe com chalaças, e riam sempre, elles, os moços, as pedras do caminho e a purpura do nascente, que através dos pinheiros armava tudo em festa. Até os animaes pareciam deliciar-se na frescura do ar matutino, carregado de aromas bem lavados e penetrantes, por isso andavam ligeiros, as gericas no seu passinho curto batendo pratos com as ferraduras, o macho e a egua num trote travado á força de redea. Os moços, com as varas de marmeleiro debaixo do braço, acompanhavam a passo largo, sem dizerem palavra, muito atentos aos ditos dos senhores.

Ao fim do pinhal começaram a subir a serra pouco ingreme, coberta de mato, de tojo, de estevas com as cinco chagas, e uma ou outra giesta que chicoteava as pernas dos animaes quando rente ao caminho.

Lá no alto o sol vinha mesmo a romper. Os grossos feixes de luz erguidos a prumo, diluindo a côr rubra que lhes ficava por detrás, ofereceram ao Mendes um espectaculo inedito que, deslumbrado, se pôz a admirar.

— Maravilhoso, é maravilhoso — clamava elle entusiasmado.

— O que é? — perguntava Cristovam. Des-

cobriste alguma medicina ahi entre os tojos?

— Descobri, sim, a melhor de todas.

E apontava-lhe o nascente, onde uma fina lamina aparecia.

Haviam atingido o planalto que dominava um horizonte imenso limitado a grandes distancias pelas cristas mais altas.

Pediu que se fizesse uma paragem para delicia dos olhos que nunca tinham visto coisa assim tão bela.

Quedou-se imovel, quasi em extasis.

— Aposto que nunca assististe ao nascer do sol? — observou-lhe Cristovam.

— E' abominavel de ignorancia, mas é assim mesmo. Nunca o presenciei.

— Pois eu tenho-o visto muitas vezes — disse Madalena — e gosto sempre. Não ha nada mais bonito.

— Os poetas estragam tudo — comentou o Mendes — quando se metem a descrever isto.

Depois olhou em roda a vêr os oiteiros acocorados espreitando uns por cima dos outros, muito recortados, com vales pelo meio, manchas verdes dos milharaes, outras escuras das terras lavradas, as torres das egrejas, na sua forma muito portuguesa, e as capelinhas brancas a luzir nas cumiadas dos montes, por entre o arvoredo. Cristovam explicou-lhe a topografia.

— Olha, o mosteiro do Penedo fica além, por trás daquelle monte; ainda não se avista. Em baixo á esquerda é Marmeleiros. A casa dos

primos, onde iremos dormir esta noite, é aquele ponto branco que se avista por entre uma quebrada. Olha, agora um vidro brilhou num reflexo.

O Mendes não descobria bem.

— Mais para a esquerda ainda, o terreno encobre a capela da Senhora d'Agosto logar da romaria. Na volta o caminho é bem mais curto.

Continuaram a marcha, já sol fóra, entre penedos que emergiam do chão pedregoso onde as torgas enfezavam, começando depois a descer a encosta, de vertente para o rio.

Atravessaram um pinhal e no fim apareceram terras cultivadas, pequenas courelas cobertas de milho e cercadas de videiras trepando em troncos de carvalhos, formando sebes, entremeadas de arvores de fruto.

Vinha aparecendo gente para o trabalho, os homens em calças e camisa de estopa, manga arregaçada e peito á vela, as mulheres com os coletes de atacadores, grandes argolas nas orelhas, chapéu de palha sobre o lenço, preso á nuca e as saias, travadas em altura por um cordão, deixando vêr a perna núa muito acima do tornozelo. Traziam sachos e canastras, e outras filhos de colo, saudando ao passar «Senhor lhes dê muito bom dia».

Abaixo, perto do povoado, uma mocetona sentada no portal á sombra de uma arvore, amamentava o filho, enfaixado num trapo imundo, de pernitas nuas, a bulir no ar.

O Mendes parou a vê-la e a mulher, carregan-

do o sobrolho, tapou o peito que a criança moía com os dedos.

O Mendes muito afavel socegou-a:

— Saiba que só estou admirando o seu menino.

A mãe sorriu envaidecida e levantando a criança apresentou-a ao Mendes Elle, segurou-a nas mãos, e, fazendo voltar a caravana atrás, elogiava-a, sem conseguir o entusiasmo de Cristovam, enfastiado a reparar nas crostas de terra mascarrando-lhe as mãos, as pernas e a carita, de bôca aberta por um riso jovial, a mostrar os dois dentitos brancos. Palpou-a, remirou-a, notando-lhe a pele avermelhada pelo sol, a dureza das carnes, a viveza do olhar.

— Quanto pesa? — perguntou á mãe.

— Eu sei lá! Muito mais que o meu dinheiro.

O Mendes tirou do bolso uma moeda de prata e meteu-a na mão do pequeno.

A mãe reparando entrou a protestar:

— Não isso, meu senhor, queira desculpar, não aceito.

— E' para lhe comprar uma roca, disse o Mendes com o seu geito de Lisboa.

— Ainda não está em edade para fiar.

As senhoras insistiram e ella por fim lá se acomodou a desfazer-se em agradecimentos.

Ao entrarem no povoado, chegou-lhes ao ouvido um côro harmonico de vozes de mulheres, em ritmo ligeiro, vivo de som e alegre como uma marcha. O Mendes estranhava a linda toada e Madalena explicou-lhe ser o canto da maçadela.

Passaram num largo onde uma fiada de mumulheres, curvadas sobre uma alta bancada de pedra batiam vigorosamente o linho com as maças, distinguindo então que repetiam «Maçae o meu linho bem», avolumando em coral a prolongação da ultima cadencia, para logo recomeçar.

— E ficam ali todo o santo dia naquelle serviço, informou Madalena.

— Deve ser violento — observou o Mendes.

— Oh! muito custoso! — confirmou Madalena.

O Mendes pelo caminho foi celebrando os corpos vigorosos assim resistentes, chamando-lhes o invencivel reduto da boa raça portuguesa.

— Se vais a embasbacar, — ralhava Cristovam, — diante de todas essas ninharias, nunca mais chegamos ao Penedo.

— Que queres se estou recebendo uma lição de higiene superior a quantas tenho lido e escutado?

— Nem ao João Crisostomo?

— Não me ponhas caricaturas num livro de orações.

— Muito bonito! Madalena, decora essa resposta — troçou Cristovam.

O Mendes, porém, sem atender os motejos clamava que os potes de banha, as olheirentas e as histericas de Lisboa, precisavam de vir para a Beira maçar linho. Acabavam-se-lhes todas as doenças.

— E vocês que fariam depois se ellas lhes faltassem?

O Mendes pedia que a sério lhe descobrisse naquele grupo alguma das aberrações com que em Lisboa se topa a cada passo.

— Deixa haver de tudo para existir a nota interessante do contraste.

— Mas estragam a raça, aquelles demonios.

— E tu concerta-la.

— Vai para o diabo!

Finita encantada com a disputa, deitava foguetes de gargalhadas.

Chegaram ao rio. Os moços passavam nas alpondras segurando as redeas. As senhoras preferiram apear-se, seguindo lestas a saltar de pedra em pedra, elogiadas pelo Mendes, que aplaudiu a sua desenvoltura e depois a olhar a agua limpida, em que transpareciam os seixos brancos do leito, manifestou as suas tentações de se banhar. Cristovam protestou que não havia tempo a perder, desviando-o receoso dos impulsos gerados na costela de pato que por força deveria ter.

A gerica da Finita tropeçando a meio da travessia ajoelhou, e agradando-lhe a frescura demorava-se a gozá-la, sem pressa de levantar-se. Valeu-lhe uma sova de marmeleiro, acompanhada de furiosa grita dos moços, que não a demoveram de se estender ao comprido, regaladamente, na corrente a inundar-lhe o aparelho.

Ergueu-se um alarido de imprecações e de risos, discutindo-se, chalaceando-se ao mesmo tempo que se lhe retirava dos lombos a andilha, e as roupas, onde não restava fio enxuto.

Cristovam descobriu que á passagem de um

rio a cabeça do medico e do gerico se pareciam, nas duas acordando a mesma idéa de tomar um banho, e aconselhava o Mendes a que trocasse o aparelho encharcado, para ir recebendo pelo caminho um semicupio á Kneip.

A festa de ditos prolongou-se, emquanto os moços remediavam o acidente amontoando na albarda braçados de hervas e folhas secas e por cima as jaquetas, que se elevavam á altura de um trono.

— Está que nem a cama de um padre — comentou o que dirigia a manobra.

E lá seguiram ladeira acima, vagarosamente, o calor apertando e o enxame de moscas a cair voraz sobre os animaes, que os ramos enforquilhados no pescoço mal defendiam do ataque.

A subida foi monotona e a conversa esmorecia. Embalados pela ronceira cadencia dos passos, bocejava-se e as palpebras caiam pesadas de sonolencia.

Perto das dez horas a cavalgada dos Lagares atravessou a pequena ponte sobre o riacho que limita os dominios do mosteiro do Penedo.

O Mendes ao descobri-lo na sua frente surpreendeu-se com a grandeza do edificio, mancha enorme de granito escuro, transparecendo nas clareiras dos grossos troncos de carvalho, rodeando-o em apertado cerco.

Passaram uma grande portada, quasi um arco de triunfo, onde se destacava o brazão real, chegando ao amplo terreiro diante da entrada modesta, quasi velada, humilde, junto do portico da egreja talhado em florões.

De casebres proximos sairam mulheres e crianças, ao ouvirem o tropel, espreitando curiosas, de mão na testa, sem se aproximarem, tolhidas de surpresa á chegada da caravana.

A um sinal de Cristovam aproximaram-se timidamente e uma d'ellas informou que sim senhores, o mosteiro vendia-se, o marido era o feitor, ia chamá-lo a correr.

E abalou á desfilada.

O edificio atarracado, bisonho de aspecto, escondia-se entre o arvoredo, sombrio de folhagens, alentado de troncos, povoando o estreito planalto da colina. Em grande recato espreitava por uma ou outra janela gradeada a larga bacia, de fundo ondulado pelos outeiros, vales e corregos estreitos onde os pinhaes sombreavam as manchas vivas do campo cultivado radiante na frescura das ramalheiras verdes a diluirem-se numa serie infinita de cambiantes.

Os povoados sumiam-se por detrás da vegetação e se não fôra a bisbilhotice de uma rara parede branca, ou cumiada de telha encarnada, á marselhesa, nem se daria pelo seu poiso. Torres de egrejas estendiam o pescoço acima dos ramos, mirando como senhoras curiosas as varzeas ocupadas na gestação dos frutos, parecendo vigiar enternecidas, sorrindo com as bôcas abertas das janelas aos quatro ventos, o fecundo labor da terra a trasbordar de seiva.

As estradas riscavam pelas encostas um traço a giz, muito claro, brilhante do sol que lhes batia.

O Mendes no alto da colina, olhando á roda

contemplava em conjunto, distribuidas pelo horizonte as belezas rusticas da Beira, todas ali reunidas ao alcance da vista.

Do outro lado, a encosta descia em rapido declive até ao rio, dando mais de meia volta a lamber os pés do monte, arroteado, em degraus, marcados pelos renques de videiras, as ultimas roçando com os braços pendentes a superficie da agua do açude. Para além da corrente era a escarpa elevando-se, o mato bravio da serra mais alta, dominando todas as outras, onde no dizer das mulheres gente vivia em tocas, furadas na terra, e se encontravam caminhos tão ruins que nelles sucede a cabra matar o lobo, e o morto matar o vivo.

O feitor, apareceu batendo os tamancos ferrados no lagedo, de calça arregaçada e sachola ao hombro.

— Senhor lhes dê muito bons dias, cumprimentou com o chapeu de palha na mão. Com que então querem vêr o mosteiro? Está muito desprezado, o sr. barão não tem feito caso. . .

Passando a porta entraram no claustro em arcadas de granito, seguindo depois um corredor escuro, com os tétos de madeira rotos e as paredes quasi núas da cal que se fôra esboroando.

O feitor explicava «aqui era o refeitorio», uma casa longa de janelas baixas, gradeadas, tendo ao fundo o lavatorio de pedra com tres torneiras de bronze, já torcidas. Por cima o forro torcia-se em hernias e roturas d'onde caiam ninhos de ratos, aos pontapés no pavimento de tijolo.

Depois visitaram a sala do capitulo e as celas, enfileiradas no andar superior, pequenas, com a estreita janela afunilando no muro espesso,

Todas o mesmo, não valia a pena vêr, dizia o feitor; porém o Mendes interessado abria, examinando as portas, os soalhos, as paredes, deparando com enfiadas de cebolas pendentes de barrotes, depositos de batatas, coisas velhas, detrictos, folhas secas, vestuarios fóra de uso, fundos de panelas de barro com sementes.

Um d'esses cubiculos representava de escritorio, guarnecido com um banco e mêsa tendo em cima papeis amarelecidos e o tinteiro esbeicelado de faiança ordinaria guardando borra seca de tinta roxa; espetadas nas paredes em grossos pregos oleografias de reclamos e pelo chão esfrangalhadas e cobertas de poeira, manchadas do tempo, folhas impressas com versos glosados contando crimes, e uma descrevendo os sucessos de 5 de outubro.

Desceram a percorrer a cerca onde o mesmo abandono se notava, nos muros caídos, nas arvores estroncadas pelos vendavaes, nas terras de poisio invadindo as cultas, nas videiras despegadas dos suportes quasi mortas, nos frutos magros, nos ramos secos e musgosos.

Pela banda de trás direito ao mosteiro, vinha um aqueduto de altas arcadas, sumindo-se as pedras em muitos pontos por debaixo das hervas que as cobriam. Se trazia muita agua, perguntou o Mendes. Que nem pinga, respondeu o feitor. As aguas andavam sumidas porque o sr. barão

não fazia caso. Quem tratava da venda? quiz ainda saber o Mendes.

— O procurador vem a ser o sr. Dioguinho da Villa, os senhores hão-de conhecer.

De regresso ao largo, á sombra dos carvalhos o Cristovam achou ser o melhor logar para o almoço.

Nas hastes baixas e flexiveis de um cedro dois labreguitos adolecentes quasi nús pendurados baloiçavam-se, cabriolando como simios em guinchos estridulos de uma alegria selvagem.

As mulheres de crianças ao colo foram-se juntando e os rapazes largando o baloiço aproximaram-se tambem.

O Mendes fixou logo nelles a atenção examinando-lhes as formas vigorosas.

As calças arregaçadas descobriam pernas esguias musculadas e a pele encrustada de terra, de nodoas, imunda, mostrava em espaços a côr tisnada do sol.

Palpou-lhes os braços, viu-lhes os dentes e tentou-os com a pergunta:

— Qual de vocês tem mais força?

— Sou eu — gritaram ambos.

— Aqui está para aquele que vencer o outro — disse apresentando uma moeda de nikel.

— Numa embilha?

— Sim.

Os dois agarraram-se. E no meio do circulo formado pelas mulheres de bôcas abertas a rir, pelo feitor e o grupo dos senhores, puxavam, torciam, de pés em rodopio, os musculos tensos co-

mo grossos cabos de navio, e as guedelhas no ar sujas, empastadas de poeira.

A luta prolongava-se e nenhum se deixava cair. Escarlates, n'um banho de suor, quasi sem folego o Mendes bradou: «Alto».

Os lutadores pararam, fitando-se de má catadura.

— Agora descancem e depois faremos o concurso de outro modo. O que fôr além até ao arco e voltar aqui mais depressa ganha o dinheiro.

— Ha-de ser já, propoz um d'elles.

— Pronto concordou o outro.

O Mendes organisando a partida, riscou no chão um traço.

— Larga! — comandou elle.

Partiram como setas e num momento galgaram o extremo regressando á meta com uma diferença de palmo.

— Fui eu — gritavam em coro quasi sufocados, e prontos a disputarem a murro o premio prometido.

— Foram ambos — respondeu o Mendes dando uma moeda a cada um.

— Vá que já teem para a romagem — disseram-lhes as mães.

Os moços appareciam com as latas do farnel; Madalena e Finita, estenderam a toalha numa lagea coberta de musgo seco.

As mulheres desandaram e o feitor «com suas licenças» ia retirar-se tambem. Cristovam oferecia-lhe uma perna de leitão. Cerimoniou que não aceitava, mas por fim «visto que tanto

teimavam» condescendeu, e então haviam de provar um verdasco muito fresquinho criado nas cepas do mosteiro.

O Mendes quando o viu afastar-se esfregando as mãos cantarolava:

— Quem compra o mosteiro, sou eu. Vou aqui realizar a minha obra.

— Endoideceste, ou estás brincando? Reparaste bem no estado disto? — prevenia Cristovam

— Tanto melhor. Quanto mais trabalho me der, mais afeição lhe terei.

— Que podes conseguir neste deserto? Longe de tudo, sem povoação proxima...

— Exatamente o que preciso. A estrada fica longe?

— Talvez um kilometro...

— Magnifico.

Magdalena assombrada com a extranha revelação do Mendes, em vez de bolos de bacalhau apresentava doces logo de entrada.

— Encontrei o que procurava para tentar a experiencia da sementeira de um Portugal novo.

— Oh! diabo — exclamou Cristovam. Isso é sério. Por força trazes bicho dentro da cabeça.

— Ouve-me e não digas tolices. Lembras-te das minhas cartas?

— Sim...

— Deves ter de memoria aquela criança morta de meningite, a outra de granulia, portanto tuberculosas, vítimas da infecção da cidade. Pois esse remate brutal sendo vulgar, comove menos que a sorte de muitas, o maior

numero que por lá andam a desfazer-se em escrofulas. Como vês, não pode ser mais duro o contraste com a robustez, o bom aspecto da pequenada destes campos, apesar da imundicie, dos farrapos, e da fome. Não reparaste ha pouco na beleza daquelles dois corpos?

— Beleza um pouco encoberta.

— Com agua, sabão e um pente, em menos de uma semana ficariam duas estatuas de adolescentes gregos. Ahi tens a obra a empreender. Das ruinas que apodrecem por Lisboa, fazer sair animaesinhos fortes como estes.

—Cobrindo-as de lama e de piolhos consegue-lo?

— Dispensam-se os piolhos e aproveita-se a lama para que a patinhem, põe-se-lhes a pele ao sol, fazem-se correr, subir ás arvores, banhar no rio, cavar, serrar madeira, carpintejar, ferramentar, tudo quanto desenvolve o corpo, o torna agil e dextro.

— Transformá-los em selvagens?

— Escolhe-se o que essa vida selvagem tem de util e a civilização de recomendavel.

— Queres então fazer um colegio?

— Sanatorio, colegio, é tudo isso, mas na essencia uma escola onde se aprenda a ser forte, um viveiro para cultivar homens integralmente sadios, de corpo e de espirito, uma nova marca de gente. Fabricaremos no mosteiro do Penedo uma raça especial, criada fóra da outra, isolada dos contagios, liberta de ruins heranças, de taras, de vicios.

Cristovam mal convencido do exito, mastigava palavras «bonito sim, mas o pior...» O Mendes não esmorecia no seu entusiasmo e anunciava como um ermita a prégar a guerra santa, que daria uma batalha em fórma á crápula de Lisboa. «Que lhe parece D. Madalena?»

Um momento hesitante, «sabia lá ter uma opinião em caso tão dificil» concluiu por fim animando-o, que o doutor seria capaz metendo-lhe hombros de triumfar.

— Pois está decidido — rematou o Mendes.

O almoço decorreu animado por chalaças alusivas ao projeto, disfarçadamente iludindo a perspicacia do feitor que ao vê-los rir escancarava a bôca por cortezia.

Apreciaram o verdasco espirrando nas canecas em rubis de espuma. O Mendes chamou-lhe o ideal dos vinhos, modesto na conta de alcool, uma bebida fresca, ligeiramente acre, perfeita para um dia de calor.

Dormiram a sésta á sombra das carvalhas e pelas quatro horas a caravana partiu na direcção dos Marmeleiros onde os primos haviam de esperá-los ahi por volta das seis.

Nesse trajecto a alegria esmoreceu. O sol picava nas costas, oprimia, carregava nos hombros, fatigante. As gericas á procura da sombra queriam roçar-se nas paredes num desasocego permanente de caudas, de pernas, de orelhas, em luta com as moscas, e as senhoras a cada passo em risco de tombarem no chão.

O Mendes foi um quarto de hora de mão no

pescoço enfurecido com a mordedura de um moscardo.

No alto da escada de pedra, tendo á direita a mana D. Francisca estava D. Rodrigo da Machadinha Bradamonte e Castrovide, protocolarmente envergando o seu frack escuro enodoado, o lacinho de seda preta no pescoço, miudinho, direito, com o bigodito retorcido, negro e lustroso, assim como a mosca e a pasta do cabelo, muito colada a esconder a calva.

— Deviam tanger os sinos na casa dos Marmeleiros. Desde quando!...

Cristovam subiu a desculpar-se e «como está o primo, como está a prima».

— E o primo Duarte, como vai elle?

— Ora, o primo Duarte, o primo Duarte, ainda mo pergunta, efectivamente — disse contrariado, olhando para a irmã a encolher os hombros.

— Sempre o mesmo *bon-vivant?*

— Dom Divã, Dom Divã! Doidivanas, efetivamente . . .

Cristovam apresentou o seu amigo dr. Manuel Mendes, um notavel medico de Lisboa «a prima D. Francisca e o primo D. Rodrigo da Machadinha.»

— Manuel Mendes, de Lisboa, pertence talvez á familia dos Mendes da Cunha, da casa de Alemdiz?

— Não! Meu pae era de Santarem, negociante com loja de panos. Eu é que tenciono fundar uma dinastia.

Foi bem acolhida a resposta por todos, menos por D. Rodrigo, que dissimulou:

— Nas letras muitos homens se nobilitaram...

Preparava citações historicas quando D. Duarte apareceu, vindo de fóra, coberto de poeira, arrastando os sapatos de bezerro, de saltos á prateleira e calças de lona crua, a gesticular estouvadadamente.

— Ora viva a melhor de todas as primas que uma pessoa póde ver, e o mais brejeiro dos primos — cumprimentou assentando uma palmada nas costas de Cristovam. E esta talhada de melancia? — disse apertando o queixo de Finita. Estás um mulherão.

Finita sorria embaraçada emquanto elle a minava com os olhos. Cristovam apresentou-lhe o Mendes.

— Oh! diabo, medicos, só assim á paisana em visita de amigos.

D. Rodrigo bateu o pé contrariado e a mana Francisca repreendeu-o:

— Então mano, o senhor doutor pode não gostar d'essas brincadeiras...

Entraram em casa, passando por uma antecamara apenas guarnecida com algumas cadeiras de couro, e por cima da porta de ingresso no salão, em côres chibantes, luzia o esquartelado do escudo a entrar pelos olhos dentro, vaidoso com as machadinhas em cruz e as tres cabeças de mouro em campo vermelho nos dois quarteis superiores, no da direita inferior

tres faxas rubras em campo de prata, e no outro um anel perfilado de encarnado em campo d'ouro. Timbrava-o um tigre de prata armado de purpura, nascendo sobre um ninho de silvas da mesma côr.

A fidalguia dos Machadinhas deitou raizes no tempo das cruzadas. O primeiro do nome Mem Geraldes, numa refrega com os mouros, na falta de outra arma, a golpes de machadinha, abrira duzias de cabeças de infieis, como se fossem cavacas de pinheiro.

Nas cronicas da familia falava-se de guerreiros, bispos, poetas, uma abundancia de homens notaveis, mais ou menos desconhecidos por toda a gente menos por D. Rodrigo, que os guardava na memoria peça por peça.

No salão, grande como uma casa de capitulo, pendiam acotovelando-se velhos retratos a oleo, de feições sumidas, alguns sentados com o indicador entalado entre as folhas de um livro, outros de pé enforcados nas altas golas das fardas, marcadas a vermelhão berrante. Ao centro na larga meza de pau santo um album de retratos, escancarava a lombada rota, e junto das paredes em consolos de mogno, vasos de porcelana pintalgados a oiro dormiam embrulhados em capa de pó á sombra das flores de papel desbotadas e rotas. Lá para o fundo jazia sobre um velho piano, isolado e aborrecido na escuridão do bronze o embeiçocado perfil do Senhor D. João VI.

Espalhadas ao acaso cadeiras de todas as raças entreolhavam-se com odio de casta. Rentes ás pa-

redes repousavam monacalmente bancos de espaldar lavrado.

O tecto em maceira, pintado de escuro, num grave recolhimento escondia no alto o brazão quasi apagado.

O Mendes deteve a atenção nos retratos e a mana Francisca a elucidá-lo informava citando nomes que na familia nunca faltaram talentos de poeta. D'ahi a sua simpatia por todos os que faziam versos, rematou, deitando ao primo Cristovam um olhar guloso.

Apesar dos quarenta já passados ainda vinha á feira com o seu nariz estreito ponteagudo, a boca larga, bem provida de labios candentes, os olhos pequenos, o corpo arredondado e coleante.

D. Rodrigo pediu ao Mendes noticias d'essa Lisboa «sem lei e sem governo», lhe chamou, pigarreando o seu tic «esse covil de lobos, efectivamente...»

—Bastante desagradavel, respondeu elle.

—Muitos desacatos e quebras de respeito? — perguntou D. Rodrigo.

—Sim, muita mácreação sobretudo.

D. Rodrigo depressa excitado começou a desenrolar a serie dos seus conceitos politicos, pedindo a opinião do Mendes e tossilhando cada vez mais, medindo pausas para dar gravidade ao que se seguia, a preparar a entrada de uma grande solução que ia revelar «Dificil, dificil, efectivamente, mas quer v. ex.ª saber o que eu faria?» O Mendes tinha que esperar; o mano Duarte chegava a abrir a bôca para articular uma opi-

nião, mas suspendia-a logo, a um gesto do mano mais velho, o mais instruido, o representante da familia.

D. Francisca que fôra acompanhar as senhoras aos seus aposentos, entrou batendo os tacões num passo vivo a saracotear-se, atraindo logo de seguida o Cristovam para o vão de uma janela, e sentados defronte, nos poiaes forrados de cortiça, os joelhos tocando-se e mais os pés, rompeu numa animada conversa de segredos e risinhos agudos.

D. Rodrigo continuava absorvido na exposição dos seus planos salvadores da patria e de desagravo á honra de Portugal envergonhada pelas indecencias da republica, uma algazarra de vilões, uma desordem de sapateiros «efectivamente, efectivamente» o pigarro cada vez mais seco e repetido, consultando o Mendes a cada momento:

— Qual a opinião de v. ex.ª?

— Muito bem, muito bem! V. ex.ª tem toda a razão, — respondia condescendente.

D. Rodrigo por fim derivou todas as desgraças da decadencia da nobreza.

— Efectivamente, um paiz sem nobreza póde existir? Qual a opinião de v. ex.ª?

— E' um paiz morto. Sim, sem nobreza, não ha ponta por onde se lhe pegue — concordava o Mendes.

O mano D. Duarte sem dizer palavra aplaudia com movimentos sacudidos de cabeça e fuzilando tregeitos de desdem.

— E porque decaiu a nobreza? — perguntou

D. Rodrigo estacando num silencio prometedor.

O Mendes e o mano Duarte esperaram atentos a solução.

— Efectivamente — declamou emfim, porque se extinguiram os morgados.

Aqui o mano Duarte riscando um gesto furibundo, em brusca mudança de atitude explodiu:

— Os morgados! Eu logo vi que os morgados haviam de aparecer.

— Os morgados, sim senhor! — repetiu D. Rodrigo solenemente empertigado e erguendo a voz para lhe impôr respeito.

Mas elle é que não fez caso nenhum e aos berros pespegou-lhe:

— O que o faz falar a você é o interesse. Uma lei fresca a tal patifaria dos morgados. Tudo para um e os outros sem nada. Ora o doutor que é medico explique-me uma coisa . . .

O Mendes embaraçado encolhia os hombros a esgueirar-se da contenda.

— O mano não entende nada d'estas coisas — gritava D. Rodrigo.

— Um egoista refinado é que você é, não ha nada que o farte.

— Cale-se! — intimou D. Rodrigo.

— Tambem quer que lhe peça licença para falar?

Cristovam suspendendo a palestra com a prima deliciava-se com a disputa.

A mana Francisca veio apaziguá-los, que reparassem estava ali o sr. doutor.

Cristovam contou ao Mendes que os primos

caturravam constantemente e voltado para D. Duarte a incitá-lo:

— Hein, primo Duarte? Se ainda houvesse morgados lá te metiam num convento, de habito e camandulas.

— Ora, ahi tens! Eu ser frade, que te parece Cristovam? Tu que tambem sabes o que é vida...

— Pois melhor fôra — resmungou D. Rodrigo — que isso acontecesse, escusavamos de vêr o nome dos Machadinhas escrito em pele de vilão.

Referia-se aos boatos de paternidades atribuidas ao mano, sempre á caça de mulheres, que limpando-lhe as algibeiras o nomeavam autor dos frutos de contrabando, adquiridos por subscrição.

Madalena e Finita voltaram ao salão e D. Duarte não quiz mais saber de disputas, caminhando para junto d'ellas impulsivamente, como não podia deixar de fazer diante de caras bonitas. Cristovam continuava seguro na janela pela prima.

Finita sem dar atenção aos ditos amaneirados de D. Duarte, não perdia de vista o coloquio, as atitudes de D. Francisca, dificeis de compreender, mas antipaticas, os labios contraindo-se num sorriso estranho, desagradavel, acompanhado de um requebro de cabeça, escorregando de lado com os olhos a piscarem-se, de bocarra fendida a todo o tamanho. Finita desconhecendo o sentido d'esses requebros sensuaes repelia-os instintivamente.

Ao jantar apenas D. Duarte revelou apetite. Sempre a folgazar, emborcando pratadas e cantando-lhe a guela á passagem do vinho verdascão,

não percebia como a prima Madalena e a Finoca arranjavam côres de romã comendo tão pouco. E atafulhava-se do arroz de um gosto a bafio e da galinha corada, rija que nem perna de chibo.

Finita parecia contrafeita, caindo em meditação, distraindo-se a olhar para o bojudo candieiro de petroleo suspenso do tecto por um gancho de ferro. Na casa soturna, acachapada, zumbia um enxame de moscas vorazes, caindo em chusma sobre o pão, as frutas e quanto apanhavam descoberto.

O Mendes não a perdia de vista a lêr-lhe na alma a forte ciumeira que D. Francisca provocava, chegando por vezes a perder o fio das considerações de D. Rodrigo, que durante o jantar e toda a noite continuou a remodelar o paiz, mediante a restauração monarquica, mas com uma monarquia a valer, talhando os republicanos em postas, aos bocadinhos, em migalhas, «efectivamente», sempre «efetivamente», elle que tremia diante do sangue de uma galinha e fugia de casa pela matança dos porcos.

E durou aquilo até á meia noite.

Cristovam e o Mendes ficaram no mesmo quarto, em duas camas de pau santo altas como balcões.

— Muito curiosos estes teus primos com as suas brigas.

— Não fazes idéa como se estimam. O Duarte até se esquece das mulheres quando o Rodrigo está doente. Anda nos bicos dos pés, ninguem o

ouve, moe o Figueiredo com perguntas rebola-se pelas cadeiras a chorar, se o vê com febre.

— Originaes — rosnou o Mendes

— Mas extingue-se a raça dos Machadinhas. Uma espertalhona inventou um bastardo ao mano Duarte, mas não é um Machadinha incontestavel.

— Não se perde muito.

Adormeceram.

Dentro em pouco ambos se revolviam na cama, desassocegados, mas vencidos pelo sono. Por fim o Mendes sentando-se riscou um fosforo. Cristovam acordou tambem a coçar-se furiosamente. Atirou com a roupa e mirando-a bradou:

— Ora! Não podiam faltar.

— O que é?

— Os percevejos, pois o que havia de ser?

O Mendes horrorizado saltou num pulo para o chão e depois de reparar nos lençoes d'onde saía, despiu a camisa de dormir a esfregar-se tomado de repulsão:

— A horrenda porcaria!

— O quarto dos hospedes, cá na Beira, é vulgarmente frequentado por estes jacobinos.

O Mendes foi passar o corpo com uma ponta da toalha molhada.

— E agora? — perguntou sucumbido.

— Vais vêr — respondeu-lhe Cristovam.

Vestiu-se, e, como conhecia os cantos á casa, partiu nos bicos dos pés, ficando o Mendes na cadeira, a meditar num processo scientifico de extinção dos percevejos.

Cristovam apareceu com um punhado de folhas verdes.

— Que trazes ahi?

— Folhas de feijoeiro. Aprende como se arma um reduto invencivel.

E começou a dispô-las com a face inferior voltada para cima á roda do travesseiro, cerrando um espaço no lençol, fechado por todos os lados. Ao terminar as obras de defesa, convidou o Mendes a ocupar a trincheira e que não tivesse medo.

Pela manhã contemplaram a abundancia de caça presa nas ratoeiras.

— Ficavamos sangrados, ó Maneca?

— Com certeza não passariamos sem injecções de sôro.

Arremessaram as vitimas pela janela fóra e aos primos Machadinhas, o Mendes asseverou que nunca lhe esqueceriam as horas passadas no seu solar.

CAPITULO XV

O trajecto dos Marmeleiros á capela da Senhora dos Aflitos não era longo, umas duas leguas de caminho, pela estrada fóra.

O grupo dos Lagares partiu ás dez para chegar a tempo de assistir á procissão. D. Duarte e D. Francisca seguiam mais tarde na carruagem, á hora propria para que as gentes os vissem chegar, alardeando o estadão, a contrapôr aos boatos de ruina que circulavam, motivados no desgoverno bem conhecido da casa. D. Rodrigo ficava, obediente á formula, dadas as responsabilidades da sua nobreza que não lhe consentiam prodigalizar a apresentação diante do povo, guardando-se em palacio, recatado como a custodia no estojo, para se mostrar sómente nos dias solenes, em que pegava a uma das varas do palio.

A estrada sumia-se coalhada de grupos, as ra-

parigas de meia branca e chinela aberta, os lenços de seda na cabeça e o chale no braço, para deitarem nas costas á entrada na capela; os rapazes de cacete ao hombro cravos no chapeu, ao lado d'ellas galhofavam, ou langueciam arrulhos, por vezes adiantando-se com uma volta de mão pelas cinturas, em troca recebendo um cachação que não magoava e traduzia uma caricia.

Apareciam ranchos trovando ao som de guitarras e harmoniuns, outros de mulheres erguendo descantes, em côro de terças, muito prolongado na nota final.

Caminhavam ligeiros, num confuso alarido de vozes que falavam e gritavam, riam ou cantavam, e numa grande variedade de côres dos lenços e das saias, muito garridas movendo-se, cruzando-se, redemoinhando, uma confusão agradavel á vista, uma misturada de sons caíndo bem no ouvido.

As testas escorriam, as faces chamejavam, e a ninguem escurecia sombra de fadiga. Homens bebiam de borrachas fortes goladas de vinho e as mulheres não se recusavam á tentação do convite «toma, chega-lhe um beijo».

A' passagem da cavalgada abriam alas silenciosas, e mal se distanciavam, rompiam gargalhadas, das chalaças ditas a proposito.

A estrada aos laços estreitos canalisava a multidão, que de todos os caminhos gotejava, engrossando a cada instante.

Proximo já da capela, ao sair da estrada, no pinhal que a ladeava confluia o milharal de cabe-

ças, sem clareiras, compacto por onde os cavaleiros passaram a custo. Cachoeirava então o vozear em massa, confuso, de ensurdecer, a inferneira de gritos, o rolar grave do falatorio dos homens, e os guinchos afiados do rapazio miudo.

A' sombra dos pinheiros havia gente estendida a dormir, outros sentados a comer. Surgiam mãos no ar segurando pernas de leitão, galinhas assadas e fundos de borrachas, empinadas a despejarem-se pelas guelas sequiosas. Alimarias presas aos troncos das arvores, zurravam, rinchavam, batiam com as ferraduras; distinguiam-se bulhas de cães, gaitas a tocar, flautas e guitarras, tudo amassado num sussurro colossal, de rio enfragado. Entontecia o cheiro a vinho, forte como o de uma adega, misturado no das comidas temperadas.

A caravana dos Lagares apeou-se, embrenhando-se no pinhal em busca de um logar para acampamento e depois de escolhido partiram na direcção da capela.

Ao verem-nos passar cochichava-se, distinguindo-se uma ou outra vez o nome «Lagares» adiantando-se alguns em cumprimentos a Cristovam, com grandes cortezias, raros permitindo-se a liberdade de uma observação «então o senhor doutor tambem botou até cá».

Acotovelavam-se as pipas de vinho em carros de bois e junto d'ellas grupos de bebedores passando os copos grandes de meia canada, de bôca em bôca, até se esvaziarem, para de novo encherem, correndo á roda.

Lentamente foram avançado, a todo o momento ameaçados pelas cascas das melancias espalhadas no chão e bailando no ar, atiradas pelos folgasões. Toparam com fiadas de canastras cheias de bolos, de pão, de frutos, que mulheres vendiam chamando a freguezia «compre aqui os docinhos», «olhem que rica triga-milha». Mais adiante encontraram uma barraca feita de ramos verdes, com mesas ao comprido, de taboas pregadas em troncos espetados no chão, tresandando a vinhaça, a carne assada com muito tempero, e a vitela guisada que mulheres lá ao fundo, de lenço atado á nuca e manga arregaçada, mexiam em grandes padelas negras, a testa a escorrer e a face escarlate do fogo, que ardia em labaredas.

Muita gente sentada, os olhos abrazados em gula, mandibulando, com a bochecha a estoirar, aos grupos comiam do mesmo prato, posto a meio da bancada, tendo junto grandes canecas, que a todo o instante giravam de mão em mão. Radiava nas caras muita felicidade pelo regalorio da orgia gulotona, um fartote de carniça raras vezes permitido. Luziam rubros, descendo-lhes das ganforinas empastadas o suor em rego pelas faces, apanhado nos lenços á roda do pescoço. E o mesmo em volta das quartolas, junto das piramides de melancias, nos que circulávam, e nos detidos pela conversa, ou pelo derrete dos namoros.

De vez em quando era uma onda impetuosa de esforçados rapazolas, ligados hombro a hombro

aos empurrões brutaes, alardeando forças, a divertirem-se, dizendo chalaças grosseiras, em vozes de falsete, ás raparigas, que lhes respondiam sem azedume, com o ruido de lingua dos arrieiros tocando as bestas.

Dificilmente, acotovelando-se, parando, sentindo o fartum dos corpos mal lavados, o halito das bôcas avinhadas, o opressivo contacto da multidão, chegaram junto da ermida, batida pelo sol do meio dia, com um enorme cacho de gente rolhando a porta.

Em frente erguia-se um arco triunfal de estacões de pinho forrados de buxo, d'onde partiam cordas revestidas de verdura para os lados da capela, tendo suspensos velhos balões venezianos, desbotados e disformes.

A missa campainhava o *Agnus Dei*. Dominando as outras, a voz do Padre Bento cantando de solfa, brigava com os sons desconjuntados de instrumentos de sopro. Por um postigo lateral o Mendes conseguiu espreitar, sentindo logo no nariz a baforada quente de uma grande massa de corpos sujos a transpirar, exalando fedores. Desviou-se enojado e foi-se a limpar a fronte, para a sombra de uma acacia, abanando-se com o chapeu.

— Que sede! — gemeu elle, sentindo na bôca uma lingua de pau.

— Aqui só vinho ou melancia, — respondeu-lhe Cristovam.

— Diabo!

E ficaram silenciosos. Madalena e Finita, res-

caldadas agitavam os leques, numa expressão resignada.

A missa terminára, irrompendo caudalosa uma torrente de cabeças, os narizes côr de lacre, piscando os olhos e oprimidas como ao saltar de um banho de vapor. As mulheres traziam os casacos de chita molhados nas costas, parecendo ter-lhes chovido em cima, e os homens com os engomados das camisas desfeitos sumindo-se por baixo das golas dos casacos.

De lenço á roda do pescoço, a bufar, corriam para junto das pipas.

Os foguetes anunciavam a procissão. Homens com opas vinham aparecendo, a filarmonica puzera-se em forma rente da porta.

Saiu a cruz ladeada por dois homens de lampeões erguidos ao alto, á frente do andor com a Senhora dos Aflitos, pequenina, afogada no manto crivado de estrelas de papel dourado, em fundo branco já amarelecido do tempo, com uma cercadura azul muito desbotada, e o vestido roxo, mudado em pardo, roido da traça, debruado a fita amarela. Carregada de ouro, pendiam-lhe do pescoço fiadas de contas, argolas, cordões, tudo amontoado em loja de ourives. Atrás seguiam os devotos de velas acesas, engravatadas de laços, alguns descalços e um vestido de branco, com fitas de alto abaixo, amortalhado.

Depois era o celebrante no meio dos acolitos. Por fim o padre Bento com um papel de musica ensebado, roído nos bordos, estendido em frente dos olhos, seguro numa das mãos, e na outra

uma folha de jornal enrolado fazendo de batuta, atirava com estrepito, aos safanões, a voz aspera e seca, representando de baixo, acompanhado por uma outra velada de catarro e a terceira aflautada, perdida entre os berros fortes do regente.

O bombo dera o sinal e apenas entrada no cortejo a filarmonica rompeu numa marcha ruidosa em que se distinguiam os metaes bem assoprados, um cornetim estridulo, o rufo vigorosamente batido, os pratos simulando uma tempestade de loiça partida e o flautim em disputa com a requinta subindo ás nuvens, esguichando som pelos ares. Os musicos de casacos desabotoados, desdobraram os lenços sobre a cabeça num estendal de coradoiro.

O padre Bento ao passar pelo grupo dos Lagares, gesticulou amabilidades sem desmanchar a gravidade das suas funções, apontando para a garganta, num queixume de sede horrenda.

Corrida a procissão encheram-se as barracas, inundando-se o pinhal, de toda a parte afluindo grupos com frutas canecas e borrachas, cestos de merendas, braçadas de bolos comprados ás vendedeiras.

O padre Bento não faltou com os seus cumprimentos antes de ir á paparoca, oferecida pelos mordomos numa tenda especial.

Informou que depois do jantar, ahi por volta das tres, seria a representação «as comedias» pelos modos a morte de D. Inez de Castro. E partiu porque já não tinha guelas.

Chegavam ranchos de todos os lados, as vio-

las esgalhando a cana verde e as raparigas a dançar batendo castanholas com os dedos, algumas cantando cantigas apropriadas:

Senhora dos Afitos,
Livrai-me d'este penar;
Meu amor anda por fora,
Dizei-me que ha de voltar.

Subindo a encosta que descia para o ribeiro, um grupo maior entoava um descante, na toada habitual, de vozes seguras e quentes:

Senhora dos Aflitos,
Vinde abaixo á ladeira,
Receber um cordão d'oiro
Que vos trás uma romeira.

O Mendes não podia tolerar a sêde e nauseava-o só a idéa de beber vinho, morno do sol. Saber-lhe-ia a vomito.

— Ha de haver agua por estes sitios...

— Consultemos os moços — propôz Cristovam, talvez a descubram.

E lá foram aos encontrões, pisando e sendo pisados, a contas com a multidão grosseira, ebria do vinho e excitada pela festa, mal cheirosa e mal soante, debaixo de um calor de fornalha, na atmosfera calma, onde não bulia uma haste.

Um dos moços garantiu que a agua havia de aparecer ainda que fosse aos quintos por ella.

Decorreu uma longa meia hora de fadiga, todos abatidos, sem gosto para rir, a cabeça oprimida por um capacete de bronze.

— Aqui tens o que é uma romaria, — disse Cristovam enfastiado, abanando-se com o chapéu.

— Vista de longe, ou pintada não deve ser feia, mas experimentada com a pele e o nariz, sobretudo forrado de pituitaria sensivel muda muito de figura.

Quando o moço apareceu com uma caneca anunciando por sinaes o bom sucesso da expedição, o Mendes exultou, categorizando-o de grande homem.

— Andei mais de meia legua — contou elle — mas é boa e vem fresca.

— Agora procederemos como todos os outros, «siga a roda».

Beberam primeiro as senhoras e depois Cristovam. O Mendes ficava para o fim para se saciar á vontade.

E bebeu descompassadamente, sem governo, uma brutalidade.

— Que tal? — perguntou-lhe Cristovam.

— Não é má. O pior é cheirar a vinho.

O moço desculpou-se que lavara bem a vasilha, mas o sarro era tanto . . .

Madalena lembrou que seriam horas de um ataque ao farnel, mas ninguem sentia apetite.

Ao Mendes o espectaculo da comezaina bestial indispunha-lhe o estomago. Gente ali á roda, por toda a parte, devorava em atitude barbara porções brutaes, descarnando arcaboiços de galinhas a dente, seguros nas manapulas, ripando quartos de leitão aos puxões, de caras e mãos

besuntadas e emborcando vinho á bruta, a gorgolejar num forte ruido de guelas e empestando o ar de cheiro a tasca.

Havia já homens ebrios e mulheres de olhos enternecidos e peso nas cabeças, dando risadas estridulas de bôcas muito abertas, a desengonçarem os corpos. E foliando com alegria selvagem, rebolavam no chão, davam-se palmadas, faziam corridas por entre os pinheiros «dá cá a borracha» «basta seu bebado» a rirem com os dentes negros do verdascão.

Eram duas horas quando apareceu a carruagem dos Machadinhas, lá ao fim do pinhal, avançando a custo.

Cristovam foi ao seu encontro e a prima, apenas o viu, saltou a baixo caminhando para junto do grupo dos Lagares.

A Finita não tirou mais os olhos de D. Francisca e o Mendes não cessou de os observar.

Acompanhava os Machadinhas um rapaz de cabeleira, bastante moço que D. Francisca apresentou «o sr. Luiz Pizoeiro, estudante de medicina».

Vestia de escuro com um grande laçarote preto ao pescoço e o chapelinho puxado á nuca, pequena barba preta em mamilos. Afetando um ar grave de poucas palavras, cumprimentava sacudindo a mão com força.

D. Francisca não tardou a categorisá-lo de poeta distinto, o que elle agradeceu modestamente baixando a cabeça.

O Mendes amavelmente conversou com o fu-

turo colega, não tardando a revelação de que saíra reprovado por uma patifaria dos lentes que não gostavam nunca dos menos submissos, dos espiritos independentes, assim á Pizoeiro. Soube tambem que a escola do Porto estava a pedir vassoura, uma sucia d'asnos todos aqueles senhores com quem pretendia ajustar contas. Era questão de se resolver, redusiria tudo a cisco com dois golpes de pena.

Madalena mandou vir as latas do farnel. Tinha de ser e depois fazia-se tarde.

Os primos não queriam e o poeta tambem não. O Mendes contentou-se com um rabo de peixe com triga-milha que desejou provar, pela novidade.

D. Francisca aceitou de Cristovam metade de um bolo, doces da romaria, cheios de pó, resequidos, mas sabendo a festa e despediu uma serie de ditos, cheios de malicia ao desterrado dos Lagares que ninguem via, nem ouvia, arrumando-se a um canto sem dar signal de si.

Perguntou ao Mendes se não lamentava que elle despresasse o geito de fazer versos, obtendo em resposta que não o apreciava menos desde que mudara de rumo. A D. Francisca veria mais tarde a ultima obra planeada, havia de maravilhar-se. Por emquanto constituia segredo. A edade das rimas tinha passado. Isso assentava bem ali no futuro colega. Estava na sezão.

D. Francisca presa na deixa pediu ao Pizoeiro que recitasse aquelle soneto «da cruz», de inspiração muito mimosa. Por força todos gostariam.

O poeta desculpava-se e ella insistia que não fosse modesto, filada no teimoso capricho que lhe chegára de repente.

D. Duarte por tregeitos não escondia o seu aborrecimento esperando os outros resignados a solução do debate que terminou, acedendo o poeta aos rogos de D. Francisca.

Pizoeiro enscenou a atitude recuando para onde se amontoavam as latas do farnel; os moços de olhos esgaseados ouviram intitular «Aos olhos d'ella» ficando em respeitoso silencio, com a bôca aberta, de joelhos, sobre os calcanhares.

Só D. Francisca permanecia de pé defronte d'elle, e todos os mais sentados, alguns estendidos, apoiando-se no cotovelo.

Em tom de resa, o poeta começou a dizer o seu recado.

O rosto d'ella assim lantejoulado
Não é rosto é ceu, sou a dizê-lo;
Em roda, a noite escura do cabelo
Onde as estrelas brilham um bocado.

Feliz o mortal que póde vê-lo
Tão doce ceu assim enluarado,
Não se póde dizer que corra fado
Pois quem me dera a mim poder corrê-lo.

A vida inteira eu o correria
Na adoração perene d'essa luz
Que até da noite me faria dia.

Quem por olhos assim se não seduz?
Fitando-os só a elles, passaria
Toda a vida pregado numa cruz.

Gente que passava proximo estacou olhando de cara lorpa a gesticulação d'aquele homem a di-

zer coisas sérias ou mesmo graves, porque ninguem se ria, a quem viera como elles para foliar.

Aproveitando a distração um mendigo em pé de cegonha, a babar a sua paralisia, ao lado do poeta estendia a mão tremula pedindo uma esmola.

D. Francisca aplaudiu frenetica: Classificou de meiguissimo e repetia extasiada: «Toda a vida pregado numa cruz!»

Lindo mote! Porque não os mandava para o *Echo da Beira?*

Ninguem se opoz e concordaram que mereciam a consagração da letra de chumbo.

O mano Duarte, porém, desafinando no concerto laudatorio sem cerimonia pespegou:

— Ora adeus! Eu sei uma muito melhor. Isso não é cantiga que um homem faça.

— O' mano! — repreendia D. Francisca.

Mas elle sem atender rematava:

— Vão vêr se esta não fala mais á natureza.

E recitou, quasi a cantar, flauteando a voz:

Menina, deita-me uns olhos...
Cubiça-me algum bocado...
Pois se quer matar desejos
Eu não me faço rogado.

O Pizoeiro encavacou. O Mendes e Cristovam para não agravarem o desespero de D. Francisca, apenas sorriam da brejeirice de D. Duarte, que exultava:

— Isto é que são cantigas com paladar. Ora agora espetado numa cruz de mãos presas, a vê-la, sem lhe poder chegar . . . Deixa-te d'isso rapaz.

— O mano não entende nada de poesia — barafustou D. Francisca, virando-lhe tregeitos de desdem.

— Pois sim, diga-lhe d'essas. Eu sempre queria saber a graça que a mana acharia a um homem pregado numa cruz. P'ra que diabo lhe servia elle?

Padre Bento, com um berro, salvou-os a todos de embaraços.

— Até que emfim. Corri leguas a procura-los. Vão começar as comedias. Se querem assistir pulem já d'ahi. Tenho lá um banco guardado para disfrutarem melhor.

Puzeram-se em marcha. Padre Bento, conhecido de toda a gente, sem cerimonias abria caminho com o seu vozeirão através da massa do povoleu, apenas consentindo uma curta demora a desculpar-se, quando algum amigalhote já meio tonto se lhe atravessava diante a convida-lo «então não vai hoje uma pinga comnosco? Ainda ali ha uma perna de leitão».

A' sombra de enormes carvalhas por detrás da capela, haviam armado o palco sobre carros de bois servindo de suporte e por cima taboas soltas, apenas encostadas umas ás outras. O pano de bôca formado por cobertas de chita, corria numa corda.

Padre Bento mandou vir o banco onde não

cabiam todos, ficando depois de larga discussão, instalados no camarote, como lhe chamaram, o Mendes, a Finita, Madalena e D. Duarte.

Cristovam pagou por um tostão logar num calhau, onde subiu com a prima e o poeta.

Padre Bento relatava o que sabia das comedias, arranjadas e ensinadas pelo professor, um rapaz esperto, tudo da cabeça d'elle. Assistia-se á morte de D. Inez, depois á dos algozes. A um arrancavam-lhe o coração pelas costas e deitavam-no a um cão. Exatamente como vinha na historia. Estava morto por vêr como elles se sairiam d'aquela. O publico bradava numa atroadora algazarra: «Rompa de lá esse entremez! Toque a musica».

De vez em quando uma cabeça, emergindo ao lado do proscenio a espreitar para fóra prometia que era para já, não tardava nada.

A multidão impaciente respondia com chalaças grosseiras, berros e assobios.

A musica entrou a tocar, abafando a gritaria com o potente ruido do bombo, dos pratos e dos metaes, soprados com a valentia correspondente á enormidade do jantar. O sussurro foi diminuido, chegando a fazer-se um silencio respeitoso quando o habil cornetim abalou num vertiginoso sapateado de notas, aos saltos, em cabriolas doidas, que embasbacaram o povo de admiração. O proprio padre Bento, entendido em solfas, abanando a cabeça, concordava: «Sim senhor, aquilo é que me saíu um canario!»

Quando o solo terminou houve aplausos e vi-

vas, fechando a composição com uma furiosa tempestade de sonora pancadaria. Correu então o pano.

A scena arranjada com tabiques de verdura, no estilo das barracas da vitela assada, apresentava ao fundo uma abertura, velada por colchas de ramagens, figurando a porta para a entrada dos actores; a um lado uma mesa de pinho, tendo em cima um tinteiro e folhas de papel, e defronte alinhados tres bancos forrados de paninho encarnado.

O reposteiro afastou-se entrando em scena o rei a bater soberanamente com os pés nas taboas que debaixo do peso chiavam e bailavam. Fitando carrancudo o publico torcia as enormes barbas de estopa, resplandecente de brilho pela sua corôa de papelão na cabeça, e as condecorações de folha amarela no casaco de alferes reformado. Retesava as pernas enfiadas em botas de cano alto, apoiando a mão na espada de pau, metida no cinturão de baeta. Preso aos hombros servia-lhe de manto um lençol constelado de recortes de papel dourado.

Atrás do rei marchavam os tres ministros, com as abas dos chapéus seguras aos lados, armando em bico, vestindo velhas fardetas de soldados. Um d'elles acentuava a feição perversa com uma barba interminavel de lã de carneiro, os outros cofiavam senhorialmente o bigode e pera de estopa.

A multidão a rir, aos uivos, aplaudiu a entrada e de espertalhona chamava-os pelos seus nomes.

«Olha o Manuel da Rita». «Vejam o preparo do Zé Moleiro, como vem disfarçado».

O rei sentou-se á mesa e os tres ministros nos bancos.

— Então, meus ministros, que diz o povo? — perguntou o rei!

— Que Inez deve morrer! — foi a resposta dos ministros, em côro e pondo-se de pé de braço estendido.

O publico batia as palmas em gargalhadas atroadoras.

— Mas o que fará depois o infante?

Os ministros dito o recado haviam-se sentado. A esta pergunta o das barbas de lã levantando-se de novo trovejou:

— A vossa corôa corre perigo de ir parar ás mãos vorazes de Castela. Inez tem de morrer!

Os outros aprumando-se repetiram em côro:

— Inez tem de morrer!

De rompante Inez investiu pela porta dentro indo lançar-se aos pés do rei.

O publico delirou gritando e rindo.

Trazia um fato de castorina preto, cordões de ouro ao pescoço e argolas nas orelhas presas por fitas, lenço de seda branco na cabeça e nos pés os sapatões ferrados.

— Quereis matar assim uma donzela? — guinchava em falsete aos pés do rei de mãos erguidas. Tende dó dos meus filhinhos. Lembrae-vos que sou mãe dos vossos seios que creei aos meus netos.

— E' o contrario—gemeu em surdina o ponto metendo a cabeça por uma frincha.

— E' o contrario — repetiu Inez chorosa.

— Disseste ás avessas — voltou furiosa a voz do ponto.

— A's direitas, ou ás avessas tudo lá vai dar —atalhou o rei contrariado.

O Mendes exultava e Cristovam do seu logar junto de D. Francisca voltando-se para trás quasi sufocado:

— Então não valeu a pena?

Finita é que não ria. O Mendes perguntou-lhe se não gostava.

Ella distraida respondeu que não achava graça nenhuma. Se adivinhasse ficaria em casa.

Inez em scena dizia para o rei:

— Ouvi, senhor as filhas do Mondego carpindo a minha sorte.

Nisto irromperam no palco quatro mocetões vestidos de mulheres a chorar esganiçando as vozes.

O entusiasmo da multidão trasbordou. Desconjuntavam-se as bôcas, apertavam-se os ventres com as mãos, e o rapazio algazarrava em cima das arvores.

Os ministros acabaram por correr tudo aquilo, Inez e filhas do Mondego aos encontrões pela porta fóra.

Começou então a disputa do rei, com os ministros muito longa, que arrefeceu bastante a plateia.

O Mendes em aturada observação de Finita,

reparou que ella não perdia um gesto de Cristovam nem da prima sempre a tregeitear a quesilenta mimica. Apontando os dois disse-lhe quasi ao ouvido:

— Aquilo é casamento feito.

— Com aquella velha? — raivou empalidecendo.

— Acredite que vão casar.

— Quem lho disse? — perguntou anciada.

— Deu-mo elle a entender.

Finita cambaleou e o Mendes segurando-lhe a mão sentiu-a tremer, vendo-a branca, de olhos rasos de agua.

— O que tem Fininha? Não se sente bem?

— Está aqui muito calor e tanta gente faz um pouco de aflição.

— Se quer, vamos embora.

— Isso é que não. Seria dar parte de fraca.

A scena fechou com a frase do monarca: «Fazei o que quizerdes».

Os ministros não estiveram com mais demoras. O rei no seu lugar ficou gesticulando, aos murros na mesa. Elles foram dentro e quasi de rastos empurravam Inez que se debatia furiosa num alarido barbaro. Terminaram por lhe amarrar as mãos atrás das costas deixando-a de joelhos no chão. Puxaram rapidamente das pistolas e recuando dois passos desfecharam-lhe uma descarga.

Inez estendeu-se a espernear e o publico, diante do lance tragico voltou a rugir de entusiasmo, atroando os ares com gargalhadas.

O rei abandonava a scena seguido pelos ministros. Um cacho de rapazes empoleirados nos carros em que assentava o palco explodindo nesse momento em desordem, batiam-se ás patadas. Tombavam uns, erguiam-se outros e na inferneira, de subito o palco rugiu, ocilou desabando num estrepito de terramoto.

Levanta-se o borborinho, cresce, desnorteia, declara-se o panico. As mulheres gritam, havia desmaios e por toda a parte gente fugia, desvairada, ao acaso, tropeçando, atropelando-se. Uma onda de corpos aos rebolões, vociferando choros e pragas, veio de encontro ao banco onde o Mendes, sem que ninguem o ouvisse, pedia calma. Elle e as senhoras rolaram no chão.

No entanto dois cães pegam-se á bulha, juntam-se outros e o povoleu tomado de surpresa afasta-se, cessa a confusão. Os contusos palpam-se, limpam os fatos e os outros escancaram a bôca torcendo-se em desabrido folgar.

O Mendes levanta-se maguado, Madalena com um mau geito no artelho e Finita numa expressão entristecida, amparando-a oferecia-lhe o braço e que partissem, pois já levavam que contar de uma brincadeira tão tola. Ao verem-na desbotada assim de animação e graça recearam-na doente. Declarou-se apenas cançada do calor.

Seguiram na direcção do pinhal, Madalena oprimida pela dôr, coxeando, apoiada no hombro de Finita, Duarte abrindo caminho por entre a multidão e atrás os outros arrastando os passos frouxos numa desolação de enterro.

Os moços esperavam, prontos para a abalada. E não havia que demorar. O trajecto dava para cinco horas e já lá iam as quatro.

Madalena queixava-se do tornozelo. O Mendes sentando-a numa pedra, ali mesmo lhe fez um rapido exame: uma simples entorse, mas embaraçosa por ter de se aguentar a cavalo tanto tempo.

A prima Francisca lembrou que ficasse nos Marmeleiros, ficassem mesmo todos. Não concordaram. Finita, enervada, borbulhando torrentes de palavras, falou no sobresalto da madrinha se não aparecessem. Fizesse-se o sacrificio e abalassem. Outra idéa, fôsse a prima no carro á volta pela estrada. Era um pouco mais longe, mas decerto os cavaleiros não chegariam primeiro aos Lagares.

O Mendes contundido pela queda movia-se com dificuldade. Cristovam bramia imprecações e elle acalmava-o que por um modesto trambolhão não se amaldiçoasse a romaria.

D. Duarte lembrou que aproveitasse o doutor a tipoia e a companhia da prima Madalena. Pois sim, cumpria o seu dever de medico velando a doente.

Debandaram; Cristovam com Finita e os moços pela serra, e os outros com D. Francisca e o mano Duarte na direcção dos Marmeleiros.

Um pouco depois das cinco D. Rodrigo, informado do acidente, nervoso a torcer a mosca, condenava a intromissão nas folias populares «não se pode, não se pode efectivamente . . . romarias! tabernas fóra de telha». E visto não aceitar

pousada nos Marmeleiros, boa viagem, saudosas lembranças á Dona Leonardinha e que ambicionava do intimo o veloz restabelecimento da priminha e do doutor.

Trotaram para os Lagares.

Com o balanço do carro Madalena contorcia-se. A inchação avolumava e por conselho do Mendes descalçou-se.

Mais aliviada trocaram impressões da romaria, que elle comparou a uma viagem por mar, agradavel na primeira e na ultima hora, provocando enjôo no resto.

— D. Madalena, diga-me, não extranhou a Finita?

Sim, desde a vespera parecia-lhe menos alegre. A' noite, no quarto apetecera-lhe chorar. Porque? Não sabia . . . uma coisa assim como ter vontade de dormir, ou de comer. Atribuiu ao cançaço da jornada.

Ao Mendes não surpreendia a confissão, esperava-a. Convencia-se porêm que a fadiga não motivára a singular tristeza.

Madalena declarou não perceber.

— Não me admiro.

— Pode explicar-me o que quer dizer?

Sem hesitar, afirmou-lhe:

— Finita está apaixonada.

Ella voltando-se bruscamente, de olhos redondos a fitá-lo, perguntou:

— Por quem?

Hesitante, preparava o golpe:

— A D. Madalena perdoar-me-ha?

Pupila contra pupila, respirando mal os dois, ella movendo o pé cheio de dôres, elle endireitando as costas maguadas anceavam por concluir.

— Perdoar o quê? O doutor se fala com segurança conhece a verdade e essa não deve ocultar-ma.

— A Finita está apaixonada pelo Cristovam.

Madalena encheu o peito de ar, córou de novo a face e descançando as palpebras queixou-se do tornozelo.

Depois de se ageitar na almofada, pediu explicações, custava-lhe a compreender o imprevisto sentimento da pequena. Entretanto, o doutor se o afirmava, saberia justificar . . .

O Mendes expoz a sua observação, detalhando os motivos, descrevendo episodios, notando frases, e reunindo coisas minimas, ligando-as, iniciou-a na interpretação. Primeiro as cartas de Cristovam, depois o estudo directo de um e outro, as conversas que provocára e por ultimo a confissão. Insistiu em convencê-la da espontanea e fatal necessidade d'essa simpatia. Que reparasse, diante de Cristovam não aparecia outra mulher, diante de Finita nenhum outro homem. Esta razão caiu bem, foi uma luz, revelou-lhe tudo. Madalena seguia uma idéa, a recordar por sua vez pequenos factos, concluindo:

— Agora sim!

Elle explicava como a atitude da prima Francisca fornecera a contraprova. Aquela tristeza brusca, gerando lagrimas, o desassocego na romaria careciam de uma causa. A mudança brusca

da alegria durante o trajecto, na atitude revelada á noite nos Marmeleiros, só podia justificar-se pelo ciume.

— Nem sequer suspeita do que padece — proseguiu. Convenço-me até de que para a Finita as palavras amor, paixão, ciume, não teem significação precisa. Sente a coisa ignorando-lhe o nome. Talvez desconheça ainda que está gostando do Cristovam com todo o vigor que uma pessoa forte manifesta nesses casos, desde o dia em que o Bucha a caluniou.

— Acha que uma mulher póde gostar de um homem sem o saber?—perguntou Madalena.

— Certamente. Para o descobrir precisa pergunta-lo a si mesma. Mas para chegar a isso tem de crear primeiro uma aspiração definida, um desejo concreto que o espirito da Finita não pode conceber. E' muito creança para formular essas duvidas e bastante mulher para lhe experimentar os efeitos.

— Mas sendo verdade, o que doutor descreve, o caso não é para rir.

— Assim o julgo.

— Equivale a uma desgraça.

— Não a descubro.

— Como hão de continuar a viver juntos na mesma casa?

— Muito simplesmente, casando!

— Casando! Oh! doutor . . .

— Se gostam um do outro, é a unica solução acertada. A Finita será a esposa ideal para o Cristovam. Linda, robusta, docil, com uma educação

de encomenda para ser a companheira preferida por elle, nada encontro . . .

— Porem . . .

— Compreendo a sua hesitação e não a estranho. Assusta-a a diferença de nivel.

— Não nos prendem esses reparos, comtudo . . .

— D. Madalena, o Cristovam escolhendo-me para seu melhor amigo, obriga-me a cuidar da sua felicidade, a qual exige a permanencia nos Lagares, não ocioso como até agora, mas a trabalhar. Precisa de filhos e não encontrará mãe para elles que valha a Finita. Elle tambem o crê assim, não divergimos de opinião, os nossos olhos vêem o mesmo, somos mais que dois irmãos, porque somos duas cabeças com a mesma idéa. Estou decidido a comprar o mosteiro portanto nunca mais nos afastaremos. Hei de guiá-lo, incitando-o a trabalhar, produzir, a acordar neste paiz de sonolentos. Para o conseguir peço-lhe que me ajude nesta tarefa. Vamos meter o Cristovam no negocio das galinhas e casá-lo com a Finita.

— E a tia Leonarda?

— Ora, santa como é será a mais satisfeita.

— Permita-me que pense, não é forçoso decidir de repente.

— Sem duvida. Mas para sua comodidade proponho-lhe que se deixe conduzir por mim. Fica mais socegada, não tem responsabilidades. Aceita?

— Seja.

— Vai então obedecer-me, e hesitações ou dificuldades que surjam não se cance com ellas,

apresente-mas e eu resolverei. Comprometo-me a mostrar-lhe sempre que seguimos a melhor orientação.

— Só lhe falta marcar o serviço que pretende entregar-me.

— O primeiro é confessar a Finita, despertá-la ensinando-lhe a perceber o que sente, exactamente como procedi com o Cristovam.

— Consente que fale primeiramente á tia?

O Mendes concordou. Ella numa expressão levemente sombreada de tristeza prometeu ensinar á pequena uma lição para si desconhecida.

— E o pé?

— Pesa-me bastante.

Calaram-se. O Mendes experimentava posições que lhe aliviassem o dorso crivado de agulhas pela queda. E assim nem reparava no caminho. Diante dos olhos as varzeas ramalhudas passavam como um deserto. As raparigas por entre os milhos, de saia arregaçada até ao joelho, a cantarem no trabalho das regas, não o faziam voltar a cabeça. Nem a criançada de peito ao sol, forte e desempenada o atraia.

Antes de mais nada não sofrer dôres, pensava é a primeira condição da felicidade.

— Esta romaria nunca se nos varrerá da memoria — disse elle para quebrar o silencio. A entorse da D. Madalena, o meu tombo, o casamento da Finita...

— E o Penedo? — acrescentou Madalena.

— Tem razão a compra do mosteiro! — acudiu entusiasmado. E' tambem um grande sucesso.

Arrebatado pela visão da sua empresa, adormeceram-lhe as dôres principiando a desenvolver o plano arrebatadamente, como o dedusira de uma necessidade que reconhecera existir e depois de executado satisfaria as suas ambições. Harmonizar o bem dos outros com o bem proprio, desempenhando uma missão util, marcava a justa medida, que todo o homem devia procurar.

Efectuada a compra voltaria com um arquiteto delinear o plano de remodelação, tratando logo de realizar o mais urgente. No entanto regressaria a Lisboa dispôr a sua vida e iniciar a propaganda.

O Mendes só via nesse momento a obra em plena laboração. As crianças ao sol, á chuva a robustecerem-se e ao mesmo tempo aprendendo noções positivas, experimentadas com as mãos, os olhos, os sentidos, aprendendo a ligar os nomes ás coisas, ensinando-as a desprezar a verbosidade inutil. E depois de vigorizado o corpo e adquirido o bom geito de pensar, despedi-las para a vida.

Madalena bebia-lhe as palavras e caminhou tambem com a fantasia através do sonho, encontrando-se em certo momento, sem perceber como entrara, a desempenhar um papel no Mosteiro do Penedo, nem decifrava qual, nem por que maneira. Cuidava de crianças, corria com ellas, executava ordens do Mendes dando lições de coisas desconhecidas, seguia-o, acompanhava-o e quando elle interrompeu a descrição dos seus projectos, despertando pensou no que lhe ouvira ha

pouco: «Uma mulher pode gostar de um homem sem o saber».

E interrogou-se a si mesma . . .

«Sim, sim, clamou a voz intima. E elle? Em Lisboa, onde a idéa se gerára, alguem não aguardaria . . .»

Anuviou-se-lhe a alma. Prometera abrir os olhos a Finita para lhe ensinar que gostava do Cristovam. Porem esse esperava-a de coração aberto. E ella? Sem que ninguem a conduzisse fez a descoberta. Porém de que lhe servia? O desejo de chorar confessado na vespera por Finita compreendeu-o então mas ao contrario do que sucedera á outra, nenhum misterio o envolvia.

Reagiu. Para quê tal anciedade? Perguntaria a Cristovam se em Lisboa alguma ligação o prendia.

Que disparate! Nem uma palavra. Suspeitando da curiosidade advinharia o segredo, uma vergonha. Não, sofrer resignada em silencio, consistia nisso o dever, mandava-o a sua dignidade.

Começava a parecer-lhe o caminho longo. Anceava por fugir de perto d'elle, por estar só, no quarto, onde ninguem lhe perturbasse o exame de consciencia. Decerto varreria da cabeça a obsessão martirizante que afinal poderia não ser o tão falado amor.

Pensando bem tudo se resumia num certo prazer de o ouvir, falava bem, com acerto, ás vezes com graça, d'ahi aquela atracção. Mas o sentimento perturbador, a tal coisa atribuida á Finita não acreditava. Fôsse elle um velho de muita idade, ou uma criança de dezoito annos, apreciá-lo-ia

do mesmo modo, sem nada de permeio. Agarrou-se com firmeza a essa crença, segurando-a como um escudo contra a tentação. Mas de repente a imaginação representou-lho á sombra das carvalhas do mosteiro com outra mulher, hombro a hombro, as cabeças inclinadas tocando-se, mais unidos do que ali se encontravam os dois naquele momento, e o coração oprimiu-se-lhe. Torturava-a fixar-se na alucinada visão. Queria desviar o quadro e não conseguia, atraída, arrastada a espiá-los de longe, as bôcas proximas sorrindo, murmurando palavras que não distinguia. E num impulso, desvairada, a correr ia surpreendê-los, agarrando-a a ella nos seus braços fortes erguia-a ao ar e despenhava-a aos rebolões pela encosta abaixo. Horrorizada estremeceu diante de tal pensamento, procurando afastá-lo.

— Os ovos da chocadeira devem estar por pouco — disse o Mendes.

Acordou, segurando a conversa para fugir ao tumultuar confuso da angustiada labuta.

— Amanhã ou depois nascerão os pintos. Se fôr como dizem os livros, não ha nada mais facil nem de melhor rendimento.

— Precisamos entusiasmar o Cristovam. Fiar-se apenas em leituras acho pouco. E' indispensavel que estude a questão a sério e praticamente.

— Como?

—Na Dinamarca. Observando processos de criação, acondicionamento, maneira de negociar, funcionamento dos mercados se habilitará a concorrer.

Madalena receando precipitar-se de novo no

turbilhão que a envolvera, interessou-se, nervosamente espicaçando o dialogo a falar de galinhas, culturas, paizagem e incidentes que surgiam.

Só assim conseguiu abafar a imaginação até que proximo das nove e meia entraram nos Lagares, onde a tia Leonarda suspirava o seu desassocego, a esquadrinhar as informações de Cristovam, chegado momentos antes com Finita.

Madalena apeou-se subindo a escada amparada no hombro do irmão, seguida por todos, a lamentarem o sucedido. A tia Leonarda enchia de excomunhões o desconchavo das comedias, uma coisa sem graça nenhuma, obra de uns lorpas desengonçados que nem abrir a bôca sabiam.

O Mendes mandou preparar um banho quente para Madalena meter o pé, um trambolho de inchado, pulsando facadas, sem consentir o menor movimento.

Falava-se pouco. Ninguem tinha nada que dizer. O cansaço, ou a tristeza pesava no momento da chegada, nas cabeças pendidas, como se estivessem meditando numa desgraça, em contraste vivo com a farta alegria, a trasbordar no momento da partida pela madrugada a romper.

Depois do banho que produziu grande alivio, o Mendes aplicou uma ligadura e prometeu com a maçagem curá-la rapidamente. Recolheram-se a inventariar impressões do muito que em dois dias aprenderam.

E se a tia Leonarda fizesse o pedido do costume «ora contem para ahi o que viram e o que não viram» muito teriam todos que contar.

CAPITULO XVI

PERTO do tanque, sentados em cadeiras de verga, as senhoras costuravam, Cristovam lia um grosso livro sobre industria e comercio das aves e o Mendes combinava com o Rabiça a administração das obras do Mosteiro que ficaria a seu cargo desde o inicio.

A compra realizara-se, cinco contos de réis escrituras na mão, negocio efectuado alguns dias antes.

Os primeiros trabalhos começariam em breve pelo arranjo dos telhados, rebocar interiores, remendar tetos, arrancar todas as grades das janelas, abrir comunicações, construir para a banda do poente uma varanda á moda da Beira.

Tambem se procederia sem demora, antes das chuvas, á exploração das aguas, procurando as desaparecidas que noutros tempos correram no aqueduto e juntando-lhe novas nascentes.

— Ora isso é que se chama subir de posto, seu João Rabiça — brincava Cristovam. Fiscal de empreitadas, com mais de cincoenta homens a trabalhar por um lado e por outro! E depois é sr. fiscal para aqui, sr. fiscal para acolá! Toma que te quero vêr.

— Lá está o menino a caçoar comigo — respondeu elle mostrando as raleiras dos dentes, muito vaidoso da sua investidura.

— Depois acostumas-te e és capaz de te deixar ficar por lá — arreliava a tia Leonarda.

— Isso não. Eu nunca me posso esquecer dos meus amos. E' como o outro que diz, bom filho á casa torna.

— Mas se te agradares, o sr. doutor Mendes é tão teu amigo...

— Lá isso é. Nem eu o mereço.

— Mal tu avalias até onde chega essa amizade. Não é assim, Finita? — perguntou Cristovam.

Ella corando, a rir-se tapava a cara com as mãos.

A tia Leonarda, maliciosa, aventurava que o doutor, feiticeiro como era, o transformaria num fidalgo.

Madalena com um sorriso de favor pareceu distrair-se da conversa, correndo atrás de uma idéa intima.

O Rabiça longe do pensamento que ali esvoaçara, ia aceitando de cara alegre a trejeitear com a cabeça:

— Uma pessoa adrega ás vezes quando o protegem bons padrinhos...

O Manuel Caseiro apareceu com ares mis-

teriosos reclamando uma palavra em particular ao menino. Cristovam mandou-lhe que desembuchase. Não guardava segredo para os presentes.

O Manuel depois de hesitar um momento mastigou que lá em cima da banda do pinhal ouvira umas falas ao Inocencio e «sim, coitado do homem, por via d'elle não...»

— Que pretende de nós esse tratante?

— Agora torce a orelha arrependido, que foi uma tentação do dianho encontrar aquele odre Deus lhe perdoe...

— E depois?

— Pede para se aconselhar com o menino, como é doutor...

— Posso lá aturar esse patife.

— Mas elle paga o conselho. Lá isso prontificou-se...

— O diabo que o atenda.

A tia Leonarda acudiu:

— Cristovam, se o homem vem ás boas é preciso perdoar.

Madalena concordou tambem que devia recebê-lo, o Mendes aplaudiu, e o Rabiça menos dorido da velha magua condescendia:

— Deixe que já está bem castigado. Vão-se-lhe embora para cima de seiscentos mil réis.

E repetiu:

— Seicentos mil réis! Não é nenhuma talhada de melancia.

— Bom — decidiu Cristovam conformando-se. Cumpra-se. Leva-mo para o escritorio.

As senhoras afastavam-se e o Rabiça, «com suas

licenças, em vistas de não ser preciso mais nada» ia despejar um poço para regar os melões.

O Mendes perguntou a Madalena se julgava o momento azado para a maçagem.

O doutor ordenasse.

— Hoje recebe alta. Já não coxeia, desapareceram as nodoas negras e a inchação, a cura terminou.

Ella hesitante, escolhendo as palavras:

— Ainda me encomoda um pouco por momentos. A maçagem faz-me bem. Agora se o doutor entende que não é preciso mais . . .

— Isso não! Continuarei o serviço até ao fim, é a compensação de aturar um medico em casa.

Envolvendo-o num olhar maguado respondeu:

— Não diga aturar . . .

Entraram em casa.

Madalena recostou-se numa cadeira de verga de espaldar inclinado, fronteira a uma janela. A tia Leonarda e Finita embrenharam-se em trabalhos de custura. O Mendes sentado num môcho, colocando entre os joelhos um banco almofadado onde Madalena pousava o calcanhar, arregaçou as mangas para dar começo ao tratamento.

Ao nariz chegava-lhe um discreto perfume a rosas, misturado no de roupa lavada ha pouco vestida, um aroma fresco a jardim e a gaveta de lenços que se abre.

A mão esquerda segurando a perna em baixo pelo tornozelo com a direita palpou, «dóe aqui» «este movimento» «não sente nada».

Coisa insignificante, só com certo geito, uma leve picada.

Com a palma correu suavemente pelo dorso do pé vezes sucessivas.

Na pele não transparecia a menor mancha e as linhas do contorno haviam regressado ao natural. Os dedos enfileirados ao mesmo nivel, sem deformidade, recortados, longos e roliços, as unhas rosadas e lustrosas, o pé esguio, arqueado e flexivel, riscado por tenues linhas azuladas, apareceu naquele momento aos olhos do Mendes com uma fórma de beleza rara. Nos dias anteriores, ou porque a doença confundia o relevo, ou porque o dever profissional lhe velava parte dos sentidos, não deu pela escultura graciosa de tão delicada maravilha.

E só então palpando percebeu a finura assetinada da epiderme, côr de marfim, a exalar fragrancia de rosas discretamente.

O medico sumiu-se e o homem acordando descobriu rompendo no leve aroma de jardim florido, um outro mais vivo e penetrante, o perfume inegualavel da carne de mulher, moça e forte, bela e sadia.

Perdeu o tino dos movimentos. As mãos deslizando maquinalmente tremiam, impotentes para subjugarem o impulso dominador da sua natureza, despertada pelo contacto da carne divina da criatura linda, pura como a flôr a que cheirava. Ardia em ancias de pôr o joelho em terra clamando «bemdita sejas mulher, bemdito o poder da tua graça que só de a vêr me encho de alegria» e

dizer muito mais ainda, ou não dizer nada, curvando-se prosternado em adoração, diante daquela obra prima de Deus.

Tão lindo era o pé continuando em declive suave a perna adelgaçada no tornozelo, com os maléolos a salientarem-se em mamilos do tamanho de morangos, e por detrás, escondidos, dois ninhos aveludados que o tacto lhe marcava na direcção do calcanhar.

— Com tanta moedura acabas por ficar sem pele — chalaceou a tia Leonarda.

O Mendes suspenso no seu encanto levantou os olhos, encontrando os de Madalena, de palpebras levemente caídas numa expressão ingenua de doçura, mas luminosos, candentes, em fogo, perdendo-se na ilusão de que os seus entravam pelos d'ella. Egual impressão Madalena recebeu. Sem saberem como, sorriram, e tambem lhes pareceu que os labios se tocaram. Mas, rapidamente, ambos confusos fitaram o chão.

Tudo se passara alheio á vontade. As carnes vigorosas e sãs correspondendo-se em vibração simultanea haviam-se entendido.

Ao Mendes, impelia-o uma vigorosa atracção para aquela mulher que tanto reunia para satisfazer o anceio ardente da sua natureza bem equilibrada e mascula.

Nesse dia as manobras da maçagem não trilharam rumo certo, e Madalena que já as sabia de cór pela sua ordem não reparou na mudança.

Sem uma palavra proferida ouviu uma confissão que a estonteava. Encandecia no desejo de

saltar da cadeira e aos pulos como uma criança, gritar «quem vae para o mosteiro sou eu, a minha cabeça é que ha-de encostar-se á d'elle.»

O cheiro a rosas sumira-se e apenas a essencia da carne de mulher se evolava, penetrando-o até ao sangue, envolvendo-o, possuindo-o. A sessão prolongara-se alêm do habitual sem que o percebessem. Elle sentia-se enleado, impotente para se separar d'aquele pedacinho do corpo adorado.

A tia Leonarda poisava a agulha do croché, a observá-los, mas nem com um gesto perturbava a interminavel medicina. Cristovam que despachara o Inocencio veio libertá-lo d'essa prisão dos sentidos.

— Pobre pateta! — lamentou elle.

— Terminado por hoje, D. Madalena — disse o Mendes.

Levantou-se da cadeira como um sol a nascer, radiante de alegria, deparando nesse momento a resplandecer dentro de si a madrugada de uma vida nova pronta a começar.

— Afinal — continuou o Cristovam — o Rabiça não se enganou. O Bucha queimou-lhe seiscentos mil réis. O homem anda de cabeça perdida, causa dó.

— Ora uma d'essas? — estranhava a tia Leonarda. O espertalhão que elle se julga, admira.

— Um tolo, coitado. Andou com muita manha o outro. Enredou-o com promessas, soprou-lhe a vaidade. Imaginem, até lhe prometeu o logar de camarista. Este deixou-se seduzir e abriu a bolsa. Compraram o carro, montaram o negocio e o

velhaco assim que se apanhou socio da firma, não olhou mais a despesas, e quando ia á cidade regalava-se. Gastou emquanto a saude o permitiu. Os credores saltam em cima d'este que pretende agora descobrir uma artimanha para se desembaraçar.

Madalena soltou uma gargalhada.

A tia Leonarda repreendeu-a. Não era bonito rir assim das desgraças alheias.

Ella acordando respondeu que não pensava no Inocencio.

De facto procurava sómente explodir o seu contentamento. Bem lhe importavam naquele momento as infelicidades de um lôrpa.

A tia Leonarda não achava realmente justo que elle pagasse dividas que não contraíra.

— Deus lhe perdôe, mas foi bem falto de tino — concluiu.

— Pois ninguem o livra.

— Coitado! — lamentou a tia Leonarda.

— Afinal condoeu-me, porque no fundo não parece mau. Sendo vaidoso e por cima estupido deixou-se tosquiar como um cordeiro. As arrelias que nos causou organizava-as o socio. Confessou-mo e creio bem ser a verdade. Já com o negocio da horta, a sua idéa fôra ceder. Mas o Bucha arranjou artes de o seduzir e o resto já nós sabemos. Agora lamenta-se, pede perdão, chorou até, não sei se de arrependimento pelo mal que praticou se pelo que recebeu em troco.

— E então que conselho déste ao infeliz?— perguntou o Mendes.

— Que pagasse e depois se quizesse conselhos, mos pedisse antes de cometer as asneiras.

— Mas trataste-lo bem? — perguntou a tia Leonarda.

— Pois! Já lhe basta o castigo. Que te parece Finita?

— Não lhe tenho zanga nenhuma. Antes pelo contrario. Quem sabe, se não fosse elle...

Acharam-lhe graça. Madalena com ancia de mover-se, de expandir-se, aproximou-se d'ella, apertou-lhe a cara entre as mãos dando-lhe beijos, abraçando-a, mexendo-a e perguntou-lhe ao ouvido:

— Estás então muito alegre?

— Decerto.

— Tambem eu — segredou-lhe.

Finita de olhos a bailar maravilhados da revelação depois de a fitar, voltou-os para o Mendes disfarçadamente.

Madalena nunca lhe confessára o menor dos seus intimos pensamentos.

Cristovam relatou:

— Pois reconhecendo o involuntario serviço que nos prestou, fiz-lhe uma proposta que me pareceu agradar-lhe. O João segue para o mosteiro com o Mendes e naturalmente não volta. O Inocencio toma conta das terras nas mesmas condições em que andavam.

— E meu pae quer?

— Assim é preciso.

— Elle gosta tanto d'estes sitios...

— O Mendes não o dispensa...

Resignou-se. Madalena animava-a:

— O dr. Mendes arranja cada uma...

— Ha de ver que sou capaz de muito mais. Ainda não exgotei os meus recursos.

Olhares furtivos bailaram pelo ar.

O Mendes propoz ao Cristovam um pouco de ar fresco na quinta. Sairam.

Apenas se afastaram Madalena num contentamento invulgar, mexia-se, cantava, e Finita estranhando-a segreda-lhe:

— Elle disse-lhe alguma coisa?

— Quem?

— O dr. Mendes, pois quem havia de ser?

Madalena soltando uma gargalhada:

— Disparate! Que querias que me dissesse?

— Ora! o mesmo sermão encomendado para mim.

— Não sejas tola!

— Que estão vocês para ahi a engendrar? — maliciou curiosa a tia Leonarda.

— E' a Finita a meter-me na cabeça para ser freira.

— Bem sei — respondeu a tia — com os calções á cabeceira.

— Não é verdade que me aconselhas a entrar para um mosteiro?

— Ah! sim, suas finorias! Mas que mosteiro é esse?

O Mendes e Cristovam sentaram-se num banco de pedra á sombra das laranjeiras. Permaneciam calados, um abrasado pelo fogo que a pouco e pouco se ateara e agora flamejava em labaredas, lutando com o desejo de revelar o

seu estado d'alma, hesitando como uma criança culpada a adiar a confissão; o outro impressionado ainda pela angustia do pobre Inocencio gemendo a desastrada ruina. Cristovam instantes decorridos comentava a estupida situação do desgraçado, chorando a perda das migalhas reunidas em tantos annos de horrendo trabalho. O Mendes distraído não lhe secundava a magua. De pensamento ocupado nem uma palavra proferia. Cristovam sacudiu-o: aonde trazia pastando as idéas? Acordando afirmou-lhe pausadamente que presisava tratar de uma questão grave.

— Aposto que é a queda do governo. — chalaceou Cristovam.

— Não brinques; o caso não é para galhofas.

Cristovam atarantando-se exigiu que se explicasse depressa.

— Custa-me...

— Diabo! Não me pregues sustos.

O Mendes abriu a bôca e deteve-se, mudando de côr, tremulo, num estranho embaraço.

— Fala, ou prego-te um murro nas costas.

O Mendes sacudindo um gesto energico, em jacto atirou-lhe:

— Gosto da tua irmã.

— E o que diz ella a isso?

— Nada lhe revelei ainda.

Cristovam desatou a rir.

— Dou-te a minha palavra d'honra.

— E' boa! Fazes-me então a mim a declaração? E' original. Ah! espera. Exiges a indemnização

do serviço que me prestaste. Safa, que és apressado no pagamento das dividas.

— Arrecada a chalaça. Pretendias talvez que, hospede em tua casa, me aproveitasse da confiança para encapotar um namoro, á maneira de um rapazelho de vinte annos?

— Muito obrigado pela cortezia. Espera-me aqui um momento.

— Aonde vaes?

Cristovam partiu sem lhe responder e o Mendes perturbado, seco de palavras, chumbado no banco de pedra não se moveu. Na sala de jantar as tres riam numa grazinada louca.

— Alto lá! — bradou Cristovam entrando a porta. Cesse a festa. Madalena vem comigo. Trata-se de um caso muito sério.

Sobresaltada acompanhou-o a pedir explicações.

Elle misterioso, mudo, segurando-lhe a mão, conduziu-a junto do Mendes, e afectando uma atitude grave começou:

— Madalena, este senhor acaba de me declarar que gosta de ti. Ora estando eu farto de perceber que o detestas, em constante desacordo com elle, achando ruim tudo o que lhe ouves, sempre aborrecida quando o adivinhas proximo...

— Oh! Cristovam...

— Compreendi que pretendia meter-me por empenho. Enganou-se no caminho. Castiga-o com a resposta que o atrevido merece que eu não tardarei para saber a decisão tomada.

Deixou-os e foi dentro prevenir a tia Leonarda

e a Finita, voltando depois os tres pé ante-pé surpreendê-los em animada conversa, o Mendes apertando-lhe a mão entre as suas, os olhos de um afogados nos do outro e tão entretidos que nem os sentiram aproximar-se. Cristovam segurando entre os dedos uma laranja apanhada do chão, bradou:

— Aqui teem a scena do paraizo: Adão e Eva debaixo da laranjeira e a serpente mostrando o fruto tentador.

Finita batia as palmas e a tia Leonarda, o labio a tremer de enternecida, trejeiteava um gesto gaiato para o Mendes e Madalena, embaraçados como duas crianças apanhadas numa diabrura.

— Então o sr. doutor vem para aqui desinquietar-me a sobrinha?

Madalena abraçou-a e o Mendes beijou-lhe a mão. Ella juntando-os entre os seus braços, a sorrir maliciosamente:

— Ora Deus vos abençôe a todos e vos acrescente, que já não é sem tempo.

Olhando-se furtivamente, uns e outros começaram em risos, terminando em discretas lagrimas que desciam a refrescar as almas.

— Hein? Em pouco mais dum mez a revolução que fizeste nos Lagares, terrivel Maneca! — barulhou Cristovam para resistir aos apuros da emotividade.

— Desempenhei o papel de homem d'acção. Descobri tesouros abandonados, valorizei-os, tornando-os produtivos.

— Grande Maneca!

— Querido Meloca!

Estreitaram-se num abraço, o mais carinhoso de toda a sua vida.

— Amigos como dois irmãos já nós eramos. Que mais havemos de ser? — perguntou o Cristovam.

— Dois irmãos muito amigos — respondeu o Mendes.

A seguir esboçaram projectos.

Cristovam propunha que se andasse ligeiro. Se os paes consentiam, os noivos despachassem-se depressa.

— Tanto a correr? — censurava a tia. Lembrem-se da pobre velha abandonada.

Quem falava em abandonos? O Cristovam não arredaria dos Lagares. Madalena por entrar no mosteiro não professava. Comprometia-se a visitá-la e a tia Leonarda passaria tambem por lá as suas temporadas.

Assentaram em que os dois casamentos se realizasem juntos, uma grande festa, que ficasse de memoria na freguesia.

— Maneca, nesse dia arruma a higiene alimentar porque se cozinhará uma boda classica com o cerimonial completo.

— Seja — concordou o Mendes. Casarei como um beirão que resolvo ser.

— Falta só marcar a data — adiantou Cristovam.

— Mais devagar — ponderou o Mendes. As coisas não podem seguir com tanta velocidade. Ainda não começaram as reparações no Penedo

e por muito que se faça, teremos para alguns mezes.

— Ora, ora. Parece-te que não cabemos todos nos Lagares?

— Preciso voltar a Lisboa dispôr a minha vida, alinhavar a propaganda, apresentar a idéa, explicá-la! E' um trabalho sério, de responsabilidade que nem calculas. Recebem-me com palmas, chamam-me redentor, uma obra linda e necessaria de que muitos se haverão lembrado, e no primeiro conciliabulo a uma esquina tratam-me de louco, ou de pateta. Se elles que valem o que ninguem ignora não se atreveram... Imediatamente asseguram o fracasso e prometem que pessoa guiada por elles não me confiará uma criança. Na confraria de João Crisostomo a nova será recebida como um folião de entrudo, tratando-se o Mosteiro de «casa de hospedes» «estalagem médica» «instituto da borôa» e o pontifice perdoando a inocente garrulice, do alto do seu trono lamentará que o facies do projecto seja de aparencia menos higida, pois em tese a inoculação da aerofilia na vida custumeira, alvejando a empulmonização da raça por escopo, merecia que embrechasse nas atenções dos homens de sciencia. Não tem duvida, enfrentando os modernos trabalhos postos em curso, em se prosternar como crente da miolatria.

— Que animal é esse que o homem declara ser? — perguntou Cristovam.

— Miolatria significa a adoração do musculo. Se mediste bem o toiro que preciso de pegar

calculas a manha necessaria para o impedir de me entrar no Penedo a partir os moveis.

— Mas isso leva sèculos, não te parece Madalena?

Resignadamente encolhia os hombros «sendo forçoso, quem esperou até agora ignorando o caminho a trilhar, sempre lucra esperando a olhar para um destino certo».

— Receba esta lição, sua criança estouvada — disse o Mendes—aprenda a cultivar o espirito de sacrificio, que é uma força e uma riqueza.

— Magnifica moral, engulo-a até ás espinhas, eu o juro — garantiq Cristovam de mão estendida. Porém... Quando calculas então que poderemos realizar a boda?

Devagar. Antes de mais nada cuidassem da execução dos primeiros planos de vida. O Cristovam não se quedaria por ali ocioso. Necessitava trabalhar e muito, para melhor apreciar os encantos de Finita. O amor comparava-se ao doce, enfastiando usado constantemente, e carecendo por isso de contrastes. O trabalho oferecia-os. A luta, o esforço doloroso, é que melhor preparavam a bôca para receber um beijo da mulher amada.

— Gosto da poesia.

— Não. Ensino-te higiene. Mergulharás a sério no teu negocio. Exijo-o. Emquanto se procede á adaptação do mosteiro salto a Lisboa, e tu segues para a Dinamarca a estudar sem livros criação de galinhas, produção de ovos, e instalações, acondicionamentos para transportes, em resumo,

a maneira de produzir. E de lá voltas por Inglaterra, a observar onde tudo isso se consome. No regresso metes mãos á obra com decisão e energia antecipadamente convencido do triumfo e assim ella marchará em começo de laboração, quando se efectuarem as bodas.

A tia Leonarda não gostou do projecto. Calcurriar os confins do mundo para aprender a criar galinhas e vender ovos afigurava-se-lhe exagero. E, depois, sózinho lá por fóra, se adoecesse, longe de todos...

Madalena tratou de a socegar. O dr. Mendes tambem viajára e ali estava sem osso quebrado. Nessas terras não faltava nada.

Finita dependurou os olhos, entristecida com o plano e o Mendes apertando-lhe a ponta do queixo confortou-a:

—Fica este passarinho sem vêr o sol. Lembre-se que os rouxinoes tambem não cantam de inverno.

Encolheu os hombros resignada, e elle insistiu:

— Quero dar-lhe um marido que a faça toda a vida feliz. Deixe-me prepará-lo. Não se intrometa no meu serviço...

Caminharam até ao largo fronteiro á casa, onde a tia Leonarda se sentou num banco de pedra.

O Manuel Caseiro passava com dois melões num braçado. Ofereceu-os a cheirar:

—Prometem, ou não? Parece que teem agua de cheiro — dizia satisfeito supondo-os obra sua.

Os noivos aos pares desandaram a passos lentos, sumindo-se nas ruas da quinta.

O Manuel mirando-os a distancia comentou a bambolear pausadamente a cabeça:

— Se Deus olha pelas coisas do mundo, como a nossa fé ensina, devia dar a este sr. doutor uma inclinação pela menina. Que bonito par! E' mesmo um regalo.

A tia Leonarda fitou-o por maneira que o Manuel com ar brejeiro, hesitante, começou:

— Pois então!... Ora está visto. Chegava a quizilar que um senhor tão apurado não se agradasse d'uma menina que é tal e qual uma imagem...

— Mas que estás tu para ahi a arquitectar? — desviava a tia Leonarda com o seu risinho agudo, fingindo dissuadi-lo. Quem te meteu na cabeça semelhante coisa?

— Pois eu não percebo que me quer encobrir? A mim não me enganam elles. A menina desde que cá apareceu o sr. doutor, bem se lhe adivinhava coisa lá por dentro. «O sr. doutor entrou», «o sr. doutor saiu» e bastava palpitá-lo perto logo parecia uma lua cheia.

— Cala-te ahi, meu campainha das almas, quem te ouvisse a badalar assim...

— Hum! Se eu tivesse tão certa a salvação nunca me havia de perder.

— Grande alcoviteiro, como descobriste isso?

— Ah! então sempre é verdade? — triunfou elle com a sua melhor cara de pascoas.

A tia Leonarda respondeu-lhe com uma risadinha.

— Agora sim! Não podia deixar de ser. Isto é que se chama uma coisa bem feita.

— Ainda tu não sabes o melhor...

O Manuel esbugalhou os olhos.

— E's capaz de bater com a lingua nos dentes — hesitava a tia Leonarda.

— Nemja eu! Isto aqui é poço sem fundo. E' como se o dissesse ao confessor — implorava o Manuel, sufocado de curiosidade.

— Duvido...

— Oxalá que aquella rosa que nos alumia se apague para mim...

— Não gosto de juras.

— A minha ama pode confiar...

— Pois o menino tambem casa...

— Nem me diga outra...

— Com a Finita.

O Manuel deixou cair os melões no chão.

— Louvado seja Deus!

— Mas isto por emquanto... E apertou os labios entre os dedos. O Manuel imitou o mesmo gesto e em seguida cruzando as mãos:

— Ora quando Deus quer sempre arranja coisas muito bonitas.

— Que te parece?

— Mal comparado é como quem arranca uma aleluia.

— Considera que o proprio Rabiça nem ainda o sonha.

— E decerto. Não é coisa para se apresentar de repente. Muito bem arranjada! Lá por ser filha de um pobre, não osta.

— Se fosse minha sobrinha não a estimaria mais. Criei a Madalena, criei-a a ella, é egual. O Cristovam não precisava de mulher rica...

— E se adregasse uma enjoada cheia de niquices. Ao menos esta, já conhece a sistema do menino e ha de sempre humildar-se...

— Deus os abençoe.

— E' de um homem se pôr a resar, a levantar graças...

— Mas agora tu mostra-te de novas.

—Ninguem me contou nada.

Os dois pares regressam, juntando-se todos em volta da tia Leonarda. Cristovam reparou:

— O' Manuel, deixaste cair os melões! Onde estavas com a cabeça? Ambos partidos e sujos de areia...

— E' verdade! Mas como me sucedeu esta? Sempre o dianho ás vezes...

A tia Leonarda, não podendo conter-se, estalou num ataque de riso.

O Manuel encavacado a apanhá-los desculpava-se.

— A minha ama é que estraga tudo. Eu cá por mim não descobria nada.

— Cala-te ahi barsabum.

A gargalhada generalizou-se.

— O Manuel tambem é da familia—compunha o Mendes abraçando-o.

— Deus o faça tão feliz, meu senhor, que até os anjos lhe tenham inveja.

CAPITULO XVII

O antigo roseiral dos Lagares fôra chamado á vida, com um esplendor nunca visto.

O Mendes adorava as flores e entre todas preferia as rosas. Por isso naquele inverno se limparam os antigos exemplares, e variedades novas, expedidas de Lisboa, invadiram o campo das couves dominando em soberanas senhoras um grande espaço. Emparelhavam algumas com as videiras, para juntas irem trepando, a engrinaldar as arvores.

De agradecidas pela homenagem da boa recepção, ao assentar-lhes a primavera, ahi pelos fins de maio, saturaram a quinta de perfumes e o jardim pareceu entender associar-se aos preparativos para a grande solenidade. As rosas eram tantas como as abelhas, que, a zumbirem á roda d'ellas, lembravam o rolar de uma levada, cachoando muito ao longe.

E assim mesmo, ainda não bastavam para os festões e arcos, tapetes e doceis previstos no plano de decoração.

Marcara-se para as bodas um dia de quinta-feira, justamente quando completava um anno que o Mendes escrevera uma carta, garantindo por certa nesse verão a sua visita aos Lagares. Desde o principio da semana a festa rumorejava com força pelos Caniços e arredores.

Sem falar no continuo vae-vem de carros de bois entre os Lagares e a estação das Barroqueiras, transportando malas, fardos, caixotes, ripados com mobilias, uns para ficarem, outros com destino ao Penedo, fervia uma exaltada animação em toda a gente, a comentar o esplendor que revestiriam as bodas.

— Os sapatos das noivas são de setim...

— Veio uma caixa de musica para a egreja que toca como os orgãos da Sé.

— Um amigo do doutor de Lisboa, mandou-lhe uma bacia maior que um alguidar, inteirinha de prata. O Manuel Caseiro afiançou que um homem verga para lhe pegar. Cheia de feitios, com anjos e pombas, pelos modos é obra para levar annos a fazer.

— Ora vejam!

— Parece que é pôdre de rico o tal doutor. Chegou ali ao mosteiro e mal passeou aquilo, pronto, como quem diz, «bota p'ra ahi meia canada» : Contos e contos de réis.

— E então para curas...

— Isso só visto. Basta o que elle fez quando

a menina esmigalhou o artelho na romagem da Senhora de Agosto. Entrou para casa em braços, com o pé negro como um tição e um inchaço que nem a roda d'um carro. Pois senhores, pega-me nelle, dá-lhe um geito e em menos duma semana já andava a passear na quinta.

— E a Delfina do Rabiça, aquilo é que sobe ás alturas!

— Agora já tem Dom.

— Fica a fidalga da casa.

Pela estrada dos Caniços e de todos os caminhos desenbocando nos Lagares, quarta-feira desde manhã cedo, principiaram a afluir homens e mulheres carregando cestos e canastras a abarrotar, cobertas por toalhas brancas engomadas com presentes dos convidados.

A tia Leonarda, Madalena, Finita, a mãe Rabiça, a Eufemia, não socegavam um momento, a dirigirem o movimento continuo dos moços entregando galinhas, perús, leitões, dôces de encomenda, as especialidades de todo o conselho e dos vezinhos, uma cheia que subia, engrossava, em risco de inundação.

As portadoras, com o seu recadinho estudado na ponta da lingua, ensinado pela senhora entregavam a oferta:

— A sr.ª D. Anna dos Pisões manda muitas visitas e estas galinhas para a ajuda da cabidela. Que fizesse o favor de desculpar.

E descobria uma canastrada para fartar um regimento.

— Ora a sr.ª D. Anna a incomodar-se... Que

agradecemos a lembrança e cá a esperamos para ajudar a um leitão.

— Ha de estimar muito.

Depois entrava um latagão, com os olhos a estoirar debaixo d'um barril que apresentava, «do mando do sr. Joãozinho do Caneiro, um pipinho de vinho fino para uma saude aos noivos. E que fizesse o favor de desculpar.»

— Ora o sr. Joãozinho com estas coisas...

E de momento a momento as ofertas convergiam da parte de mais de tresentos convidados, todos os parentes e conhecidos do conselho e de fóra, sem contar os de mais longe, de outros distritos.

A grande mesa, para gente mais escolhida, com centenas de logares, armou-se no celeiro, das proporções de um armazem de alfandega, e por ser uma casa de telha vã, sem cal nas paredes, resolveram decorá-la, incumbindo-se o arquiteto, amigo do Mendes, autor dos planos do Mosteiro, que assistia á festa, de o transformar.

Ha mais de uma semana se trabalhava pregando ripados, e grossos barrotes que formariam o suporte do revestimento. As paredes forrar-se-iam de musgo, onde se destacassem flôres do campo, em saliencias e quebradas, simulando rochas, o tecto ondularia num macisso de folhagem convergindo a troncos, a ladearem as janelas.

Desde manhã cedo uma fiada de carros de bois andava na serra á colheita de ramos, e antes das

nove percebeu-se ao longe a chiadeira que se veio aproximando, até que irromperam nos Lagares em procissão, com tamanho alarido que as vozes falando não se entendiam na tempestade de sons atroando os ares e enfurecendo os cães a ladrarem desesperados pela monumental inferneira.

A faina desenvolveu-se, uns transportando musgos, outros colocando-os, Cristovam e o Mendes secudando as ordens do arquiteto a dirigir. Os carreiros barulhando com animação, praguejavam e riam á mistura. O Manuel Caseiro ralhava que este dormia e aquelle era falto de geito. «Com essas mãos devias aprender para relojoeiro». «Como elle atira com as rosas! Parece que está a empurrar o diabo pela porta fóra».

O Rabiça afadigava-se na instalação doutras mesas, debaixo do enorme telheiro, nada menos de quatro, enfileiradas a todo o comprimento. E por cautela, á sombra dos carvalhos, ainda mais se montariam, porque a gente do povo acudiria sem conta para comer e beber á farta num regalorio. Cristovam mandára anunciar que a freguezia se désse por convidada nesse dia. Pelos mais pobres distribuira cincoenta pares de sapatos de modo que ninguem recusasse por vergonha de se apresentar descalço.

Pela quinta e dentro de casa rumorejava com força o movimento dos passos e o falatorio, zabumbando os martelos, chiando as serras, a pregar, a ajustar, no meio da grazinada dos animais, a estridula grunhideira dos leitões, a bulha das galinhas, num alarido de feira que se enche.

Quatro vitelas e duas vacas abatidas se esquartejavam.

No pateo enorme quadrangular em filas cerradas, postas em cima de bancos, as grandes padelas recebiam o lastro dos temperos que perfumariam as carnes.

Das especialistas da freguesia e arredores nenhuma falhava; a sr.ª Mariana dos Balcões para a sopa seca, a Eufrasinha para as almondegas, a D. Rita de Casal Novo para os empadões, sem contar a mãe Rabiça para a vitela de padela, a Custodia para o arroz, e para os leitões o Manuel Caseiro, discipulo do Zé Claro, o saudoso mestre sempre lembrado.

Cada uma no seu posto, fundiriam lacre na bochecha, atentas ao serviço, de lenços brancos atados na testa e braços á vela.

Moviam-se sacas de arroz e de assucar, gigas de ovos, bilhas d'azeite e panelões de banha. Um circulo de mulheres descascava batatas, outro cortava pão em buchas para dentro das padelas. E ninguem se descuidasse que as horas voavam e de madrugada os fornos dos Lagares e quantos existiam nos Caniços, acesos ainda de noite abririam a guela abrasada para engulir as caçoilas atafulhadas.

A tia Leonarda acreditada mestra em bodas, previra os minimos detalhes esforçando-se para que nada faltasse na maior da sua vida.

O casamento do pae de Cristovam causára assombro, mas este que era a dobrar, exigia que ficasse de memoria para todo o sempre.

A meio do pateo flamejava uma fogueira de incendio cercada de panelões de ferro onde a agua cachoava o escaldão dos leitões e galinhas. Depois do meio dia começou a mortandade, a que presidiu a Custodia de faca em punho, as mangas arregaçadas e um grande avental de estopa atado á cinta.

Ninguem jantou a sério, sumindo-se o apetite no estendal de goluseimas e no borborinho da acelerada faina.

As dadivas em caudal incessante assolavam a casa. Doçarias encasteladas, aos montes pejavam a sala de jantar, o escriptorio, a sala de visitas e os quartos. Finita e Magdalena ocupadas na tarefa da armazenagem terminaram, na falta de poiso mais condigno, por desterrar na adega açafates com bolos d'ovos.

A tia Leonarda censurava-lhes a organização do serviço, uma vergonha quando os hospedes que não tardavam, entrassem pela porta dentro.

Discutiram soluções comparecendo Mendes e Cristovam, em reunião de grande conselho para resolver o grave problema, que permanecia indecifravel.

A Eufemia genialmente livrou de embaraços aquelas cabeças perdidas.

Fizessem deposito na sala de jantar. Bem arrumado, cabia tudo e muito mais. Ceava-se na varanda, ou na sala de visitas.

Aplaudiram a Eufemia, o governo salvador de tanta gente tresloucada, incluindo dois doutores. Concordaram que seria bem aproveitada em mi-

nistro, para acudir á secura de engenho de que no Terreiro do Paço se padecia. Animados procederam á armazenagem. Cristovam passando junto de Finita que transportava um taboleiro de fatias de pão de ló acariciava-lhe o focinhito rosado e ella a agitar o pescoço, distraindo-se emborcou-as no soalho.

A tia Leonarda ralhando se não podiam escolher outra ocasião para os arrulhos, lamentava:

— Pão pôdre da Ignacia, perdido d'esta maneira!

Manuel Caseiro anunciando que o enfeite do celeiro terminara, reclamava uma visita.

Um coro de exclamações celebrou a obra do artista. «Parecia uma gruta», «um ninho de carriça.» A Eufemia comparou-o a um soito; só lhe faltava passarinhos a voar.

O Manuel Caseiro lembrou-se de uma egreja em domingo de Ramos. Quem lhe diria que de umas ripas ao viez, pregadas de esguelha se engendrava uma coisa tão bonita. Em todo o caso, lá na sua, aquilo pedia umas letrinhas.

— Quaes? — perguntou o arquiteto sorrindo,

— Ora uma coisa assim como «viv'ós noivos» ou então «vivam os senhores convidados» é da sistema nestes preparos...

Tanto foi o alarido que o Manuel encavacou. Totalmente corrido, justificava:

— Isto é o que pedia cá a minha aquella. Agora os senhores é que são doutores não sou eu.

O Mendes ainda meio sufocado respondia-lhe com uma palmada amiga:

— Letras aqui só se berrassem «Viva o Manuel Caseiro».

E elle, para se livrar de apuros:

— Pois então vivam todos os que estão e mais os que hão de vir, que não hão de ser poucos, e acabou-se.

As duas noivas, rubras como papoilas, escondiam-se e o Manuel regalado com o sucesso obtido pela resposta mostrava as gengivas nuas da sua bôca de criança.

Não se perdesse tempo. Que as toalhas cobrissem as mesas para adiantar serviço.

Madalena e Finita comandaram a manobra e um batalhão de raparigas com força de guindastes, trouxeram canastradas de loiças, guardanapos, talheres, emquanto outras estendiam, dispunham, distribuiam, calculando espaços, rigorosamente, evitando larguezas.

As roupas de linho fino com a marca dos Lagares, unica vaidade da tia Leonarda, saíram das arcas e armarios, sem esgotarem a reserva, mas os pratos e talheres, em série interminavel de formatos e de côres, brigavam num extravagante *bric-á-brac*, reunido por emprestimos de todas as boas casas dos arredores, do visconde das Sebes, da morgada de Parovins, da Ritinha de Casaes de Baixo, de muitos outros, de todos, conforme o uso.

Cristovam propoz uma revista ás acomodações para hospedes, partindo com o Mendes, o arquiteto e o Manuel, direitos ao sotão, armado em camarata, dividida por toldos, destinada ás senho-

ras, e a casa dos moços, lavada, remendada, passada a cal, cheia de camas por toda a parte, para dormitorio dos homens.

Esperavam-se os Telles, uma grande familia do Douro, das bandas da Regua, ainda aparentada com os Lagares; os Castros, de Lameiras, vindos dos confins do distrito; os Viegas de Melo, parentes mais proximos, das imediações da Guarda; o Chico Pedreira, um antigo condiscipulo de Coimbra que á ultima hora anunciára a vinda, e quantos mais.

Ainda se metia palha em enxergões que se arrumavam em pilha, de prevenção para qualquer falta.

Em parte nenhuma esmorecia a azafama; os braços mexiam-se com vigor, as caras abrasadas do esforço impavam de satisfação, mostrando as dentuças brancas, polidas da borôa, num sorriso de cumprimento diante dos senhores; e o trabalho ruidoso, seguia vivaz com a energia calma dos musculos possantes.

No pateo remoinhava uma barafunda de fabrica com o estridulo vozear das mulheres, trastejando, cirandando, sob a direcção da Custodia e da mãe Rabiça, sem cessarem um momento a fiscalisação: «essas galinhas bem chamuscadas», «estendam bem as pernas dos leitões, e as barrigas bem cosidas», «olha que esse perú ainda não está bem bebedo, emborca-lhe mais vinho branco pelas guelas».

Os braços encarniçados não repousavam, e bem aprumados debaixo das enormes padelas á

cabeça moviam-se os torsos largos coleando segundo o ritmo pausado dos quadris, a balouçarem num movimento de pendulo as saias arregaçadas.

A comprida fiada de leitões, aparelhados e prontos para o fogo, de pele branca e as patas estendidas como se fossem a correr, enfiados em paus, em ala cerrada, encostavam á parede. Sobre uma mesa erguia-se um oiteiro de galinhas depenadas, que a todo o momento crescia.

A Maria Rabiça reparando no Manuel Caseiro interpelou-o ácerca dos fornos, se estariam bem guarnecidos de lenha, e por onde andava o bôca aberta do seu João, se teria destinado com geito o arranjo das mesas. E consolada, numa expressão de enternecido agradecimento, beijou com os olhos o Cristovam, o seu senhor e tambem o homem de sua filha, louvado seja Deus.

Cristovam amimou-a:

— O' Maria, todo o dia nessa labuta, vê lá se te faz mal...

— Isso sim, menino, mesmo que eu morresse, ainda levantaria graças a Deus. Sabe lá a consolação...

E não poude mais. O beiço tremeu-lhe e as lagrimas rolaram-lhe pelas faces ficando a trejeitear sorrisos.

Por uns momentos as mãos das mais proximas penderam quietas, as vozes calaram-se num silencio amigo, a comoção pegou-se e outros olhos se marejaram.

As mulheres, a meia voz, repetiram:

— Ella sobra-lhe razão para chorar de alegria.

Cristovam silencioso e assim o Mendes, mais o arquiteto afastaram-se, com o Manuel Caseiro atrás, pouco firme do seu queixo, tocado tambem pela emoção.

Por volta das quatro horas chegaram os Castros das Lameiras, ella grazinando que nem uma laranjeira coberta de pardaes, em risadinhas agudas, sem poupar as exclamações laudatorias ao primo Cristovam, uma figura de rapazinho, á prima Fininha um botão de rosa, e á prima Madalena «mesmo um sol fóra, uma perfeição.» E ao ex.^{mo} primo doutor, designação do Mendes, umas longas mesuras e infinitos parabens por ter desencatado aquella princeza. O marido repetia metade das palavras da sua Therezinha, o espirito da familia que dispunha da literatura e da eloquencia, falando pelos dois, porque elle não conseguia mais do que achar-lhe graça e entendimento. Trazia pela mão a unica filha de dez annos, de cara envergonhada por baixo do chapeu de palha amarela com flores encarnadas, o elastico seguro no pescoço, a sáia entafulada por tres andares de folhos de côr garrida e as botas amarelas estreadas naquelle dia.

— E a prima D. Leonardinha? — perguntou com a sua voz de guincho a Therezinha.

— Está lá dentro ocupada com os doces, não tarda ahi — respondeu Madalena.

Therezinha com pressa de a cumprimentar corria a encontrá-la.

O Domingos ficou-se com os homens, dis-

posto a conversar, repetindo, á espera de melhor:

— Pois é verdade sr. D. Cristovam!

— Lá vamos tomar o sacramento, primo Domingos — disse o Cristovam.

— E olhe que não é mau — comentou escancarando a bôca satisfeitissimo com a sua chalaça.

E como a seguir o silencio apertasse enveredou por outro caminho.

— Estão uma riqueza este anno os linhos.

— Demos graças a Deus — confirmou Cristovam — porque precisamos de fazer lençoes.

— Sim senhor, muitos lençoes — repetiu o Domingos abrejeirando o dito.

Pelo portão do fundo entraram os Telles num carro de mulas, brancos de poeira e estafados da viagem começada ás quatro da manhã.

Elle enorme, de cara apresuntada, regularmente obeso com uma voz de trovão, ella barriguda, projectanto um vistoso buço, de falas mansas, medrosamente regradas, sempre d'olho no senhor, por causa do genio exquisito, cumprimentaram, desejando muitas felicidades, acrescentando elle «e poucos meninos, sobretudo rapazes», a fulminar um mocetão de vinte annos, o seu Alfredo, estudante no Porto, de aplicação bastante irregular.

As duas filhas altas e morenas, o peito em fundo de escudela, educadas num convento, empregaram nas saudações atitude de estilo e palavras de circumstancia.

Cristovam acompanhou-os a casa para se lim-

parem da poeira, e descançando tomariam uma refeição.

O primo apresentou a sua dadiva, pedindo ao Cristovam para arrecadar. Não eram muitas, apenas vinte, mas do tempo dos francezes. Se não as bebessem até d'ahi a um anno mudasse as rolhas.

Apearam-se os Viegas de Mello e o Chico Pedreira com a mulher, do carro dos Lagares, que os transportara da estação das Barroqueiras. Pedro Viegas correcto, aprumadinho, com mil atenções na pobre da Aninhas, fragil, constantemente achacada e em mãos de medicos, custasse o que custasse não deixaria por coisa nenhuma de assistir á festa rara dificil de ver repetida.

O Chico Pedreira, estoira vergas em Coimbra, claramente mudara de feitio, tristonho, suportando mal a estopante vida de magistrado, a solenidade do cargo, e sobretudo o fardo do genio da consorte, uma linda vibora, criada em Lisboa, e que na Figueira, numa epoca de banhos se lhe enroscara aos pulsos e ao pescoço, não lhe permitindo mais que desperdiçasse com estranhos, em gestos ou palavras fosse o que fosse, porque exigia tudo para ella, e mais não era muito.

A afluencia proseguiu até ao pôr do sol e a essa hora os Lagares com a familia, os hospedes, os moços de fóra, a gente do serviço, as cavalgaduras e o gado de puxar que presos a arvores esperavam ser acomodados, tomavam aspecto de arraial.

Cirandavam grupos através da quinta, admiran-

do as lavouras, visitando as capoeiras, comentando o empreendimento de Cristovam e maravilhados com a maquina de chocar ovos, embora desconfiando se as galinhas assim criadas não seriam uma especie de vinho feito a martelo.

O Teles, sempre com o filho debaixo d'olho, perdera-o de vista. Cristovam não tardou a encontrá-lo por detrás do pateo, em derretida palestra com uma mocetona que lhe mostrava na cara abolachada, a branca fiada de dentes bem unidos, encavacando ambos ao serem surpreendidos.

Mais adiante topou com a filha da Terezinha, a chorar como uma melancia rachada, por ter sujado no sangue das galinhas as suas botas novas amarelas.

Serviram a ceia na varanda, ao escurecer, numa mesa a todo o comprimento, que se encheu de ponta a ponta. Apenas a Aninhas, temendo colher um resfriamento, ceou na sala de jantar com a tia Leonarda uma gema d'ovo batida com assucar, golinhos de chá, e fatias de pão de ló.

*

Antes de luzir o buraco, pela manhã, os Rabiças e o Manuel Caseiro despertavam o pessoal escolhido para tratar dos fornos, que depois de coserem pão á farta para quinhentas ou mais bôcas, aguardariam o comboio interminavel de caçoilas, com a sopa seca, o arroz, a vitela de padela, as galinhas, os perús e toda a infinita serie.

Ao sol fóra meio mundo passinhava na rua pelos Caniços, em quietação de trabalho n'esse dia,

e o mesmo nas vesinhas povoações que badalavam ha mais de um mez os pormenores da grande festa.

Cruzavam-se vultos correndo, garrulava-se de janela para janela, os homens de cara lusidia da escanhoadela, as mulheres ripando os cabelos humidos com os pentes de bucho. Um, ou outro já se pavoneava com rendas e engomados, de sapatos nos pés, os fatos riscados de vincos pelo socego na arca, e as raparigas de cara lavada e meias calçadas como nos dias solenes.

A pequenada radiante pulava, ou reunia conciliabulos gozando o anuncio de uma grande distribuição de doces.

O sino grande da egreja tocou a dobrar por volta das sete; o casamento marcado para as dez, ninguem contava com elle antes das onze, porém mal batidas as oito os mais previdentes abalavam a escolher o bom logar.

As moças de vinte annos ferviam em sonhos pensando na Delfina Rabiça, que nascera como ellas e naquelle dia trepava ás nuvens, uma princeza, com sapatos d'oiro, camisas de seda e um manto mais rico que o da Senhora do Altar-mór.

Pela estrada dos Caniços afluiam convidados, paramentados com a roupa dos dias maximos, por fóra o guarda-pó e atada num lenço a caixa do chapeu alto, que se punha na cabeça á entrada do portão.

De todas as direções elles convergiam á quinta por caminhos e atalhos. Antes das nove, hora marcada para o saimento dos noivos, em frente

da escada dos Lagares, o ajuntamento lembrava um adro no fim da missa.

De momento a momento surgiam cavaleiros, *char-a-bancs*, e carruagens de todas as fórmas empilhadas de cabeças.

As madamas espaventavam chapeus farfalhudos de laçarotes, ou modestas mantilhas seguras pelo broche de ouro no peito.

Manuel Caseiro com o fato novo de casimira preta, a camisa bordada e de gravata ao pescoço, apareceu á frente do carro de bois destinado ás noivas, uma surpreza guardada para aquele momento.

Não se pouparam exclamações de assombro, quando o poderam admirar todo florido, de uma forma estranha, nunca vista. Figurava uma gondola, voltada para a frente com a prôa, d'onde se erguia uma pala, a abrir em leque, servindo de guarda-sol. Cobriam-na malmequeres e rosas, assim como ao rodado. Os bois seguravam nos chifres, corôas de rosas, com ramos de laranjeira verdes em flor pendentes do arco; da cabeça á cauda, passava-lhes uma corda revestida de açucenas, da qual partiam até ao chão franjas de goivos.

Forravam o interior colchas de damasco, guarnecendo-o tres bancos de almofadas de seda branca, dois para Madalena e Finita e um para a tia Leonarda.

— Nem rainhas! — exclamavam maravilhados.

Manuel Caseiro perfilado, empunhando a aguilhada em espiraes de fitas de vivas côres e um ramo

de cravos amarelos na ponta, esperava na atitude grave de quem desempenha uma grande missão.

O Visconde das Sebes que de proposito viera de Biarritz para assistir á festa atravessou o portão no seu *coupé* verde azeitona, com estofo de seda carmezim, puxadores de prata, a corôa na portinhola e o V. S. nos metais dos arreios faiscantes. Abriram-se alas em silencio respeitoso. Elle apeou-se senhorialmente correcto, em traje de apurado corte e mais a viscondessa, mudada de corpo, menos obesa, na ultima moda, original de Paris.

Subiam a escada em passo de cadencia quando á porta surgiam os noivos prontos para a partida.

Cristovam festejava a surpreza com palavras afetuosas e o visconde assegurava que mesmo do fim do mundo viria abraçar o seu patricio naquelle dia.

A viscondessa entrou para vêr sem demora as «fiancées». Deviam estar «exquises, ravissantes».

O visconde reconheceu o Cristovam um pouco menos cheio, com outro aspecto, uma diferença para melhor.

— Trabalho aqui de meu cunhado, meteu-me obras no corpo, tirou-me as barbas, a barriga, remocei.

— E é mesmo. Em França os medicos agora tratam muito disso. A viscondessa fez lá o que elles chamam uma «cure de amaigrissement» ou lá o que é, e...

— E não morreu? — chalaceou o Mendes.

— Mas moeu-me a paciencia. Digo-lhe, meu

amigo, que é um grande cacête o negocio da tal cura.

E entrava em pormenores quando as noivas flutuando na branca nuvem dos vestidos avançaram, as faces côr de romã destacando-se na vaporosa moldura dos veus, ambas da mesma altura, Madalena um pouco menos esguia de fórmas e qual dellas mais aprumada e pujante de vida, no peito arqueado e firme, no pescoço erecto como uma haste de linho em flôr, nas ancas torneadas, a cintura ampla e flexivel, acentuando-se nos minimos detalhes a beleza original sem uma incorreção, mal podendo os vestidos dissimular as graciosas linhas que a natureza tão bem lhes soubera traçar. Na singeleza da roupagem a carne sadia e vigorosa, a escultura linda, parecia transparecer, adivinhava-se. A multidão ao vê-las rumorejou, exclamações de louvor: «E' uma aparição». «Ficavam bem num trono».

Depois de colocadas no seu ninho de rosas e malmequeres brilhavam como duas perolas num colo de morena.

Nas suas almas simples a curiosa espectativa recuava timida diante da revelação proxima do misterio e os seus olhares vergavam irresolutos medindo a grandeza do espaço que num momento iam percorrer. O arco vasio de seus braços onde vagueára um sonho, mais esse ultimo passo e a imagem diafana encarnaria em forma tangivel para ocupá-lo. Mas á aproximação do contacto as mãos tremiam-lhes, o sangue batia nas temporas, o pensamento desnorteava.

Silenciosas, cogitando gravemente em coisa nenhuma, arrastadas pelas ondulações do carro balouçavam nos coxins de seda com a magestade das velas brancas enfunadas de um navio.

A tia Leonarda embalava a alma na ternura de uma prece, luminosa como a sua bondade sobrehumana, que os labios ingenuamente traduziam em palavras resando padrenossos.

D'ali á egreja não era longo o trajecto. O carro tomava a dianteira ao sequito, primeiro os noivos, com os chapeus lustrosos e os fraks do ultimo modelo, e depois homens misturados com as senhoras, apresentando em revista as modas de meio seculo. Havia sobrecasacas terminando meio palmo acima do joelho, outras pela barriga da perna, coletes abertos até ao umbigo ou fechando no colarinho, chapeus de copa esguia subindo ás alturas, ou agachada espreitando por cima da aba que alargava, encurtava, em caleira, ou direita em platafórma. As calças espremiam a perna, ou flutuavam como saiotes e os laços do pescoço desde o preto ao branco irisavam até ao infinito, pois a andaina uma vez comprada, respondia pela decoração de uma vida, quando não passava de geração em geração. Falasava-se garrulamente numa expansão comunicativa de que os noivos se não deixavam penetrar.

A meio caminho ouvia-se cantar um cuco e a prima Therezinha, sempre em espalhafatosa animação, propoz a Madalena que lhe perguntasse os annos de solteira obtendo em troco um tenue sorriso.

— Ah! não quer? Pois cá vae por sua intenção:

«Cuco da fonte, cuco da ramalheira
Quantos annos lhe dás de solteira?»

Esperaram um momento e o cuco não piou mais.

Therezinha bateu as palmas chocalhando guizos de risinhos interminaveis acompanhada pelo seu fiel Domingos deliciado com a descoberta:

— Viva, viva! O cuco adivinhou; tambem é dos convidados.

Mais abaixo, nos salgueiros debruçados para uma preza de agua, dois rouxinoes disputavam um desafio de escalas cromaticas e a feira de vozes que iam barulhando falas pouco a pouco emudeceu emquanto durou o torneio.

Por todo o percurso os tentilhões e as rolas saudaram o cortejo na sua marcha até á egreja. Na torre as andorinhas em doida chilreada á volta dos ninhos, acenaram-lhes os brancos lencinhos dos seus peitos.

As noivas apearam-se no adro entrando a porta principal, Madalena pelo braço de Cristovam e a Finita pelo do Mendes, conforme o pacto de se apadrinharem mutuamente.

O orgão encomendado de Lisboa vibrou os compassos triumfaes de uma marcha. Abriram-se alas e os dois pares lentamente foram seguindo para o altar-mór.

Os acordes cheios e a cadencia magestosa dos tons graves resoando nas abobadas agitavam as almas em suave vibração emotiva. Os rostos abri-

ram ingenuos sorrisos, os olhos humedeceram e nenhum labio se movia, fascinados os sentidos na contemplação do quadro estonteante, e suspensos nas ondas volumosas da harmonia que as paredes comprimiam multiplicando-as. As notas rugindo cantando, gemendo, pipilando, em carreiras vertiginosas, ou dançando no ar como borboletas, leves e imponderaveis, ora uma brisa quasi imperceptivel, ora ronco de ventania, pareciam dar azas ao corpo, levantando-o ao ceu para onde ellas iam a rolar como novelos de fumo. O proprio Dr. Figueiredo e mais o Padre Bento, dificeis ambos de enternecer mordiam o beiço, reprimindo dificilmente a sua cooperação na alegria que de tão solene se borrifava de lagrimas.

Os vasos dos altares, entufados de rosas e açucenas, penetravam o ambiente do seu perfume activo, a recordar frescura, e os olhos fitos nas duas noivas colhiam a impressão, diante da brancura dos vestidos, de serem ellas as flores que exalavam o aroma.

O abade avançou paramentado, e atrás o padre Bento servíndo de acolito. A cerimonia principiou, calando-se o orgão. As altas janelas despejavam sobre as cabeças erguidas espreitando o acto, blocos de luz de um fluido sol de maio, acendendo fogueiras nas côres vivas dos lenços das mulheres e nas caras rubras escanhoadas dos homens. A voz do celebrante zumbia o latim do ritual cortando o silencio em que se ouviam as respirações.

Seguiu-se a comunhão e o orgão novamente

rompeu numa aleluia alegre e buliçosa. Abriram-se sorrisos, as cabeças agitavam-se, labios ciciavam e todos perceberam que a musica, melhor do que as palavras, traduzia naquele momento o que nas almas se passava.

No fim da missa, a multidão encheu o adro e transbordou pelo caminho dos Caniços.

As raparigas formaram grupos, a «botarem cantos», em grandes massas coraes de notas agudas, como no tempo das ceifas. Colocaram-se a distancias marcadas, esperando o cortejo que regressou por entre uma pascoa de canticos festivos e de petalas que os açafates despejavam.

A' entrada dos Lagares os rapazes dos Caniços acabavam de erguer um vistoso arco vestido de buxo, e reunidos em magote estrondearam vivas «aos srs. doutores», «á mãe dos pobres» e á «sr.ª D. Delfina». Este ultimo significava um preito de vassalagem do povo, reconhecendo a Finita por soberana.

O carro atravessou o portão, seguido pelos convidados, alguns com os lenços a aparecerem por baixo das abas dos chapéus altos que, mesmo puxados á nuca, se tornavam incomodos.

Madalena e Finita perdida a solemne gravidade, espairecidas, mas caladas, o olhar tranquilo, as faces alumiadas, saltaram do carro ajudando-as os maridos que nesse momento as beijaram comovidamente, ficando ellas escarlates e confusas. Acudiu-lhes a Terezinha a dizer muitas coisas salpicadas de risadinhas, sucedendo-se os abraços bem rufados nas costas, apertos de mão,

um grande alarido de vozes «dias que nunca mais esquecem», «é pena ser uma só vez na vida».

Cristovam e o Mendes, ajudados pelo Rabiça e Manuel Caseiro, distribuiram o povoléu pelas mesas do telheiro, cobertas de toalhas brancas, tendo ao meio redondos de taboa para assento das caçoilas.

Duzias de serventes começaram a circular transportando canecas de vinho e cestos com grandes fatias de borôa que espalharam em profusão. Sem demora foram aparecendo, a fumegar como caldeiras, os padelões de sopa sêca, penetrando o ar do aroma activo e excitando a gula da gente pouco dada a comesainas de tanto luxo.

Houve depois um silencio, apenas cortado pelo ruido das bocas a sorver. Os convidados pela quinta aos grupos entretinham-se em conversas pouco animadas, anceando muitos pelo jantar, de estomago vasio e em boa disposição para o ataque ás suculentas vitualhas.

Passava do meio dia quando apareceu o primo D. Duarte a cavalo, a desculpar-se de chegar áquela hora e explicando a ausencia do mano Rodrigo e da mana Francisca.

Cristovam a confessar-se pesaroso, no seu intimo compreendia os motivos. A prima detestava por principio todos os casamentos que a deixavam solteira e D. Rodrigo rosnára ser impropria a ligação de um Melo com uma mulher do povo, e «efetivamente» não lhe agradava comparecer num ajuntamento sem seleção de pessoas. Já para elle não era admissivel que nos Lagares não

mantivessem a linha de divindades e a todos se mostrassem como simples proprietarios ricos. E' certo que um Melo não valia um Machadinha, mas sempre eram gente.

Transigira com a embaixada de D. Duarte, um representante da familia, o maximo das concessões.

A' uma da tarde o grande celeiro principiou a encher-se.

Ficou no centro a tia Leonarda que bem a custo fiseram sentar, pois não queria ceder a ninguem a manobra do grande serviço, aceitando por fim que a D. Rita do Casal Novo, tambem acreditada em direção de bodas desempenhasse o melindroso cargo.

Aos lados abancaram as noivas com os maridos, depois os viscondes das Sebes, os parentes, e os restantes á vontade, como entendessem.

O Figueiredo colocou-se defronte da tia Leonarda que o desejava proximo para a chalaça.

Padre Bento ficou distante, lá para o fundo. O Domingos da Terezinha na barafunda separou-se da mulher. Do seu logar, procurando-a de pescoço estendido, ao descobri-la recebeu por um tregeito a repreensão pelo seu descuido.

Terezinha bem sabia que elle todo o jantar havia de reproduzir os engraçados ditos da menina de uma fórma desastrada que os faria desmerecer.

Falava-se a meia voz. Um sussurro de espectativa zumbia no grande recinto, garganta no ar, olhando para a porta por onde devia entrar a

sopa fumegante, aromatica, que o estomago apetecia.

Não esperaram muito. Uma duzia de raparigas transportando enormes terrinas poisaram-as nas mesas nos espaços marcados.

Cumpriu-se junto de cada uma a breve discussão da etiqueta, «sirva o sr. Francisco», «não, sirva o sr. Manuelsinho», «sem cerimonia», «ora agora essa». E a concha resplandecia nas mãos da pessoa que se queria distinguir.

Os escolhidos, de pé, enchiam os pratos que passavam de mão em mão.

Defronte do P.e Bento o eleito foi o sr. Manuel Bernardo, de Passos, caçador de fama, com uma voz de baritono, pairando acima de todas:

— Meia colher, ou colher e meia, padre Bento?

— Bote-lhe duas que depois irei pelo resto.

Para os lados da tia Leonarda coube a honra ao Figueiredo que propunha a Cristovam:

— Para ti, só o fundo coberto, não é verdade? Estas aventuras cauzam um bocado de fastio.

As falas emudeceram, ouvindo-se apenas um ruido de metal batucando nas loiças, em notas diversas, desharmonicas, descompassadas, trezentas vezes repetido em cada momento.

Apenas enxutos os pratos desapareceram levados pelas moças principiando as libações. Muitos só nesse momento acharam olhos para admirar a beleza da decoração. A cavaqueira sussurrou no grande recinto e emquanto não circularam as fundas travessas com o arroz, a galinha cosida, o presunto e o salpicão, a critica favoreceu o artista.

O Domingos da Terezinha conseguiu palavras bastantes para comparar a um presepio. Uma opinião ao lado lembrou-se de um teatro. A viscondessa das Sebes abregeirou, arregalando os olhos para o Mendes com «*un nid d'amour pour des oiseaux*».

O Figueiredo comentando a alusão preferia, d'aquele tamanho, chamar-lhe paraiso terreal. Sobrava espaço para Adão e Eva passearem.

O Manuel Caseiro, de cara atrozmente escanhoada e o lenço bordado a côres protegendo o peitilho da camisa, assomou á porta no seu serviço de inspecção ás canecas que a todo o momento cirandavam com a espuma em novelo, espirrando, da força do verdasco ao esguichar do tonel.

As raparigas já escarlates do vae-vem continuado mas firmes sem revelarem fadiga, serviam a aromatica vitela de forno, uma das vertebras importantes da espinha dorsal da boda, que imediatamente pejou os pratos, entumeceu as bochechas e desaparecu nas guelas sem fundo. A cada pausa de voracidade o palratorio crescia, estalando aqui e além risadas estrondosas de bôca aberta, cabeça voltada para trás.

Olhos faiscavam de gula contemplando a galinha assada com molho de vilão, especialidade da sr.ª Mariquinhas, dos Seixos. Festejaram-se as almondegas, preparo de Eufrasinha e os empadões da D. Rita do Casal Novo, tudo reconhecido como obra das suas autoras, devidamente apreciado e bem repetido pelos que as espera-

vam. «Com umas almondegas da Eufrasinha fica-se em pecado mortal».

O vozear engrossando, adquiriu proporções de arraial; gesticulava-se, trocavam-se ditos. Um contava uma historia, os visinhos riam, o mais afastado transmitia para o lado e nova gargalhada, que ia rolando pela mesa fóra de bôca em bôca.

Manuel Bernardo de pé, de braços estendidos, onde devia existir uma espingarda, apontou e... pum! narrando ao Padre Bento uma façanha de caça, escutada com interesse, de olhos sumidos e a dentuça a lusir, parada a meio da mastigação.

Cá de longe o sr. José Verdades outro caçador de nomeada gritou-lhe: «Chapéu! atira-lhe com uma pedra que lá deitou a fugir».

— Cala-te ahi, meu caçador de capoeira, sabes lá o que é acertar um tiro — respondeu-lhe o Manuel Bernardo voltando-se.

Estabeleceu-se a disputa entre os dois e nas imediações entornavam-se copos na toalha das contorsões de riso provocadas pelo desafio de petas que cada um inventava.

O José Verdades alardeava que numa ocasião tendo-se esquecido de meter o chumbo na espingarda, só com as buchas matara uma perdiz.

— Olha lá a grande coisa, retrucou-lhe o Manuel Bernardo, pois d'uma vez uma lebre morreu de susto só de vêr o cano da minha espingarda.

— Isso não é nenhuma Africa, respondia o Verdades, atirando outra.

Dentro da sala rugia uma inferneira de ensurdecer, amassando-se o ruido das vozes, o batucar dos talheres nos pratos, dos copos chocando-se e fóra o povoleu já saciado, em alarido, cantava, e erguia vivas atroadores.

O Mendes vergava de fadiga, depois de quatro horas a presenciar o espectaculo dos estomagos sem fundo, onde desciam as padeladas de comida, cantaros de vinho, fornadas de pão, as caras já em suor, afogueadas e rubras.

— Esta gente fica um mez doente de cama — lamentava elle.

— Qual! — respondeu Madalena. Amanhã levantam-se com saudoso apetite a recordar o que saborearam.

Fóra perguntava-se ao Manuel Caseiro em que alturas ia o jantar.

— Vae no leitão.

Já passava das cinco horas.

— Então os vivas, calculavam elles, atiram ahi para o sol posto.

— Com certeza — presumia o Manuel Caseiro.

E o povo admirado, orgulhoso de tal grandeza na sua terra, concluia:

— Isto é que se chama uma boda!

Depois do leitão serviram-se costeletas panadas, em seguida perús assados.

E continuou.

Os convivas, num vaivem de formigueiro saiam e voltavam aos seus logares entrando com a ementa na altura em que seguia.

Os noivos pretextando a conveniencia de uma volta complacente pelas mesas populares desceram á quinta. O Mendes atordoado com a assombrosa comezaina receava uma indigestão só por vêr assim comer «uma indigestão psiquica *sine cibo*, diria João Crisostomo».

— Sobre a pançada dormem um sono de anjos.

— Quando acabará isto?

— Talves ao cair da noite.

O povoleu apenas os avistou rompeu em aclamações. O serviço debaixo do telheiro não se interrompera. Gente que vinha chegando, tomava os logares vasios. Todos se refastelavam de sopa seca, arroz e carne de padela.

Pela quinta as raparigas formavam descantes. As violas de cinco cordas esgalhavam a carne verde animando as danças.

O João Regadas, cantador de fama, com um circulo á roda era uma bica de chafariz a verter cantigas improvisadas.

Cristovam e o Mendes juntaram-se ao auditorio. O poeta mal os encarou, suspendendo o rumo que levava mandou-lhes umas quadras estudadas de proposito, lá da sua idéa.

O que foi na nossa egreja
Até os anjos se admiraram,
Pois duas pombinhas brancas
Ao altar se ajoelharam.

Ao altar se ajoelharam
Com tão grande devoção.
Que a propria Nossa Senhora
Lhes fez signal com a mão.

Lhes fez signal com a mão
A saber d'onde eram vindas
E a dizer muito admirada:
Nunca vi pombas tão lindas.

A ovação retumbou em barbaro clamor acudindo apressados os curiosos a colher novas do sucedido. O Regadas vigorosamente abraçado, recebia murros de felicitação, as cachopas bebiam-no acarneirando os olhos, e os farçolas roidos de inveja miravam-no a distancia em sorrisos contrafeitos. Os velhotes bairristas envaideciam-se, reputando-o o melhor cantador das redondezas. Obrigaram-no a repetir.

O Mendes ofereceu-lhe dinheiro para comprar um relogio de prata, Cristovam pagou a corrente. As raparigas em conciliabulos tratavam já de meter na cabeça as cantigas do Regadas.

De subito para as bandas do portão, atroou os ares a filarmonica tocando uma marcha. Debandaram ao seu encontro.

Avançou até ao largo fronteiro á escada, formando em circulo; a pele do bombo aqueceu e transpiraram os metaes correndo atrás da vertiginosa requinta.

O vinho inundou as linguas sequiosas dos executantes, abancados em farta comezaina á sombra das carvalhas.

Passava das seis horas quando Cristovam lembrou ao Mendes a necessidade de sofrer o resto da boda.

— Em que alturas vamos? — perguntou ao Manuel Caseiro.

— Estão na vitela assada.

— Entramos na altura — concluiu.

A' porta do celeiro o Rabiça afadigado abria garrafas de vinho do Porto.

Dentro o alarido chinfrinava numa atmosfera acre adorante das comidas e pesada de calor. As testas orvalhadas de suor, as faces abrasadas, e ainda maxilas avidas trincavam fatias de vitela assada com rodelas de cebola.

Recolhidos os pratos limparam-se as toalhas, permitindo um curto repouso de queixos, aproveitado num louco folgasar.

O Domingos da Therezinha, de boca até ás orelhas ria da facecia do Chiquinho Viola a imitar um cretino da freguezia, e o Padre Bento em desafio com o Manuel Bernardo disputavam qual dos dois imitaria melhor o chamariz do perdigão.

Circularam as travessas de arroz doce com desenhos de corações e letras iniciaes executados por Teresinha, e ao mesmo tempo o vinho fino.

A noticia voando pela quinta rolhou a porta de cabeças, estendendo orelhas avidas de eloquencia pronta a transbordar. Cessaram os descantes, calaram-se as violas, ao saber-se que era chegado o grande momento.

Vão começar os vivas!

De todos os cantos afluiram direitos ao celeiro. O Chico Pedreira levantando-se abriu por uma linda sinfonia, á maneira de Coimbra, em fala contendo «a marcha triunfal da vida, num coro de frementes hossanas dos corações amantes

e amigos, através da senda juncada de flores e iluminada por um sol de primavera».

Trejeitearam-se aplausos em correspondencia muda. Terezinha em gesticulação acelerada da cabeça, mexia os labios repetindo palavras, e as meninas Telles que não ignoravam o que se entende por falar bem, apenas o orador terminou bateram palmas de braços estendidos.

Pedreira rematou o discurso pedindo tres hurrahs pelos noivos. Não faltou quem tropeçasse no estrangeirismo. As linguas embrulharam-se contrafeitas. Porém a voz esganiçada de Terezinha cumpriu da sua parte com desassombrado vigor e ao longe o Domingos fez o possivel por acompanhá-la. Resignadamente esperaram os outros que a exquisitice passasse e apenas terminada a serie, a cantante loquela do José Verdades retumbou em linguagem portuguesa que todos entenderam num «Viv'ós noivos.» Os folegos reprimidos explodiram então, num côro de proporções assombrosas, o despejar de uma levada, homens e mulheres clamando «viva» na maxima expansão, despedindo um brado que passando os Caniços rolou de oiteiro em oiteiro.

Cristovam respondeu curtas palavras de agradecimento e ao acabar o côro repetiu-se.

A interminavel doçaria desabou aos montes, em catadupa, numa vertigem de bolos, de pudins, de pasteis, as especialidades da região, todas as guloseimas compendiadas em sete seculos de abadessados.

Fóra só esmoreceu a gritaria quando a filarmonica abalou furiosamente a caminho das nuvens nas azas dos cornetins.

A boda findou ao cair da noite, saindo os convidados, em grande numero enternecidos, jurando que nunca mais se lhes apagaria da memoria um dia d'aquelles, cem annos que vivessem.

Começou a debandada animando-se de ruido todos os caminhos que partiam dos Lagares. Afastando-se o tropel gradualmente o rumor diminuia. Os ecos desciam á medida que os portões despejavam a multidão. A distancia no pinhal vozes falando e rindo amorteciam lentamente, perdendo-se no longinquo sussurro inarticulado.

Como era noite de luar e o tempo corria calmo mesmo os de longe apressavam a partida gaguejando discretas desculpas.

A's dez abalaram os ultimos para as Barroqueiras tomar o comboio. Os noivos acompanharam-nos até á saída da quinta.

No regresso a lua batia-lhes em chapa e Cristovam apontando-a confessou ao Mendes:

— Sabes que hoje não me parece tão antipatica? Lembras-te de uma carta?...

— Se lembro! Foi na primeira em que me falaste na Finita. Recordo-me bem: «não ha morango mais apetitoso, não ha tentilhão mais alegre, nem perdigoto mais vivo, nem procissão mais alegre que os 18 annos da Finita.»

— Exacto...

— Quem te diria que numa noite egual a essa e pouco afastada, o apetitoso morango te faria vêr côr de rosa uma luz tão branca?

— Louvado seja Deus, como a gente muda.

— Louvado seja Deus!—repetiu o Mendes.

CAPITULO XVIII

Na larga varanda do mosteiro do Penedo, de onde se dominava toda a cerca, na vertente para o rio, e a encosta da serra a fugir para as alturas, o Mendes em calças de linho e camisa de malha aberta, estendido numa cadeira de palha, tomava o seu habitual repouso do fim do jantar.

As carvalhas ramalhudas faziam-lhe sombra e a aragem fresca, soprando do vale, acariciava-lhe a pele, bem tostada já do sol, nos tres meses ali passados.

A torreira de agosto abrasava os campos, mas nas veigas do mosteiro, a vida acordára e, como nos melhores tempos, o verde cobria os ramos e escondia a terra. No aqueduto a agua de novo circulou. As antigas nascentes jorraram e outras se lhes reuniram, fazendo sair do chão seco e desprezado milharaes robustos e frutos gordos.

Aprumaram-se os muros, limparam-se as arvores, adubou-se, cavou-se fundo, estabeleceu-se a ordem e apareceu a vida pujante e bela.

O Mendes enternecido contemplava a obra acabada de nascer, dando os primeiros passos ainda vacilantes, confiado na sua energia rara, mas receoso de que não o compreendessem.

Com boas palavras o acolheram e promessas não lhe faltaram, que de resto alguns iam cumprindo e ali tinha a prova nas sete crianças vindas de Lisboa, a primeira remessa de sangue para lavar e corar, corpitos dobrados a erguer, hombros a segurar, peitos a abrir, homens a edificar.

Em baixo, á sombra das carvalhas, obedecendo á regra, a criançada em repouso nas cadeiras, chilreava sem ofender a quietação imposta no termo da refeição, de pernas e braços nús, com a pele a tomar côr.

O Rabiça manifestando segura vocação para o seu cargo, divertia-os contando-lhes historias de montarias aos lobos, descrevia trabalhos do campo, proezas de força, homens que levantavam sacos de milho e troncos de pinheiro, com a prestesa de quem mexe em palhas. O Mendes assim lhe encomendára o sermão e os pequenos de Lisboa encantavam-se pela novidade estranha do que ouviam.

Porque tentava empreender o desenvolvimento integral, adaptando cada orgão á função, por mutua cooperação de todos elles, procurava o auxilio do pensamento, gravando nelle imagens,

para influir no estado fisico, condição do equilibrio moral.

O Rabiça com a simplicidade do seu espirito de criança grande, fazia-se entender melhor do que o proprio Mendes lograria.

A Madalena incumbira da parte religiosa, mais delicada e por isso requerendo um espirito mais culto, maior inteligencia. Julgando indispensavel promover a adaptação á crença, o habito da fé, sem o qual as almas ficam pusilanimes, incapazes de um esforço continuado, porque a disposição permanente para a duvida produz a eterna inconstancia, encontrou na religião o melhor dos mecanismos para treinar a alma no habito de crer, de ter confiança, de saber esperar.

Por isso a empregava como gimnastica para firmar a atitude da fé, necessaria na vida para vencer nos lances dificeis, acreditar no exito da obra começada, na cura da doença de que se sofre, nos homens que nos dirigem, nas pessoas que nos servem, nos amigos com quem trocamos dedicações, na santidade da familia, na vitalidade da raça, na existencia da patria. Dentro do programa traçado Madalena todos os dias a exercitava nas crianças, orientada pelo Mendes, o seu Manuel que tão bem compreendia obedecendo-lhe em permanente adoração.

Da sua cadeira observava o Rabiça no meio dos sete pequenos, exprimindo-se e gesticulando como elles. Deliciava os olhos e os ouvidos porque as palavras da animada palestra lhe chegavam distintas.

Madalena apresentou-lhe o correio, que um portador ia buscar de dois em dois dias, uma carta de Cristovam e alguns jornaes. Interessada pelas noticias dos Lagares debruçando-se nas costas da cadeira seguia a leitura.

— Bravo! exclamou o Mendes ao correr as primeiras linhas.

Leu em voz alta:

«Ahi vae uma noticia que não te causará tristeza. Recebi ha pouco a visita de um hespanhol, que me propoz um negocio, nada menos do que o fornecimento de quinhentos bicos por semana e duzentas duzias de ovos, com a faculdade de aumentar quando me fosse possivel.

Depois de grande debate e muitas horas gastas em ajuste de preços, conseguimos um acordo.

Temos uma tabela variavel segundo as epocas e o minimo lucro liquido que calculo é de cinco réis em cada ovo, de tres vintens em cada frango e sete em cada galinha.

O homem deu-me boas referencias e compromete-se a apresentar solida garantia de pagamentos que serão a tres meses de data da expedição. Combinámos o modelo de caixas para os ovos e das gaiolas provisorias para as galinhas, emquanto não obtivermos vagões especiaes, ou grandes redes desmontaveis que possam circular entre as Barroqueiras e a estação de Espanha que elle me indicar.

Estou habilitado a executar a encomenda. A viagem á Dinamarca aproveitou-me e por isso mais um abraço é devido ao meu Maneca.

A Finita, como adivinhas, mostra-se radiante, porque entrou a fundo no negocio e com tal vocação que d'aqui a pouco entende mais do que eu. Não tardará que reservando-me o cargo de administrador, a encarregue da parte tecnica.

A tia Leonarda começa a manifestar grande sovinice no consumo de ovos e galinhas por se ter convencido de que valem dinheiro.

Aqui me tens portanto a caminho de rei das capoeiras.

Sabe bem viver assim com um trabalho que nos absorve e uma Finita que nos distrae. Viste a coisa com olhos de mestre. Bem hajas pela otima lição.

Ignoro se a tua nova discipula progride no ensino como eu. Creio que honrará a familia.»

O Mendes interrompeu a leitura e voltando para trás a cabeça, atraiu com as mãos a face de Madalena.

«Registe lá, seu Maneca, a grande novidade. A'manhã tratarei de colher informações e pôr a coisa em andamento.

Procedo a experiencias de uma nova chocadeira de que espero magnificos resultados.

A Eufemia revela-se uma admiravel empregada. Cuidadosa em todos os serviços, cumprindo á risca, não imaginas quanto é preciosa a sua cooperação.

Rogar-te que entregues por minha conta um beijo á Madalena, será talvez exigir um sacrificio. Em todo o caso, se não te custar muito, faz-me essa vontade e, perdôa o abuso, outro

pela Finita e mais um pela tia Leonarda. E, se depois dos tres, não estiveres cançado, dá-lhe pelo menos metade dos que ella desejar, para então saberes o que é pedir.

Do teu

Cristovam.»

Ella numa submissão agradecida não se esquivou.

Mas era tempo de soltar a passarada que o Rabiça entretinha.

O Mendes levantou-se e com Madalena abraçada pela cintura, em intima palestra, foram descendo pela escada de pedra e atravessando o claustro chegaram ao terreiro onde se erguia, lá no fim a porta monumental, aparentando um arco de triunfo.

— Foi num dia como este que viemos aqui pela primeira vez — disse o Mendes.

— Ha quasi um anno, não me esquece — acrescentou ella.

E recordou nesse momento a viagem dos Marmeleiros aos Lagares, quando lhe propuzera a sua intervenção no casamento de Finita.

Referiu o que então sentira, a descoberta realizada dentro de si e as ancias depois sofridas. Proxima dos trinta annos sem que a presença de um homem lhe houvesse alterado uma só vez o ritmo pausado do coração, julgava-se indiferente, ou mesmo incapaz de ser atraida num d'esses impulsos de vertigem. E subitamente crepita o in-

cendio, envolve-a a labareda da paixão obstinada a queimá-la sem um gemido, na incerteza horrivel da perpetuação d'esse tormento. As horas angustiadas de luta intima, resistindo ao impulso de amaldiçoar cara a cara o perturbador da sua paz, logo a inverter-se no desejo de lhe perdoar a revelação de um novo mundo desconhecido, embora apenas entrevisto em sonhos...

Chegaram ao alto de onde se dominava o extenso vale que o Mendes classificava de sinfonia da Beira, a orquestração de formas e côres, de vida e luz, um resumo dos motivos da mais linda obra da natureza em terras de Portugal.

Repousaram a vista no quadro cem vezes admirado e sempre tão novo para os olhos, como a agua parece aos labios quando se tem sede.

Madalena segurava contra o peito o braço do marido, apertando-o a gosar a posse que as recordações lhe encareceram. De repente os pés vacilaram-lhe, os montes rebolavam na sua frente. Levou a mão á testa. O Mendes fitando-a, notou-lhe uma palidez estranha, a expressão de angustiada.

— Sofres, Madalena?—perguntou aflito.

— A cabeça gira-me á roda e um mal no estomago...

— Que fatalidade! Foi talvez do calor... Vamos para casa.

— Não! Já passou.

— Impossivel. Ainda estás desfigurada.

— Acredita, Manuel, encontro-me bem... e até muito feliz pelo que acaba de suceder-me —

segredou com ternura, enganchando-lhe as mãos no pescoço.

— Que queres dizer?

— Não o adivinhas?...

— Será possivel?

— E' certo. Nunca fui doente na minha vida.

— Oh! Madalena, exclamou, abraçando-a, quanto t'o agradeço.

Beijaram-se.

—E para em tudo ser gloriosa a noticia — continuou — até a recebi neste logar, aqui a ver palpitando o coração da nossa linda Beira.

Deslumbrado com a revelação, animado por uma força estranha, exaltando-se, arrebatado, quasi em delirio, numa delicia d'alma, apontando as varzeas distantes extasiou-se:

«A Beira, a terra alegre onde o sol baila de oiteiro em oiteiro, onde o vento canta de ramo em ramo, montes de luz, campos de harmonia, refugio abençoado em que Deus mora por toda a parte, seio imaculado que te criou sadia e forte, bela e pura, digna de ser desejada e venerada, santa Madalena, linda Madalena, sopro animado da Beira divina, cheia de graça, onde se abrem os verdes olhos de Portugal. Bemdita sejas tu, e a Beira, e Portugal, meus tres amores».

Madalena voando com as palavras que escutára, erguida da terra, fóra do corpo, prosternada em adoração por ser amada, submissa «eis aqui a escrava do senhor» beijando-lhe com a alma os pés, com a boca os labios murmurou:

— O' Manuel, meu querido Manuel!

— Abençoada seja a vida — disse elle abraçando-a de novo.

Silenciosos por instantes, na doce fadiga da emoção, encaminhavam-se para junto das crianças.

— Não vês os jornaes? — perguntou ella recobrando a calma.

— Sim, sim, os jornaes! Tão longe me encontro do mundo, que nem me preocupa o que por lá vae.

Desdobrou um numero do *Seculo* e na primeira pagina leu «A conflagração europeia».

— Era inevitavel — disse perturbado.

— Que sucedeu?

— Estalou a guerra, a maior de todos tempos.

— Que desgraça!

— Sim, a grande desgraça necessaria.

— O que dizes? perguntou assombrada.

— Uma verdade horrenda. Talvez se esteja iniciando uma obra de redemção.

— Oh! Manuel!

— Quando a moral fraqueja um banho de metralha tonifica. A doença traduz uma energica reação do corpo defendendo-se da morte e a guerra é o exforço das raças que se negam a desaparecer. E' desagradavel o processo, mas se a natureza assim o impõe, curvemo-nos. A dor é a moeda com que se compram os prazeres. A inundação assola, e fecunda, a tempestade devasta e purifica. Tudo o que se move é bom, mesmo a maldade. Da terra adubada com carne e regada com sangue entre as ruinas dos incendios nascerá uma consciencia nova, rebentando como

as plantas viçosas, nas cinzas de uma queimada da serra.

Aproximaram-se dos pequenos a quem o Rabiça anunciava a grande festa do corte de um pinheiro.

— E vamos a isso que são horas — disse o Mendes.

A alegre passarada ergue-se buliçosa a garrular. O ultimo chegado ao Penedo foi pelo Mendes confiado a Madalena para o acompanhar e entreter na cura do repouso ainda por terminar. Palido magrisela os braços finos baloiçavam, inertes pingentes de lustro. As pernitas esguias dobravam no joelho, indolentes e fatigadas de nunca se moverem. Ria por imitação, sem que a intima necessidade o obrigasse a expandir-se.

Aceitou sem reagir a quietação a que o forçavam.

Os outros partiram com o Mendes e o Rabiça na direção do pinhal.

O Rabiça empunhando o machado feria, com mão de mestre e vigorosa, golpes que faziam voar as cascas a distancia, provocando alarido na assistencia.

Depois de um longo ataque a arvore entrou a oscilar, os ramos tremendo a cada pancada.

Guiados então pelo Mendes todos puxaram a uma forquilha para a tombar. Por fim o lenho gemeu, quebrou com força e começou a desabar, caindo no chão num ecoante fragor de arrancas partidas. Vozearam aplausos, gritaria, em prolongada algazarra.

O Rabiça principiou a estroncar os galhos e d'ahi a pouco na terra negra babando em fio, empoçava a resina a correr da parte decepada.

O Mendes chamou os pequenos e, mostrando-lhes o viscoso liquido, esboçou uma preleção de botanica, explicando-lhes a circulação da seiva, a disposição das camadas da madeira, o processo de crescimento.

Para dividir o tronco o Rabiça apontava a serra com o Mendes, iniciando o trabalho que os rapazes continuaram revesando-se apenas fatigados.

Suando e tresuando as peles brancas de leite, que trouxeram da cidade mostravam sangue tomando côr.

De olhar aceso pelo interesse da manobra, empenhados no concurso de resistencia, peitos arquejando, as camisas salpicavam-se de manchas humidas.

O Mendes advertia-os recomendando respirações bem a fundo, conforme lhes ensinára, sem nunca suster a saída do ar.

Mas os braços cançavam depressa, do esforço mal graduado e em poucas voltas da serra abandonavam o posto a soprar as mãositas de veias azuladas, na pele de veludo, pisadas ao contacto do manubrio.

No ar carregado de essencias resinosas volteavam borboletas, no chão pulando gafanhotos que alguns perseguiam curiosos e timidos.

As pinhas estalavam entre as franças onde os gaios chasqueavam gargalhadas trocistas. Mais

longe as rolas burguezmente cavaqueando nas ramalheiras, entretinham as horas do calor.

A tarefa proseguia a cada momento revezados os turnos. Um grito aflitivo levantou a alerta correndo todos na direcção d'onde partiam. Poucos passos adiante alcançaram um dos pequenos que fugia aterrado de um enorme lagarto de palmo e meio, verde, luzidio, em cima de um penedo a resfolegar de boca aberta oprimido de calor.

O Rabiça e o Mendes riam, tratando de o refazer do susto e convencendo-os a todos de que o bicho era apenas lindo e não agressivo. Vissem bem como parecia vestido de seda, de côres vivas, matisadas em gracioso desenho.

O animal espalmado sobre a lagea, o ventre enorme, movia a cabeça com os dois baguitos de olhos ferindo lume. O Rabiça supunha-o doente, empanturrado com algum bicho que engulira. A criançada estrondeou com a descoberta e o doente caçoando do diagnostico abalou numa corrida a sumir-se em um buraco.

Lamentaram penalisados o fim do espectaculo e moiam o Rabiça com perguntas: «de que se alimentava, porque abria assim a boca e não lhe viram a lingua, não a teria? se tinha voz, como cantava? O sr. Rabiça que imitava os gatos, e os bois, fizesse de lagarto». Atrapalhado respondia que essa sistema do lagarto não conhecia, as comidas d'elle vinham a ser outros bichos e queixo caido representaria sede. O Mendes logo emendou que significava transpiração, o mesmo sucedia aos cães com o calor. E de novo os prelecio-

nou caminhando para junto do pinheiro cortado.

Durante a merenda de frutas á sombra das carvalhas alardearam-se prodigios de força. Alguns propunham-se a serradores das tabuas, devorando peras e ameixas com uma pressa que obrigava Madalena e o Rabiça a chamá-los á ordem recomendando-lhes a mastigação mais demorada.

O Mendes parecia distraido no meio da grazinada, fitando Madalena enternecidamente, ou atirando os olhos á desfilada pela clareira onde aparecia o vale, a expressão alumiada por um sorriso que lhe saía de dentro de alma.

A noticia, a grande revelação creara-lhe azas de aguia á fantasia que voava por cima dos montes, e medrando engrandecida cobria o mundo. Um filho da sua carne, vigoroso como um seixo do rio, uns olhitos mais vivos que os do lagarto, e o chão resequido não será mais guloso de agua que elle de chupar os dois morangos dos seios da mãe.

Depois um homem do Penedo, ali gerado e crescido, a consubstanciação da sua obra...

O sol resvalava preguiçosamente acendendo no vertice do pincaro mais alto a chama rubra de um tocheiro colossal. A viração fresca da tarde corria prodiga em caricias.

Desejoso de se mover, anceando expandir a sua felicidade, a vibrar numa intensa emoção que lhe libertava a alma do corpo, alheado ao que tinha em roda, caminhou seguido por Madalena,

o Rabiça, e os pequenos para o logar preferido em que se lhe deparava o panorama sinfonico da Beira.

Aos seus olhos o quadro aparecia naquele momento em decoração festiva, os ramos das arvores a cortejarem-no, os milharaes bailando, os frutos verdes pendentes das arvores transformados em caritas bochechudas de crianças a rir.

Chegados ao alto o poente abrasado peneirava na tenue nebrina penujando a superficie do vale, uma poeira brilhante de lilazes. A serra engulia suavemente a hostia rubra e o Mendes explodindo o seu encantamento, quasi alucinado, numa atitude estranha, começou a falar:

«O lindo sol! Como elle é sempre magestoso e nos enche de alegria com a sua beleza suprema, criando a vida, fecundando a terra, despertando amores no ambiente purissimo dos calices das rosas, no coração dos homens, no seio das aguas, com os seus raios divinos, tenues, imponderaveis, mas encerrando o misterio de todas as forças, de todas as energias, de tudo quanto é grande, de tudo quanto é lindo, de toda a harmonia, de toda a côr enebriante, de toda a forma graciosa.

«Pela primavera em cada anno repete a mesma obra e perpetuamente deparamos com as mesmas flores, as mesmas folhas verdes, as mesmas espigas douradas, a mesma orquestra entre os ramos, executando eguaes motivos e sempre nos aparece mais belo que nos annos decorridos.»

Madalena, suspensa dos labios que assim animára sustinha a respiração e elle continuava:

«Os antigos homens adoravam-no sem conhecerem bem o fundo inexgotavel do seu genio criador; os homens de hoje, conhecendo melhor quanto vale um dos seus raios tenuissimos, adoram-no tambem; e muito mais o hão de adorar os homens do futuro, quando chegarem a obter a prova material de que a luz é o principio unico de tudo quanto vemos.

«O ouro, o diamante, o radio, a plumagem do pavão, a aza da borboleta, o seio da mulher, o labio da criança, tudo é sol, tudo é luz, variando apenas no aspecto grosseiro que os sentidos podem abranger, mas na essencia, revestindo a mesma forma e partindo do mesmo principio ethereo e divino.»

O Rabiça batia o compasso ao fim de cada frase movendo a cabeça e o Mendes crescia de vigor na declamação:

«Nós já sabemos que a folha é verde, a espiga dourada, e o sangue rubro, porque o sol os faz assim. Tudo isso é luz coalhada, só luz, raios de sol transformados em materia palpavel, revestindo fórma sensivel, a luz transfigurada em vida, artista modelando arte, força omnipotente arrancando de um nada, de uma vibração imperceptivel — o que é isto de uma vibração? — um edificio imenso profundo de misterio, insondavel no infinito das suas mutações, a natureza inteira que nos assombra e confunde, nos maravilha e nos guarda sempre longe, muito longe de a compreendermos».

As crianças olhavam-se com surpreza sem entenderem o extranho discurso. A voz animava-se sempre dirigindo-se a Madalena, unica sentindo a exaltada emoção e partilhando-a com intensidade egual.

«O sol rei e senhor que tão alto habita, bemdito sol, magnanimo poder que se ocupa de coisas pequeninas, pintando de amarelo os malmequeres, de rubro as papoilas, ordenando ás andorinhas para que nos visitem e ao melro quando deve assobiar, o sol omnisciente que tudo prevê e tudo comanda, como sabe fazer-se amado, e se infiltra na alma de quanto de si emana. Não é verdade que ao tentilhão a cantar na primavera lhe vibra o sol na garganta? E o rouxinol mesmo de noite, entre os salgueiros, não fere cordas tecidas com fios de luz do sol posto, d'aqueles ultimos raios flexiveis, na sua voz suave e plangente, quasi triste de uma saudade do amigo que desaparece?

«E até o nosso pregoeiro de Lisboa — Olh' ó cabaz de morangos! — não trás enroscado no seu canto matinal um grande feixe de raios de sol? Quando o ouvimos ao despertar, ainda na sombra do quarto de dormir, o pregão é luminoso e a tonalidade da voz borrifa-nos com a inebriante frescura de um banho matinal de sol de primavera. «Olh' ó cabaz de morangos!»

«Os sentidos hesitam qual é melhor, se na boca o raio de sol feito morango, se no ouvido a luz feita pregão».

No recorte anguloso das serras poisava um clarão de incendio. O crepusculo afogueado pul-

verisava sangue nas franças mais altas dos pinheiros. A passarada num clamor de gréve esfaimada protestava contra o fim do dia. Imoveis os pequenos, extatico o Rabiça, o Mendes esmorecia em tom de prece:

«Adoremos o bemdito sol pae da beleza, da harmonia, do amor, da vida e da saude. Elle é artista e sabio: canta, pinta, modela e cura.

«E' o melhor de todos os medicos, cura por si mesmo. Basta-lhe acariciar o orgão enfermo, desviado do equilibrio, fóra do ritmo marcado pelo seu grande poder, para que a desordem cesse.

«Não se pode ser doente no seu convivio, fraco, nem triste, ou feio, da fealdade produzida pela miseria do corpo.

«Os linfaticos, os raquiticos, os escrofulosos são apenas famintos de luz».

Serenando da exaltação com que falava, atraia a si as crianças exortando-as.

— Banhae-vos na luz do sol, bemdizei-o, adorae-o.

Religiosamente silenciosos fitavam-no esperando que terminasse. E o Mendes rematou assim:

— Agora digam comigo para aprenderem uma oração que todos os dias hão de repetir:

«Louvado seja o divino sol, rei e senhor omnipotente, criador da vida e da beleza, fonte perpetua da alegria, principio do amor, essencia da harmonia, filtro permanente do prazer. O pão é sol, o ouro é sol, bemdita seja a sua luz, bemditos os seus raios, que geram tudo quanto é

bom. A criança, a noiva, a rosa, o pomo saboroso, tudo o que os labios beijam e os sentidos gosam é sol que vem das alturas.

Bemdito seja o sol, bemdita a sua luz, bemdito seja Deus».

PQ 9261 M32M8
Maia, Samuel
Mudança d'ares

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 08 14 016 0